

ÁLVARO CURIA

FILHOS DA CHUVA

ROMANCE



ILUSTRAÇÃO
JUAN CAVIA

M ANUSCRITO

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

ÁLVARO CURIA

FILHOS DA CHUVA

ROMANCE



MANUSCRITO

ILUSTRAÇÃO
JUAN CAVIA

ÁLVARO CURIA

FILHOS DA CHUVA

ROMANCE



ILUSTRAÇÃO
JUAN CAVIA

M ANUSCRITO

FILHOS DA CHUVA

ÁLVARO CURIA

FILHOS DA CHUVA

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2024

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito
encontram-se reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Título: *Filhos da Chuva*

Autor: Álvaro Curia

Copyright © Álvaro Curia, 2024

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2024

Revisão: Joaquim E. Oliveira e Ruben Crasto/Editorial Presença

Capa: Vera Espinha/Editorial Presença

Ilustração de capa: Juan Cavia

Composição, impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-9181-09-0

Depósito legal n.º 525 615/23

1.ª edição em papel, Lisboa, fevereiro, 2024

*À minha mãe, cuja doçura
me embala vida fora.*

*Ao Ludgero, por ter feito de mim
uma pessoa melhor.*

«Às vezes, eu olhava para o silêncio da minha mãe. Naquele tempo que agora é menos do que um instante, havia o estarmos ali. Eu e a minha mãe estávamos juntos e estávamos sozinhos.»

JOSÉ LUÍS PEIXOTO, *Antídoto*



PARTE 1

O pé de Muda escorrega ao pisar o primeiro degrau da porta de saída do mercado. Estremecem-lhe os sacos nas mãos, maceradas pelo contacto da serapilheira com a pele, ambas húmidas. Após o susto, rodado o tornozelo em busca de uma dor inexistente, Muda percebe uma capa de musgo verde que cresce em torno do degrau do mercado e, daí, a iminência de uma queda. «Outra coisa não seria de esperar nesta terra», pensa, porque não fala. O estrebuchado dos sacos com hortaliça, sementes, garrafas de vidro e latas, víveres que, entre o porto e a casa das pessoas, ainda têm de ir dar corpo ao mercado, deixou-lhe uma fissura mínima na lâmina de pele que vai do polegar ao indicador. «Se não seco esta ferida agora, nunca mais a saro.» Com um estrondo considerável, poussa os sacos ainda na soleira da porta, em cima do ladrilho escaqueirado, para os proteger da chuva. Os lenços estão molhados, as saias seguem-lhes o exemplo, a borda da camisa escorre água. «Um dia, canso-me de que chova todos os dias.»

Refeita a melena de cabelo preto e prateado que lhe cai sobre a testa, Muda prende a fita à cabeça, estalinho com a língua e lá vão os sacos de novo alçados. A tez perolizada, os olhos fechadinhos à procura de ler letras que imaginariamente lhe passariam diante, explicando-lhe o dia, os lábios de mulher com alguma vaidade, onde a sùmula de rugas, transpiração e humidade fizeram com que o batom tivesse sulcado pequenos veios até meio do espaço entre a boca e o nariz, escorrendo em baixo, tendo-a feito assumir, sem saber, uma pequena barbicha de diabo, escarlata, da qual não presta satisfações nem ideia.

Procura distribuir o peso entre os sacos, antes de ousar novamente degraus abaixo. Que tolice foi aquela, pôr-se assim, pés ao dilúvio, antes do tempo. Em Domínio, já ninguém olha para o céu. Sempre coberto, forma um teto de peso simulado nas cabeças de quem apanha por baixo. Acinza-as. Empalidece-lhes os mais poéticos gestos, cobrindo tudo de um véu sem sombra onde a chuva cai sem misericórdia. Muda ainda se lembra do tempo sem chuva. Ser garota e brincar com sol naqueles mesmos degraus onde hoje ia escorregando, ou, mais tarde, encontrar namoraditos à estrela posta, tanto dela havia de grandes embaraços. Hoje, pernas inchadas de veias de vários tons de violeta, seios que já lhe atrapalham a vista dos passos, não liga ao tempo, suspeitando de que ele próprio desdenha da sua figura.

Refeita, já lá vai, rampa abaixo. Passa-lhe todos os dias pela cabeça, quando,

após acordar, vai buscar os sacos de compras para os ir entregar porta a porta, a pergunta de como raio é que alguém se lembrou de pôr um mercado numa rampa. «Idiotia tamanha», e nisso já se foram mais dois ou três segundos de cada dia. E depois pensa que já pensou naquilo no dia anterior e lá vai também um cumprimento daqueles que se faz com o queixo quando as mãos estão cheias ou, se houver interesse, se flete só uma das pontinhas da boca, tão envergonhadinhos que somos. Estes cumprimentos, Muda deixa-os para quem lhe tira o chapéu, para a rapaziada que grita «Dona Muda» à espreita de um reбуçado ou para os miúdos que se enfileiram atrás da professora primária. Raramente sorri às mulheres de Domínio. Todos os dias, pede ao vento que lhe arranje de o filho um dia lhe apresentar um homem com quem se ajeite e não uma rapariga que lhe amarfanhe as toalhas bordadas com olhos de raposa, as miniaturas de animalinhos de porcelana ou as taças do serviço na cristaleira. Mas nada em Muda é mau feitio. Tem esta desconfiança das outras, e, para ser assim, há de haver uma razão.

Muda os sacos, de uma mão para a outra, ao passar pelas ruínas de um antigo estaleiro e arrepanha as bochechas contra os olhos em suplício de peso. Imagem terrível, a que todos os dias lhe vem à cabeça, de tantas pessoas que lá morreram incendiadas, do tempo em que a água do céu não era tão assídua como então. E também todos os dias Muda pergunta a si mesma como podem viver lá perto algumas famílias de Domínio, espriadas em casas sobrepostas, ignorantes do fogo de outrora. «Tanto espaço no mundo, e vive-se assim encavalitado. Hão de ouvir uns dos outros mais do que eu ouvi do meu menino quando ainda estava cá dentro.»

Na lembrança de um eco de gravidez, toda a mãe Muda se contenta. A ideia de que passará por onde o filho está a trabalhar e de lá de cima lhe atirárá duas laranjas e um pêsego alegre-lhe aquelas derrapagens rampa abaixo. A chuva cai sem parecer que vá haver alívio algum.

Começou a chover em Domínio quando Muda era adolescente, e nunca mais parou. De início o povo brincou, foi para os campos espetar estacas, e faziam-se piqueniques ao lado de rios imensos que antes eram ribeiros. Mas depois aquilo fátou. Já se sabe que às semanas se seguem meses, mas com o que ninguém contava era que àqueles aguaceiros se seguissem outros e depois mais outros. Não é chuva que inunde, mas também não é da que molha tolos. Não sendo miudinha nem merecendo sufixos em «-ada» ou «-al», a chuva é assim como que para o adolescente, na sua raiva contida à conta de não ter muito corpo.

Esperavam por agosto, diziam que era em setembro, que aquela chuva até era boa para outubro... mas em dezembro já ninguém se podia secar. Os habitantes de Domínio entraram, então, pela via judicial. Contudo, não houve tribunal que lhes decretasse o fim da chuva e muito menos aceitasse todos os minuciosos pedidos de indemnização por danos causados por intempéries. Foi nesta altura que os agentes de seguros puseram pés ao caminho, que ali não compensava garantir bem alheio. Passaram depois para as rezas, já se sabe que o caminho é rápido, mas as peregrinações ao cimo do monte para deixar pele de joelhos às pedras só deram em luxações, costas presas e a morte de um dos peregrinos, que se exaltou na descida e veio parar ao cais, já sem hipótese de voltar um dia lá para o alto, ou pelo menos não pela via por onde desceu. Do seu funeral há uma memória coletiva vaga, sobretudo porque, alagado, o campo santo era mais um esboço de lamaçal e, não obstante o facto de já se terem passado alguns meses de chuva, os de Domínio guardavam esperanças de sol. Como tal, não haviam ainda feito ou comprado calçado próprio. Desse funeral, portanto, resta em todos a sensação de pés molhados, que, convenhamos, não é a melhor de se ter.

Depois veio, lesta, a política. As reuniões onde mal se percebia o que alguém dizia à conta de tanto bruaá de água. Comitês centrais, assembleias de vizinhos, células conspirativas, petições abaixo-assinadas e muita retórica tiveram o condão de unir a gente de Domínio em torno de um inimigo comum: a chuva. Mas dali resultou pouco: foram tapadas as ruas com lonas bem esticadas e fixadas em torno de estacas de ferro presas aos beirais dos telhados, para que o povo ao menos pudesse prescindir dos guarda-chuvas. Pasmado, o homem que tinha deixado a lavoura para se fazer ao negócio dos chuços, crente que de lá resultaria rico, esfregou a testa ao ver tanta dedicação na tapagem da chuva, fez contas aos prejuízos, atirou os que restavam ao povo e fugiu dali para fora, não sem antes muito insistir em se ver ressarcido dos prejuízos.

«Hão de sempre ser precisos», diziam-lhe. Mas o homem estava desgraçado. Tinha apostado as manhas todas que uma terra onde sempre chovia havia de o fazer rico no negócio dos guarda-chuvas e aquela engenhoca das lonas nas ruas fê-lo doido. Se se haviam lembrado de tal manigância, era certo que um dia haviam de se lembrar de outra que lhe fosse arruinar outra empresa qualquer. Postas as virtudes de negócio que lhe inflamavam as ideias, combinou consigo mesmo que essa dupla ruína já lá não seria a dele, e por isso partiu. Sabe-se que houve mão de governante nessa abalada repentina, mas às histórias já iremos, que para essas temos tempo de sobra.

A verdade é que toda a cidade se cobriu tapando o céu e a luz acotovelou-se na escuridão, num casamento de má tradição que não trouxe graça ao lugar. Fosse em qualquer das horas da manhã ou três da tarde, de inverno ou verão, lua nova ou cheia, o certo é que, para quem fazia a sua vida em Domínio, o tempo, por causa do tempo, deixou de fazer grande sentido. Começaram a combinar-se coisas entre o «quando der jeito» e o «vê se passas por lá». Vizinhos acordavam de madrugada outros vizinhos para jantar, umas escolas abriam depois de as outras fecharem, e deixou-se de se entender qual era a hora em que se apanhavam os legumes frescos.

Atónitos, os galos de Domínio fecharam-se em copas e os cães uivavam sem parar, dando um pano de fundo de alerta de guerra àquela terra sem rei nem roque. Confiaram nos relógios por uns tempos, mas depois o do merceeiro já andava duas horas à frente do do barqueiro, e nem se fala do da professora, sempre sincronizado com a sua parca vontade de se levantar da cama e aturar a canalha. Ao olharem atónitos o desfazimento dos ponteiros, quais bússolas onde para todo o lado era Norte, a população decretou que o assunto do tempo era algo que tinha de ser visto com vagar.

Assim, vieram doutores e cientistas de outros cantos do Território procurar resolver o problema de Domínio: a chuva não cessava, a temperatura não permitia distinguir o sereno da aurora e as imensas lonas esticadas pelas ruas tapavam a luz, de si tão tímida, andando os habitantes atordoados e a fazer vida concreta a horas perfeitamente absurdas.

Mas a estrelinha que os trouxe foi a mesma que os levou. Os homens e as mulheres de fora, extremamente versados em maquinações e soluções filosóficas, desertaram de Domínio com «ah, e tal», «mas pronto», «tem de ser» e deixaram o povo como estava. Foram vê-los desaparecer águas fora no porto da terra, blacinhos brancos de hipocrisia e braços abertos em posição de «que hei de fazer». Tempos mais tarde se descobriu que a pele de coelho com que os miúdos do porto brincavam, qual capa de rei, era a cabeleira de um dos que vieram e logo foram, que, incapaz de a colar à careca com a humidade, resolveu deixá-la por aquelas bandas, ali feita presente. E por isso ainda hoje se referem aos de outras terras como «os Postiços», sem que tenham tido, contudo, hipótese de os ver muitas mais vezes por lá.

A certa altura, fazem-se as pazes com o inimigo, à conta do cansaço de se guerrear em vão. Combinou-se que seriam sempre cinco da tarde e que cada qual fizesse a vida como quisesse. Ceassem à aurora, dormissem tarde alta, o importante era que se organizassem neste tempo sem horas. À decisão de fazer as pazes com o céu seguiram-se lutas de quem não queria trabalhar quando achava que devia estar a adormecer ou daqueles que decidiam não atender fosse quem

fosse à porta porque, para si, vinham a desoras. Mas depois lá se arranjaram, lá se conformaram com o que havia. Ninguém deixou de ser curado por o médico achar que vinha muito cedo e nunca faltou comida à mesa por se acreditar não ser tempo de cear.

Para resolver algumas questões mais delicadas, como a adivinhação sobre se a loja estaria aberta ou se o dono do mercado acharia ser tarde ou cedo, criaram-se novos trabalhos, deu-se ocupação a muita gente. E Muda, sem muito o ter pensado, deu por si a saber quando é que todas as portas se abriam e a garantir o abastecimento a uma considerável parte de Domínio. Às vezes lá levava com um ensonado «Ainda agora me deitei e já me vem com a fruta, Dona Muda?», mas, regra geral, corria bem e Muda já sabia quem dormia quando, quem precisava do quê e em que altura. «Vem lá a Dona Muda.» «Está ali à porta a mulher dos sacos, mãe...» passaram a ser frases pouco exclamativas, tal era o escasso espanto de surpresa com que eram ditas. Muda era certa e o seu trabalho fazia-se com zelo.

Mas se a organização da vida fez as pazes com a chuva eterna, o mesmo já não se poderia dizer da paisagem. Se era certo que a chuva era desengonçada, também o é que tudo o que é de mais acaba por se tornar graúdo. A partir de certa altura, de mole nada tinha aquela água, que, junta, moía margens de ribeiros, escavacava buracos nas estradas de Domínio e atolava casas, animais e pessoas. Foi só, porém, quando uma lagoa passou a circundar a casa de Ministro, homem recém-chegado da Capital, que se deu ouvidos ao que o povo pedia há muito e se criaram as Grandes Comissões Obreiras, encarregadas de tapar buracos, calcetar ruas, abrir passadiços de madeira entre as casas, erguer pontes de um dia para o outro e acalmar a fúria das águas com diques e outros preciosismos.

Assim que a curva do rio entortava para dentro, lá iam os Obreiros de plantão escorrer lodo da casa de alguém. Quando viam alguém acercar-se, com ares de braços ao alto e boca em ó, já sabiam que havia negócio estragado, e nem era preciso o ó ganhar vogal para que se pusessem em sentido e rumassem a ver os estragos. Não falta dizer que muitos homens e mulheres foram precisos, e por isso, essencialmente, Domínio passou a trabalhar no sentido de se manter viva.

Na altura em que os Obreiros iniciaram trabalho, tiveram a incauta ideia de, com grande pompa de coroação, fazer uma cerimónia cheia de tubas e tambores, em que os rapazes e raparigas, nova esperança da terra, cheios de viço e verdura, marchavam de fatos brancos e sapatinho de couro, espetáculo montado perante uma plateia humilde, é certo, já que os ilustres que por lá restaram tinham mais

de obrigação do que de gosto em lá ficar. Ministro, pois claro, Homem das Imposições, encarregado dos impostos, Barqueiro, que trazia doutros lados o sustento do povo, e mais ninguém. Assim estava composta a bancada dos famosos. Ou nem isso, já que, com promessa feita, Barqueiro assistiu a tudo do barco, pois recusava pôr os pés em Domínio.

Pouco depois de a marcha celebratória se ter iniciado, já os futuros Obreiros eram todos lama e lodo. Tentaram desembaraçar-se das fardinhas alvas e dos tacões, os mais compenetrados ainda sacudiam as pernas ao som da — chamemos-lhe assim para honrar os músicos sem remuneração — orquestra. Tanto rebuliço foi por ali que terminaram nus, eles e elas, enlameados que nem porcos, trezentos e tal adolescentes e vintaneiros no auge da sua garra. As gargalhadas insurretas do homem da tuba iam-lhe cortando o ar, ecoando em todo o recinto, e já se sabe como é isto do contágio e das lágrimas de rir.

Alguém ainda ouviu Ministro dizer um «olha, que se foda», mas já toda a gente ria, não de troça mas de alegria. Afinal, a chuva, os Obreiros, a falta de tempo e outras intempéries puseram-lhe ali aquela juventude toda a marchar nua, e havia em Domínio quem há muito não visse tamanha porção de pele despida. No fim da cerimónia, se é que alguém fez isso durante aquela tarde, até já Ministro chorava a rir, sendo levado em ombros por quatro ou cinco Obreiros, ao som de uma qualquer cantiga de animar. Foi decidido e assinado, ali mesmo, que o trabalho deles se faria sem roupa nem outras atrapalhões, já que o tempo, em termos de temperatura, não tinha mudado muito. Fosse hora de acordar ou tempo de ir à escola, ou fosse isso o que fosse, era agradável a morna que se desprendia dos ares e permitia, entre outras coisas, que três centenas e tal de moços e moças fizessem em pelo o trabalho de manter Domínio em pé.

Em tudo isso pensava Muda enquanto acartava os sacos do dia. Ainda era mocita, mas lembra-se do espetáculo. Algures nas suas memórias está a romaria de gente a rir à chuva, aquela mistela de lama, lágrimas e transpiração que, vivesse os tantos anos que vivesse, já ninguém lhe roubaria, como, acredita, lhe roubaram a voz.

Por aqueles dias, tem o filho em obra por ali e, como já foi dito, é com ânsia que Muda espera pela hora de passar por ele. «Não há filhinho como tu, meu Amor», dir-lhe-ia, se lhe pudessem sair palavras da boca. Marejam-se-lhe os olhos, doem-lhe um pouco as mãos e, quando se aproxima do muro de cimento, margem dura do rio que já não a galga há muito, espregueia lá para baixo e assim vê Amor, despido em terra, a trabalhar mesmo entre água e margem, corpo

musculado, todo ele levanta, pesa, empurra e repete.

Muda debruça-se no muro, observa o filho. «Meu Amor, filhinho da mãe Muda», pensa. E falta-lhe a voz para lhe chamar a atenção, para se anunciar. Larga os sacos para bater três palmas, indiferente ao facto de lhe ter caído um ovo ao chão. Ao sinal, Amor vira instantaneamente o olhar e regressa-o rumo a terra, fixando a mãe.

— Dona Muda — exclama. Sempre a bater palmas em vez de gritar.

Já nem chão havia que Muda pisasse ante o sorriso de Amor. O rapaz galopa qual potro de escarpas e encontra a mãe, todo ele maior e braços de homem.

— Hoje não me atiraste a fruta, Dona Muda. Cacei-ta eu cá em cima, diaba!

Muda ri-se e deixa-se abraçar à cintura pelo filho, ignorando os sacos antes mesmo de ter percebido que ainda não entregara nada a ninguém, naquela jorna. «Ai, deixa-me, Amor, que ainda nem uma entrega fiz e já me vens com abraços e beijos», dir-lhe-ia.

Assim que é percebida pelo filho, mãe cheia de expressões, descola-se do rebento crescido e pede-lhe que, com o braço esticado, mão aberta, coração contrariado, a deixe ir ao que veio. Lá estão os sacos derramados, testemunhas prostradas sem jeito de um Amor assim tão crescido e sua mãe Muda. Ajeitada como pode, fingindo um «tem de ser» que não lhe sai da boca, Muda ampara o filhote e despede-se, empunhando sacos, atirando abraços e descendo três degraus da beira da margem sem cair. Amor volta-se sem ver a mãe partir, trinca o pêssgo e olha ainda de cima para o dique que repara, os colegas Obreiros que se dão a danças e, atrás, o caudal, moreia dengosa naquela paisagem de sempre chuva.

Dali, não há como evitar pousar os olhos na Ponte Antiga, fininha de dar compaixão às pestanas de uma cabrita e por isso conhecida pelo povo como Ponte Pestana de Cabra. Ponte assim, que une o centro de Domínio à ilha da Fortaleza, mas rivaliza com o deserto em vezes que é percorrida de lés a lés. Amor estica o pescoço para a contemplar, homem engenheiro com um fascínio desmesurado por pontes de antanho. Os colegas gritam-lhe «Vem, malandro!» lá de baixo, mas já só levam com o carço do pêssgo de Amor, pois as suas passadas vão ao encontro da entrada da ponte, ali mesmo à mão de semear e senhora de motivar reflexões.

Enquanto percorre o caminho entre o lugar onde não viu a mãe ir embora cheia de sacos e o portal abobadado que encima o portão fechado da ponte por onde ninguém passa, os habitantes de Domínio afastam-se para que passe, com certeza. Senhores de uma admiração genuína, aos Obreiros abrem-se os caminhos, dão-se vivas sem que se conheçam, e não poucas vezes se forma um círculo de gente para lhes bater palmas aos passos. São quem mantém viva uma cidade que

se faz viva para que eles dela cuidem. Um homem olha com cara de fim de turno, uma leva de miúdas que se preparam para almoçar por ali mesmo, e quatro cachorros espreitam desengonçados a fila de Obreiros que cumprimentam Amor com assobios.

Ao chegar aos ferros do portão que tranca a entrada da ponte, Amor flete o corpo em direção às grades e agarra duas delas com as mãos. Cai chuva, certamente, e o tom do ar é escuro na noite ou dia em terras de Domínio. Amor encosta a testa na grade e olha, tentando alcançar o fim daquela ponte que esperneia, que batalha por se manter de pé, não obstante a magreza que lhe estreita as beiras e o palmo de verdete que se estende pelas pedras que a calçam, pelas ameias que a abrem um pouco ao rio. Olhos semicerrados, tão parecidos com os de Muda, tentam alcançar o fim da ponte e avistar a Fortaleza, sempiterno castelo envolto nas brumas do Mar das Aranhas.

Impossível. Amor sacode a água do cabelo e do corpo, e desiste da empreitada.

— É deixá-los lá, Obreiro, que aquilo não é assunto que se queira ver de perto — segreda-lhe um homem que por lá passa e o devolve ao tom dos dias reais.

— Que grande mistério para ali vai, que nem se vê o fim da ponte!

O homem desvia o olhar e acena com a mão, mostrando que mais vale que ninguém se lembre.

— É mistério — diz, quando já ninguém o ouve.

Amor sente uma pancada na raiz do pescoço e, numa fração de segundo, pergunta de si consigo que raio de bicho era aquele. Volta-se e enfrenta um colega mais aziado, postas as ausências de Amor.

— Carrego-te, colega? O dique lembra-se de ti e diz que tem saudades de quem mais ama.

— Já vou, colega, estava só aqui a depenar duas ou três colheradas de imaginação.

— Não dês cabo desse cabeçote a pores-te com memórias que não tens.

— Cabeçote vês tu bem onde eu o tenho. Vamos para baixo, que o trabalho, a lembrar-se, há de ser dos dois.

Amor e o colega fingem murros de pespego, e assim decidem regressar ao trabalho. Antes de deixar de vez aquela paisagem, Amor ainda olhou de novo a ponte e jura a si mesmo ter visto um reflexo do tal cais onde batem as ondas do Mar das Aranhas, que, dizem, circunda a ilha da Fortaleza, impressão de abandono, ilustrações grisalhas daquela terra útero.

Para lá é mar, já o rio se faz oceano. Contam que a praia, em vez de areia, tem teias e que várias aranhas de água observam Domínio enquanto tecem clamorosamente a proteção da Fortaleza. Poucos se espantam já por ouvir falar de

uma fortaleza que precisa de proteção. Mas só quem se lembra das primeiras chuvas se lembra também de avistar a ilha da Fortaleza de Domínio. Contam que sim, que não há lenda na história, que é verdade que, antes de haver nevoeiros e morrinhas, escuridões e roncadas de aviso, a ilha se via a olho, e ainda melhor com binóculos.

Dissertam amiúde sobre uma família caída em esquecimento. Não em desgraça, mas esquecimento. E até testemunham que foram fechados os portões há muitos anos, sem se ter bem já a lembrança do que vinha a ser isso de um ano. «É fascínio de criança tola, isso da ilha», asseguram. «Era o que mais faltava ainda lá irmos descobrir um castelo para arranjar, uma ponte para manter e portões para dar conta de estarem fechados», diz quem pensa em despesas e trabalhos. E por isso, com exceção de Amor, e à sua razão já lá iremos, poucos são os que se intrigam sobre o que para lá da ponte se passa.

Os de Domínio sabem que apenas Homem das Imposições não desistiu de descobrir se havia lá alguém que devia imposição. Para que alguém lhe tirasse, a esse homem, a ideia de que era preciso ver se deviam, só mesmo se a tarefa fosse inglória ou ingrata. Daí verem-no amiúde a velejar entre os portos, coincidindo a sua sisudez com a compenetração com que executa as idas e vindas. Fá-lo desde sempre, e, chegando a Domínio, é ouvi-lo pregar «dispersar, dispersar» a quem lhe tenta sacar informações. Não se conhece se cobra realmente ali algum imposto e, de tão corriqueiras as suas viagens do anda e vem, desfizeram-se de interesse. Ninguém quer conversa com o homem encarregado de lhes lembrar os deveres das dívidas.

Conta-se que houve uma vez em que Homem das Imposições, ébrio de desejo, se desbrancou e contou a uma das prostitutas do porto o que ia lá para a Fortaleza. Foi rapariga, essa, a quem lhe deu depois uma vontade repentina de embarcar para a Capital passado pouco tempo, cheia de risinhos, alegre, que ia deixar de ser puta porque levava no bolso uma resma de notas. Homem das Imposições abanava-lhe o lencinho do porto à medida que Barqueiro a levava, e há de ter pensado para ele próprio «vai pela sombra», ao mesmo tempo que se sentiu aliviado por a única pessoa a quem contou o que encontrava em Fortaleza se estar agora a pôr a milhas, levando dele um beijinho e o dinheiro de algumas imposições. O desejo traía-lhe o juízo e fizera-o falar de mais. Não admira que se retraia desde então de o sentir, associando-o à vez em que perdeu o tino e falou do que não devia e ninguém sabia.

Nem Ministro se arrelia em saber. «Ó homem, você nem me atalhe com ideias de mais aflições. Olhos que não veem... se a si lhe convém lá ir, Hossana, Hossana! Pois que vá. Quando cá cheguei, aquilo já nem se via, e olhos que não

veem...» E assim o resto da população foi-se desinteressando da Fortaleza, pouco disso falando. Um povo sem tempo, sempre aflito com a chuva e consertos, tem mais que fazer do que ver se existe aquilo que não se vê.

Mas ao mesmo tempo que tratam a lembrança da ilha com este desprezo idadista, é facto que a confirmam, que lhe rendam os vislumbres de outro tempo. À conta de um dia morrerem os velhos, morrerá também a memória de se ver o que para lá há, que sabemos que com os velhos morre muita coisa, e pelo meio as recordações de imagens que não voltam.

Os velhos têm razão. Não obstante Amor ter desviado o olhar por quase nada ter visto, ou Homem das Imposições se fechar em copas sobre o tema, a verdade é que podemos nós enfiar-nos pelas grades do portão e aligeirar o passo, fletindo os ombros à egípcia para poder atravessar a tão fininha ponte. Continuemos assim, braços ao longo das pedras, que em breve chegará a altura em que deixaremos de olhar para Domínio e teremos, a menos de um palmo, a entrada da sua fortaleza, que hoje tão pouco protege aqueles que nem a podem ver. Interessar-nos-emos mais por quem lá mora. É tanto deles que esta história é feita...

Aos berros e aos murros à porta do quarto de Mãe, Filho abre mais um dos seus sufocos.

— Peço-te — suplica. E, sem que sejam suas, aquelas dores atravessam-lhe o corpo e amarram-se-lhe aos joelhos, para sempre tendo-o preso às pedras com que em vão tenta aplacar a sua súplica.

— Mãe. — E já é só um lamento despedaçado na falta de esperança. — Mãe! — E nem assim vê o seu desejo de conserto. — Mãe...

Já não há sustento ou irredutibilidade que o mantenham encostado àquela porta de ausência. Filho aninha-se, dando berço a si próprio, à porta do quarto da sua mãe, e nesse encolher regressa-lhe a dor de se sentir inapto, desenha-se-lhe por dentro raiva e pouca moderação, mas só lá dentro, já que cá fora todo o filho é ânsia e preocupação de causar dor. Assim, ali, frincha escura na porta do quarto da mãe, Filho treme em vazio, luta para que termine a ausência e veja findo o seu suplício.

— Que figuras tremendas... — Eis a mãe que finalmente abre a porta e o encontra caído aos pés do quarto. — Que anseios que eu tinha, que rebuscada era a minha ideia, não haja dúvida. Ter um filho e não um rato era pedir muito, era...

— Mãe... Mãe! Mãe, não saías do quarto, não me abrias a porta, não te ouvia sequer pousares-te na cama. Estava assim, meio joelhos, meio pescoço, à espera de que abrisses e me disseses que estavas bem.

— E que achas tu? Se nem para derrubar uma porta tens força. Estava dentro suplicando que entrasses.

Nisto, ajoelha-se em frente ao filho e toca-lhe na orelha, contorna-a. Enquanto o faz, nota-lhe uma penugem levíssima e dourada, assim de encontro à luz da janela. Desce-lhe o dedo pelo contorno dos olhos, termina-lhe o gesto acariciando nele a sombra da barba, as unhas ao encontro de pelos macios e breves, boca semiaberta num quase falar.

— Hás de me dizer onde foste buscar tanta lágrima para chorar por mim, Filho. Tanta vez que me fechei...

Levanta-se e o filho segue-lhe o gesto de se erguer. Mãe arrasta-o para a cama, no que poderia perfeitamente ser o segundo final de um bailado, se bailados houvesse para ver naquela enseada de aranhas.

— Não houve vez em que não me preocupasse.
— Estava bem feita à conta da tua preocupação!
— Preferias que não te pedisse presença, Mãe? Darias maior valor a um filho que não se preocupasse todos os dias em querer que a sua mãe saísse do quarto?
— Repito... Fossem as tuas apoquentações o que me valesse e estaria aí debruçada a vomitar de uma das janelas...

Ri-se, levando ao cabelo uma escova branca, tendo como certa aquela presença que a consola. Filho sai do quarto, o desamparo pesa-lhe nas têmporas, ajudado pelo choro de uma quase tarde. Ao passar pelos corredores da Fortaleza, promete a si mesmo que fará diferente no dia seguinte, promessa que podia servir de relógio às gentes de Domínio, de tão pontual que impressiona..

É já quando Filho desce as escadas que se ouve o grito. Se fosse luz, traria um relâmpago. Filho interrompe a descida e regressa aflito ao quarto de Mãe. Esta ainda grita. Espalha-se quarto fora, estica braços e sombras destes, franze os olhos sem meio-termo, cabelo todo esticado costas fora e pescoço temendo-lhe a voz. Espraia-se no chão, soluçando. Algo a prende ao gesto de apontar sem falhas para um lugar específico, debaixo da almofada do leito. Filho estica-se pela cama toda e levanta a almofada. Jaz um passarinho de menos de meio palmo, quieto na sua mudez amarela de olhos de espanto.

— Desmazelado! Dormi a noite inteira com um pássaro morto debaixo da cabeça! — diz ela, ainda em gritos. — Desfaz-te disso, Filho...

Este olha o animal já distante na sua ausência e encolhe o corpo em seu torno, decidido. Já nada treme de vida no olhar do bicho, mas Filho entende, sabe-se lá vinda de onde, uma voz feminina que lhe diz que alguém tem de morrer para que os outros se sintam vivos. Permanece por momentos deitado ao lado do pássaro, procurando olhá-lo nos olhos enquanto tudo é vida dentro de si próprio. Os gritos de Mãe sufocam-no, agora abre os braços arrastando consigo o cabelo negro, enorme. Filho pega no pássaro com quanta calma haveria de ser feito um abraço de mãe e encosta-o ao peito. Segreda:

— Mãe, amanhã saio.

Desse sussurro nascem uivos de «Não!» e medos do que possa lá estar e avisos de que «Nem pensar».

— Quem cuida de estar perto de mim? Criei-te sozinha, ninguém me ajudou.

— Já tivemos quantas vezes esta conversa...

— As vezes que forem necessárias para que percas a ideia de que sem mim existes.

— Sem ti existo, Mãe.

— Não te enjoas? Não te enjoas? — O tom era agora de um desdém que nem

a estranhos. Empurrava-se contra uma das paredes, como que tentando fugir do quarto sem fugir, toda canto de lábio de cima levantado e mão apontando, como se orientasse hesitando uma orquestra imaginária. — Não te enjoas de só pensar em ti?

— Mãe, os anos que vivo são os anos que passei aqui, parede com parede, quarto com quarto. Olha, Mãe, as minhas pernas cresceram e pedem-me que as faça andar! A minha voz já não se segura na boca, tenho sede de lugares onde não sabia existir água e o meu coração pede-me músicas, desencontros, vida...

— Se soubesses o quanto te odeio...

— Então para que me queres perto?

— És o que tenho e, ainda que me apetecesse fazer de ti um homem, são só negas de fraqueza aquilo que te olho. Sabes que, para lá do que vês, só há chuva e restos, e mesmo assim deseja-los mais do que a mim.

Mãos nas têmporas, olhos líquidos.

— Sente o peso do pássaro — pede-lhe.

Mãe esbraceja mais do que nunca, ataca agora a própria cara com a fúria de alguém que não gosta das suas feições. Num destes esbracejares, atira-lhe o pássaro ao chão e Filho ajoelha-se para retomar o animal nas mãos.

— Se saís, morres, sabes...

E depois foi como que um passo de dança de alguém muito embriagado: Mãe passava da cama para o espelho, do espelho para a porta, rodeando Filho, ainda ajoelhado. Ria-se enquanto cantava, murmurando uma música sem tom, e com estrondo fechou a porta do quarto. Atirou-se sobre as costas do filho e prendeu-lhe os joelhos nas ancas, encostou os lábios ao seu pescoço e desta vez sussurrou também:

— Se saís, morres, já sabes.

Filho sentiu Mãe mais pesada do que a ausência de vida do animal na sua mão, muito mais firme a dor que segurava.

— Amanhã saio de casa, Mãe.

Domínio não era terra de grandes produções. A chuva ininterrupta, aquela luzinha desfeita de névoa azulada, a Natureza toda torta, com aquilo de se fazer do dia à noite, os homens cada um almoço ou jantar, folga ou Domingo, não dava para grandes lampejos de extremas produções de grão ou armários. Mas de alguma coisa a terra vivia, lá isso teria de ser. E para que não se findasse em três tempos e de lá saíssem todos os que nela ainda permaneciam, mais teimosia do que habituação, a coisa não havia de ser pouca. É verdade que o chão não dava uva, que os animais mais valia sentarem-se a descansar, em terra onde ninguém os comia, e, valha-nos a franqueza, não havia indústria que não soçobrasse perante tamanha alienação de horários.

Domínio encaixava em si alguns estabelecimentos de «ai que não tenho e preciso», um negócio de ervas para comer, se é que se pode chamar negócio a uma empreitada de gente que leva legumes e fruta sem bicho todos os dias ao mercado, e o resto era esperar pelo barco. Semanalmente, lá da Capital, vinham barco e Barqueiro, homem que nunca saía da proa e, impassível nos seus cigarros de honra, observava aquela gente nua de chuva descarregar o que lhe trazia. Se na Capital Barqueiro era só mais um, ou assim o pensavam, em Domínio era figura de proa de barco, irremediável com os braços cruzados sobre o hirsuto peito de homem do mar.

No dia de despejo, assim era chamado o dia da semana em que chegavam o homem e o barco, todos o cumprimentavam com um «bom dia, Barqueiro» cujo entusiasmo ia diminuindo à proporção que o barco ia ficando vazio de víveres e outras vaidades trazidas da Capital. Ao início da tarde, já tudo tinha sido esvaziado e os papéis invertiam-se, pois era altura de carregar o barco de gotas, dessa baga estrepitosa de onde se produzia a Gota, bebida de nome pouco original, mas que, dizia-se, enlouquecia homens e mulheres mundo fora e levava à assinatura do Grande Acordo de Abastecimento de Domínio em decote de prostituta por Presidente, já mais do que ourado, conferindo à terra o direito ao barco semanal e à Capital o seu carregamento de gotas sem fim.

Bagas vermelho-rubi, de tamanho ela por ela, como pupilas contraídas, mióticas, que nasciam viçosíssimas Domínio fora. Estas são as gotas. Na sua sonsa redondez de coisita de nada, era vê-las surgir de ladrilhos escaqueirados, de telhas fora de lugar, de solas de sapato demasiado tempo paradas no mesmo sítio. Já se

tentara trasladar raiz, caule, folha, baga e flor, mas não havia forma de a gota pegar noutra terra que não aquela. Para os habitantes de Domínio, a gota era tão corriqueira quanto a chuva, e, não fosse a obsessão da Capital pelo embarcamento da baguinha, atenção nenhuma a ela prestariam, e já se verá porquê.

Aos efeitos tentadores de uma qualquer bebida alcoólica juntava-se, na Gota, a dependência do assunto sério. No centro de Domínio, apenas Barqueiro, que não era da terra senão durante um dia por semana, podia atestar que não havia tino que tomasse rédeas do desejo de um corpo no qual houvesse a bebida espalhada. Que já tinha visto, na Capital, muito baile terminar em orgia espalhafatosa, muita reunião séria cheia de «ora, por quem sois» dar em festa desabrida de danças de pouco mais que cueca e bota. Os de Domínio, gente que vivia num ermo desgraçado, já se tinham habituado ao facto de que por lá não havia o género de álcool necessário para se juntar à gota, e muito menos as outras singularidades que a bebida pedia, para que fizesse algum sentido levá-la aos lábios. Bem que provaram o sumo da baga, e houve dois ou três que disseram sentir «o efeito, o efeito!». Mas não era à toa que eram estes os mais mentirosos de Domínio e que, encerrados na sisudez dos outros que nada sentiam, não tardaram também a dar com os queixos na mesa, de tanto sono que o nada acontecer lhes provocava. A Gota, bebida que inebriava todo o resto do Território, e que era feita da baga que apenas em Domínio se dava, nessa terra não pegava.

A curiosidade pela Gota, por que tantos homens e mulheres de outras paragens se arregalavam de olhos e beiços, durou algum tempo, a bem da verdade. Barqueiro trouxe misturas já preparadas da Capital para que os de Domínio provassem a bebida já pronta, sem necessidade de mexericos, mas a realidade é que havia de haver algo naquele clima, no ar em si, que, sempre que se desenvolhava uma garrafa de Gota em Domínio, um puf desistente emanava do gargalo e a partir daí já se sabia que mais valia estar quieto, pois a Gota tinha perdido o efeito.

Até Ministro, homem experiente da bebida noutras paragens, assegurava que por ali a Gota sabia a nada, que havia de ser da pouca luz de Domínio ou de a baga estar arreliada de voltar a casa, que se vingava fazendo-se deslavada. Não menos do que muitas vezes, no entanto, Ministro falou dos efeitos da Gota com um brilhozinho de assanhado nos olhos. Mas logo viu que aquilo era conversa que não lhe trazia o gosto do seu povo e cedo optou por guardar o inebrio da bebida apenas para ele e para as vezes, tantas, em que no passado se dera a festas com a bebida, que quase sempre acabavam com uma mão na testa e a consciência a latir «ai, se foi desta que emprenhei uma delas».

A bebida que saía da gota era, assim, coisa de gente de outras margens, coisa de Postiços e de quem precisava de meter à boca aqueles olhinhos que a terra tanto mandava sair para se dar a algumas paixões e alegria. Não era desprezo, no entanto, o que os de Domínio tinham pela gota. Sabiam que era o garante do abastecimento da terra e por ela passavam então mais respeitosos. Talvez como a um deus, os de Domínio faziam-se muito temerosos da gota, dedicavam-lhe festas, preces, desejando «que nunca se arreliasse». Mas, no quentinho das suas casas, mandavam essa gota à merda e poucos eram os que lhe entendiam alguma autoridade. Essas honras à gota, portanto, não eram muito diferentes de uma ida à missa.

Aproveitando que temos a gota na boca, talvez seja altura de sairmos do centro de Domínio e nos espalharmos pelo que se passa além do pequeno centro da terra onde Muda ia ao mercado, onde Amor agarrava as grades da ponte, onde os Obreiros laboravam em ritmo de ferro com ferro. Deixemos também aquela Fortaleza, onde já fomos e da qual ficámos temerosos, para mais daqui a pouco. Que Mãe aquela, que Filho aquele. À interrogação sobre se Filho se atreve a passar da porta de casa responderemos mais tarde. Aproveitemos que hoje é dia de Barqueiro e vejamos o corre-corre do porto, miúdos enlameados com carrinhos de madeira na mão, raparigas que escorregam pelas rampas e pelo musgo de Domínio para se encavalitarem muro acima a ver se chegaram os regalos que lhes são devidos.

Muitos homens, trabalho de carrego, mulheres não menos empenhadas, um empurra e passa de «este é para mim». Ao largo, os contentores que os Obreiros descarregam para a semana, grandes caixas de madeira *enchuvada* por todo o lado. Haviam de pedir mais de mil vezes que a carga para Domínio fosse enviada com mais cuidado com a água e mais de mil vezes as caixas haviam de chegar encharcadas. «Enviamos-lhes as bagas pisadas para a próxima», pensavam não poucas vezes. Mas em Domínio a vingança tinha menos de sete dias e na semana seguinte lá ia a gota perfeitinha e com muitos beijos.

A tudo isto Barqueiro assistia, impávido. Se a ele lhe pagavam para levar a carga daquela gente a bom porto e devolver o barco carregado de gota, não fazia parte do trato pôr sequer os pés naquela lama, sujar os sapatos tão esbranquiçados de homem da outra margem naquele Domínio que é só de quem lá está. A viagem da Capital durava-lhe três dias, frente e verso, três para lá, três para cá, tanto que a sua vida era mais propriamente chegar a um porto para se pôr a caminho de outro. Não havia tempo de se dar a passeios, não havia interesse em

criar abraços aqui e ali para que logo em seguida tivesse de se desamarrar e pôr-se ao fresco. Em Domínio, Barqueiro era da Capital e, na Capital, Barqueiro era de Domínio. A sua fidelidade às duas terras havia, contudo, de se notar. Mas esses são tempos para os quais ainda muito falta, e até lá ainda há muita história que contar.

Esta nacionalidade de rio e mar, porque de um porto ao outro havia dos dois, fazia do homem uma ríia. E era na condição desse tal acidente geomorfológico que Barqueiro se via nem de cá, nem de lá. Antes dado à ação das marés e sem grandes ambições de se guiar por outro lado. Barqueiro conhecia bem a costa de Domínio. Se falasse com quem vivia naquela terra, saberia informar da veracidade da Fortaleza, da autenticidade do Mar das Aranhas e da sua praia, e da ferocidade do oceano a bater longe. Saberia dizer que havia outra terra, chamada Rio, entre Domínio e a Capital. E que lá já não chovia. E que lá já toda a gente dormia mais ou menos à mesma hora. E, mais do que saber de Rio, Barqueiro passava amiúde pela Praia dos Vidros, cenário de importância idêntica à de Domínio e Fortaleza para o mapa desta narração.

Muito informado, este Barqueiro sabia bem para onde ir depois de sair do porto de Domínio. Assim que estava esvaziado da carga e assim que atestava o porão com a gota, pouco andava o barco até que se firmasse de novo, geralmente com pressa, geralmente sem lá passar mais tempo do que o necessário para esvaziar a carga que trazia semanalmente escondida da Capital para Domínio.

Assim atirada a âncora na Praia dos Vidros, um homem e um rapaz vinham ter com Barqueiro. O homem era sempre o mesmo, mas o rapaz mudava consoante lhe parecia. Ou, então, era sempre o mesmo mas semana a semana ia crescendo, e Barqueiro, ao contrário de tantos em Domínio, era pouco dado a apreciar rapazes. Difícilmente alguém o avistaria nesta paragem assídua, mas clandestina, na Praia dos Vidros. Do porto de Domínio, assim que Barqueiro zarpava, já quase ninguém dizia adeus de lencinho e preces, pois já se lambuzavam com as confeitarias que vinham da Capital. Os que lá ficavam, Obreiros a tratar das caixas ou a reparar algo que afligisse, veriam, no máximo, o barco navegar meia légua imperial, sendo que depois, como tudo no horizonte, se perdia em brumas e desinteresses. Havia quem ficasse a olhar para longe, para o que não se vê, mas geralmente ou eram ceguinhos ou tolos, que ninguém olha com os olhos de fora para algo cuja vista não conseguirá nunca alcançar.

Assim, quando Barqueiro parava na Praia dos Vidros, já o radar dos olhares de Domínio estava longe, os de Rio ainda não tinham qualquer relevância e os da

Capital ainda menos, a não ser que tivessem todos olhos de imaginação e se pusessem a pensar que, entre Domínio e Capital, na sua viagem semanal de regresso, Barqueiro havia de parar noutro lugar que ninguém soubesse, onde existisse uma praia cuja areia tinha há muito desaparecido e onde havia agora uma infinidade de pedrinhas polidas e multicolores, que lhe davam nome. Com a imaginação das pessoas bem podia Barqueiro, por isso não se preocupava que lhe descobrissem a tramoia.

Também nesta praia de vidrinhos de outrora Barqueiro se detinha à proa do barco. Porém, ao contrário da sua pose em Domínio, todo «olhem lá o que vos trago e que amigo que sou, observem-me, que belo, erguido sobre vós», aqui Barqueiro permanecia acororado, cigarro no horizonte, cara para o outro lado.

O homem e o rapaz, todos botas a calçar vidro multicolor, tão-pouco falavam. Aproximavam-se do barco, destreza característica de tanta rotina, abraçavam a carga que vinha lá de cima e passavam a fazer o caminho inverso, lado a lado, caixotes de madeira na mão ou, outras vezes, panos enovelados em matéria que havia de valer, tal era o cuidado com que com ela marchavam vez contrária praia fora.

Feito o descarrego, Barqueiro levantava-se e seguia viagem. Dois dias e muito depois, estaria na Capital, ouviria ais e uis perante o carregamento de gota e preparar-se-ia para nova viagem, sempre igual.

Era só depois de abrirem a pequena porta, e entrados numa sala de taberna com palco ao fundo, que o dono do lugar e o rapaz pousavam as caixas. Abriam-nas e viam-nas muito estimadas. As garrafas de Gota todas encostadinhas umas às outras, quase vinte e quatro por porção, uma semanada.

— Achas que ela vem hoje?

— Ela vem, Rapaz. Sente o cheiro a Gota e nem que se lhe achessem três furacões em torno.

Entraram no recinto, outros rapazes ajudaram-nos a carregar o material para dentro. Em silêncio, quebrando-o apenas com uma gargalhada ou um «Será que?», todos trabalhavam para pôr a casa em ordem. Era noite de Gota nova e ali já não estavam em Domínio. A coisa subia, e não era pouco.

Amor entrou em casa com o estrondear das marés. Muda, impávida, sentiu a pequena trepidação do chão de laje e, com um gesto, esticou a mão explicativa para as botas do rapaz, carregadinhas de lama, ímpios soldados metralhando a limpeza da laje de Muda. Com a rapidez de quem está furioso, Muda trilhou-lhe a passagem, atirou-lhe panos aos pés e levou muitas vezes a palma da mão à testa, lembrando uma película de cinematógrafo, não só pela mudez da atriz, mas pelas falhas artísticas com que parecia intercalar os gestos, boca aberta em «ah» para o filho.

Amor descalçou-se e depois riu-se. Corpo de rapagão, não seria de todo estranho que alguém dissesse que um escultor lhe moldou as curvas e que esse artista andava a trabalhar na apresentação de uma cópia de estátua de homem helénico para os professores mais velhos. Não seria estranho, antes altamente improvável, pois em Domínio carecia-se de estátuas, que é para não dizer que não as havia de todo.

A última, ainda Muda se lembra, era a do anjinho de palmas das mãos viradas para o céu, que cuspiam água pelos lábios, ali mesmo ao lado do mercado, enraizado numa fonte que lá permanecia em honra sabe-se lá de quem e tão inútil que só poderia mesmo ser de outro tempo, daquele em que não chovia em Domínio. No anjinho, esse, caiu-lhe a cabeça a certo vento, e lá ficou a figura a jorrar água do pescoço, mãos abertas aos astros, fragilidade empedernida em goela aberta até que lhe acharam alguma misericórdia e terminaram de vez com aqueles despropósitos. Com tanta coisa que fazer, a não cabeça do anjinho da fonte do mercado não foi preocupação de grande monta para nenhum Obreiro até que o povo começou a parar diante dela e a rir-se à chuva, costas curvadas, mãos a segurar os joelhos e arranques de gargalhada que incomodaram Ministro.

Ter uma estátua acéfala, ainda vá que não vá, é causa do tempo, da chuva que não passa, do vento de feição. Agora, de risos já Ministro tinha tido a apresentação dos Obreiros, que resultara em nudez. Pelo sim, pelo não, Ministro não esperou a novidade que as gargalhadas desta vez trariam a Domínio e resolveu encerrar a questão por ali, pedindo a um Obreiro que livrasse a estátua da fonte e lhe desse bom descanso no fundo do rio.

Soubera a pobre imagem empedernida que o fundo do rio não lhe ia servir de

descanso e ter-se-ia deixado ficar descabeçada na fonte por mais uns tempos. O povo de Domínio, pouco dado a deuses, mas muito às crenças, encasquetou que havia de aquele ser o tão inocente padroeiro de preces. O anjinho desmiolado do fundo do rio reuniu assim um consenso — o de que era a ele que se deviam orientar pedidos de proteção e impossibilidades. Pouco firme, esta crença, que entretanto se fez interjeição, como amiúde acontece com estas coisas de se estar a meter algum deus ou semideus na frase.

Fazia, no entanto, algum sentido às personagens de Domínio que assim fosse: um cordeirinho de Deus que, devido às chuvas, perdeu a testa e foi parar ao caudal. Seria essa figura a que olharia por eles. E por isso aparecia em efígies, estandartes e bandeirinhas, feitos em tempos mais recentes: o bonequinho com asas e sem cabeça, símbolo daquele território onde sempre chove. Quem não achou grande piada foi Ministro, que à tentativa de contenção de gargalhadas não estava ele à espera que se lhe seguisse a devoção. Mas já conhecemos o pouco caso que Ministro faz das preocupações e a célebre expressão de escárnio com que desdenha o que realmente o afeta pouco ou nada.

Já entrado em casa, Amor levantou a mãe pela cintura, para que esta não passasse pelos despojos das suas botas. Ali carregada como um vitelo, Muda estrebuchava, mas ria-se, cheia de franjas desconcertadas e panos de cozinha encharcados. Pousou-a já na sala e imediatamente Muda ajeitou a saia, e, ato instintivo de todas as mulheres que limpam, antes do que quer que fosse já estava a passar a mão a ver se o tampo da mesa tinha vestígios de pó. Uma vez refeita e descansada, olhou o filho e mediu-lhe o cansaço. Ao percebê-lo fino, moveu o queixo num consensual «E então?»

— E então mais um dia. Pasmei um pouco para lá da ponte... Não me canso de imaginar o que para lá vai.

Com um gesto de «não quero ouvir mais desse disparate, Amor», Muda encaminhou-se para a cozinha, lestinha, mulher de ancas redondas e idade por definir, tanto que havia quem lhe desse os parabéns ao olhar-lhe o ventre e quem quisesse fazer a boa ação de a amparar nas descidas. Muda era daquelas mulheres intemporais nas quais a gravidez e o desajeito da idade podem conviver numa fisionomia que, se não se atira para miúda, não chega a ninguém como velha. Traíam-na as mínimas rugas ao redor dos lábios, e com atenção ver-se-lhe-iam as pernas cansadas. Mas, assim, à primeira vista, Muda não dizia a que idade vinha.

— Não me fuja, Dona Muda, que ainda lhe hei de ensinar a escrever para que não me possa escapar de contar a história como deve ser.

Amor terminou a frase já com uma mão no ombro da mãe, atirando Muda para baixo em jeito de brincadeira. Ainda a cirandou uns instantes, mas depois foi a própria quem o empurrou para fora da cozinha, toda querer sorrir e não poder por vontade de manter a pose de quem se tem muito atarefada. Amor girou nos calcanhares e já se adensava casa adentro quando lhe chegou uma voz masculina perguntando-lhe se não havia jeitos de dar um sinal de chegada ao pai.

O pai de Amor, homem grande, imenso, tanta carne num só homem, ainda lhe viu a sombra de filho nu, mas nada mais do rapaz conseguiu apanhar. A porta do seu quarto estava entreaberta, como estava sempre, mas o filho passou por ela como se de uma parede com um quadro, dessas pinturas de mesinha de corredor, se tratasse. Passou lesto, ainda escutou o pai, mas sabia que, se lá entrasse, não sairia antes de esticado o tempo, e por isso fez menção de ir para o seu quarto e ignorar Homem na Cama.

E a Homem na Cama não fez grande impressão que Amor se escapulisse sem um afago de filho, sem um rodeio de brincadeira como amiúde prestava à mãe. Homem na Cama estava demasiado acostumado a estar numa posição de invisibilidade quase tão rasteira como a de um lençol branco. Sendo aquilo que se espera ver em determinado lugar, há coisas e pessoas que passam pelos olhos dos outros sem admiração, e era essa mesma que faltava a Amor em relação ao pai. Homem na Cama suspirou, tão de fininho, tão de garganta fechada, que a si mesmo dava dó. Um suspiro que lhe saiu como saía a alegria, a tristeza. Estar desalmado ou no cúmulo do espírito, para Homem na Cama, eram leves alterações de silhueta que passariam despercebidas à mais empenhada das atenções. Olhou em torno, revirou-se um pouco nos ombros, que o resto era favor mexer-se. Atirou duas taças com restos de leite e fruta da cama abaixo, sem querer e na vantagem de a mulher, Muda, não lhe poder gritar perante os desarranjos. Abriu um pouco as pernas, criando um breve espaço de respiração encimado pelo lençol trocado com frequência, e coçou o entrepernas, sumidinho, rasteiro, amigo que só se conhece depois do passou-bem, pois a vista há muito que não lhe era posta em cima.

Homem na Cama não era um homem na cama quando ele e Muda casaram. Já não era nenhum rapaz e os refegos saíam-lhe um pouco pelas fraldas das camisas, mas ainda passava pelo mercado a perguntar dos legumes, ainda dava um jeito às telhas para a chuva se amedrontar e ainda batia o sapatinho de verniz preto pelas calçadas de Domínio, cheio de afazeres que nada importavam, mas que o entretinham. Depois, o peso foi chegando. Mansinho, dobra aqui, dobra ali. O

clap das cuecas a não segurar o nó inteiro na barriga, o botão que Muda alargou seis vezes até substituir por uma corda laça, o pescoço a encontrar o queixo com espanto, como amigos desaguizados que não estavam à espera de se ver tão cedo. Mal dele, Homem na Cama reparou que não estava a comer mais do que antes, não era de grandes banquetes e até o deixava enjoado todo aquele melodrama feito em torno das refeições.

Mas, de tempos a tempos, notava que o olhavam com desconfiança, que apartavam dele as crianças de Domínio, quando tão convicto ia nos seus afazeres imaginários rampa acima, rampa abaixo. Reparou que o olhavam com ar de «que se vai pôr a comer o que não é dele» e que, por muito que explicasse que não levava à boca mais do que antes, que tivesse resolvido ficar mais de uma semana num entra e sai da tasquinha do porto, sem comer uma folha de alface, pronto a mostrar a todos que não era da comida que inchava, ninguém lhe parecia dar crédito. Que isto de as pessoas desfazerem o que têm em convicção é coisa que tem que se lhe diga, e nem quando o desgraçado de Homem na Cama chorou, quando foi ao ourives cortar a aliança, que já estava toda envolvida pela carne, e este lhe acertou também o tamanho do dedo em desajeito, as pessoas se emocionaram.

«Não como, não como, não é comida!», esbracejou. Mas os olhos dos outros continuavam a julgá-lo e já se largava a boca do povo a injuriar aquela tamanha opção de engordar até rebentar, o infortúnio de Muda e seu filhinho com tamanho traste em casa, e daí às proporções de enormidades foi um ápice. Só não foi assunto presidencial porque de Domínio as coisas não saíam e Barqueiro estava-se bem nas tintas para o homem que engordava sem comer, pois aquilo não era notícia que lhe importasse levar para lado algum. Verdade seja dita, porque também Barqueiro achava que aquilo era conversa de gordo. Que Homem na Cama não comia à frente dos outros mas devia, em casa, ser do mais abjeto que existia, roubando comida aos armários, enfarpelando-se de gorduras e sais, tirando o pão da boca a mulher e filho.

Cansado das injúrias, Homem na Cama enfiou-se em casa. Esbracejou contra o sistema, de nada lhe adiantavam os olhos misericordiosos de Muda atestando o seu praticamente jejum a cada dia. Amor tornou-se-lhe um estranho, primeiro porque os rapazes têm essa coisa de se desaguizar com os pais mal lhes aparecem os primeiros pelos na venta, e depois porque crescia atlético, romano, tão profusamente diferente daquele homem que engordava dia após dia sem comer. Ainda andou a fazer uns arranjos lá em casa, querendo ser útil. Casinhas para passarinhos, topos de armários, e até houve uma altura em que se meteu nas rendinhas, tão perfeitas lhe saíam que Muda encerrava panos e golas com elas.

Antes de cair de cama, a Homem na Cama deu-lhe para as miniaturas, e então era ver aqueles nove troncos carnudos e meio a modelar princesas na argila de Domínio, assim do tamanho de menos de unhas de criança nova. Achou que o barro era coisa muito grosseira, e por isso, passado pouco tempo, passou para a porcelana, ocupando o forno de Muda horas a fio com dedais, que depois envernizava, tudo tão pequenino que eram mais as vezes que deixava cair, e lá ia uma princesinha banca abaixo ou uma imitação em porcelana envernizada de um cacho de gotas feito com muita dedicação e esmero.

Muda ainda os levou à venda, entregou aquelas peças a duas ou três almas, a ver se os fregueses as queriam, mas, pouco dada que era a mentiras, não escondeu o facto de serem produzidas e enfeitadas pelo seu Homem na Cama. E, nisso, Domínio herdou os vícios do resto do mundo, já se sabe como as falsidades se sobrepõem à verdade e escalam picos de montanha com a rapidez de um piscar de olhos. Convencidos que já estavam de que Homem na Cama engordava sem comer, houve alguém que disse a outro que aquele peso todo havia de ser praga pegajosa e que mais valia que não tocassem nas miniaturas de porcelana, não fosse o malzinho passar pela camada do verniz.

Muda ouviu as primeiras pessoas comentarem estas conclusões e, piedosa, ainda ocultou o facto do marido por algum tempo. Levava na mesma as peças de cada vez que saía, mas, ao invés de as deixar para serem vistas pelos olhos de quem as comprasse, deitava-as ao rio, abençoando-as ao anjinho sem cabeça que lá jazia, rogando-lhe piedade. Séries de raposinhas e outros animais do bosque, que era para isso que estava a dar ao artista nessa fase, todas derramadas água abaixo. Mas todos os dias Muda chegava a casa e o homem a olhava com o ar da excitação garota: «Foram quantas que vendeste hoje, mulher?» Muda, incomodada com a mentira e sem saber onde justificar o gasto da renda que as supostas miniaturas geravam, lá lhe acabou por contar a verdade, entre mãos abertas a fazer redondo e gestos que significavam a repulsa das pessoas da terra.

A partir dessa altura, não se sabe se um dia ou uma noite, Homem na Cama caiu nela e dificilmente dela se levantava. O que a mulher lhe contara emudeceu-lhe a cara, mas encheu-lhe os olhos de lágrimas. «Que maus são com os gordos, estes homens», e foi devagarinho que se despiu, homem todo choroso, para se enfiar na cama, então só dele porque só ele lá cabia. Passou a ver a vida da casa pela porta entreaberta e, já que a Muda estavam vedados os sons, era Amor quem lhe trazia notícias de fora. Ter um filho Obreiro lustrava-lhe o orgulho, não obstante Amor passar quase sempre depressa pela nesga da porta do quarto do

pai, e nas raras vezes que lá entrava era quase sempre para pedir que lhe contasse uma determinada história, à qual achava que ainda conseguiria juntar pormenores.

Homem na Cama, desgraçado por ter de repetir a história que Amor lhe pedia, uma que não era, de todo, do seu agrado, fazia-o para ter o filho por perto. Neste misto de «faço mal e bem ao mesmo tempo», ia alimentando motivos de ódio e sentimentos de revanche naquele que o ouvia. Aquele filho que era dele só em afeto, pois Muda já vinha de lhe rebentarem as águas quando Homem na Cama a viu pela primeira vez.

Ia ele numa das suas voltinhas de cão compenetrado e vinha ela toda aflição e «ai Jesus» por dizer. Era essa a história que Amor pedia ao pai que lhe contasse até este não saber mais com que adornos encher o mistério.

Pousados finalmente os cotovelos no balcão, Dono olhou a taberna com um ar de «hoje é que vai ser». Ao lugar sobrava em brio aquilo que lhe faltava em descanso. Situada já fora de Domínio, não era a chuva que atrapalhava os que iam à taberna de Dono, mas a lonjura, claramente mais percebida do que expressa em tamanho. Para se chegar à Praia dos Vidros apenas de barco, baía de Domínio fora, ria deixada para trás, Mar das Aranhas de um lado, Mar de Vidro do outro, ainda havia que dar rédea solta à embarcação numas quantas ondas e só então se acercava do pequenino porto da Praia dos Vidros, onde mal cabiam os quatro degraus que desciam à água, aconchegados pelos milhares de pedrinhas multicolores que, tendo sido garrafas, frascos de perfumes, vitrais e copos noutra vida, hoje polidas e arredondadas pelas marés e pela ventania, eram quais joias ao sol, quando este brilhava, ou ao luar, altura em que, em certos dias, a agitação do vaivém de comensais dava à costa.

Para início de conversa, estavam lá proibidos os Obreiros, decreto assinado por Ministro, todo enfarpelado e «não quero cá bebedeiras entre os que trabalham». Não eram poucos os que faziam ouvidos moucos à ordem. Porém, à conta de lá estar tantas vezes Ministro, eram poucas, ou nenhuma, as vezes em que não eram apanhados. E porque começámos a conversa, mais vale continuá-la, também não era de bom-tom às pessoas empregadas passarem pela taberna. Já sabemos das confusões dos hábitos em Domínio, e então, se se viam acordadas, era de esperar que trabalhassem. A farra era malvista, era sinal de que a pessoa estava a usar o tempo, esse bem tão dinâmico por aquelas bandas, da forma que lhe apetecia. E são conhecidas as reticências que o humano tem em usar o tempo como lhe apraz. Mais vale que o vejam a trabalhar, a bulir, a caminhar rumo a alguma obrigação. Há coisas que em Domínio não diferem assim tanto de outros lugares.

Apartados dos Obreiros e dos empregados comuns, resta ainda referir que era preciso a imposição ser paga, que o dono do barquito que fazia a rota entre o porto de Domínio e a Praia dos Vidros — nada mais nada menos do que o nosso Homem das Imposições — não andava para cá e para lá, Domínio, Vidro, Vidro, Domínio, por ser boa pessoa e lhe faltar o que fazer para se entreter. Géneros, eram aceitáveis, encontros combinados também. Mas nem todos tinham prova para dar ao homem, mão estendida à espera da taxa, que quando se vai para brincar não há cá solidariedade entre gentes das chuvas. Homem das Imposições,

meio manco, todo cigarros encharcados e bigodes grisalhos, guardava rancor à vida.

Primeiro, por esta estar sempre abaixo das ordens de Ministro. Era daqueles subalternos que vivem nas entrelinhas do legal. Sem autorização ou condição para grandes voos, a vida atirou-o para a travessia do mar dos pequeninos, fazendo pouco mais do que o tempo de doze cantigas para dentro, ao passo que Barqueiro andava em longas viagens. Era um homenzinho somítico e sem modos, a quem interessavam pouco as necessidades que as pessoas tivessem, sem nome que se apresente e sem vida conhecida. Poderia levar no seu barco vinte vezes a mesma pessoa que nem um «como vai a vida» lhe deitava, antes a mão em prontidão absoluta, antes o remoer se aquele encontro proposto e prometido lhe conviria como paga da travessia entre o porto de Domínio e a Praia dos Vidros. Daqui a nada, saberemos mais sobre as viagens deste homem, mas para já deixemo-lo na sua travessia de barco.

Assim, acabavam por ser apenas alguns, mercê das circunstâncias, aqueles de Domínio que iam à taberna de Dono. Ou porque não lhes permitia a função ou porque a função era suposto ocupar-lhes todo o tempo que estivessem de olhos abertos, ou porque lhes faltavam ideias e meios para a paga do mal-humorado Homem das Imposições. Eram bastante repetidos, portanto, os fregueses e as freguesas que se metiam costa fora para dar um pé de dança na taberna, deixar-se inebriar pelas bebidas que Dono lhes servia, ver os rapazes cirandar entre as mesas, ouvir as palmas a um que se pusesse a armar em *teatreiro* ou ver o que tinham preparado para fazer os olhos arregalar, a boca abrir em sorriso e a barriga contrair-se em gargalhadas.

Havia a Gota, pois claro, que contribuía para que os braços se esticassem em danças até ao teto e que os amores acontecessem facilmente, de mesa para mesa, olho trocado e já meio pingado de denguiço. Mas quem lá ia não sabia que o que tomava era a afamada bebida, misturada que estava com uma erva daninha. Ministro tinha consciente o fluxo do contrabando, e este sabia-lhe bem à carteira e aos ossos, mas aí dele, desgraçado, se soubessem na Capital que fechava os olhos ao desvio dessas garrafas, livres de imposto, livres de selo emitido no salão dos «ora por obséquio» e «faça favor de passar primeiro, sua excelência» da cidade patroa.

Homem a quem poucos faziam vénias ou de quem se lembravam na Capital, Ministro gostava de fama na terra para onde fora destacado para mandar havia tantos anos. Em Domínio, Ministro era figura de «vá, eu deixo», de «pronto, eu

perdo» e de «então fica decidido». E aquilo agradava-lhe, a coisa pequena de ser tratado com deferência de homem de Estado, essa gabarolice tosca dos títulos e dos termos certos, prontos a serem oferecidos de mão beijada para que depois, em casa, cada um se risse do homem e da sua pompa, referindo-se amiúde a Ministro como *o Coça*, já se entende porquê e à conta de que circunstâncias e leitões o homem terá apanhado o vício de os ajeitar à pressa para acalmar a comichão.

À travessia de Domínio para a Praia dos Vidros não faltava encanto, contudo. Imagine-se que se deixa essa terra húmida, cansada da morrinha, Domínio, e as ruínas de luz tapada, as caras encurvadas de nada olharem ao longe, os céus iguais, compenetrada cor de pó e lã que não muda nunca, e entre meia dúzia de «uôôôs» de barco a galgar ondas, se passa a fronteira da chuva e se chega a um portinho de imensa luz e chão de pedras brilhantes. Aos que vão à taberna de Dono, aquela passagem adensa a vontade de festa, mexe com qualquer ideia que tenham de felicidade e é como um parto santo.

Na taberna, Dono permanece de cotovelos presos ao balcão que encerrou com cuidado. Homem de portinho, tez carregada, olhar onde parecem estar encrustadas duas das pedrinhas daquela praia. Olhos anchos, modo corpulento, peito aberto e casaco de malha a proteger da estalada que dá de noite ao peito o vento norte do Mar de Vidro. Observando as mesas dispostas em semicírculo e o estrado tablado a que os rapazes chamam palco, Dono inspira pela última vez aquela ideia de que algo vai acontecer e bate com as mãos fechadas no balcão, levantando o tronco.

Embalado pela canção que os rapazes cantam por trás do palco, espaço que os cenários de trabalhos antigos dividem com as garrafas que hão de dar em cascalho e os bancos onde por ora se esticam e adiantam em gargalhadas e em «tenho mesmo de te contar», Dono recorda noites da taberna. Tão boas, o gosto pelo brilho, a surpresa na cara dos comensais, o fumo dos cigarros a voar até ao teto, o vapor da água em efeito a cair pelo chão, os poemas declarados, uma bebida derramada em aplausos, aquele bruaá de casa cheia que se cala como que parecendo combinado, deixando alguém, que talvez não estivesse na tal reunião onde todos acordaram calar-se em determinado segundo, lançar uma frase que, não tendo sido dada assim tão alta, no silêncio que surge é um autêntico pregão. «... lambeu-me todo», recorda-se Dono de ouvir numa dessas pausas de som.

E assim sorri, estreita os olhos para o alto e pede, como a cada preparo de noite, que ninguém se moleste com a Gota contrabandeada, que quem lá vai, percalços passados entre mares e portos, dê o seu tempo por bem entregue e que

por lá deixe algum, que lhe sirva para acrescentar ao sustento dos seus rapazes, gatinhos tresmalhados apanhados a virar espinhas de peixe pelos portos destes mares, e agraciar Mulher, que empreendeu a empreitada de ali erguer uma taberna.

Também Dono foi um desses miúdos morenados pela luz que deambulam à sorte por terra que lhes dê pão. Não conheceu mãe, pai muito menos, e se os houve melhor fora que nunca se lhe apresentassem, tamanha a porrada que levariam do homem agora feito. Da Capital, infância fria, joelhos amargados de tanto lhe empurrarem os ombros contra as pedras, pedacinhos de esmola desajeitada à porta de casas, olhares que esperavam que lhes passasse rápida aquela imagem de criança com ar de manhosa, «que anda na rua porque quer, com tanta casa para trabalhar», Dono guarda o alívio da partida. Se a pé aquela terra é praticamente intransitável, mercê da geografia e do perigo da desorientação, foi por praia que pôs pés ao caminho e foi com sorte e boa estrela que chegou, maltrapilho, miúdo todo enfarruscado, à Fazenda da gota, borda limite de Domínio, onde o acolheram e deram função. Fazer-se ao mato de gota, como os outros, arrancá-la de qualquer lado e encarreirá-la para o vime.

De trabalho aquilo pouco tinha, era mais manter-se vivo a levar vergastadas nas costas para fazer cumprir a promessa de oitenta cestos por jorna. A princípio estranhou a chuva de Domínio, que, embora mais miudinha nas fronteiras da terra, era ainda daquela que não se para. Fez-lhe confusão desnortear-se tanto. Logo ele, rapaz leitor de estrelas, que calcorreou espaços para se livrar do tempo, foi dar àquela terra de poucas falas e sisos perdidos em achar que o tempo se maleia, relógio pendurado à toa numa estradinha do centro, pessoas amassadas de água e anjinho sem cabeça.

Era certo que não o amaciava dormir enjaulado num ror de tábuas com mais uns quantos, que, de tão desajustado de tudo, aquele clima o fez de início tossir, dar-se a febres, revirar-se no campo. Não recebia com prazer as vergastadas do capataz encarregado de pôr os miúdos a dar à corda, a dar das pernas, a fazer-se ao tempo antes que o tempo se pusesse neles. Mas o tempo, ele próprio, foi passando, como um rufar de tambores que se transforma num latido constante. De tanta porrada, o corpo acha pouco quando vem em dose menor, de tão pouco sono, meia hora a dormir é um diamante, e de tanta miséria de criança, meia laranja, água com limão, duas peças de pão, todos os dias, são o manjar que com fausto se celebram os dias.

A conversa do hábito é bela de se ouvir. A verdade, porém, é que o pico da

revolta fica entranhado e não há alma que se amarfanhe a tamanho viver de injúrias e privação sem que disso saia sem alguma sede de vingança. Não obstante o facto de a história de Dono não ser de vingança, soube-lhe bem quando conheceu Mulher, toda prática de enleios e segurar de chapéus, ensombrada num «não me vejam» que teatralizou ante o seu olhar adolescente. Lá no alto, Mulher apontou do telheiro da casa-mãe, costas guardadas pelo dono da Fazenda. «Aquele», pareceu-lhe ler nos lábios dela.

E desde então houve um tratamento especial a Dono. A laranja vinha em gomos, encontrou pela primeira vez um colchão de palha num vão de escada para onde foi empurrado. A cada acordar, uma novidade. «Hoje é dia de braços» e «ora prova aqui a ver se gostas», e o corpo de Dono ganhou feições de força, o rosto acobrou-se com largura e os cabelos pareceram-lhe pela primeira vez feitos de fios e não de uma amálgama de palha e lama.

Não tardou que alguém o enfarpelasse e o pusesse num barco, com rumo desconhecido. Viu afastar-se a Fazenda da gota, ponto pequenino lá atrás, e passou debaixo de uma ponte fininha. O barqueiro, o das Imposições, assim mesmo mais minúsculo do que o outro, apontou para um dos lados e murmurou qualquer coisa como «há para ali uma fortaleza e uma praia de aranhas que valha-me o anjinho do rio que se soubesses o que por lá se passa», o que a Dono pouca curiosidade despertou. A estupefação perante o inusitado dos acontecimentos era maior do que qualquer reparo à paisagem.

Sentindo os pés incomodados pelos sapatos em que se enfiaram, andava no barco para lá e para cá como os cães quando se lhes tapam as patas, procurando — parecia — evitar que as solas contactassem em demasia com as tábuas, não fossem estas zangar-se. O Dono que ia naquele barco, que não prestava atenção ao barqueiro, era já um rapaz feito, certeza permanente dos campos de gota, pés de praia, mão em pala quando passaram a fronteira entre os dois mares e a chuva acabou para dar lugar ao tempo que fazia na Praia dos Vidros, que, não sendo sempre sol, ao menos não era a monotonia das chuvas de Domínio.

Aquele tal barqueiro empurrou-o pelos degraus do pequenino porto dos Vidros e disse-lhe que estava pago e que pegasse lá naquela chave que lhe estendia. A única construção digna desse nome que havia naquela praia era um barraco mal-amanhado, quase uma ruína, coberto de heras e com lençóis brancos a secar cá fora, que reverberavam o brilho das mínimas pedrinhas multicolores que faziam a areia daquele lugar.

Não houve necessidade, contudo, de dar uso à chave, pois a porta abriu-se e

dela surgiu Mulher, que o escolheu tempos antes na Fazenda da gota. Estava mais alta, pareceu-lhe, mas depois percebeu que era porque não tinha subido os degraus do porto e estava com os sapatos, esses que lhe deram para que não partisse descalço como veio, enfiados na teimosia da água que parecia fazer finta às suas pernas e jogar com ele um «vê se me apanhas».

Mulher observou-o por alguns instantes, tempo de Dono se questionar «por que raio», e depois esticou-lhe o braço pelo ombro, acercando-o de si própria, parecendo-lhe que aquele braço se tinha esticado mais do que o seu comprimento. Dona de alto porte, cabelos agora soltos e encadeados no pescoço, seios e barriga. A Dono, passado o espanto de voltar a ver a figura, começou a dar-lhe os calores, que isto de ser criança há muito que já lá ia e aquela dona, sendo ainda vintaneira, era de formas que agradavam ao rapaz.

Mulher exclamou um desconsolado «ah, és tu», como se fosse incógnita a visita, e a seguir entrou naquela que viria a ser a sua taberna, fazendo-lhe sinal para que a seguisse. Seguiram-na Dono e algumas palavras, muito poucas.

— Vai ser assim. Sou de negócios. Venho a estas terras vezes de mais e entedio-me com facilidade. Sou mulher de festa. Festa? Sim, festa. — Fez com as mãos o gesto de dançar cheia de arrebiques. — Não me conheces, nem eu, sejamos francos. Mas estás-me bem recomendado e escolhido, foste-me bem treinado. Consideremos isto uma extensão do que fazias lá naquele lodaçal onde apanhavas as gotas, mas desta vez sem levars nos cornos.

À medida que entrava pelo que então lhe parecia um pequeno armazém sem nada, Dono ia habituando os olhos à escuridão. Os saltaricos entre luz e dia iam-lhe franzindo as maçãs do rosto, fraco de vista que já era.

— Agora cala-te e ouve — disse Mulher, sem que Dono tivesse proferido sílaba que fosse. — Monta aqui o espetáculo, ali ao fundo um palco, serve estrado tablado. Quero mesas e cadeiras, balcão deste lado, forra-me este chão com madeira, que isto assim é nojeira à certa. Ah! Livra-te de me *enratares* de bicheza neste espaço. Limpeza é fundamental, querido, fundamental.

Atónito, Dono nem percebeu que Mulher lhe acariciara o queixo coberto de pelos e lhe dera um estalidado beijo nos lábios. Afinal, o momento em que pela primeira vez beijara uma mulher não tinha tido o estrépito da gota, mas antes o corriqueiro esgar de alguém a completar uma fala à boca de cena.

— Quarto ali ao fundo, bem melhor do que a manjedoura onde passavas as noites. Água não falta, nem sustento para a boca. A mim o que me importa é que haja festa. Quero festa, amor, quero festa, e tu és o dono dela.

E, com esta, foi-se porta fora, barqueiro à espera. Sem mais nem menos, Dono espantou-se com o estilhaçar dos sapatos de Mulher no vidro da praia e quedou-se

imóvel, centro da casa, olhando em volta, rapaz crescido, enleado sem saber como foi ali parar.

*

Foram chegando trabalhadores à nova casa de Dono. Pediam-lhe ordens, diziam que assim não podia ser, que nunca tinham tido mestre mais molengão. Primeiro que Dono se abispasse com a tarefa de mandar, muita tábua ficou mal pregada e muita mesa de perna bamba. Quando lhe ganhou o jeito, porém, era um para cá e para lá de homens a baixar olhos, gestos miudinhos, mas certos, e, em pouco tempo, o que era mais para curral ficou a parecer uma casa pronta para a tão almejada festa que a outra queria.

Quando de lá saiu o último homem, abrilhantando agachado o chão que pisou, deixando um paninho molhado no encalço do degrau da porta, e antes mesmo de a fechar, Dono sentiu-se rei e senhor de territórios infintos, e dele saiu o miúdo que baixava a cabeça em sinal de esmola e o rapaz que fez das dores da coça indiferença. Ali, entre cortinados e copos, Dono pousou a cabeça nas mãos, cotovelos apoiados no balcão então novo, e imaginou os pensamentos dos que por lá passariam a alegrar-se.

Nos tempos de agora, as memórias foram dilaceradas por uma gargalhada honesta de um dos seus rapazes. Dono desabriu-se de sonhos e foi encontrá-los. Tudo teria de estar com o esmero da novidade. Vinha aí Mulher e era dia de festa.

Não alcançava nada à vista daquele último janelão da Fortaleza de Mãe e Filho. Pés no beiral, face em frente à água do céu de Domínio e corpo aberto a uma luz de franzir sobrolhos. Se as palmas estendidas recebiam sem sobressalto a chuva, o corpo protegia-se ainda dentro, precipício enorme, tentação do abismo. Filho apresentava-se assim a si próprio, todo ele hesitante, menino a ver-se contrário à prisão a que o submetem. Posto assim, naquele janelão de último andar de galeria, Filho, à vista de quem lá não estivesse e observasse do céu, seria um pontinho minúsculo, não se daria conta do novelo que lhe ia na mente, promessa de eterno ficar quando com o coração se sente o desejo de partir.

Ali assim, corpo com ânsia de querer, Filho aguardava novamente que Mãe despertasse, envolto em preocupações desmedidas, mãos cerradas, olhos esbugalhados por quase sempre haver choro. Dava-lhe tempo para pensar, aquela vivência tão de si e dela, aqueles momentos exatamente iguais, preciosismo de diamante, uns e outros, ali sempre, entornando as horas, se as houvesse, qual líquido viscoso mas que parte, que se escaqueira escadaria abaixo, ao longo dos quartos desabitados, *desencalorados*, portas eternamente fechadas pela culpa de serem apenas dois naquele véu de angústia. Filho e sua Mãe.

Sumia-se a imagem do rapaz, tronco nu, calças vermelhas, mãos cobertas de anéis, corpo esquálido de pouca luz e muito teto, pés magros, tez de vela, olhos de preocupação que lhe tolda o sinal da beleza. Como se tudo o que existisse fosse apenas a sombra de pequenos barcos que amiúde crê que vão chegar à Fortaleza. Esperança das esperanças, sabor do deixar que decidam sem bater o pé no mármore da grande entrada, pronta para festas e homenagens, coroações e fatalismos, e há tanto entregue aos passos de tão-só dois habitantes.

«Gosto de ti quando estás calado», dizia-lhe Mãe. «Gosto de olhar de modo que possa ver como te fiz, és tão perfeito em mim, Filho.» E queria-o perto e ele entregava-se à sensação de não querer mais mãe, de que aquela o afligia, o ocupava como numa dança de um baile assustado, preenchido por presenças de antanho, naquela entrada, naqueles passos de dois, que evitavam saídas.

No janelão corpóreo, Filho inteiro era mágoa de prisão, de não saber por que razão estava preso, apesar de ter pernas, de as ver, de as palpar em claridade ténue e de lhes perceber os músculos. «Vê-me, Mãe, vê-me, tenho andar e sei

«caminhar!», exclamava. Mas com isto sempre lhe virava a cara, quase mareada de ver que ao filho lhe cresceram tendões de adulto e maquinações de fazer por si próprio, sem que dela fosse preciso um gesto de estrela, um cair em cena, pobre maternidade que de tão efémera te tiram o para sempre da boca.

Não haveria como não ouvir os sons que novamente saíam do quarto de Mãe e o correr aflito de Filho ao seu encontro. Ainda era viva a mancha do pássaro morto a enegrecer de angústia o dia anterior. Mãe passara-o em consternação, após a decisão de saída de que fora informada. Clamara a sua inutilidade, arqueara os braços, cabelo preso às mãos, num discurso cheio de «claro, agora que já não tenho para ti serventia», de «e eu, fico sozinha?», mas quase sempre ocupado de mais «não consegues, Filho, não te vais orientar fora destes muros, para que presta dizer-to?» e rematado com «o que é de mim, sabendo tu como acordo sempre em enjoos e provações, que os dias para mim são chagas que me crescem a todo o segundo pelos braços fora e que é apenas a ideia de que te tenho, Filho, aqui tão perto, que me faz não me entregar à cama e dar-me à violência da dor que sinto dentro».

Postos os argumentos, tão iguais, tão repetidos, tão de cristal, que se ouviam sempre tinir com ânsia, Filho contemplou a franqueza dos mesmos e prometeu ficar. Que se deitasse, que esquecessem rapidamente a história do pássaro, que se deitassem ambos juntos e tentassem relembrar histórias do tempo de antes, de um Filho miúdo, de Mãe toda cabelos e colo, conforto.

Acordara novamente, e exigia presença. Atabalhoou-se pela escadaria e encontrou o quarto aberto, Mãe sentada, aliviando os intestinos em local pronto a esses propósitos.

— Entra, que mal me faz que me vejas nestes preparos? Como se houvesse mistério em fazê-lo um diante do outro...

— Prefiro falar daqui, Mãe.

— Que seja, já que te devo parecer feia. Mas fica a saber que tive uma noite como tem vindo a tornar-se hábito. Dores de corpo, de alma, revirar de olhos à conta dos nervos de não me vir o sono...

— Lamento muito...

— ... por causa daquela visão do pássaro de ontem, de saber que pousei cara e cabelo e cabeça... E já não marcada que chegasse, ainda tive de lidar com os teus despropósitos e as ideias de te adensares pela lama e te livrares de mim.

— Mãe... eu preciso...

— Alguém aqui te acorrenta? Estarás tão fraco que precisas que te carregue ou que chame o barqueiro para te encavalitares até ao ancoradouro?

— Não quero que fiques sozinha, Mãe.

— Conta mais — ri-se —, que assim cago mais rápido de tanta treta que ouço. Tu... queres saber de mim, Filho? Mal te apanhaste com meios de te safar daqui, não falas de outra coisa e os meus ouvidos estão fartos. Queres ir, vai. Engraça-te por aí com alguma dessas putas ou algum desses tarados que farão de ti brinquedo estúpido. Perde-te de amores por quem te empreste apenas um esgar de atenção. Hoje, quando vier o barqueiro, dá-lhe sinal de que te leve, junta as tralhas e manda-te, Filho. Não hei de esperar outro acordar para me estares aqui a jurar perdão. Por acaso sabes o que custa a vida? A culpa foi minha de te ter mimado tanto, de te fazer tão parco em juízo que já nem de ti sabes, quanto mais de mim, quanto mais dizer que é por mim que ficas, que te importas com a minha solidão. Sozinha vivo eu desde sempre, que não é o barulho dos teus passos ou a certeza da tua presença que me aviva a companhia. Mal estaria eu se contasse contigo para me amparar, homem injusto, filho que não conhece o cheiro da mãe.

Ao terminar o serviço, Mãe levanta-se e encaminha-se para Filho. Abraça-o. Afaga-lhe o cabelo na testa e depois põe o seu rosto frente ao dele, a escassos momentos de separação um do outro.

— Não me aborreças com os teus caprichos. Tenho o fardo de levar a nossa vida para a frente, sabes que sofri mais do que é suposto alma humana ter sofrido, nascida, criada e mantida nesta Fortaleza com quem tão mal me tratou. Não te deixes levar por essas emoções, Filho, não carregues em nós a culpa da tomada de decisão baseada em fraquezas da carne.

— Não sei do que falas, Mãe, o meu desejo é apenas o de sair daqui por algum tempo, não digo que te deixe, mas compreende-me... És tudo o que tenho, quero sair para aprender a cuidar melhor de ti. Também por isso. Quero, sim, conhecer um pouco deste mundo e a ele dar-lhe algo de mim. Mas é a ti que retornarei. Sempre, Mãe...

— Queres conhecer este mundo? — perguntou, já penteando os longos cabelos escuros. — Queres sair para esse esterco que é Domínio? Vai! Vai! Desaparece! Se preferes dois metros de lama aos braços da tua mãe, vai! Permito que vás, mas não me apareças de volta. Não quero esta casa conspurcada com os vícios daquela gente.

Filho baixa os olhos e observa a silhueta de Mãe enquanto se penteia. Na sua mente, brilham dois caminhos e o vislumbre da tomada de decisão causa-lhe uma dor sibilante nas têmporas, dor de moedeira, assim perspicaz porque não atenua. O que fará naquele dia? Terá finalmente coragem de deixar aquela Fortaleza de

decisões por tomar?

À chegada do barqueiro, o tal das Imposições, com alimentos de terra, Filho avança pela Fortaleza e importa-se em receber o homem. Ajuda-o a descarregar a fruta, os legumes e os grãos com que se alimentam Mãe e Filho, e tende a conversar com ele sobre assuntos práticos, que isto dos dias em poesia tem por força de vir acompanhado de comida, higiene e saúde, virtudes sem as quais não há prosa que se aguento. Mãe observa-os da janela do quarto, respiração sôfrega. Não gosta de ver que Filho se adensa demasiado com o barqueiro, que lhe dá asas a que se exprima de mãos abertas e cabeça a dizer que «talvez, talvez».

Admirado com as pretensões de Filho, o barqueiro hesita. Dir-se-ia que o homem está amedrontado. Tira o chapéu, coça os fiapos de cabelo, abre os braços e põe as mãos à cintura. Ergue os olhos e vê Mãe à porta da Fortaleza, olhos fixos nos seus. Esta acena-lhe, assentindo a que cumpra as pretensões de Filho. É só depois desta confirmação, e mesmo assim contrariado, que o barqueiro acede a levar o rapaz dali com ele.

Antes de Filho entrar no barco, decisão mais tomada pela ordem de sucessivos eventos que a isso levaram do que à reflexão que não foi capaz de fazer, já Mãe estava no ancoradouro, cabelos no ar e esticar de roupas. Nem ao «Minha senhora, já sabe que por mim não vai, sou-lhe fiel!» do barqueiro fez menção de responder, não obstante o facto de o homem lhe voltar a tirar o chapéu e estar a levar com a chuva nas ventas. Ignorando que antes o consentiu, partiu para um olhar em chamas em direção ao homem do barco, que dizia «de todos é logo este homem quem se atreve a levar-me o filho embora». Mãe esbracejava, procurava compreender o que ali se passava, se era real o intento de Filho, se se fazia ao mar naquela tarde. Enxotando as teias das aranhas que davam à costa no ancoradouro da Fortaleza, os dois homens observavam-na atónitos, mas foi o «Vou!» que fez derramar o desespero e o materializou.

Ao perceber que era intenção de Filho ir com o barqueiro, ou que, pelo menos, assim o davam a entender os pés dele, com intenção de subir para o barco e a mão em apoio no homem, Mãe encontrou apenas uma pedra no chão, coberta de teias, mas foi suficiente. Em silêncio, aproximou-se de ambos e fitou-os, mulher que não havia de ter lucidez constante. Com a mão direita e de um golpe só, mas certo, partiu um dos próprios dentes com a pedra que segurava, permitindo ao sangue dar sinais de vida pela boca fora, enxurrada de vermelho e chuva pelo colo, pelos seios, mão que se foi lá pôr de Filho e gesto de «com mil caralhos» do barqueiro que, mesmo sendo presença assídua naquele ancoradouro e conhecendo

o feitio da habitante daquele ermo, não a fazia tão desajuizada a ponto de se ferir assim.

— Quero ver-te a ir agora, Filho, sabendo que vou aqui estar nesta dor de desespero que foste tu que atiçaste.

Na vinda do quarto, Amor pediu permissão ao pai para entrar. Agarrava a porta com os dedos bem fincados na madeira e percebeu que, de tanto que ficava naquela posição, a porta do quarto do pai já chiava quando a queriam mover, o objeto com vontades, com capricho de estar onde quer. Homem na Cama olhou Amor e sorriu, pediu-lhe que se abeirasse e fez-lhe sinal para que se sentasse ali perto, mesmo a tempo de lhe apanhar as malgas de leite bebido do seu lado.

— Agora estamos como a Dona Muda? Já me pedes para aí me chegar só com gestos? — brinca Amor, enquanto abana a mão em cima da imensa barriga do pai, fazendo com que sacuda, qual anémoma hesitante. — Com isto de não saber quando te apanho acordado, vai para algum tempo que não falamos, passo sempre direito à porta, bem sei, mas sabes que te levo na mente em muitas jornas de trabalho, pai.

— Acho que de mim só te abeiras para ouvir a história, Amor... mas se é graças a ela que te tenho aqui ao pé de mim, então conto-ta as vezes que quiseres. Estás um bonito homem. Cresceste tão diferente de mim que, se não te tivesse contado de onde vens, à conta de seres tão diferente, tu próprio o descobririas. Vejam-me só esse peito!

— Sobra-me em músculos o que aqui te sobra em barriga, pai! — exclama Amor, jocosos.

— Oh... já sabes que nada posso contra este corpo que me cresceu desta forma. Não é...

— ... não é de comida, já sabemos todos aqui em casa. Que se duas ou três malguinhas de leite mal enchidas te alimentam por dia, não sabes onde foste buscar tanto corpo. Não era o que ias dizer a seguir? Descansa, pai, nesta casa queremos-te bem. Eu quero-te bem — sossega-o Amor, afagando-lhe a pequena testa transpirada. — Estive de novo aos portões da ponte, pai... Acho que vislumbrei a Fortaleza, lá ao longe. Tem píncaros de castelo enorme, não? Penso que lhe vi os torreões, as cúpulas e os telhados em castelo de pingos de areia! É assim, não é?

— Bem... não, Amor, não é. Nem sei bem por que razão lhe chamamos Fortaleza, que de forte tem pouco. Que é alta, ninguém há de negar, mas mais se parece uma Fraqueza, de tão esguia, de tanto parecer que um vento vai atirar a ponte ao chão e um tremor de terra vai transformá-la em cacos. Não é tanta a

verdade de ser lenta, Amor. Bem sabes que o Homem das Imposições lá vai pedir a imposição, e pode-ta descrever melhor do que eu.

— Corajoso, esse homem, pai. Pelo que me contas, os perigos sobrepõem-se às vantagens de lá chegar.

— Corajoso? Não... É um homem habituado às aranhas, Amor... Sai de Domínio quando nota que a maré está de feição a que elas estejam em repouso e assim aporta com mais precaução. De coragem não há nada naquelas viagens... é a ânsia de cobrar imposto. Mas não é permitido aos Obreiros...

— Sim, pai, já sei. A ponte, a Fortaleza, o Mar das Aranhas, o Cais das Aranhas, a Praia dos Vidros, Rio, Capital e a vida em geral... estão fora do nosso, como diz o Ministro?, «acordo expressamente firmado e consagrado pela digníssima firma das autoridades competentes, de manutenção do edificado e resistência às chuvas de Domínio central, excluindo assim áreas adjacentes navegáveis ou transitáveis a pé ou por outro qualquer meio efetivado ou imaginado». Conheço bem a lengalenga e assumo-a com honra, embora por vezes me custe ver-lhe sentido.

— Põem-vos sempre aqui, pois é aqui que são precisos, Amor. Não vos querem distrair em terras que importar-se-á lá alguém se aluviam ou não. Vocês são pagos a peso de ouro e ainda bem que assim é! Nada nesta terra fala de tanta honra quanto o ser Obreiro... Perdoam-se as famílias das imposições maiores, cobra-se o imposto apenas uma vez ao ano e este pode ser pago em géneros...

— Antes recebesse o teu peso em ouro, pai! — Com isto, Amor deita-se em cima do corpo do pai, espalhado pela cama, procurando lugar onde assentar as cócegas. — Mas conta-me lá tudo outra vez, vá, que hoje não estou com pressas. Da última vez, prometeste que te ias lembrar do caminho por onde vinha a Dona Muda quando a viste perdida em águas e aflições, embaraçada de mim! Lembraste-te?

— A tua mãe vinha do Mercado, carregada de sacos, como sempre. A função já era dela muito antes de se ver grávida de ti. Não me desconverses, que sei bem que já te contei inúmeras vezes de onde ela vinha e que, de cada vez que pedes que repita, é para ver se me atrapalho em algum pormenor. Mas descansa a tua ânsia, que esta é história que vejo bem passar em frente aos olhos. Nem preciso de os fechar, nem preciso de rebuscar muito cá dentro, pois é assunto que me está sempre presente. Foi num tempo em que já chovia bem, isso sabes, mas ainda não tinha sido dada a ordem de se tapar todas as ruas, um tempo em que vocês, Obreiros, já existiam, mas eram assim coisinha a começar, ainda assarapantados

com a obra que tinham em mãos.

»Ainda faltava fazer tudo em Domínio, embora já chovesse há muito. Faltavam os diques para o rio não se armar em mar, faltavam tetos em casas, degraus para se chegar às portas das casas, pontes e caminhos para contornar o rio, que as chuvas pareciam estar a roubar à terra. As ruas eram lama furiosa, e tínhamos de ver sempre por onde passávamos e os caminhos seguros faziam-se à conta de tentativas. Já não estranhávamos ver passar alguém a todo o gás corrente abaixo, dando aos pés e às mãos e gritando berros de socorro. Era inútil socorrer pessoas em tais desgraças, mais certo era que nos afogássemos nós com elas, tentando salvá-las. Se hoje te parece um ermo de “sabe-se lá por que razão esta gente aqui vive”, nessa altura, então, Domínio era sinónimo de desgraça e de iminência. Não obstante o facto de cada um fazer já o seu próprio horário conforme lhe desse mais em conta, não se saía muito de casa, a não ser por obrigação de extrema urgência.

»As casas eram todas andar de cima, que o de baixo era demasiado perigoso para se morar. Água vai, água vem, era, meia-volta, ver pessoas de mesas à cabeça, água pela cintura, todas “ai, meu Deus, que agora é que é”. A tua mãe era mulher destemida, já catava compras para este e para aquele lá no mercado e, vai daí, toda a gente a esperava à janela. Explicava que, de ser muda, não se assustava tanto com as águas, talvez por saber que não podia gritar perante a desgraça. A tua mãe sempre teve lá os ditados dela, guarda-os dentro da cabeça, mas as pessoas adivinham-lhos. Foi no tempo de antes da empreitada para tapar todas as ruas e da grande obra de construção de escoamento que dei com a tua mãe numa das esquinas encharcadas da rampa do Mercado. Tinha atirado os sacos para o chão, estava tão grávida que parecia que guardava dentro da barriga toda a água de Domínio. A chuva caía-lhe pelo cabelo, alongando-o, e as mãos seguravam os joelhos, fazendo com que as costas se arqueassem ligeiramente. Estava a arfar, a inspirar e expirar com força e em movimentos curtos.

»Aproximei-me dela e perguntei-lhe porque não gritava por ajuda. Ela olhou-me como se me esperasse. Não te ponhas com romantismos, que ela olhou-me como se esperasse alguém, podia aparecer-lhe a bruxa da chaleira, o anjinho do rio, que ela teria feito os mesmos olhos. Levou os dedos à boca, fez sinal que não. Percebi que era muda e fiquei curioso com a sua surdez, vê lá como são os homens. Ela ali, galinha encharcada prestes a parir, e eu preocupado em perceber se ela não ouvia, já que não falava. Apontou para os ouvidos e estendeu o polegar, que isto há gestos que se entende logo.

— Tu não tinhas medo da rua, se era tão perigoso?

— Eu era o Voltinhas, Amor, já te disse... Era como toda a gente me

chamava. Dava as minhas voltas, afligia-me estar quieto em casa, sempre fui homem de corre-corre, nervoso miudinho, pernas sempre a abanar, magricela destemido, preferia o perigo das ruas mortais a estar em casa a olhar para ontem, a ver se a chuva caía para a esquerda ou para a direita. Não tinha nenhum amigo, mas não me faltava gente para acenar «bom-dia», ali pelo porto, pelas estradinhas do centro, na rua do relógio, sempre que havia alguém ao fresco, era certo que me ia cumprimentar com um «olha o Voltinhas» animado. Quando comecei a engordar, embora não comesse coisa nenhuma, tu bem sabes, não sabes?, sabes, pois, que eu sei, as pessoas começaram a desconfiar e os «bons-dias», a vir por favor, enjoados. De Voltinhas passei a Gordo e, bem, essa é história que já conheces de trás para a frente.

— Mas que me encanta ouvir...

— Porque é também a tua história, Amor, e que seríamos de nós se a nós nem a nossa história nos ganhasse atenção e curiosidade.

Homem na Cama tentou puxar o corpo para cima, punhos cheios de uma força imaginária a empurrar o colchão para baixo, ombros cá e lá, e boca toda esforço que lhe saía de dentro. Igual ou quase ficou depois de tão grande empreitada, mas a posição que procurava era mais a de início de discurso do que a de alívio de postura.

— Vê-la assim, debruçada sobre si própria, dentro de uma esquina toda *enchuvada*... Ai, Amor, que pena me deu a Muda. Fiquei ali especado uns momentos, atarantado com o «não sei o que fazer desta». Via-lhe os esgares de dor e tudo ali era líquido: a chuva de Domínio, as águas que empurraste de dentro da barriga da tua mãe e as lágrimas de Muda. Impressionou-me vê-la chorar, Amor. Chorar sem som é o apogeu da sinceridade. Quando se chora sem som, pensei eu na altura, é porque algo nos dói mesmo, já que o choro calado de fita tem nada, não procura ser visto.

»Depois foi tudo demasiado rápido. As pessoas chegaram-se quando eu já a tinha amparada pelas costas. Aproximaram-se duas ou três, das casas ali perto, que assistiam à janela e se impressionaram com a Muda ali a parir. Sabes que as aflições têm pouco de memorável, Amor. Recordo-me, depois de já a ver deitada num leito, escarchada, de alguns me dizerem “abençoado Voltinhas”, e de outros me julgarem “ai o malandro do Voltinhas”. E eu mudo, ali admirado a chegar panos e a ser empurrado para fora do quarto ao mesmo tempo. Como se ambas as coisas tivessem a mesma urgência: pedir-me auxílio e suplicar a minha ausência. Ganhou esta última, ganha sempre. A ausência ganha sempre perante o clamor do desespero. E por isso, quando voltei ao quarto, Muda já era mãe e tu berravas como um coelho, enquanto uma fulana já te dava a efígie do anjinho do rio a

beijar.

»A Muda olhou-me, plácida, encantada, contigo ao colo, quarto em tempo diferente, desarranjo que se tornou milagre. As mulheres em volta dela, a mãe olhando-me enternecida e ao mesmo tempo suplicando que não me descaísse. Por trás, os homens começaram a dar-me palmadas nas costas e “ai o Voltinhas que as dava valente”, “olha o miúdo, cara de um, focinho do outro”, e sempre aquela expressão da Muda, que me gritava que a acomodasse mais do que qualquer outro ser ali naquele quarto. E olha, Amor, assim me tornei teu pai. Passando-me a estranheza, foi-me sabendo bem os “ah” e “oh” de homenzarrões, não era mais o maluco do Voltinhas que saía à chuva para andar sem propósito. Sem que nem eu nem a tua mãe tivéssemos dito o que fosse, eu por tentar compreender qual a versão que mais lhe agradaria, ela porque era, e ainda é, muda, assumiram-nos casal.

»Já me diziam que bem que os enganei e, a ela, as mulheres tentavam gesticular cerimónias de abençoada, e uma chegou até a dizer “que grande sorte que teve com o pai que lhe saiu para o seu menino. É muito ativo!” E, como tal, olha, Amor, debrucei-me sobre a Muda, beijei-lhe os lábios e queria dizer-lhe “em casa, a gente fala”, mas só depois me lembrei que, em havendo casa, ela não era nossa, que não sabia bem quem era aquela mulher nem de quem era aquela criança e que, dissesse o que dissesse, a tua mãe havia de responder com a placidez dos anjos. Decidi ali mesmo. Pensei porque não, gostei da forma como me estava a tratar aquele povo e entendi que da tua mãe havia interesse nesse acordo. Desenhou-me onde era esta casa, foi fazendo que sim às perguntas que lhe fazia e que não à mais importante: se havia homem a rondar que quisesse desfazer-me o idílio. E, assim, no dia seguinte já entrámos nesta casa como casal, salvos e vivos de todos os que nos acudiram e “que bom que juntam trapinhos, que isto pais querem-se juntos”.

*

Foi só depois de alguns dias que Muda explicou ao novo companheiro de quem era filho Amor e que a conversa ficou selada com um «estamos entendidos». Anos mais tarde, aposta a evidente dissemelhança que havia entre pai e filho, Homem na Cama resolveu contar a Amor uma história sobre quem tinha emprenhado Muda, deixando-a depois à mercê das águas.

Os rapazes espraivavam-se na arrecadação quando Dono por lá entrou. Mudaram as expressões, um deles mal tinha mordido a maçã, outro esticava as meias até aos joelhos, e havia ainda outro que ensaiava poses de braços ao alto, fletidos nos cotovelos, mãos quase em garra frente ao espelho. Dono aproximou-se desse e Rapaz virou-se, ficando a escassos centímetros da sua mais séria expressão.

— Vejo-vos em grandes distrações, pouco recordados da noite que vem.

— Ou de quem vem à noite? — atirou Rapaz, rodando o próprio corpo à volta do de Dono e atirando de novo os braços ao ar, gesto felino. Os outros levantaram-se e foram-se espalhando pelo esconso do lugar, gatos de corpo e pescoço, languidez do hábito, temperados por serem rapazes.

— Ela... — ronronou Outro Rapaz, passando ao de leve por Dono, que ia voltando cabeça e ombros em direção ao som sempre que um deles falava.

— E não a podemos desiludir nunca... — estreitou-se o dos olhos verdes, pestanas longas como fins de cauda de pássaro.

— Ela já cá não vem dançar há um tempo — comentou Rapaz, saltando para um dos cenários de um espetáculo passado.

— Há que surpreendê-la sempre, para que volte — concluiu o rapaz mais novo deste grupo de quatro, até então ausente da cena, saindo de trás de um amontoado de caixas, miúdo quase chegado, mas que já conhecia a importância de uma vinda de Mulher à taberna.

Dono voltava-se, tentando encontrar de onde vinha o som, penumbra feita, rapazes ágeis debruçando-se sobre cada sussurro de palavra. Falavam em cadência combinada, tudo naqueles rapazes era didascália, marcação e deixa. Depois de Dono abrir a porta das traseiras, resvés com a duna de pedrinhas brilhantes, qual fim de conversa, os quatro recolheram-se cada um a seu canto, entretidos, a precisar de fazer aquilo com que Dono os encontrara a passar tempo. A maçã levou mais uma em cheio, os braços esticaram-se novamente em gesto quebrado, as meias subiram até cima, e o mais novo, que estava no escuro, viu descoberto o seu entretém. Penteava o cabelo, que lhe caía sobre os ombros retos e largos de corpo que procura amanho com o que ainda não é para sempre.

Dono exalta-se:

— Sabem o que significa para mim, para esta casa, para vocês, quando ela vem. — Olhos de um revirados em frente ao espelho. — Sabem que quem nos dá

sustento é esta mulher, quem nos permite que durmamos todos descansados de saber que não passamos fome no dia seguinte. — Suspiro de tédio de outro, enrolando a meia de novo até ao tornozelo. — E por isso devemos-lhe festa, devemos-lhe alegria, devemos-lhe que se distraia da prontidão de negócios com que vive a vida na Capital... — Sopro de impaciência do mais novo perante o cabelo apanhado que não se segurou todo dentro dele próprio. — Devemos-lhe tudo, rapazes, por isso quero que hoje, mais do que em qualquer outro dia em que vos tenha pedido fosse o que fosse, mais do que pedras e vidros, quero brilho, quero que a façam brilhar, devemos-lhe...

— Tu deves-lhe um filho, já que o vosso mirrou...

Rapaz fez o gesto com os braços ao alto, como quem espeta uma farpa em cheio nas costas de um bicho.

Teve pouco tempo para se aperceber do resultado do seu destempero. Virando-se em fúria, foi com a mão direita que Dono lhe empurrou a cara contra o espelho mais alto e foi nesse mesmo espelho que Rapaz viu o primeiro fio de sangue surgir-lhe de um dos dentes, o da frente. Exasperado, Dono saiu da arrecadação, batendo com a porta, mas com pouco efeito, já que as dobradiças não estavam bem oleadas e o som não se sobrepôs à fúria, não a emoldurou como devia. Passou pelo meio das cadeiras, das mesas, abriu a porta que dava para o pequeno porto da Praia dos Vidros e caminhou em passos largos pelas pedrinhas de cores sem fim que faziam sons aos seus pés, como um roçar que lembrava sentença, faces polidas, areia de brilho, e Dono sem tino.

Deixou-se cair brevemente à frente, que a praia não era de grandes caminhadas em nervos. Levou as mãos à cara, disse «não», sabe-se lá para quem, porque estava sozinho e anoitecia, e o brilho da noite à chegada envolvia cada martírio do seu desespero, fazendo-o desejar que não houvesse tanta beleza naquela enseada de desconsolo. Toda a beleza ali, pensou, havia de desaparecer, para que estivesse de acordo com o seu espírito. Desaparecer em negro, ou que chovesse como em Domínio, para apagar as cores, para desenfrear as aranhas da areia ou para que algo, ou alguém, lhe fosse cúmplice nesta dor, que afinal sentia como evidente. Rapaz tinha razão. Dono devia um filho a Mulher.

Quando o barraco se fez taberna e esta ficou pronta a receber a primeira festa, Dono era um rapaz dos seus quase vinte anos. Vivera ao relento na Capital, conhecera as agruras de se andar ao chão sem casa, fora para Domínio fazer da adolescência um pesadelo à conta da apanha da gota e, rapaz criado, fora Mulher

quem o pusera naquela Praia dos Vidros, criado dela, mas dono de si. Mulher que, a ver bem, pouco mais tempo de vida havia de ter do que ele. E isto das idades tem a sua importância, pois nem um nem outro merecem que lhes sejam confundidos os anos, nem esta história tem o direito de empapar as datas das pessoas nas lamas do terreno onde maioritariamente se desenrola. Digamos que, um nos quase vinte, outra nos mais pouco do que isso, estavam bem em marcha para se enrolarem um no outro.

Mulher de grandes negócios e muito poder, a quem Ministro e amigos tiravam o chapéu quando com ela se cruzavam na taberna e de quem se conhecia a fortuna criada à conta de boas intuições, tão novinha, tão jeitosa para as negociatas em casas cheias de gente e em mãos de passar papéis a quem tinha de ser.

Falava-se dos seus terrenos, além-Capital, diziam-na tão rica e cheia de poderes que, querendo, traria máquinas de espantar os céus e desgraçar as chuvas. Expressão tensa Mulher adentro, Mulher de tez morena e cabelo apanhado fazendo crer que quase era dor aquele repuxado na testa e nas têmporas. Sobrancelhas como se a qualquer segundo lhe fosse pedida uma decisão e expressão de que não há vento que lhe diga que norte tomar. Linguagem de rocha, a desta mulher, linguagem de cravo, não de flor, mas de ferramenta. Falas, poucas, mas corpóreas, resto de terra prestes a tornar-se praia.

Não lhe eram conhecidos amantes, com exceção deste Dono, se é que amantes se podia chamar a estes dois. Relação que rechaçava, embora fosse muito de a ele ir buscar repouso. Não se admitindo de amores por Dono, Mulher havia-lhe comprado também o direito ao passe do entrepernas, sem que ele soubesse. Instalara-o, dotara-o de sustento e pedia-lhe força onde esta era precisa, de cada vez que ia à Praia dos Vidros. Escolhera-o já crescido, no meio das plantações de gota, sobranceira ao terreiro do proprietário da Fazenda, precisamente por já lhe ver, em quase vintaneiro, um homem de presença, aquele que lhe convinha. O propósito que narrava aos outros era claro e banal: queria ter um filho a quem deixar tanta riqueza e aquele parecia-lhe vir a ser homem de qualidade. Pelo caminho, punha-o a dar-lhe festa, montava-lhe a taberna e faria dele sua propriedade, qual animal enjaulado num porto de vidros.

Porém, quem muito planeia a vida, abre as portas ao acaso, e nem Mulher nem Dono estavam imunes às garantias da sorte. Passados poucos meses de montada a taberna, depois de saciados os desejos de festa instantânea, Mulher passou a visitar Dono várias vezes, dizendo-lhe que só estaria plena quando saísse dali de barriga cheia. Tardou pouco a acontecer o planeado. De uma altura em que ia dar

àquele porto várias vezes a uma em que por lá não apareceu meses a fio, Dono percebeu o que sucedera e esteve em crer que Mulher, a aparecer-lhe novamente, seria já de criança em braços.

Mas enganara-se. Mulher aportou uma manhã em que ainda se dormia, chamou-o à porta, em desânimo. Dono viu-a de mãos na barriga enorme, Mulher aumentada, toda gestos parcos e olhar aflito, dir-se-ia até choroso.

— Já não o sinto vai para tempo de mais... — foi o que lhe disse. E Dono ajoelhou-se, rondou-lhe a barriga com as mãos, planeta enorme onde as pedrinhas de Vidros espelhavam reflexos. Beijou-a, olhou Mulher pedindo confirmação para a sua paternidade.

— Sentia-o mexer e agora parou-me. Faz festa, Dono, faz festa, que pode ser que acorde.

*

E assim Dono chamou os rapazes, pôs-se à viola, tapou as janelas para ser de noite cerrada, ordenou que dançassem, que cantassem muito, que fizessem festa que pudesse acordar a criatura na barriga de Mulher. Assim estiveram todos, por horas. Mulher caminhou entre as mesas, braços no ar, balançando em poses de ora vai, ora vem, cabeça entornada para a frente e para trás, pés que batiam na madeira em desafio a animal inexistente.

— A dança — disse ela —, a dança... quero fazê-la aqui.

Assim se afastou para junto de Dono, que trinava a viola em sons de festa e baile, para que Mulher dançasse, se esticasse, amparasse braços e mãos a revirar, sobranceiras tensas, pés que pouco saíam do lugar, mas que marcavam um ritmo frenético, de quase palmas, de conchas, muitas, a resvalar mares abaixo e a ir encontrar mais conchas e mais sons, que se sobrepuseram aos dos rapazes, que se desafiavam, que se chamavam uns aos outros para que dessem de si a Mulher, a ver se aquele filho dentro dela acordava.

A festa durou até ser de noite e já não ser preciso cortinas nas janelas, que dessa vez não havia luz que entrasse. Naquela taberna, túnel com porta de porto num fundo e estrado de palco tablado noutro, só se parou quando Mulher, exausta, caiu em meios a sentar-se numa cadeira e, com as duas mãos, saía amparada, torcida, parecia que ainda dançava. Agarrou a barriga e exclamou «Não acordou, não acordou!» vezes sem fim, quase ritmo daquela música que acontecera dia inteiro.

Deixou-se ficar por lá nos dias que se seguiram. Fizeram a festa todas as noites,

começou a chegar a Gota em grande quantidade. Mas aquela criança era indiferente ao rebuliço. Mantinha-se quieta, aninhada no ventre de Mulher, e foi numa dessas noites que Dono lhe pediu que cedesse à lucidez e percebesse que o ser que carregava num ventre imenso já não daria à costa.

— Precisa é de sair.

Veio de se chamar de Domínio uma mulher que tinha jeito com a barriga das outras, mas da qual não se ouviu um soluço, pois chegou muda e saiu calada, tamanha impressão lhe fazia aquele cenário, o teatro esparramado na Praia dos Vidros. Mãos em força no ventre, jeito daqui e dali, dores de Mulher deitada a não poder das costas. Os suores da maternidade deixando vestígios naquelas pedrinhas tão brilhantes. À alta da Lua, a criança saíra de dentro de Mulher. Menino bem formado, que impressão dava ver-lhe os dedos enrugados pela água do corpo da mãe, ver os olhos pouco abertos, a flacidez de um pescoço que nem tinha tino em segurar a cabeça.

A percepção do que acontecera veio em vagas. Mulher de choro fininho em braços ao filho sem vida. A outra mulher já de mãos no mar a lavar o sangue, toda silêncio dos muito acontecidos na vida. Dono patinhava pés descalços por aquele beiral de praia, mãos na cara, em «não», muito lhe dá para não quando se vê desolado. Os rapazes, ao longe, vinham chegando em miudeza, abeirando-se da cena.

Rapaz Primeiro beijou Mulher na testa, Outro Rapaz aconchegou-se ao seu lado, tomando-lhe o abraço. Rapaz ainda não tinha chegado à taberna, mas havia outro, entretanto ido, que, Plácido, lhe chegou água doce à boca. Os três tomaram-lhe as mãos e iniciaram um canto breve, Mulher deitada na areia de vidros, pai negando, o não-nascido pousado do lado de fora do ventre que lhe serviu de casa. Os rapazes cantavam e reviravam lentamente as mãos de Mulher, como uma dança. Anoiteciam assim, juntos, elementos próximos, movendo as mãos da que não foi mãe numa dança pequenina, abafando o seu choro fininho num canto breve a três vozes.

Esses três rapazes, quando adormecida Mulher em dores, pegaram-lhe no quase filho ao mesmo tempo, levantaram-no do seu colo e nem um «ai o meu menino» se ouviu. Debruçaram-se sobre as pedrinhas de Vidros, o mar mesmo ali à boca. Tomaram o filho por búzio e devolveram-no às águas. Quando Mulher acordou, quando Dono se inteirou, já o filho de ambos repousava num fundo de oceano claro, ali fronteiro, balouçando sem vida algures entre vidros e aranhas.

Mulher afastou-se da taberna por algum tempo. Mas regressou passado um ano ou assim. Abriram-lhe as portas, viram-na mais fogo que água e ouviram-na já dançando:

— Quero festa, amores, quero festa.

Desde então, não houve falas de descendência nem intenções de voltar a parir.

— Carregaram-me o filho morto para o mar, lá há de ter dado sustento a muita aranha. Mas estou em terra, bem viva. E quero festa, amores, quero festa.

Ministro acordou com fervor nas vergonhas. Homenzarrão, lamas de cabelo assapadas em brilhantina vinda da Capital, pijama de bolsinho ao peito, onde bailava sempre um lenço, à moda de ser preciso aliviar algum catarro, que não era pouco, praga de terra em chuva. Admirado por não ser tão comum a dureza de tamanha madeira que adivinhava, Ministro levou a mão ao entrepernas, curioso. Por lá se descansou algum tempo, sorrisinho de bandido espelhado na cara, que afinal ainda é homem para as comer. Só depois, quando já os lábios lhe guardavam a baba branca do ofegar, reparou que pela porta passava uma criadita, garota ainda, trejeitos de miudinha, quase serva de funções. Foi o *pssst* que a deixou alerta e a fez pirar-se, e o «ora venha cá» já ela não ouviu, vindo da boca daquele homem de bem, ali espapaçado, mão na massa, cheio de vontades de safadeza.

Custou bastante, diga-se. Foi um puxa e estica de para cima de muito tempo, ali em baixo dos lençóis, corpo revira para cá, tira camisola do pijama, esfrega pés para se desfazer das meias. O braço já lhe doía e Ministro começava a ter medo do miocárdio. De tanta ganância, já o dito cujo se lhe apresentava encarnado, os suores caíam-lhe pela testa, olhos, indo encontrar cama no bigodinho bem aparado de pessoa de berço. Esteve para desistir daquela função, que já era mais o medo da síncope a sobrepôr-se ao usufruto da condição que apresentou ao acordar. Já lhe iam no pensamento imagens dele próprio a ser descoberto morto com a mão nas partes, a vergonha por que teria de passar já falecido, de se saber que não aguentou e se desfez em ataque para se dar ao desfrute.

Mas a fruição chegou, avisando de mansinho.

— Ai, que é agora. Ai, caralho.

Narinas abertas, mão a dar de si, pulso a dançar em ritmo frenético. Ou era dessa ou não era, sabia bem. Ou lhe deitava jeito agora que o magma tinha acordado ou era vulcão de se ater de vir por muito tempo. De tão cansado que estava deste bulir, nem deu por grande coisa quando acabou, porque porventura já não era muito aquilo que o corpo lhe oferecia. Embora fossem breves os segundos em que se sentia poderoso e capaz, ficou depois na cama, em enleios e roços de si próprio, «ahhh», dizia para si, e a imagem de um grande leão, desses que havia nos parques zoológicos da Capital, assomou-lhe à lembrança. Um leão rugindo, com a pata dianteira pousada num arranjo de folhas de palmeira e a ser

montado por ele, possante domador.

Ainda Ministro se via em dominações de leão quando Criadita, a mesma que lhe fugira do vício e que não soubera aproveitar o jorro do portento, lhe dizia encostada à porta, voz fininha, irritante:

— Senhor Ministro, o esgoto verteu. Está cá um Obreiro para ver o que faz.

Ora que se foda o esgoto, pensou sem dizer.

— Já vou, Criadita, deixe-me agora ganhar modos e já vos apanho no salão.

— Ó senhor Ministro, mas o Obreiro diz que é para ontem.

— Ó filha, já lhe disse, ele que espere, valha-me Deus. Hei de ser célere, que é tanto do interesse dele como do meu que isso se resolva.

— Está bem, senhor Ministro, vou então avisar que o senhor já vai descer.

— Faça isso.

— Senhor Ministro...

— Diga.

— Chego-lhe antes ou depois as gotas para os gases?

— Oh, valha-me... Ora chegue-me agora, deixe ali ao pé da cama, que já lhes deito a mão.

— Ai, senhor Ministro, este quarto precisa de arejo, que parece que morreu aqui um burro e que ficou o animal morto à chuva uma semana!

— Feche a porta, vá lá.

Já de pé, Ministro tentou sentir o arraial que provocara tais cheiros na Criadita e espreitou-se-lhe a ideia de que viria do que ali se passara ao acordar, mas logo tirou a cabeça de tal disparate. Abriu as portadas à chuva e despiu o pijama, deixando-o caído aos pés do lavatório, onde mergulhou as mãos e as levou depois à cara.

Enfarpelado, Ministro dava demasiado corpo às roupas. Camisa em rebento de botões, calças justas onde momentos antes o jogo acabara, lenço que lhe marcava o pescoço, fazendo-o gémeo de outro mais abaixo, mais um lenço à borda do colete, punho esmagado em botão de pedra azul e sapato que brilharia apenas na descida ao salão, já que bastava pôr pé fora de casa para a lama tratar de lhe emporcalhar as pernas quase até à beirinha dos joelhos. Mas nunca desistia este Ministro de se apresentar em sapato reluzente. «É nos sapatos que se vê as posses de alguém», teria ouvido. Ministro queria ser pessoa de posses.

No salão, um Obreiro esperava Ministro, nu de função, e ao vê-lo descer a escadaria que vinha dos quartos não conteve o sorriso de incoerência, ao dar pela personagem a bambolear-se degrau a degrau, a limpar já a testa suada, mistura pastosa com a brilhantina do cabelo e a preocupação.

— Então faça favor de dizer o que se passa — ordenou Ministro enquanto se

encaminhava para a mesa onde Criadita já lhe havia servido as natas do leite em açúcar e a gemada no copo azul-botão de punho.

— Senhor Ministro, o esgoto rebentou.

— Qual esgoto, homem, que aqui nesta terra o que não falta são esgotos?

— O da rua do relógio.

— Arre, caralho.

— Esse mesmo.

— Olhe que esse é o grandalhão. Se vem à tona, é merda por todo o lado.

— Já a há nas ruas, senhor Ministro.

— E você só me diz isso agora?

— Vim aqui mal pude e já lá temos doze Obreiros em função.

— E de que precisa? De treze?

— Ora, senhor Ministro...

— Diga lá, homem.

Esta deixa apanhara-o a sorver o fim da gemada, arreliado porque o açúcar não lhe chegou.

— Era preciso a máquina, que isto só de braços não vai lá. O senhor Ministro sabe, são muitos anos a fazer remendos. É o filtro, mais a areia que não é de qualidade, tudo pendurado em pedra fraca, as saídas, a estrutura, as fissuras... Isto, Domínio é o prólogo de uma tragédia, senhor Ministro...

— Chiu, chiu, chiu, homem, olhe que estou a comer e já me está a aziar o dia.

— Mas, senhor Ministro, o que fazemos?

— Não deixem a merda vir à tona, parece-me óbvio. Aliás, o que está aqui a fazer, especado todo nu a olhar para mim? Sem si, já é menos um a trabalhar. Depois venham-me falar de máquinas quando não põem os homens todos ao serviço. Santa paciência, homem, santa paciência... ora despache-se lá. Volte-me aqui com o esgoto tapado e que não me cheire a merda daqui de casa, que depois é um sarilho para a criada apurar a comida do almoço. Ainda está aí? Dá-lhe gosto ver um homem a comer a nata do leite?

Indignado, o Obreiro lançou-se fora da casa e Ministro acompanhou-lhe os passos de soslaio, rabinho do olho à espreita enquanto a expressão se consolidava em desprezo. A nata do leite desapareceu-lhe da boca com barulho e o arroto não tardou. Já a comida estava feita, Ministro deixou-se estar, satisfeito do acordar e do jejum, olhar perdido no quadro na outra ponta da sala, onde um homem, que não era Ministro, empunhava uma bandeira, que não era a de Domínio, debaixo de uma imensa árvore de folhas cor de laranja e rosa. Deixou que se lhe arrastasse o olhar para a moldura e por lá ficou algum tempo, impassível, indiferente a desarranjos de esgotos e à chuva da terra.

Ministro ainda se lembrava daquela época retratada no quadro, ida no perfil da sua infância. Criança criada sem mãe, num lado do continente de que já confundia o nome. Macondo, Porto Negro, Galveias... Ministro não lhe guardou bem a pronúncia, à sua terra de menino, mas que era distante, não havia dúvidas. O quadro mostrava uma planície de erva, esverdeada, de onde sobressaía a tal árvore, imensa, ocupando toda a tela e dando irrelevância ao homem da bandeira. Como se o pintor tivesse tido a emergência de retirar importância ao ser humano para a dar à planta, caule castanho e grosso emergindo da erva plana, desdobrando-se em dois e encimando-se numa copa frondosa, carregada de folhas e flores, estas dispostas em linhas da cor do fogo, num plano primeiro ao do céu azul-clarinho e bordejado de pequenas nuvens, dessas que não prometem chuva, mas antes assinalam o bafo do estio. Casa amarela, seca, rasteira, colada a um armazém que, embora maior, não se impunha à habitação. No outro extremo daquela imagem de calma, outra casinha, ao longe, ideia de ser mais pequena, afastada da primeira por vegetação rasteira, mas que crescia em arbusto ao assomar-se da fachada lateral. Em baixo da árvore, via-se em alerta o tal homem, trigueiro, cenho franzido devido ao sol, figura possante, mas sem conseguir apoderar-se da cena. Empunhava uma bandeira breve, em jeito de arma, menos convicção do que espanto.

— Paizinho, paizinho — sussurrou Ministro. Aquelas palavras empurraram-no para as memórias da nascença, criança a carregar a culpa de ter mandado a mãe para as alminhas mal dera o primeiro berro. Evento a que todos ficaram de certa forma indiferentes, pois a mulher tão velha já se sabia que era raro o embaraço correr bem.

O aroma daquela relva de outro lugar fazia-o dar voltas à sua lembrança e aos primeiros anos, em que ouvia o que acontecia pela boca de uma criada mais velha.

— O pai do menino desgraçou-se com a partida da senhora.

E, passado um tempo:

— Já não há Gota que chegue para aquela sede, menino.

E depois de outro tanto tempo:

— O que foi o seu paizinho fazer, que desgraça, já tão velho.

E, por fim:

— Já estão de malas feitas, menino, que eles descobriram tudo.

A figura daquela criada, difusa, enorme, velhíssima aos olhos de um menino, informara-o em suspiros que o pai era a vergonha da terra e que, graças a essa vergonha, haviam de fugir em exílio para a Capital, onde seriam só mais dois quaisquer, que ninguém conhecia a história de ninguém em terra de anonimato.

Ministro lá se meteu nos sapatinhos brilhantes, dessa feita ainda de menino, e teve tempo de sobra para ver a pressa de todos. Pressa escalavrada nas mulas, jeitos ao súbito, gestos e corridas que, entre a cautela e o susto, pareciam de comédia. A criada chorava e Ministro nunca tinha visto ninguém chorar, ao que lhe pareceu descabida a ideia de uma velha verter água dos olhos. O pai amanhrou-se nos animais, mas pulou em seguida, entrou uma última vez em casa, tela enrolada debaixo do braço, «é para que não te esqueças», e menino Ministro encarava-o assustado, já de brilhantina mas de olhar surpreendido, criança carregada. Viajaram dias e dias, trocaram de bichos, puseram-se em carroças, e o pai estendia sempre a mão a conhecidos por onde passava. Houve barco, houve rotas, Ministro deitou ao mar o que trazia no estômago e foi mais um líquido do corpo que o surpreendeu, depois do choro da criada. Vida de líquidos que havia de ser esta, e nem suspeitava do lugar que, na vida, lhe havia de calhar em adulto.

Chegados à Capital, figuras dentro de um sumptuoso coche, Ministro e seu pai viveram uma vida folgada, que isto de fugas em mulas só para alguns dá em torto. As grandes histórias, deixemo-las para a ficção, as da orfandade e da desgraça. Cheio de passou-bens e obséquios, o pai de Ministro cedo galgou a Capital acima, «ora por quem é» e «que disparate isso de o perseguirem por terras, estimado senhor». Oleadas as mãos de ouro, os dois comiam fruta importada e estava-lhes prometida existência sem sobressaltos, casa sobranceira à cidade, criada velha a substituir criada velha, paizinho a morrer de idade, sumido em cadeiras, tão transparente que desapareceu sem se ir, eterna presença pela casa, figura de quadro, mas também de porta mal fechada, de susto por armário a abrir ou candeia a alumiar-se sem fogo.

Mas se, ao não desaparecer, o pai de Ministro se manteve presente em casa, fora dela a história já não se narrava de feição.

— Pois, não sei que lhe diga, sabe que tínhamos muita estima pelo paizinho, mas já não andava de renda certa...

Foi o que disseram a Ministro à porta do banco, e, depois, na agenda da política, a coisa não se pintou de palavras tão diferentes.

— É que, sabe... o senhor seu pai deixou-nos, como dizer, assim do pé para a mão.

E as desculpas continuavam, ouro a acabar, rendas confiscadas de forma célere, e a casa que não era do paizinho e que portanto tinha de voltar à sede, criada incluída.

— Ai, se não se importa, então, passaríamos pela casa na semana a seguir a

esta para que nos entregasse a chavezinha, que o seu paizinho...

E a lengalenga era a mesma e as aflições começavam a dar de si à saúde do rapaz, que pela altura devia estar aconchegado nos trinta e poucos de corpo, mas alma de faceiro a quem a adolescência ainda fazia questão de brincar com as coisas da cabeça.

Estragado pela Gota, foi numa manhã que Ministro entrou pelo palácio de Presidente adentro, coragem acrescida aos ébrios, muito discurso a sair-lhe pelas ventas e aquele «sabe de quem sou filho» que dava mais pena do que autoridade. Sabe-se lá com que manigâncias, o bêbedo chegou-se a Presidente, homem tornado de dois assessores por trás de uma mesa de mapas e papelada, os três iluminados por grandes vitrais que atestavam as conquistas do Território. Presidente olhou-o, estupefacto de tamanha desfaçatez. Ministro vinha de preparar grandes palestras e foi com elas que iniciou a prosa.

— Serviu meu pai vossa excelência e ademais esperaria que não deixasse seu filho morrer à miséria da fome...

E Presidente não tirava aquele esgar de surpresa por, primeiro, a ele chegarem assim, sem duas nem três, e, depois, por não fazer a mais singela ideia de a que pai pertencia aquele bêbedo, nem qual o seu nome, nem qual a sua função. Mas calhara, naquele dia, porém, de estarem Presidente e seus assessores a debater-se com o problema das águas de Domínio. Havia para lá mandado cientistas e filósofos, gentes de arquitetura e engenharia do tempo, mas de nada servira. A água caía sem cessar e não havia santo que quisesse lá firmar pés por mais do que um tempo curto. Ao ouvir a preleção de Ministro, Presidente conferenciou por breves momentos com os dois assessores, cujos esses pronunciados sempre em surdina indicavam concordância. Mais não estavam ali do que para fazer eco do que dizia o homem sentado.

— Parece-me que lhe encontro solução, meu caro — afirmou Presidente, olhando Ministro nos olhos. — É com muita consternação e larga tristeza que ouço a notícia da morte de seu paizinho, homem valeroso e valente, peça imprescindível da organização supranacional e da estatização contemporânea do Território. Que Deus Nosso Senhor — e com isto benzeram-se os três — tenha a bondade magnânima de se apiedar da sua alma e de receber a ilustre e consagrada figura no Paraíso da eternidade, que é onde deve descansar em Paz abençoada tamanho nome que logrou magnífico prestígio em terra.

Ao terminar, depois do amém dos outros dois, já a Ministro lhe passara a bebedeira e ficara comovido com tais palavras dirigidas à memória de seu

paizinho.

Maior problema foi quando Presidente quis dizer o nome do morto e, por não fazer ideia de quem se tratava, hesitou. Mas o homem era treinado nas lides e a falha do nome substituiu-a pela voz embargada de falso choro, assim em meio soluço, o tempo justo para não o enfraquecer, mas antes tornar aquela comoção sinal de força, ideia de que até os homens potentes como aquele Presidente se comovem ao devolver à memória imagens de grande saudade.

— Por isso, meu caro, deixe que lhe faça uma proposta. Há uma terra para lá de Rio, a uns três ou quatro dias barco abaixo, onde nasce a gota e onde parece que começou em tempos recentes a chover muito, e por isso não há quem lá queira ficar a mandar, veja-se só o disparate. É terra brumosa, mas plácida, feita de ruelas de gente trabalhadora, e até se fala na hipótese de o tempo por lá parar, de tão calmo que é. Há, como dizer, algumas questiúnculas, mais como febrículas, de organização de horários, às quais seria preciso deitar olho, mas não me parece tarefa que o filho de seu pai não estivesse ao alcance de concretizar. É Domínio, por certo. Seria função, a sua, a de organizar algumas grupetas de trabalhadores que impeçam a água de transbordar. Tarefa de ordem, se me compreende. De «faz isto e faz aquilo». Recompensada com casa apalaçada, onde lhe garanto que não chove nem há de chover, salário condigno, vindas à Capital para desafogo de ideias e entregas à modernidade em períodos salutareos, e, olhe, é isso. Se estiver interessado, o cargo é seu, meu caro, que me aparece em boa hora.

Ministro parara de prestar atenção e virara-se imediatamente, convencido, logo de início, à menção da gota.

— Mas claramente que sim, senhor Presidente. E criaditas?

— As que quiser.

— Ah, muito bem.

Nisto, os dois assessores sussurram algo nos dois ouvidos de Presidente, que estende a mão quase como quem interrompe um painel de convidados a orar. Desta vez, conseguimos ouvir o que lhe dizem os assessores. Ouvimo-lo apenas nós e eles, que Ministro está demasiado endeusado com a situação para prestar atenção a cochichos.

— Senhor Presidente, se me permite. Considere acrescentar-lhe a cláusula de celibato. Olhe que o homem mal se apanhe por lá vai-se pôr às moças.

— De facto — interpela o outro assessor —, este é um típico macho de camas. Não tardará a querer regressar por causa de coisas de mulheres, de lhe porem filhos nos braços e de lhe dizerem que não se criam crianças naquele lodaçal.

Presidente ouve-os com atenção e anui:

— Parece-me que falam bem. — E depois vira-se para Ministro. — E então,

atraí-lhe Domínio?

— Ora por quem sois, senhor Presidente, que cargo...

— Mas há aqui uma coisa que lhe imponho. É que não emprenhe ninguém por aquelas bandas. Faço-o vir de requitô para a Capital, mas é para a cadeia. Há de compreender, meu caro, mulheres e crianças distraí-lo-ão do cargo de mandar. É cláusula eliminatória.

— Mas senhor Presidente...

— Como lhe disse, pode vir à Capital as vezes que quiser. E, por cá, entregue-se à vontade ao desfrute. Mulheres, homens ou cabras, se for na Capital, tanto se me dá. Mas em Domínio não.

— Ah, se assim for, senhor Presidente...

E já Ministro olhava para o maço de notas que lhe estendia um dos assessores, à desculpa de «é para as primeiras coisas».

— Então — continuou Presidente — volte para sua casa, quer dizer, para a casa onde mora, reúna as trouxas, que, mais tarde ou mais cedo, mais cedo que tarde, entenda-se, mando lá um homem que o leva a um barqueiro, que depois o leva a Domínio. E temos lá alguém de saída que lhe mostra as coisas. O resto, olhe, o resto é criar. Mais lhe digo que o cargo é de... — Nisto, hesitou, tornou-se aos assessores, bichanou qualquer coisa e voltou-se: — ... é de Ministro, é de Ministro!

Esta exclamação já foi feita em tom de «veja-me só!», seguida de orientais «oh» e «ah» dos assessores, que os vocalizaram em dissonância e disso se espantaram. E por isso repetiram depois um a interjeição do outro, o que, até que se afinassem, ainda levou tempo, daí ter Presidente ficado espantado ele próprio com a sequência de «ah» e «oh» daqueles dois, o que deu à sala um tempo parado de exclamações em tentativa.

Daquela sala saiu Ministro já Ministro, atarantado, sem saber se com a nomeação ou com a ressaca. Daí a ter o prometido homem à porta de casa foi uma tarde mal dormida, desde a audiência improvisada com Presidente, que o tornou mandatário em Domínio. Fez-se ao barco com poucas coisas, afinal o que lhe valia era a promessa de um bom salário, e, como tal, deixou muita coisa para trás, tarefas que se partiriam com o balanço da embarcação e que mais valia ficarem às mãos da criada. Mas enrolou a tela do pai com a bandeira e fez questão de a carregar ao sovaco, viagem inteira. Barqueiro, não o manco, o outro, o que levava e trazia sustento de Domínio e que fazia contrabando de Gota, recebeu-o com escárnio e comentando:

— Ó homem, quando vir o que para lá vai, vem já de volta comigo.

Mas a Ministro restavam-lhe poucas alternativas e aquela desinência de Presidente soara-lhe à única que realmente lhe interessava.

Chegados a Domínio, Ministro emporcalhou logo os sapatinhos brilhantes. Pousou o pé em lama, a jovem Muda riu-se. No porto, uma população à espera de Barqueiro, ruas encharcadas de tudo, bulício atazanado de gente sem ordem e cara de espanto do homem quando viu a pressa com que o seu precedente lhe quis mostrar a casa e dar que fazer, fugindo de seguida no barco de volta à Capital.

Pela altura em que chegou, ainda não havia lagoa em torno à sua moradia, estava empapado de chuva, o jardim, mas transitável. Foi só quando as águas lhe cercaram a entrada, formando uma lagoa onde até se viam já as bolhas do respirar dos sapos, que Ministro se dirigiu à praça central de Domínio, todos os olhos postos no homem que chegava da Capital e, subido ao palanque, se fez mais alto:

— Venho resolver isto e preciso de mais braços. Não é que queira, já vi a cilada em que me meteram, mas estou sujeito, como vocês, a ficar por esta terra. Então trabalhe-se, que isto assim não pode ser.

Os olhos de Ministro só saíram da paisagem da tela e das lembranças de outrora quando Criadita entrou pela sala:

— Senhor Ministro, já cheira a merda na cozinha.

— Ora! Vá ver se não é da desordem em que tem o galinheiro, sua porca.

E assim a terra se moldou mais ao homem do que o homem tentou mudar a terra.

Aninhada sobre as teias das aranhas, eram como que vítreos os dois fios de sangue que lhe corriam da boca, tapada com a mão, olhos tingidos de raiva perante a cena. Homem das Imposições fez-se ao mar abanando a cabeça, sinal claro de presença noutras réplicas de loucura. Filho viu-o afastar-se antes de se baixar até Mãe. Olhou a forma conhecedora como o homem se desenhava nas teias e das águas revoltas, senhor de ir lá tantas vezes e de tantas vezes guardar segredo do que por lá se passava. Pensava que àquele homem interessava mais manter os impostos em dia, que para mais ninguém eram senão para ele, do que fazer enorme estardalhaço ao saber que dois para ali estavam.

Já a embarcação mergulhava no nevoeiro de chuva que circundava a Fortaleza quando Filho acariciou a cabeça de Mãe. Encostou-lhe a testa a um dos ombros e sussurrou-lhe que não se afliesse, pois estava ali o seu filho. Permaneceram que tempos assim, ambos acorados em proximidade às águas, Filho olhando em torno e Mãe em soluços que tentavam sustentar o que aí vinha.

De certa forma entorpecido pela violência daquele ato triunfal, Filho observava o entorno da sua casa. Ilhota breve, tão sumida em névoas que não se lhe via senão o parco brilho de estar refletida em si própria. Pouco abarcava daquele ponto: apenas o Cais das Aranhas, que teciam, ordeiras, as teias com que cobriam o encontro das águas com a terra e se devolviam ao mar com precisão tamanha.

Por ser pouco rígida, a linha do mar, com aquele céu chuvoso, mal se distinguia, fazendo com que se continuassem um ao outro, perdidos no cinzento de não saberem em que estado se encontravam. Como tal, Homem das Imposições, ao largar a pequena enseada, desaparecia no horizonte sem anúncio. Tornava-se primeiro um ponto esguio, quase dançante. E depois, um minúsculo pedaço de pó de homem, que se desvanecia no intermédio cinzento de mar e céu.

As vistas não eram largas em nenhum ponto da pequena ilhota onde se erguia a Fortaleza, e por isso tanto dava que se deambulasse em seu torno. A névoa de ferro iria sempre interpor-se entre o olhar e o fundo, amaciando a vontade de olhar além. Como se tudo o que existe fosse condensado nessa miragem de uma eternidade brumosa.

A contrastar com este maciço de névoa, a entrada para a ponte que ligava a Fortaleza a Domínio, que nunca tinha sido utilizada em tempos de que alguém — quer de um lado, quer de outro — se lembrasse. Ponte fininha, longuíssima,

interrompida por grandes buracos que apenas em narração atravessamos assim, por dá lá aquela palha.

Do lado da Fortaleza, Mãe advertia Filho de que aquilo era ponte que não dava para nenhum lado. Tinha ido com ele, rapazinho de mão dada ainda, até ao encalço daquele fino início de ligação, e tinha-lhe mostrado a precariedade da construção, as tímidas vigas expostas, por onde se entremeava o mar lá em baixo. E, para satisfação da que amedrontava, naquela altura em que levou o seu pequeno a ver a fragilidade da ligação, lá em baixo uma aranha com ares de lobo-do-mar calculava como se fazer a terra, algo que deixou o rapaz perturbado e a mãe aliviada.

A única ligação entre a Fortaleza e Domínio era, portanto, feita de barco. Por um barco apenas, o daquele que parecia ser o único barqueiro capaz de se aventurar em tais andanças. Personagem sombria, a morar assim resvês o descaso, encavalitado num monte próximo ao porto e sem amigos que se lhe conheçam, mercê da função incômoda e do próprio feitio.

Estava Filho perdido em deambulações da imaginação quando Mãe se levantou de rompante, vestes molhadas de água de mar, teias de aranha enroladas aos pés, sangue tão fértil — que vermelho aquele! — que lhe manchava a boca e as mãos. Amparada por Filho, o que era vulcão há instantes passou a mármore. Filho sentiu que amparava a estátua de uma mulher, para que fosse guardada numa galeria com as restantes imagens caídas em desgraça. Encostado a Mãe, Filho andava lentamente, o vento que sempre se levantava pela Fortaleza àquela hora horizontalizava a chuva, um rebentar de ondas dos céus nas caras daqueles dois.

O caminho entre o pequeno porto e a entrada da Fortaleza não abrigava cuidados. Fosse caso possível o sol se dar a ver, as mentes estariam em paz. Mas, assim, era diferente a situação. Mãe e Filho, figuras acinzentadas contra a pedra da enorme casa, insatisfeita a curiosidade de quem, a haver alguém, os pudesse mirar de nem tão longe assim. Por vezes, Filho pensava-se esgar, apenas. Figura mal iluminada, ser translúcido, como se todos os seus órgãos e até algo de roupa se fundissem com o tempo, caminhando rente à chuva, misturando-se com aquela mãe, qual matéria esfumada, tez parda.

Não há tempo nem interesse em descrever curas e curativos em história que padece de terreno. Saibamos então que não perdeu ninguém a vida por aquele dente ter sido apedrejado assim e que nem ele próprio saiu todo da boca daquela mãe. Pareceu teimar em ficar mais ou menos incólume ao susto que levou, chorando-lhe antes gengiva fina e lábio descarnado. Foram poucos os panos

usados e era certo que água não faltava por lá, por isso pouco tempo depois já Mãe se reclinava na cabeceira da cama, posição combalida, ideia de provocar pena a quem a olhasse e, sobretudo, a Filho, a quem, por esta hora, não deve criticar quem não lhe esteja dentro da pele.

Não obstante a dor não ser das bravas e a recuperação ser óbvia, nada impedia Mãe de se prostrar. Intenção máxima daquele gesto imprudente frente ao barqueiro era essa prostração de grandes ais que Filho observava, aos pés da cama, mão com mão, Mãe em tudo.

— Não te entendo os gestos, Filho... o que me obrigas a fazer para que fiques... Quem me dera que fosses pequenino, Filho. Quando cabias no meu colo, assim em braços, e eu te aconchegava e fugires-me não era possível. Acho-me louca, é louca que me fazes sentir... mas o que há de louco numa mãe querer o seu filho? Se te quero perto de mim, se foste ser em mim, antes de te ouvires a ti mesmo. Haverá de a uma mãe faltar juízo por não querer perder dela o que dela saiu? Não fui eu que pedi que saíesses, Filho. Pudera eu e estarias em mim, ainda, aqui, onde te tive! — exclama enquanto acaricia o ventre. — Não terias sido parto, nem dor, nem virar de acaso ou exclamações. Seríamos ainda um só e tu em mim, ter-te dentro de mim, Filho...

— Mãe, sou um homem. É fora de ti que vivo, se vês. É matéria sabida por todos que os filhos não haverão de ficar tanto tempo assim nas mães.

— De que todos falas? Não me vês em mim assim, sem força, sem saber o que tenho, sem que me possa valer para sequer me alimentar?

— Mãe, estás bem. Olha como tens força para te expressares com tal garra. Se estivesses tão mal como aquilo que dizes, não haveria tema que conseguisses expor. Estarias adormecida, ou então prestes a tal. Não haveria forma de articular esses pensamentos, a que, por mais toscos que sejam, conheço a ordem. Da boca pareces-me bem, talvez haja ferida dentro da cabeça, mas a essa não lhe chego eu com os meus panos ou águas.

Toda a figura de Mãe se altera, passando da explicação à fúria.

— Por vezes acredito que talvez fosse melhor nem te ter tido. Ter-te deixado no espaço onde hão de morar as consciências, num éter quase a entrar num corpo, mas sem nunca chegar a ser. Pudesse eu...

— Mãe, devolve-me a franqueza, peço-te. Se em criança percebia a razão por que não me querias deixar ir com o barqueiro a terra, em crescendo já não a entendo... Mãe, eu nunca vi ninguém na minha vida com a exceção de ti e daquele manco que cá vem. Mãe, eu existo em exclusividade para ti. Por que razão as pessoas de Domínio não vêm cá? Acaso não sabem que há esta Fortaleza aqui? Terão já morrido os velhos que se lembram de um tempo sem chuva onde a

Fortaleza era clara, a ponte tinha serventia, os barcos iam e vinham... Houve esse tempo? Mãe, mil perguntas... Mil perguntas me povoam o sono. E este homem, que homem é este, Mãe? Que cá vem e vai sem novidades, tanto eu lhas peça, tanto, tanto...

— É um homem simples.

— Mas o que dizes? Mãe, apartas-me da vida... Se ma deste, e se depois me alimentaste para que crescesse, e que bem o fizeste... E se te digo que regresso, que não parto para sempre...

Filho levantara-se e gesticulava em demasia. Erguia os braços em palma aberta, cara assim em exclamação de súplica.

— Sabes bem que se fores não voltarás a mim. Olha o que te contei desde sempre, recordas-te?

— Que as pessoas de Domínio me farão mal quando souberem que aqui estás gente? Mas por razão de quê?

— Ver-te-ão ídolo, Filho, assim saído da bruma com um barqueiro, tão anónimo, tão fraquinho. Vão achar que o anjinho do rio emergiu das águas. Sabes que do outro lado há clareiras onde grandes relâmpagos atingem quem nelas se prostra. Já não te contei vezes sem fio os horrores da vida em Domínio? Filho, as doenças de pele, monstruosas, que te farão cair de cama depois de lhes tocares. Não tens em ti preparo, não te fiz forte a ponto. E trá-las-ias para mim, depois, em voltando? Pois, Filho, se partes, não voltas. Disso sabes, que não é protecção extrema nem egoísmo de loba o que te tenho. É prudência em mim e em ti.

— Mas volto a perguntar-te porque ao barqueiro não pegam tais doenças? Se nos traz sustento e tanto que lhe pedes...

— Esse barqueiro não é como nós, Filho. É gente dura, à conta de andar no meio da lama e da conspurcação. Filho! — sussurra-lhe, pondo-se de joelhos no meio da cama e aproximando-o de si. — Filho, Filho, Filho... — Gata olhando em volta, voz praticamente em silvo. — Filho, eles copulam pelas ruas, dão-se a carnes em todo o lado, emburacam-se. Vê-se homens com os paus de fora, excitados, ruas abaixo, procurando meninos como tu. — Nisto, baloiça as ancas para a frente e para trás, puxando os enormes cabelos, emitindo um som gutural que lhe arranha a garganta. — Fariam de ti carne de lambuza, Filho, assim...

Esfrega os dedos na boca, nos dentes, sorvendo o ar em seu redor.

Filho observa-a, pavor puro, braços estendidos puxando camisa demasiado larga. Mãe passa os dedos pela língua, que os perpassa qual espada, desce-os pelo queixo, já ensanguentados de terem roçado gengiva e lábios. O corpo contorce-se

agora, vai e vem em ancas e dedos dos pés esticados ao longo das coxas. O som gutural que expelia antes transformado numa risada frenética, cabelos repuxados com a mão livre.

Filho sente a repulsa hedionda, olhos franzidos por não querer ver, ferida aberta em exposição crescente. À sua frente, Mãe contorce-se, possessão macabra daquela, que da descrição das vergonhas de Domínio cresceu para o corpo, em desatino.

Em súplica:

— Filho nada, amor! — E alcança-o com os dedos em garra. Subitamente parece-lhe ter vários braços, esta mãe em desordem, que o agarram e o encaminham para a cama. Não é de mãe e filho o que para lá vai, mas com poucas palavras se descreve. Filho atônito, figura quebrada, Mãe de presas e desvarios, ali em pés, a querer fazer deste filho amante, em rogo de mais corpo e de junção. — Filho... volta para dentro de mim. — E em nada se abarca ao chão, pernas abertas, vestes sem jeito. — Que se me deixas não sou.

Olhar lascivo da mulher, espelhando o brilho de horror em expressão de Filho sem mãe.

Filho corre para a porta, Mãe alcança-o:

— Não há de custar, Filho, juro que te consigo pôr dentro de mim novamente, aí juro, Filho. E ver-te-ei crescer de novo e em mim serás joias e proteção. Olha que belo o meu ventre, sente-o, é a tua casa, o teu lar. Filho, que desvario queres partir de mim. Não! É em contrário o teu andar. É corpo dentro, é por aqui de mim.

O quarto tem peso sobre os ombros de Filho, a porta que lhe dificulta a fuga, na ânsia da rapidez. Mãe levanta-se, agora em choros de «que me mato se não me vens», e persegue-o pela casa, queixo erguido, mãos manchadas de sangue e visco, preces e esgares de dizer nem ela sabe bem o quê. Perplexo, Filho marcha pela escadaria, nunca aqueles degraus lhe pareceram tão definitivos. Pensa ouvir «fica» em compasso doido, parece-lhe que já nem da boca da mãe aquilo vem. Talvez das ameias. Nos vitrais decrépitos, todas as figuras se scandalizaram num abrir de olhos insidioso e todas lhe sussurram «fica», sem demonstração possível do mais ligeiro remorso.

A escadaria termina num átrio pomposo, onde o mármore rosáceo quebra a sobriedade do resto do edifício. Filho encontra-se no exato meio desse átrio e é de lá que encara Mãe, dependuro de mulher onde falta tino.

— Aqui te deixo, Mãe. Não te observo, sequer, não te reconheço em mim ou

sequer na minha ideia de ti.

Os gritos de desespero não o demovem, já que a sede de cessar aquele nojo é dominante comparada com os motivos para ficar.

Poderiam comê-lo vivo as pessoas de Domínio que seria menor angústia que ver-se perante mãe-fêmea, eco final da falta de lucidez. É porta que pesa ainda mais, esta da entrada. Corpo meio dentro e meio fora, são soltos os pensamentos que lhe acorrem, a este Filho. Os gritos quase se tornam barulho de nevoeiro, e do lado de fora o vento corta as palavras em vagas.

Filho sai e tem em frente de si a ponte pestana de cabra. Nem lhe ocorre pensar que, a partir do salto do último degrau, onde escorrega num musgo irritante, é fazer vida por si só. Terminariam as manias de Mãe e seria senhor de si. Mas a névoa parece invadir-lhe o raciocínio e o caminho é esguio, por uma ponte que não se sabe que margens une. De Mãe, sintam-se os gritos e espraíem-se os cabelos. Dela não saberemos mais antes que reapareça, até porque desta mulher há pouco mais a saber.

Amor era miúdo trigueiro e ouvia com atenção enquanto o pai lhe contava a sua história. Homem na Cama prometera elucidá-lo, finalmente, sobre os zunzuns que se ouviam um pouco por todo o Domínio. As pessoas já começavam a comentar à desgarrada que aquele Amor do Voltinhas tinha pouco e que era uma hipocrisia tremenda avassalar a criança com um pai de cama se nem dele filho era. Que Muda lhe contasse quem era o pai, pediam as pessoas, mais preocupadas com a informação para si do que para o rapaz Amor, que se apercebia das bocas e dos olhares de «ai, coitadinho» que lhe deitavam a caminho da escola as pessoas que por essas alturas estavam acordadas e na rua.

Pouco caso fazem da felicidade da criança, estes. Mais pensam em entalar Muda contra uma parede, que aquilo era segredo que já durava há tempo de mais. Havia em Domínio marés de interesse por aquela família, que iam e vinham ao sabor das luas. Ora estavam todos em pulgas, fuçando a porta de Muda e perguntando-lhe «então é desta que nos diz de quem Amor é filho» quando esta lhes vinha trazer os sacos das compras, ou então eram meses que se passavam sem que o assunto viesse à baila.

Havia de haver entretenimento no porto ou na rua do relógio, ou então as massas passavam por algum tema de debate mais interessante do que a ascendência de Amor e o homem a quem Muda se teria dado em folguedo.

É verdade que lhes estava entalada, de uma forma geral, aquela história do parto à chuva, e que poucos tinham sido os que criam numa paternidade do Voltinhas. Viam Amor crescer em viço, o moreno incarnar-se nos cabelos, olhos e pele como se andasse em baixo do sol e não embrumado todo em chuva. Depois miravam os outros dois, os supostos pais da criança, tão deslavados, uma muda e outro acamado.

— Há de ser dos Postiços que por cá andaram.

— Sabe-se que as mudas são muito dadas às poucas-vergonhas.

— É filho da chuva, que lhe entrou pernas acima.

— Foi ao homem da tua vizinha que ela deu de bom grado.

E foi aqui que a coisa azedou.

Quando das teses dos postiços, ou da origem metafísica de Amor, passaram a atribuir-lhe pais de Domínio, companheiros e homens de outras e outros, o vento virou de rumo na paciência de Muda, mulher séria, encarregada de calcorrear a

terra em entrega de sacos e daí tirar o sustento para a casa.

Havia de faltar ainda uns anos para que Amor se tornasse Obreiro e, verdade seja dita, a Homem na Cama não faltava vontade de bulir, mas, como já sabemos, a fisionomia e a maldade das pessoas impediam-no de cumprir o objetivo. Não era por comer de mais, nem agora nem naquela altura, isso é facto assente. Mas também bem ajuizado era o raciocínio de Muda, que lhe dizia que, se ao povo lhe desse para pegar com ela pelo segredo que escondia, então não haveria quem lhe pedisse para levar sacos e pô-la-iam de parte, como fizeram a Homem na Cama, levando a que a família caísse em ruína.

Houve então uma tarde em que Muda foi ter com o companheiro e em rogos desgraçados lhe transmitiu que havia de inventar uma história para calar o povo e que não havia de ser nem ele nem ela a espalhá-la, pois assim haveria quem a achasse mentira, mas sim o pequeno Amor, que o povo pensa que as crianças não mentem. «Inventa para aí o que quiseres», pediu Muda em linguagem que demonstrava descaso. «Um postiço, um barqueiro, um fantasma...», mimava, «só não me ponhas em maus lençóis com este povo nem lhes contes a história como ela é.» Nisto, saiu do quarto de Homem na Cama com uma trouxa de lençóis enrolada aos braços.

Homem na Cama matutou no que lhe pediu Muda e, já que imaginação não lhe faltava, resolveu chamar Amor para junto de si. Naquela conversa, contar-lhe-ia de quem era filho e instigaria a criança a dizer ao povo que o ouviu conversar com Muda a esse respeito. Com isso, pensou, acabar-se-ia essa mania pestilenta de andarem a pôr Muda em baixo de homens com os quais nem nunca sequer se cruzara. Os zunzuns multiplicar-se-iam em jeito de novidade durante uma ou duas semanas e depois cairiam em discurso morno, coisa que já não meneia dois pares de pernas.

Esta é, então, a história de Muda que todos em Domínio conhecem. Mas que apenas a própria, Homem na Cama e nós sabemos que nada tem de verdade. A estas personalidades conhecedoras da verdade, por força das circunstâncias, se junta aquele que de facto encheu Muda de Amor. Voltemos aos tempos de um Amor miúdo e ouçamos o que o seu pai de criação lhe tem a dizer.

— Então, Amor — começou Homem na Cama —, se te pedisse algo, dar-mo-ias?

O rapazinho sentou-se de pernas cruzadas no chão, ao lado da cama, e abriu muito os olhos, esquecendo que na mão tinha duas miniaturas feitas por quem

lhe falava, pois era nessa fase final de criatividade de Homem na Cama que estávamos todos.

— Sim — murmurou com alguma desconfiança.

— Então queres saber quem é o teu pai?

— O meu pai és tu, eu não ouço o que as pessoas dizem por aí...

— Bem sei, Amor, sou eu, sou. Mas deixa-me que te dê outro. E já agora explico-te como se fazem essas coisas, queres? Os filhos? E as filhas.

— Sabemos todos que é o Barqueiro quem os traz da Capital, onde chegaram por encomenda do Presidente.

— Estamos muito informados! — gargalhou Homem na Cama. — Para tão tenra idade, deixa-me que te diga que tens muita certeza do que dizes, meu pequenote.

— Não é verdade?

— Não, Amor. Os filhos vêm de dentro das mulheres. E as filhas também. Mas é preciso primeiro que alguém lá ponha algo. Para que germine, sabes?

— É água?

— Não é bem... bem... é. É uma espécie de água de homem.

— Então aqui, ao que chove, não deve faltar mulheres de barriga assim.

Expressou o gesto andando pelo quarto com a barriga para a frente e as bochechas infladas, parecia um andarilho bêbedo em procissão.

— Não é dessa água, Amor. A seiva que faz os filhos não cai do céu. Estariam bem arrançadas, as mulheres de Domínio...

Amor sentou-se de novo, atenção circumspecta às feições de Homem na Cama.

— Sabes que os filhos e as filhas estão na barriga das mães. Tens tino nisso? — Amor acenou afirmativamente. — É algo que lá cresce e que, depois de uns meses, rebenta. — Ao olhar a expressão assustada de Amor, Homem na Cama recuou: — Não, calma. Não rebenta como um foguete... Vem com calma, assim aos pulos, mas com calma. A mulher é alertada pelo corpo, caem-lhe as águas...

Amor levou as mãos à cara:

— Ah, as águas que alguém tinha lá posto!

— Não, Amor, essas fizeram a criança, juntamente com o ovo da mãe que já lá estava.

Amor levantou-se de rompante e começou a andar para trás, assustado, feições de cal e mãozitas a dizer que não:

— Não, não, ovos têm as galinhas, as patas... oh, nem sei se as patas têm. Mas têm as cobras...

No rosto do rapaz, assombro.

Homem na Cama virou-se e revirou-se, sempre sem sair muito do mesmo

lugar. Assustava-se também ele com as proporções que lhe tomava o discurso naturalmente criativa do filho. Da testa escorriam-lhe dois riachos, que encontravam paradeiro na beira do lençol. Fazia menção de fumar. Não que fumasse. Aliás, poucos o faziam em Domínio, por serem mais os cigarros apagados pela chuva do que aqueles que sobreviviam em dedos e bocas. Mas o homem fazia o gesto do cigarro enrolado na mão, como se aquele fosse um gesto seu há mais de muito tempo, tique nervoso que provavelmente vira outros homens a fazer e lhe ficara no corpo como se fosse seu.

— Arre, caraças, que isto tem mais que se lhe diga do que eu supunha — murmurou em desconsolo. — Ó Muda!

Mas do corredor não se ouviam os passos da mulher. Homem na Cama olhou para Amor, ali ao pé, ávido de informação, rapazote com mil ideias a flutuar. Instalada a confusão, entre águas e ovos, decidiu-se pela via mais direta e foi assim, sem floreados, que Amor ficou a par da concepção:

— Bem, assim é: para haver uma criança, um homem e uma mulher têm de querer enfiar a pila na pomba, roçar, roçar até que de lá saia a tal água que não é água nenhuma, rapaz, é leite. E depois esse leite esbarra num ovo que a mulher lá tem e, pumba, transforma-se lentamente numa criança dentro da barriga da mulher.

— A pila?

O incómodo do homem, misto de pudor e falta de jeito, era visível na forma como se tentava acomodar no colchão.

— Oh, Amor, piroca, bigorrilho, o general, a fonte de ouro, canhangulo, aramanho, o cava cova, o cissão, o enforcado, o estoura cano, o glugluglu, o consolo, o morangão, o pescoço de frango, o relho, o sem-vergonha, o golfinho, o tarugo, o pai de todos...

A criança foi ficando imóvel à medida que Homem na Cama se aumentava em cor vermelha e em arfar, proferindo a lista de nomes do dito cujo com um ar até um pouco indignado, não por estar a enunciar palavras sem decoro, mas porque o miúdo não o entendia.

Deixou aquela lista no ar como quem já não consegue ir mais adiante, não por lhe faltar o que dizer, mas porque se escusa a continuar. Perante o olhar estupefacto do pequeno, acalmou-se, deixando de uma vez por todas a sobriedade assomar-lhe aos lábios.

— Sabes, Amor, isto tudo que te digo interessa-te pouco agora e, quem sabe, a dada altura descobrirás por ti próprio como fazer um filho a uma mulher. Ou, por outro lado, não, e serás pouco dado às mulheres. Mas o que te queria contar desde início, e que palermice minha não to ter explicado com mais honestidade, é que

me chamas pai sem eu o ser. A tua mãe já te tinha dentro quando a encontrei, quando a conheci.

— Tinha um ovo?

— Esquece lá isso! — Aproximou o miúdo de si. — Tinha-te a ti dentro dela e quem te pôs lá não fui eu, Amor. Desde logo te criámos e somos com quem podes contar nesta terra, Amor. Mas, desafortunadamente, não és metade meu e metade Muda. Não o vias já, hã? Estes cabelos tão escuros, a pele que até me cheira a canela de tanto que a ela se assemelha. Já vias que destes meus braços leitosos era difícil que proviesses.

— Mas quem é que me divide, então, com a Muda?

— Aqui é que começa a história, Amor. Senta-te e ouve.

»Quando vi a tua mãe, já começara a chover em Domínio há algum tempo. Vi-a assim curvada, com as mãos nos joelhos e cara de aflição. Abeirei-me da mulher e notei-lhe a gravidez e o embaraço. Veio o povo, foi um ai jesus, mas todos partiram do princípio que lá tinha sido eu a pôr-te, e não nos desfizemos. Só mais tarde a tua mãe me contou quem te pôs metade dentro dela. — Tossiu, virou a cara da de Amor e iniciou a história, dado que era às fábulas e aos acrescentos. — A Muda andava num leva e traz de sacos às pessoas, como sabes que é dela, e que ai de quem se lhe achesse no caminho quando anda com os sacos. Era mais jovem, não estava tão gasta de chuva, e surda nunca foi.

»Por isso, ouviu um gentil cavalheiro seco chamar-lhe por “ó rapariga” e virou-se. Lá estava ele: possante, enfarpelado, com sotaque da Capital manchado já por esta fala arrevesada aqui da terra. Porte de homem rico, romanceiro de quem só sabe armar tendas em corações alheios. Lá lhe queria encomendar dois sacos ou três, todos os dias, de preferência à manhã dele, que não era muito diferente do tempo em que a Muda se deitava, e por isso de início lhe negou o serviço. Arremedou-se com um “não, não, desculpe, senhor, mas a essa altura deite-me” feito todo com as mãos, claro, porque é muda, mas o cavalheiro achou-lhe graça aos métodos de comunicar. Vai daí insistiu e disse “mas se é muda, ouve?” que é aquela pergunta que fazem à tua mãe, bem sabes, como algo digno de se tomar nota e contar depois, a amigos. Mas adiante.

»Noite vai, noite vem, e o Cavalheiro sempre lá a rondar o mercado e a rua do relógio, mais o porto e as beiras das portas onde a Muda entregava os últimos sacos. Entregava-lhe moedas de ouro da Capital e a mulher gesticulava “mas isso serve-me aqui?”, e ele respondia que, se não era de serviço essa prenda, tinha outras, tinha viajado por muito mundo e na sua casa encontrava perfumes e sedas e remédios. Foi nestes últimos que a Muda se fixou, e na ideia de haver algum que lhe desse voz. Explicou-lhe que perfumes e sedas em terra onde sempre chove

era o mesmo que pedir um copo de água enquanto se afogava. Mas que lhe interessava essa história dos remédios. E perguntou se havia algum para lhe dar voz. “Pois claro que sim”, retorquiu o Cavalheiro, “tenho-o lá guardado para si.”

»Depois a Muda pensou para que queria a voz, já que se explicava tão bem sem sons, por se andar a fazer à vida desde garota. A soberba ganhou-lhe à necessidade e pensou que com voz talvez arranjasse mais trabalho, já que alguns clientes, às alturas a que ela passava, estavam naquele sono bom do acordar e muitas vezes não lhe ouviam as palmas, mas os berros a chamar haviam de ouvir. Assim escusaria ela de ter tantos desencontros e de se achar tantas vezes cheia de sacos cheios de coisas de sobra.

»Então, Amor, lá foi, uma noite. Não sabia bem o que lhe queria aquele nobre e riquíssimo Cavalheiro. Se era o serviço dos sacos a desoras, se era companhia, se o que era. Pareciam-lhe falinhas muito mansas, assim ditas com a voz já a roçar o assobio de malandro, mas a ideia do remédio que dava voz era tal que a Muda foi. Primeiro, pelas veredas que saem do mercado até ao porto, e o afável Cavalheiro portava-se de forma muito distinta, deixando a Muda passar à sua frente, cobrando-lhe a mão para que saltasse uma pocita ou outra. Sabes que nesse tempo ainda havia ruas descobertas, então as gentes abraçavam-se umas às outras para não ficarem tão molhadas. Por isso a certo passo do caminho o Cavalheiro abraçou-a... e a Muda toda contente.

»Não a condenes, Amor, o Cavalheiro era lindo. Além do remédio para a voz e da lábia de povoador, o Cavalheiro tinha desses olhos fundo de poço, como os teus, a lembrar azeitonas, e a Muda, ainda agora, é quem lhe ponha azeitonas no prato que até dança a noite inteira, de tão tola que é por elas. Mas, já agora, as pretas, que as verdes explica que não têm sumo nenhum. Desculpa o aparte, mas é para caso te passe de alguma vez lewares-lhe azeitonas, que não as leves das verdes, que tas arranca das mãos e tas atira para um charco. É que já mo fez e já sabes que eu não sou de comer muito... Mas vamos lá, está a Muda pela vereda abraçada ao Cavalheiro, não é? Pois é. E, como já havia dito, aquilo era parte do dia que andava pouca gente.

»As pessoas ainda andavam assim meias de pazes feitas com horários, embora muitas tivessem já decidido que, pelo facto de estar sempre o tempo cinzento e chuvoso, e o sol mal se perceber no céu, haveriam de fazer o seu próprio tempo, alheias ao resto. E depois chegámos ao que é hoje, em que cada um faz o que quer e que muito bem o faz. Mas não te distraias, escuta-me, estavam a Muda e o Cavalheiro quase a chegar ao porto quando lhe dá a ele para a encostar às grades da Ponte Antiga, aquela fininha, estreitinha, que mais parece uma pestana de uma cabra e que dizem, e o Homem das Imposições confirma, vai dar a uma

Fortaleza que dantes se via tão bem do porto, mas que as chuvas e as aranhas trataram de esconder de quem passa cá.

»Diz-lhe o Cavalheiro “olha, Muda, é ali a minha casa”, e ela arregalou os olhos como estás a fazer agora, só que mais porque os olhos dela são maiores, não por nascença ou por ser mulher, mas porque, por se expressar sempre sem voz, lhe saltam mais das órbitas que a ti e a mim também, por sinal. “Ali encontras aquilo de que te falei, Muda, os remédios e as sedas e os perfumes que já sei que não queres. Mas os remédios, Muda. Ali está o frasco guardado por um saquinho de veludo que te vai pôr a falar. E, com voz, vais poder cantar aos clientes, Muda, e vais ganhá-los pela surpresa. Já imaginaste, Muda? De súbito, um deles apanhar-te a cantar debaixo da sua janela a anunciar fresas e morangos? E não gostarias de um dia sibilares a um filho que o amas? Ai, Muda, que estás quase a falar. E se, além do remédio, já te desse também o filho a quem hás de falar?”

»Nisto, a Muda percebeu que ali havia mais do que vontade de lhe contratar o serviço dos sacos. Olhou-o por não mais do que dois ou três segundos e explicou-lhe, sem o mínimo sobressalto, que fizesse o que quisesse, que agora que lhe tinha falado de cantar a um filho já não pensava noutra coisa sequer. Levantou as saias, todas com as beiras manchadas de lama, e ali mesmo o Cavalheiro começou a tentar fazer com que te criasses dentro da Muda.

»Foram doze vezes, Amor, assim encostados às grades da Ponte Antiga, a ponte pestana de cabra. Nos doze dias seguintes, o Cavalheiro veio ter com a Muda, e ela, de mãos agarradas aos ferros e ele por trás, trotavam até ela sentir que já estavas feito. Ao longo dessas doze vezes, a Muda perguntou-lhe muitas vezes onde estava o remédio da fala e ele dizia “amanhã”, cheio de vício na boca. A Muda perguntava-lhe também porque não pediam ao barqueiro que os levasse à Fortaleza, para que aí pudessem estar com demoras que não fossem aquelas de encontro às grades. Mas quantas vezes ela perguntou, com as mãos e com os olhos e o queixo a fazer sinal em direção à ponte fininha, quantas vezes ele disse “amanhã”.

»O amanhã chega pouco a Domínio, já sabes, não é? Que às vezes andamos a semana toda a achar que é quinta-feira, de tão pouco que deitamos tino ao tempo a passar. O amanhã, para a Muda, ao fim desses doze dias, não chegou. Ao décimo terceiro, o Cavalheiro lá estava, de encontro às grades, mas com voz rouca de “isto tem de acabar” e a triste notícia de que a mulher e o filho, criança recém-nascida, não haviam de achar piada a uma muda grávida de metade dele. A tua mãe ainda lhe pediu o remédio, mas já pouco convicta de que ele lho desse, que sequer ele existisse. Nessa mesma noite, ainda se beijaram pelas grades, mas já era com demasiada precaução que o Cavalheiro procurava levantar-lhe as saias, e mesmo a

Muda, tola de paixão, já percebia que dali dificilmente lhe haveria de chegar quem a recriasse.

»O Cavalheiro voltou-se e desapareceu ponte fora, ponte fininha de meter dó à mais estreita ruela de Domínio. A Muda serpenteou pelas ruas, primeiro em lamúrias de mulher deixada, depois em decisões de tem de ser. Abordou o Homem das Imposições duas ou três vezes, a perguntar se a podia levar à Fortaleza, mas ele percebia-a mal ou então fazia-se de idiota. Riu-se quando entendeu e abriu os braços sobre a cabeça, e depois voltou a fechá-los, como se estivesse a fazer sinal a alguma ave. Isso significava que nem pensar e que ela havia de estar maluca. Que à Fortaleza ninguém ia a não ser ele e aí dela que o tentasse sequer convencer do contrário, fosse com ofertas de que ordem fosse.

»Já se sabe que os meses são muito amigos do esquecimento. E quando vi a tua mãe já ela mal se lembrava do Cavalheiro que lhe tinha deixado metade de ti dentro dela, para que te construísse. Já só se preocupava em que saíesses cá para fora de boa vontade e que o povo falasse pouco, porque, maus como são, podiam tirar-lhe o trabalho, como me fizeram a mim. Mas essa outra história já tu a conheces, Amor.

Amor levantou-se, finalmente. Olhava Homem na Cama e naqueles dois poços negros dizia-lhe tudo o que era preciso, linguagem de olhos aprendida com a mãe Muda: «Dessa história hei de querer saber muito mais, pai.» Dentro dele, aquele Cavalheiro começou a ganhar feições e traços perfeitos. Era-o em mais velho, morando na sua Fortaleza escondida pela névoa e pela Praia das Aranhas. Era-o em si. A história replicou-a Domínio fora, tornando-a, assim, de conhecimento público e cumprindo as intenções de Muda de acabar com o falatório. Mas não foi esse estranho facto, uma muda querer acabar com o falatório, que o fez disseminar a história que Homem na Cama lhe contara. Desde miúdo, quis informar tudo e todos de que um dia iria à Fortaleza buscar o remédio que faria com que a sua mãe falasse. E, mesmo mais velho, consciente da pouca possibilidade de haver tal remédio, era na ideia de vingar o abandono de Muda que se fixava. Sabemos que quem anda a correr com fome de vingança raramente tira daí o juízo. E que raramente lhe saem bem os planos. Veremos que a este Amor, crido numa história inventada, não haverá redenção ao seu plano ou qualquer outra forma de remorso.

Anos passados, homem obreiro, Amor regressava amiúde às grades onde o Cavalheiro completou Muda para que o formasse, e pensava tanto que não haveria

de aquela história ficar assim. Aos abanares de mãos com que Homem na Cama e Muda queriam que ele esquecesse a fábula do seu nascimento, Amor respondia com um falsíssimo e breve acenar de cabeça. Daqueles que sabemos que são só para calar os outros.

Observava o remoinho de Domínio com a placidez de um astro. «Minha grande obsessão», pensava. Nem o alívio de se ver Fortaleza fora o sossegava. A dor da liberdade trazia-a à flor de si, como se ao esgueirar-se por aquela ponte fora tivesse deixado escamar meia pele. A pele de Filho de encontro às grades, certeza de que não seria aquela última barreira a impedi-lo de chegar ao olho da bagunça do porto. O portão abria-se por dentro sem sufoco, e aí estava ele, terra à beira de se tornar real. Meio passo, dois passos, Filho desceu, encostou os calcanhares pelas pedras escamadas da praceta principal de Domínio. Estava entregue a si e à parca luz das ruas daquela terra.

Não havia, portanto, qualquer necessidade de adaptar os olhos a uma luminosidade distinta.

Em seu redor, juntaram-se primeiro dois homens, que o observaram a sair pela ponte. Ambos gente de levar mão aos chapéus, bocas abertas. Ambos, em sincronia, olharam Filho, as suas calças vermelhas, as mãos cheias de anéis, a ideia a descer por todas as ruas. Os dois que se lhe juntaram nem eram dignos de ser multidão, não se sabe por isso por que razão veio tanta gente ter com este Filho cansado por se ir embora.

Aos dois primeiros seguiram-se então tantos, todos cabeça de chuva, assim desengonçados, pareciam-lhe um só animal, aranha talvez, que o observava. À estranheza dos outros, Filho respondia com passos e calcanhares. Bastante molhado, dir-se-ia. Todos bastante molhados, de facto. E da chuva veio o primeiro «ei». Sílabas só, um cavalo solto, interjeição danada. Montes de pessoas em «ei» fazem uma apenas, se a só uma se dirigir a voz, mal saída da boca.

Filho entreolhou as costas de si próprio. A chuva consumia de cinza a pequenina ponte que o separava da mãe. As grades do ligeiro arco haviam-se fechado, numa teatralidade pouco planeada, o seu quê de improvisação a tornar-se obviedade obsoleta. Pela frente, multidão em coro. Pelas costas, já não era caminho. Circunstanciadas, as pessoas olhavam-no em série, em espanto. Deixavam-lhe assim um círculo cauteloso, esférico, onde Filho entretinha os calcanhares nas pedras da rua, observando.

Fluxo demasiado intenso para se perceber. Dos dois homens iniciais, da multidão que se lhe seguiu, aquilo já era uma turba, a que o observava.

Pequenino filho, molhado de tanto esperar. Não era medo que lhe causava aquela gente toda em «ei» a si. Não era aflição de pressa, não era sequer pânico. Era uma ideia de não ser, catadupa de imagens que o assomavam à saída. Não sabia o que o esperava, a fuga não tinha sido muito planeada. Não se lhe tinham posto à frente mapas cheios de pequenos relevos incrustados, assinalando as casas-refúgio e os lugares de sopa estendida.

Filho vivera em total isolamento na Fortaleza. Mas agora apresentavam-se-lhe pessoas em multidão e o caminho entre um e outros estreitava-se. As pessoas percebiam aos poucos que aquele era um rapaz sobrevivendo do misterioso lado de lá da ponte e achavam-se capazes de se aproximar. Observavam-lhe o peito nu, a fraqueza de ossos, os punhos cerrados ao longo do corpo, os pés descalços cada vez mais submersos. Imaginavam que, à força de assim estarem tão fechadas, aquelas mãos deveriam estar a ficar todas marcadas de unhas e anéis. Notava-se a força que faziam, eram visíveis as veias marcadas em torno aos dedos. Filho pensava «eu quero esquecê-la», e apenas isso o fazia permanecer de pé em frente a uma multidão que não era mais curiosa, senão audaz.

Placidez de astro, dir-se-ia. Mas para aquelas pessoas, que viam assim aflorar do desconhecido um rapaz seminu, tinha mais de aranha do que de estrela a aparição que se lhes chegava. Por isso, iam-se aproximando, nariz para cima, gente habituada a não ligar aos cheiros devido ao facto de estes estarem sempre cheios de chuva. Mas ali tinham assim os narizes, como que a cheirar. Palpavam a distância entre ambos com o nariz. Ao mesmo tempo, mexiam-se os pés, caminhando discretos, mas firmes, rumo a Filho, cuja permanência de soldado em defesa não via descanso.

Foi sem medo, também, que sentiu a primeira mão tocar-lhe o cabelo, espremendo-o em água. E depois dessas vieram outras, juízo final a galope. Pareciam-lhe baixar-se, as pessoas, à medida que dele se abeiravam. Mas nada de respeito. Antes desafio. Exclamação imensa. Depois, outra mão mediu-lhe os ombros, viram que a carne era de humano, contornaram-lhe o peito e detiveram-se nos ombros.

Já não conseguia perceber de quantas mãos era o seu corpo objeto. Muitas, sem que os «eis» sossegassem. Porque queria tanta gente perceber-lhe a humanidade? Seria assim mesmo, no mundo real? Um cumprimento? Haveria pouco a estranhar? E aquela língua rígida na sua cintura? Que mexido se sentia, aquele corpo que só tinha sido de sua mãe. E agora todos o disputavam. «Ei», diziam, enquanto o empurravam entre uns e outros. Filho era então um bicho

solto, domado, e onde, há não muito, havia apenas as mãos de Mãe, estavam agora dúzias de unhas. Que mexido se sentia e quanto isso o extasiava. Sensação nova, de ser perseguido com mãos pelo corpo abaixo, e a chuva parecia criar o espaço necessário para que esses toques não o incomodassem.

Tornou a si quando reclamaram cabelo, quando puxaram dedos, quando o despojaram dos anéis, quando lhe exigiram as calças, e já lá vinha alguém abrindo-lhe as pernas. «Ei», diziam. Mas agora a interjeição era de riso, de gargalhada, turba furiosa. Disputavam-lhe os pés, já dentro de bocas. Beijavam-no, sem que Filho soubesse se aquilo eram beijos. Experimentavam-no, antes. Provavam-no humano. Foi apenas quando entendeu que dali não sairia que Filho percebeu que aquilo não havia de ser o cumprimento habitual das gentes de Domínio.

Esfregou-se, então, contra o que podia. Desbaratou com pernas e braços, gritou sem ser em palavras. Contorcia um corpo que já nem sequer estava preso ao chão, mas antes puxado entre arranques de quem mais.

A carne de Filho haveria de se desgrudar dos ossos, que estalariam, separando-se. O seu cabelo haveria de sair com escalpe da sua cabeça de menino, o nariz perfurado de dedos que lhe iriam capturar unhas de cérebro. Haveria de morrer, este menino de sua Mãe.

Não fosse da multidão ter surgido ele, e, ao vê-lo, esta ter-se afastado, agora em «sss», amarfanhados pelos nervos de ter de obedecer, ter-lhe-iam sido arrancados os joelhos, apenas os joelhos, curiosidade imensa com os joelhos de Filho. Em golfadas de «ei», Filho teria acabado por ser desfeito ali mesmo à saída da ponte, e a carne distribuída com parcimónia pelas putas de Domínio, que as havia. Não fosse de repente todo o esbracejar ter dado lugar ao silêncio da obediência. Filho num charco, deixado a pousar. Em frente a ele, o corpo cheio de chuva do homem obreiro que o viria salvar e que ordenou à multidão: «Deixem-no!»

A mão que lhe oferecia amparo era a de Amor, e o que lhe disse, àquele Filho prostrado em estupefação, foi algo que não se ouviu.

Nem sempre as pessoas esperadas chegam. E muito já passava do tempo combinado. Dono apertava os dedos contra os seus próprios quadris enquanto olhava mar adentro, míope, à espera de ver chegar o barqueiro com Mulher. *Raios partam*, pensou, que a casa estava toda montada, rapazes alinhados, e dela nem sombra. Caminhava pela pequena orla do seu porto de vidros e empurrava-os. O carregamento de Gota lá direito, a sala da taberna a cheirar a seco, os comensais que se acotovelavam em chegadas, mas nenhuma era a dela. Dono desesperava, desgraçado, nem era tanto a arrumação da taberna e o esforço dos rapazes que lhe dava pena por não ser vista por Mulher, era mais a ideia da saudade que não iria levar estocada redentora. Pelo menos não nessa noite.

E por isso entrou, cumprimentos aqui, palmadinhas nas costas, pessoas todas ainda bastante encharcadas por chegarem de Domínio. Ao fundo, o pequeno palco devolvia-lhe uma luz azulada e pelas mesas os rapazes faziam-se gatos, parecendo que, pelo soalho, os seus pés quase não pousavam. Algazarra de festa, noite especial, Gota à solta. Aquele martírio só o passava um, coitado, e era a quem mais esperava que o desespero não cansava de se instalar.

— Parece-me que não vem — confessou a Rapaz, enquanto o via ensaiar os traquejos de mão por trás do palco.

— Raios a partam, Dono, que te põe nesse estado. Vem, não vem, aparece, desavisa... Não há grande sensatez em fazer-se esperar desta forma, em crer-se importante.

— Mas se é isso que ela é... para todos...

— Talvez haja em ti uma imensidão maior de presença dela. Olha-nos, espreita lá para dentro. As justificações que nos arranjas para a esperares com tamanha aflição já não encantam ninguém. Vê-nos, olha aqueles rapazes. São os teus rapazes, têm-se por eles e é por eles que as mesas estão a ficar cheias. Dono, pela tua Mulher já há poucos que esperem... Vêm por Gota, ou por o que eles pensam que é aquilo que os euforiza. Pelo baque que se ouve no palco de cada vez que para lá subimos. As pessoas de Domínio vêm até aqui por muitos motivos, Dono, e sabes que encontrar a Mulher já pouco lhes diz.

Ao ouvir as palavras de Rapaz, Dono sentava-se em si cada vez mais, até ficar de cócoras, encostado à parede de onde pendiam fatos de teatro.

— Ouve-me, Dono, temos isto bem montado. Os carregamentos em nada dela

dependem, e eu tantas vezes vou buscar gota às plantações que já quase a sei aqui fazer. As pessoas deixam dinheiro, embriagam-se. Da taberna quem é dono és tu e não ela. Tenta que não seja ela a que te domina, pois para isso basta-nos a terra e a vida.

Ao levantar-se, Dono olhou seriamente Rapaz. O movimento da mão a pousar-se sobre o seu ombro foi lento, quase programado. Os olhos de Dono explicavam que não era a falta de sustento que o preocupava, muito menos a dúvida de se bastarem por si. Não era o medo da ingerência da taberna onde tantos iam dançar nem a falta de qualidade dos rapazes que ali se apresentavam. Não faltaria festa sem Mulher, nem mais, nem menos. Havia-se passado muito tempo desde que os curiosos iam ver Mulher da Capital dançar naqueles passos de tanto som. Tinha-se feito Dono por si só, sem para isso precisar de ninguém.

— Há uma imensa tristeza em mim, Rapaz. Já não lhe dou pedras raras, não a encanto com surpresas nem a vejo. Não a vejo. E, por mais que a espere, não a vejo em mim. És o meu Rapaz, bem sei, mas a esse corpo faltam mágoas. A esse corpo faltam mágoas, Rapaz. Precisamos de tê-las numa certa quantidade para perceber que ao corpo fazem falta mágoas. Tenho-as de sobra. E ela alivia-mas.

Tudo isto era dito numa serenidade tal que Rapaz sentiu necessidade de imprimir alguma teatralidade à cena e por isso disse:

— Dá-lhe festa, então, quando te aparecer à frente.

Dono sorriu, percorreu com os dedos o peito torneado de Rapaz e parou-lhe próximo ao centro.

— Se conseguisses perceber a minha mágoa maior, não me dirias que não a esperasse.

— O vosso filho, eu sei... — atirou, com a imprevisibilidade dos novos.

— O nosso filho nem foi filho, Rapaz, e essa história já lá vai... Pensamos tanto em noites da vida, e tanto nelas justificamos e fazemos delas pontos fulcrais para explicar tudo, que nos esquecemos da sua inutilidade. É certo, Rapaz, aquela noite, ali deitada nas pedras, a perder a criatura, o meu desespero, as cantorias... mas foi... Nenhum pintor veio da Capital desenhar-nos a todos a óleo e é bem verdade que ficámos todos lá presos, de alguma forma. Ainda nem cá tinhas chegado. Dezassete anos... Estarias tu a nascer também, algures noutro lugar?

— É provável que estivesse encolhido já numa ninhada de gatos...

— Mas a vida é um emaranhado e essa noite faz parte de uma infinidade de tantas outras... A mágoa que me corrói, hoje, é o medo de perceber mais uma vez o que a vida foi fazendo da minha Mulher. Não me creias ansioso para que ela venha... Como dizes, temos casa cheia, dinheiros até de outras partes, Gota garantida. Temo vê-la frágil, temo que chegue e abra a porta e não dance. Que se

aninhe a um canto e que se aperceba, como me dizes também, de que já ninguém aqui está para ver os enormes peixes que lhe saem pelos olhos enquanto se meneia e se crê dona de tudo... Tenho-lhe amor quando a vejo alheada.

— Descreves-me o envelhecer...

— Não, não... Não, Rapaz. Mulher é nova, mesmo para estes climas. Falo-te da perda do valor e essa é uma velhice difícil de entender, quando nos apanha jovens...

Escondidos do som da taberna por se encontrarem atrás do palco, Dono e Rapaz não se apercebiam de que o espaço ia ficando mais cheio, já quase não se distinguindo o que era grito ou copo partido. Cortina entreaberta, surge o rosto de outro rapaz, meio escondido, mas mostrando bem uma boca pintada de onde saem as palavras:

— Já chegou. — E logo a seguir, com uma gargalhada. — Vocês vão continuar aqui atrás a ver quando se decidem montar um ao outro?

— Mas chegou quem?

— Arre, quem esperas, Dono? Chegou a Mulher. Está ali sentada na mesa que lhe destinaste e não tarda espeta a testa no tampo, à conta da Gota que bebeu de golada. Ai de mim querer opinar sobre o que deves fazer... mas... deixando-o claro, acho que deves ir ter com ela. Afinal de contas, há pouco parecias um reflexo de estrela no mar, ali sem rumo à espera que chegasse. E agora que chegou, e como chegou!, não a recebes.

*

Doido, Dono abriu as cortinas e subiu ao tablado. Procurou-a, um pouco confuso pela luz das candeias que entretanto já estavam acesas. Encontrou-a na mesa suposta, estava de braços abertos e enrolava as mãos, a música já se proporcionava a isso. Levantou a cabeça parecendo exatamente que sabia que o iria encontrar. O seu olhar culpou-o, primeiro, pela ausência. Mas logo descaiu. E logo as mãos se fecharam em cima da mesa. E rapidamente começou a chorar. Em soluços. Em grandes e tenebrosos soluços que ofuscaram qualquer outro som que por lá se ouvisse, naquela taberna em festa.

— Mas que filha da putice é esta? — Era Ministro quem chegava à praça onde Filho, Amor e a turba de curiosos ainda se amontoavam. — Sai um homem de casa para dar andamento à obra do rompimento dos esgotos e é isto que lhe vem parar aos olhos? Mas estão tolos? «Ei»? Já desaprenderam a fala ou a chuva tolhe-lhes o juízo?

Ao verem a presença de Ministro, o séquito que o protegia da chuva, a camada de Obreiros que o seguia e a irritação do comandante da zona, as pessoas foram-se afastando, dando mais receio ao corpo do que curiosidade à alma.

— Partam para as vossas vidas, façam lá o que têm a fazer por esta altura e deixem-se de teatros. Valha-me, que já não havia consumição que chegasse com a esterqueira que por aqui vai, ainda vim dar com os porcos a cheirar carne fresca. Mas, digam-me lá, quem são vocês? Tu não és Obreiro? Com tanta merda aí a escorrer à chuva e estás para aqui para a praça a olhar a ver se alguém se espalha?

Ministro olhava agora para Filho e Amor, apartados de todos, encostados às grades da ponte pestana de cabra que conduz à Fortaleza, abandonada há tão pouco tempo por Filho.

— Sou Obreiro, sim, senhor Ministro, e protegia este rapaz que cá chegou hoje. A turba estranhou-lhe os gestos, as roupas, o tom da pele e o cheiro, e, não fosse eu chegar, já só o Ministro viria aqui proteger os ossos, que o tinham comido à certa.

— Olha lá, ó humorista, e não sabes que há uma desconstrução valente? Que o cheiro até já me chegou a casa? Os Obreiros trabalham, não ficam para aí a proteger os gatos tresmalhados que lhes aparecem do outro lado do portão. Se era para o comer, olha, já estava... era menos um a cagar em Domínio!

— Com todo o respeito, senhor Ministro, não poderia deixar que isso acontecesse.

— Pois, está bem, está bem. E diz-me lá, o rapaz quem é? Que nunca o vi por estas bandas. Anda-se-me a esconder pelas matas para não pagar imposição e agora deu-lhe a vontade de vir fazer turismo ao centro nesses preparos?

Filho olhou Amor, tentando perceber de quem se tratava. Era praticamente impossível não entender que aquela era uma figura da autoridade. Mas, ainda assim, Filho vacilou:

— E a senhoria quem é, que me põe questões?

— Este agora fala-me à tempo passado. Estou bem feito. — Aconchegou-se mais noutro Obreiro que o tapava da chuva e informou Filho: — Sou quem manda nesta merda e quero saber quem é que tu és. É verdade, pode não te parecer que esta terra tenha um agente da ordem, tão destrambelhada está, mas aqui estou eu.

— Vim daquela Fortaleza, cheguei há pouco. Tropecei nestes degraus e quem me salvou foi Amor.

Estranhando o facto de Filho já saber como o tratar, Amor confirmou:

— É daquele lado, senhor Ministro, bem dizíamos que para lá havia alguém.

O Obreiro olhou a entrada da ponte, abanou as grades, verificando-as mais fracas do que o habitual. Fixou-se na ideia de que era dessa que as abriria e caminharia ponte fora, que se aquele rapaz débil o conseguira, para ele seria tarefa fácil. Todo o seu corpo era já tensão de acabar com o mistério que lhe dava a volta aos dias.

— É claro que há alguém. O Homem das Imposições passa a vida a levar para lá o que aqui não faz falta e a cobrar de lá as retenções.

— Então o senhor Ministro sabia que para lá havia alguém?

— Obreiro, eu só não sei do que não me interessa. E olha que há muito que não me interesse. Este é um desses assuntos. Não. Me. Interessa. Por lá há de haver umas quantas pessoas, sim, senhor, mas estão destacadas ao Homem das Imposições. Trabalho em mandar já me sobra aqui. E não te ponhas com ideias de te fazeres bandeirante e ir lá ver o que há. Pelo Acordo, os Obreiros estão proibidos em absoluto de sair de Domínio, não precisas que to recorde. Mete-te lá às descobertas e vais ver como te fodo em três tempos.

— Nunca entendi essas regras... — suspirou Amor. — Eu ia e vinha tratar de pendências.

— Ora, essa está boa. Pendências... a única com que te deves preocupar é a que tens no meio das pernas. Se te pagasse para entenderes cláusulas de acordos e tratares de pendências, fazia-te intelectual, homem. Era o que me faltava, porra! Andarem Obreiros a fuxicar o que existe para lá e para cá, com este lodaçal desta terra sempre a dar que fazer. Se te sei pela ponte fora, Obreiro, cancelo-te a função. Passam os paizinhos, que assumo que os tenhas, a pagar as imposições por inteiro e exproprio-te casinha onde vivas. Só te sobra depois a gota, que com esse corpo hás de ter lá serventia tamanha.

Observa depois Filho, mede-lhe o corpo.

— Já este, parece que o vejo à transparência. Saíste de lá porque não querias lá ficar ou foste mandado embora por alguma trifulhice que para lá fizeste?

— Saí de lá desavindo. Quero conhecer a terra, plantar-me em cada espaço e

saber o que existe para lá destas grades que hoje quebrei.

— Está certo, poeta. Então começa-se a plantar na gota, que é onde há trabalho. Obreiro, encaminha-o. Fica à tua responsabilidade, a criatura. Trata de o levar ao notário para que alguém lhe dê um número de imposição e depois vai com ele à Fazenda da gota, ver o que se arranja. Franzino e branquinho, vai ficar a tirar ciscos das bagas, mas que seja. Olha lá, e quem lá ficou não vem para aqui mandar vir à tua procura?

— Preferia deixar quem lá ficou devoto à sua solidão.

Enquanto Filho se preparava para falar mais, Ministro recebe uma carta, encharcada mas importante, que lhe retira toda a atenção do discurso do recém-chegado.

— Pois, pois... tenho dito. Agora é dispersar, minha gente, e não me venham mais com essas de «eis», mas que raio. Todos aqui *enchuvados*, feitos aparições, à desata do rapaz. Ide, ide, e, Obreiro, já estamos conversados. O que acontecer ao recém-chegado ou o que ele fizer acontecer é da tua responsabilidade. E nada de ideias de veres o que vai e o que vem de lá. Esterrinco-te!

Amor olhou Filho. Em si, tudo o que lhe apetecia era precisamente aquilo para o que Ministro o estava a destinar: manter-se perto do rapaz e tratar de o encaminhar para todo o lado. Mas, não querendo mostrar a alegria que lhe dava tal incumbência, disfarçando um pouco o contentamento para que sobretudo Ministro não percebesse, ainda lhe perguntou:

— Mas e a desconstrução, senhor Ministro? Não devo juntar-me aos meus companheiros?

Já não o ouviu, o chefe de Domínio. As suas botas já se enlameavam em direção a outro lugar, e um cão começou a ladrar no momento em que Amor engrossou a voz para lhe fazer a pergunta.

Filho e Amor passariam a estar juntos o tempo que quisessem. Sem o saber, Ministro tinha autorizado ou, melhor, obrigado a que Amor o amparasse. O abraço que lhe deu, um dos primeiros, sentiu-o Filho como uma onda. Mas para Amor, recorde-se, de Fortaleza não era suposto vir grande coisa. E ainda há que explicar esta chegada à mãe Muda. Ambos de mãos dadas, é para a casa dessa mulher que ambos agora caminham. Mas não sem antes Amor, depois de caminhar um pouco, perguntar a este Filho se não queria conhecer a terra a que chegara.

— É uma terra cheia de mágoas — avisou-o.

Olhou depois a entrada da ponte pestana de cabra. Não seriam as palavras de Ministro a impedi-lo de descobrir aquilo com que sempre se intrigara.

Aproveitemos este encontro entre Amor e Filho para, acompanhando-os, conhecermos melhor as ruas e travessas de Domínio. Nesta história, da qual a terra é personagem nuclear, falta-nos entendê-la com melhor gênero. Terra onde já sabemos que chove sempre e o tempo parou. Mas dela temos tido apenas lampejos, relâmpagos que vão alumando o caminho dos nossos heróis. Agora queremos-lhe o cheiro, sintamos-lhe os sons e terminemos de vez com a estranheza de achar que estamos em nenhures.

Já sabemos que nem sempre choveu em Domínio, e por isso vamos à pré-história das coisas, desossemos com calma o que aqui havia dantes, algo que não vemos, nem nós, nem os dois que agora saem da alçada da ponte fininha e se encaminham para as ruelas do porto. E que diferente era Domínio antigamente!

Domínio era terra de ouro, pérola de um vasto território, onde acudiam figuras ilustres da burguesia continental. O ouro que lhe reconheciam não vinha do minério, coisita sem interesse, trabalhado nas montanhas adjacentes a Domínio, mas sem intenso valor de troca no centro urbano. Vinha-lhe a fama à conta do aspeito do rio, da ria, do mar, e do sol, que, pela estratégica posição geográfica que Domínio tinha no mundo, lhe davam assim uma luz de moldura de quadro antigo, sensação de que o astro se estava sempre a pôr ou a levantar sem nunca ter de estar deitado. Madames de ésses arrastadíssimos e importantes senhores faziam de uns dias em Domínio algo para depois contar nas *matinés* da Capital. «E então lá estivemos dois dias, numa pousada simpaticíssima. Que terrinha castiça, aquela. E a luz, e a luz de Domínio?» Parece inverosímil que se falasse assim de Domínio, mas era o prato que então servia aos que a ela vinham em turismo de casal. «As ruelas, que agradáveis!», concordavam sempre.

Quando o assunto ia para as pessoas, exclamavam-se-lhes elogios: «Que gente trabalhadora! Digníssima! Muito limpa e educada.» Era-lhes reconhecido o temperamento inflamado, a ânsia do palavrão e da festa, e o sotaque vincado fazia quase sempre a burguesia da Capital enrubescer e proceder a um enaltecimento garboso, carregado de condescendência, «Engraçadíssimo! Gosto imensíssimo! Aos mais velhos, praticamente não os entendemos! Mas eles lá se arranjam...»

Era vê-los, aos que mais tarde seriam apelidados de Postiços, a chegar de barco, com os seus sapatinhos de lona, aptos para qualquer extravagância que lhes concedesse terra de tão bons ares, que, afinal, e comparada com outras do

Território, não distava assim tanto da Capital.

Mesmo antes das chuvas, Domínio era já uma espécie de extravagância digna de visita. À saída do barco, os visitantes eram recebidos por residentes que lhes propunham quartos, experiências e outras singularidades prontas a seduzir quem lá chegava meio tonto da viagem, por vezes mareado, mas com aquela expectativa com que se aporta em terra nova. Logo ali, nas cercanias do porto, pululavam tabernas e pregões, encantando os visitantes com uma tipicidade cuja verdade estava mais nos olhos de quem chega do que nos corações de quem habita. Era habitual, nesse tempo, alguém levantar-se da cama contrariado para ir fingir fazer algo de típico, como ensaiar passitos de dança em frente ao porto da terra, quando se aproximava a barcaça dos turistas.

A recebê-los, também, quase sempre um trio de músicos, de fama reconhecida, plantados qual monumento na praça em frente à fonte do anjinho. Um trio que merece que pausemos por momentos a nossa visita ao Domínio do passado e que conheçamos a interessante história. A história de três dos seus mais ilustres habitantes. Interlúdio de uma história maior, o enredo de vida dos três Calmosos servirá para recuperar o fôlego, que o que lá vem depois do interregno é enredo capaz de merecer descanso prévio.

Os Calmosos, três homens de tez morena e fartos bigodes de vassoura, sempre com impecáveis fatos cerimoniais brindados por um detalhe brilhante, ora no colarinho, ora no bolso do casaco, ora fina gravata pendendo do pescoço, dedicavam-se à música. Garbo Calmoso, Complacido Calmoso e Pancho Calmoso. Não se lhes conhecia a proveniência exata, mas nem por isso deixava de se especular sobre a mesma. Cria-se que viessem de uma mata longínqua, onde, à conta de se comer muita comida extremamente temperada, os *matenses* ganhavam uma tonalidade particular de pele, algures entre a sombra e a alcaravia. Chegaram a Domínio já adultos, formados os três na arte de se saberem apresentar muito bem, tanto que ainda lhes sabemos os nomes.

Perdeu-se a ideia sobre a comunhão que os unia, mas era praticamente assente entre os de Domínio que aqueles se amavam aos três. Se como irmãos ou amantes, até aí já não vai a imaginação dos de lá. Se há quem ainda defenda que Os Calmosos eram três irmãos de pais diferentes, mais há, ainda, quem diga que dormiam na mesma cama e que faziam vida de *trisal*.

Não obstante a grandeza do sentimento que os unia, deles interessava mais a música do que a vida privada. Assim que chegaram e após se apresentarem aos da terra, mostraram a todos ao que vinham. Queriam dar música. Tinham ido para

Domínio por acaso e escusavam-se com três sorrisos de galã a comentar muito mais do que isso. Punham-se imediatamente de viola em riste a cantar músicas que amenizam o ouvido e fazem menear a anca e os ombros. Tudo calminho, assim como se uma brisa do interior tivesse chegado para aplacar a torreira da canícula.

Assim começaram a dar-se bailes na praça do porto, com Os Calmosos a fazer as vezes de anfitriões, e todos muito juntinhos, pezinho que se enrola na perna do parceiro de dança, olhos nos olhos, passo para o lado, miudinho, passo para a frente e para trás, espaço entre bailadores a ficar cada vez mais curto, para de repente se separar e haver braço esticado, pose de grande compenetração, rodinhas suaves, exagerando apenas muito de vez em quando, com uma mão a quase tocar em afago a cara do outro.

Os de Domínio rapidamente passaram a fazer da pracinha do porto ponto de dança, com o trio a chamar à cantoria ora esta, ora outro. Também davam os toques de voz bem colocada, ensinavam canções noutra língua, ou pelo menos com outro sotaque, mas era a guitarra requinte que os encantava e que tocavam enquanto se olhavam a sorrir, melancólicos. Acompanhavam com a expressão o teor sofrido das letras que ensinavam, amantes que deixam sabor uns nos outros, sinceridades perdidas por culpa da vida madrasta, sol maravilhoso de amor que resultou em dúvida e separação sem margem para respostas.

Os Calmosos mantiveram-se por vários meses naquela pracinha, para deleite de habitantes e turistas, um dos poucos espaços em que Domínio de facto se cruzava com a ideiação que dele trazia quem o visitava. Curioso que, no entanto, o trio guardasse semelhante tragédia em si próprio.

Acontece que as canções que mostravam e ensinavam aos de Domínio não eram mais do que a história dos três membros d'Os Calmosos narradas pelos próprios. Ao ensiná-las, estavam a ouvir a sua própria história. E, diga-se, esta não era pera doce.

Uma tormentosa vida na qual se sucediam os amantes e as esposas, as prostitutas e os marinheiros que a estes três deram cabo da vida. Histórias de grandes abandonos, de imensas perdas e vidas escangalhadas, quando trinadas na guitarra parecem menos dolorosas do que são. À dor das várias mágoas de amor, Os Calmosos juntaram muita Gota. Talvez não tivesse sido tão por acaso que tivessem vindo parar à única terra onde a Gota não funciona.

Porque, noutras, a Gota fê-los violentos. Quem os olhava naquela pracinha de Domínio mal poderia imaginar que foram aqueles mesmos homens que mataram

o amante da esposa de Garbo, que estriparam o rapaz que levou o coração de Complacido e que sangraram uma noite inteira a mulher de Pancho, que se preparava para o abandonar à sua sorte. Os três cantautores eram também três assassinos de visão empedernida pelo vício da Gota, que a eles dava para efabular e hiperbolizar a dor do abandono.

Pancho, inclusive, passou um tempo no cárcere de Rio, à conta do tiroteio que, ébrio, iniciou com um homem que se recusou a responder a um «te amo» com a mesma veemência. Safaram-se ambos, por sorte. E é revelador o testemunho que esse homem do tiroteio deixou às autoridades de Rio: «Aqueles bandidos, que beberam nesta vida toda a Gota do Território, e fizeram as mais loucas barbaridades... veja-se só como escapam ilesos a tudo em que se metem. Há de o Diabo sorrir de cada vez que os vê contornar a esquina de uma terra.»

A desgraça viria a galope, contudo, para Os Calmosos. Apaixonados os três pela mesma enfermeira, Clemência Liberal, em vez de se zangarem, optaram em demência por lhe dedicar os dias com igual obsessão. A enfermeira, se é que o era, aproveitou-se da ingenuidade dos assassinos e foi-lhes dando papéis para assinar. Neles, Clemência proclamou-se titular de canções e boleros, de danças e atuações. Os três praticamente nem olhavam o lugar onde escrevinhavam o nome, tal era a vontade de saltar para cima de Clemência e amá-la ali mesmo, onde fosse, soldados do seu perfume.

O período crepuscular, digamos assim, destes três, passaram-no a entregar moedas à algof que, inclemente, lhes calcava o orgulho, alimentando-os aos três do mais selvagem sexo e da mais apetitosa Gota. São deste tempo as canções de uma maior ardência desesperada, o abandono pedindo que as noites com Clemência não amanhecessem nunca. Foram mais de um milhar e meio de letras em poema-canção, escritas muitas delas sobre as ancas voluptuosas da enfermeira que lhes roubou o sossego. E que um dia se foi da cama sem lhes deixar um tostão. Com a mesma espetacularidade com que tinha chegado à vida d'Os Calmosos, Clemência Liberal partiu com estrondo, insultos, acusações inventadas à pressa, tão esfarrapadas que quase não lhe davam razão. «Caminho que fizemos, apago-o aqui.» Os três Calmosos, desgraçados, resultaram em adoradores da sombra de Clemência, chorosos, desesperados, encharcados em Gota, todos eles a cheirar-se uns aos outros, à espera de sentir o aroma a terra que a enfermeira trazia das traseiras da farmácia, onde aplicava curativos de carvão ativado.

Há desgraças que se apresentam como soluções. Embriagados de abandono, Os Calmosos partiram dali, ouviram falar de uma terra onde a Gota não pegava e a ela rumaram com violas e sapatos, pouco mais do que isso. A vida pareceu-lhes idílica em Domínio, cada vez menos lembrados dos efeitos da bebida, cada vez

mais entretidos em levar música àqueles espirituosos habitantes e encantados com as delícias da dança ao fim da tarde, que juntava todos naquela pracinha em frente ao porto.

Passados esses tais infundos meses, foi Clemência Liberal quem os descobriu em Domínio, quando lá aportou vinda da Capital, com o seu marido, burguês a quem fascinava conhecer tipicidades. Assim que os viu, Clemência ignorou-os. O brilho dos colares e a tinta do cabelo mostravam que a antiga enfermeira e amante d'Os Calmosos estava bem de vida, não precisava de sacar dos papéis que lhe assinaram ébrios os três cantautores.

Já estes, desgraçados, assim que a viram choraram a cantar. A praça parou para assistir aos três em pranto a tocar guitarra. Assim que anoiteceu e os bailarinos foram para casa, Os Calmosos debruçaram-se impacientes no muro verso ao rio. Não pensaram muito quando a ele se atiraram e logo este, revoltado, os levou caudal abaixo.

Os habitantes de Domínio aperceberam-se da falta do trio, estranharam a ausência de canções e danças, mas logo acharam que lhes tinha dado para rumar a outras paragens, uma vez que a dança já estava ensinada. Ficaram umas tardes de mão à cinta, pasmados em espera, mas foram poucas.

Logo outros três pegaram em guitarras e mimaram Os Calmosos. Foram bem-sucedidos, quase nem se percebia a diferença. Quem lá chegava não acreditaria que aqueles eram outros três. A pracinha do porto manteve-se plena de música, ao fim da tarde, até às primeiras chuvas, mostrando que de insubstituível ninguém tem nada. Clemência Liberal nunca mais aportou em Domínio, até porque da Capital, depois de as chuvas começarem, poucos eram os que tinham vontade de lá ir, terra que de encantadora passou a fazer parte apenas de conversas de circunstância e estalares de língua: «O que aquilo era e no que aquilo se pôs», diziam.

É verdade que as chuvas tiraram o ânimo aos de Domínio. Já vimos como se reagiu prontamente, clamando à justiça, à religião, à sorte e, por fim, assumindo a praga das águas como quotidiano a considerar daí em diante. Mas não é fácil viver *enchuvado*. Se ficaram claras as adaptações físicas levadas a cabo no terreno, executadas com a retidão profissional dos Obreiros, não se viu ainda de perto o quanto a chuva foi afetando as pessoas. Foi-se-lhes dando uma tristeza que levou à melancolia em três tempos. Tudo se cumpriu assim aos pouquinhos, porque a consciência da perenidade das chuvas não foi, obviamente, instantânea. Era uma espriadela por uma frincha, a ver se o sol aparecia, sempre a sair frustrada, era

um teto de nuvens sobrepondo as cabeças das pessoas e o céu afirmando-lhes a sua condição de animais incapazes de voar.

As nuvens melindravam os olhos, quando para elas olhavam os de Domínio. Como se as vistas se aborrecessem com as pessoas que as transportam, porque se veem de repente incapazes de estender o largo do seu alcance. A melancolia das pessoas de Domínio começou pelos olhos, que é frequentemente por onde se vê mais amiúde a tristeza. No início, ainda erguiam o pescoço ao céu, procurando vislumbrar uma aberta. Era vê-los na pracinha em frente ao porto, mãos nas cintas, porque não faziam falta para tapar a luz à vista, olhando para cima, fazendo rugas com os cantos dos lábios, mais por vício do que por necessidade. E depois baixavam os olhos, abriam os braços em desconsolo e estalavam a língua.

«Hoje, já não vem lá sol», dizia-se de início. Sem saber que nem hoje, nem nunca. Por isso, os olhos foram ficando tristes, não há melhor palavra para os descrever, nem adianta procurar adjetivos para o que é simples de se dar a ver. Quando passado algum tempo as lonas foram estendidas pelas ruas, já depois de assumida a chuva, chegado Ministro e equipados os Obreiros, dispensaram-se os guarda-chuvas e quase se suicidou, ou quase era suicidado, o homem que os fazia. Já o encontrámos antes e dele contámos a fuga. Mas prometeram-se mais explicações, e eis que chegam.

Era um autêntico político. Vinha barafustar com os Obreiros que fixavam as lonas, esbracejava, dizia muitas vezes «pouca-vergonha» e prometia vinganças acutilantes contra Ministro, interpondo inúmeros processos de impedimento de construção, exigindo ver papéis de legalidade e chegando a alvitrar uma ida à Capital para falar com um assessor de Presidente, que lhe explicasse agora o que ia fazer um homem que sempre tinha vendido guarda-chuvas, que tinha tido um pico de euforia quando se apercebeu de que as chuvas não paravam, aumentando em muito a produção dos mesmos e alindando-os, para agora Domínio ser todo coberto de lonas e as suas vendas voltarem ao que eram.

Não adiantou que se rissem dele com os olhos tristes, lhe dissessem que havia de ser sempre preciso sair do centro. O homem apercebeu-se de que as pessoas se habituariam à chuva, que, ainda por cima, nunca era torrencial, e haviam de prescindir dos guarda-chuvas, falindo-o assim de encargos e encomendas.

Quando o desesperado negociante de guarda-chuvas se plantou à porta da casa de Ministro, este decidiu que a brincadeira já tinha ido longe de mais. «Ó homem, pare-me lá com isso, que o fodo!», disse primeiro, educadamente. Mas o ramerrão do desgraçado ali, sempre a pedir para protelar decisões e a incomodar

os trabalhos, quase acabava por lhe ditar uma sentença de morte. Às tantas, já dele tanto Ministro tinha aturado que se debruçou um dia à janela de casa e exclamou, incomodado: «Ou para com isso e sai daqui imediatamente, ou estou capaz de o mandar matar!»

O negociante, contudo, fez ouvidos moucos às novas ameaças de Ministro e prosseguiu com o seu brado por atenção. Que tinha encomendas a pagar e que aquilo das lonas era um disparate. Que os Obreiros não lhe falavam. Que tinha desenvolvido um método próprio de um guarda-chuva que afastava a água através de uma engenhoca magnética. E que não queria ser professor de ninguém, mas antes orientador, já que há tanto tempo se dedicava ao negócio da proteção contra a chuva. E que alguém que o aproveitasse, que assim não podia ser.

Um dia, mais arreliado, Ministro assomou-se ao portão de casa com uma catana e foi empurrando o homem em direção ao rio. Irado, ele, que nem era nada de fazer, mas antes de mandar fazer. Contudo, tal era a fúria em que o homem o pusera que ele próprio, à chuva, foi empurrando o desgraçado em direção ao muro que separava da margem do rio. «Diz lá, caralho, para que precisas de um guarda-chuva?» Espantado com a atitude, o negociante foi andando para trás até se dar conta de que já estava resvês a margem aflita do rio de Domínio. Ministro não se poupava à gritaria, ainda para mais naquela zona onde nem se via gente. Já o negociante estava mesmo com a catana no pescoço, as costinhas arqueadas e a respiração de Ministro em cima, quando se dá por vencido e, naquilo que é mais um sopro do que uma frase, lhe diz: «Pronto, que se foda, faço galochas!» Terá, antes, optado por partir de vez, em transpirações e medos de que um dia lhe pavimentassem a terra e as galochas lhe falhassem.

*

A vivência de uma gente à chuva acabou por moldar-lhe mais do que a tristeza nos olhos. Se à visão faltava altura, à audição passou a haver distração a mais. A chuva miúda traz aquela sonoridade de coisa prestes a acontecer, um burburinho meticuloso que se vai metendo alma dentro e incomodando conversas. Não fosse já suficiente o desconforto causado pela água e o desatino no tempo à falta de luz, não tardou que «como diz?» passasse a ser uma das interrogações mais presentes nas conversas das pessoas.

Valia-lhes o facto de já serem pessoas de falar alto. Mas aquilo era um exagero. Não se tinha conversas íntimas aos gritos, nem que se tivesse a certeza de que dificilmente alguém as escutasse a ponto de perceber o que estava a ser dito. E

isso também estragava um pouco a convivência, que também ela é feita da imensa curiosidade pelo que os outros estão a dizer.

Quem imagina uma terra com o constante barulho de chuva a cair há de pensar que, mais cedo do que tarde, a chuva se torna barulho de fundo. Ora esta é uma suposição sem qualquer sentido, pelo menos tendo em conta os dados empíricos observados com estes habitantes. O incómodo aos ouvidos causado por um constante estímulo levou-os ainda mais para casa, logo a eles, tão amigos de sair à rua.

Foi uma sorte que a passagem do seco ao molhado não tivesse significado também uma mudança brusca de temperatura. Tudo permaneceu moderado, como sempre foi, nesse âmbito em concreto. Já depois de colocadas as lonas nas ruas, que em tanto impediram as águas de transitar livremente por todo o lado, a atmosfera ganhou um quê de abafado, ribombando por cima das cabeças a água a cair nas enghocas, água essa que depois era escoada através de veios por cima das casas e posta a correr no rio, na ria e no mar.

Uma das principais preocupações dos Obreiros na colocação das lonas esticadas foi essa, precisamente, a de que houvesse a certeza de que a água que se iria acumulando em cima delas não passaria a significar um peso difícil de suportar, em consequência, uma ameaça constante. Não obstante a perícia e a felicidade com que os Obreiros executaram essa preciosa obra de engenharia, não era raro alguém ir descansado da vida por uma das vielas de Domínio tapadas por lonas e, de repente, zás-trás, uma corda ou mais soltavam-se lá de cima, a lona encaracolava e um espelho de água caía na vertical sobre a cabeça do desafortunado.

Assim morreu de uma vez só uma classe inteira de meninos da escola, pois à chapada da água juntou-se-lhe a força das cordas, todas satisfeitas, finalmente em liberdade, e por fim a lona que lhes caiu em cima, provocando-lhes a morte primeiro por susto e depois por asfixia. Eram cinco ou seis, delas não restou grande memória. Quanto à professora que as encaminhava, saiu ilesa, pois conseguiu desenhencilhar-se das cordas, da água e da lona, e escapar ao desastre. Acabou por se meter de vez num barco, e, até hoje, não se sabe em que porto decidiu parar.

Desde esse dia, os de Domínio perceberam duas coisas: que as lonas poderiam cair e que desertar dali era uma opção. Parece descabido, mas até ao episódio da asfixia das crianças da escola, particularmente pelo facto de a professora se ter

posto a milhas, nunca tinha sido cogitada a ideia da deserção. A movimentação de pessoas a fim de fixar residência noutras áreas do Território, a menos que fossem fugidas ou obrigadas a isso, não era particularmente habitual. Nascia-se num lugar, crescia-se, fazia-se vida e por lá se morria.

Convenhamos que as vias de acesso também não eram as melhores. Pelas montanhas, pela chapada, ao sabor das ondas, normalmente as viagens eram momentos de grandes emoções. Entre Domínio e a Capital, a coisa fazia-se, mas parecia que se abria um fosso de diferenças na forma como um e outra estavam organizados. Não se sabe muito bem o que faz as pessoas permanecerem de livre vontade em ambientes hostis, onde chove sempre e o tempo não é relevante. Talvez a cansaça que provoca a ideia de arrumar e acartar com as coisas e procurar outros lugares para viver, talvez a esperança de que um dia os elementos façam as pazes e o ameno tome conta dos dias. A verdade é que encontramos seres humanos vivendo nas condições mais inóspitas, seja debruçados em penhascos, à mercê de ventos ciclônicos ou, pasme-se, enfiados em cubículos uns em cima dos outros, escassos em liberdade de movimento e pelos quais, diz-se, ainda pagam renda.

Assim, os de Domínio foram ficando, melhorando aqui e ali a sua relação com a chuva, adaptando-se ao falar mais alto, saindo das casas para o convívio possível, até recuperarem algum do ânimo que os caracterizava na época pré-chuvas. Inevitavelmente, tornaram-se ainda mais humanos.

— Vem daí, levo-te antes numa volta por Domínio, antes de te encaminhar a minha casa, onde encontrarás Muda e Homem na Cama. E roupa e comida, que te adivinho a fome. Fala-me lá de ti... O que se passa para lá da ponte? Deixaste pais e irmãos, cadela, talvez?

— Não existe em mim vontade de explicar pormenores. Deixei uma Mãe, apenas. Uma mãe, apenas... Como me parece sem juízo esta frase, já que Mãe era tudo para mim...

— E Pai?

— Pai?

— Pai, o homem de quem és metade.

— Sou apenas de Mãe.

— Todos temos um pai.

— Eu não...

Amor permaneceu calado durante algum tempo, acreditando que Filho lhe ocultava a verdadeira composição da sua família. Na Fortaleza havia de viver também o homem que engravidou Muda, seu pai, com quem tanto queria ajustar contas, por ter deixado Muda desfeita e carregada. Mas não sabia com toda a certeza se o rapaz lhe mentia ou se, porventura, não teria também conhecido o pai, que o seria de ambos. Quem sabe este não teria também abalado de Fortaleza, deixando mais uma mulher grávida. Talvez o tivesse criado apenas em pequenino e tivesse depois fugido perante a ideia difícil de se perder o mando sobre os passos dos filhos. Cabeça carregada de hipóteses, esta a de Amor. Mas nunca estivera tão perto de perceber o que se passava para lá da ponte e por isso não se abriu em confissões. Assim fosse, pensou, assim se mantivesse. A confiança de Filho era uma peça de fruta melosa cuja seiva lhe caía para os olhos, chuva mais densa, mas impossível, por enquanto, de alcançar.

Por isso, Amor pensou que tragaría o que aquela fruta do desassossego lhe fosse escorrendo para os lábios. E mais tarde agarraria na peça com as mãos. Talvez se desfizesse assim, fruto de tanto mel.

Filho observava tudo como se ali não estivesse. A penumbra em que Domínio se organizava, as pessoas a fazerem coisas díspares, alheadas do tempo de uma e outra obrigação. À medida que se encaminharam para o centro, ruelas do porto, o

caminho começou a fazer-se de olhares menos desconfiados. Observou homens a encaixotar a gota, mulheres a pregar os pregos das caixas, crianças a fazer rodas nas quais tentavam atear fogo a pedaços de trapos, sem saber que em Domínio o fogo era uma brincadeira dos mais novos. Atear chamas, vê-las crescer por fracos instantes, observar a chuva a desfazê-las. Ganhava o jogo aquele que visse o seu fogo apagado mais tarde, e conseguia assim lugar de destaque na hierarquia dos miúdos.

— Lá na Fortaleza não chove sempre? Há sol?

— Sempre chove, desde que me lembro. Mas às vezes a chuva é apenas bruma, como se fosse lembrança... Sol?

— Sim, como em Rio, como na Capital, ali mesmo na Praia dos Vidros já há sol e o tempo faz-se ameno.

— Nunca saí da Fortaleza, não sei a que te referes...

— E essa ponte por onde vieste? Conseguirias fazê-la de regresso?

— Para quê, se finalmente me livrei das garras das aranhas? É caminho cheio de perigos de fuga e mais ainda de regresso...

Amor fixou-o por breves instantes, por dentro interrogação. O rapaz a seu lado mostrava-se sensivelmente da sua idade, imaginava, mas muito diverso. A pele praticamente translúcida, o cabelo negro arrumado desajeitadamente, o escanzelo dos ossos a torneir cada espaço do corpo, o desajuste das roupas que sobraram, idas as joias, sem que isso lhe tivesse tirado a particular aparência da fragilidade reta. Tão diferentes os dois que para quem os visse de fora a ideia de serem meios-irmãos não faria sentido. Mas quando a mente cisma mais do que deixa entrar o lógico, cimenta-se o que quer que seja. Para Amor, aquele era filho do mesmo homem que lhe magoou a mãe. E a história que Homem na Cama lhe contava era a sua, a verdadeira e a única que importava.

Amor é filho de Ministro. Contemo-lo assim mesmo, sem rodeios. Esta não é história em que se faça grande surpresa de quem é filho de quem, nem uma onde se esteja à espera de descobrir laços de parentesco que causem desenlace. Deixemo-lo para outras narrativas, todas elas esperançosas da atenção do leitor até ao fim, a ver se há revelação. Enchamo-nos do espírito prático desta gente, habituada a conquistar dias à chuva, sem querer saber do tempo para nada.

Poucos dias depois de chegar da Capital, Ministro já estava a deitar fogo pelos olhos, não obstante a chuva. Rapaz mimado e tinoso, a obrigação que lhe puseram Presidente e seus assessores foi imediatamente violada. Tal como a primeira mulher, quase, que lhe apareceu à frente em Domínio. Vivia-se naquele

tempo em que já chovia a rodos, mas em que ainda havia esperança de remedeio. De lá já tinham saído cientistas, filósofos e secretários encarregados de resolver o problema, mas ainda não se tinham baixado os braços de vez à inevitabilidade das chuvas. A casa de Ministro, por exemplo, homem recém-instalado, ainda não estava rodeada de água e lama. Muda já fazia recados, Homem na Cama ainda era o Voltinhas e as pessoas ainda iam e vinham das janelas de casa à esperança de ponta de sol.

Ministro aguentou pouco tempo sem enfiar as carnes numa rapariga. E nada há de rodeios ou floreios nesta história. Um dia, viu Muda perto de um lugar sem gente, a entregar hortaliça a fregueses mais apartados. Percebeu que era mulher que não gritava e que, como tal, não se poria por aí a contar o sucedido. Alcançou-a no caminho, derrapando um pouco nas poças, mas ainda a tempo de lhe agarrar a saia. Deitou-a ao chão, já ela ia sem sacos, pois já tinha entregado a mercadoria, e só lhe tirou a mão da boca quando se apercebeu do perfeito disparate que era pedir a uma muda que não se pusesse com gritarias. Foi só uma vez, de costas, com Muda a estrebuchar e aos arranques com as ancas. E uma vez foi suficiente para lhe meter Amor lá dentro, que isto das gravidezes sem contar não é só em histórias que acontecem à primeira.

Aliviado o homem, ambos encharcados, o primeiro pensamento de Ministro foi agradecer à chuva. Não por nenhum pensamento divino ou ritual, mas porque lhe permitiu lavar as partes antes de as meter de novo nas cuecas. Ali deixou Muda, saias já para baixo, Amor no ventre, chorando desesperada no seu pranto sem voz.

Nessa altura, Ministro não lhe prestou mais atenção. Muda feita, Muda morta. Não era que não tivesse gostado, mas fazia-lhe impressão meter-se na mesma mulher duas vezes. Se assim o obrigasse a escassez de fêmeas, que remédio. Mas não era coisa de que gostasse, saber que ia trincar o mesmo pedaço de fruta já mastigada. Como tal, a repulsa pela mulher acabada de usar fez com que metesse os pés ao caminho. A ejaculação havia de lhe acalmar as febres durante um tempo.

Foi só quando Muda lhe apareceu em casa que Ministro percebeu perfeitamente aquilo que ela lhe dizia com os olhos e com as mãos. Explicou-lhe facilmente que não lhe vinham as regras há alguns meses e que tinha Amor a crescer dentro dela. Ministro continuou a beber a sua chávena de café, sentado à mesa de casa. Quando terminou, levantou-se e foi encontrar a mulher que ali se lhe apresentava. Num tom de voz que não se alterou em momento algum,

Ministro apenas informou: «Mato-te a ti e a esse coelho torto.»

O que nem um nem outro viram, na altura, foi o esguio Homem das Imposições, que estava entre o avançar e o esconder-se, mesmo à entrada da casa de Ministro, e que passou, a partir de então, a dispor de uma informação que várias vezes usou contra o homem do poder de Domínio, permitindo-lhe tratar do negócio das retenções como bem entendesse. Mas o facto é que da violação de Muda resultou Amor. Sobre o acontecido, Muda não explicou mais, a não ser a Homem na Cama, alma caridosa que lhe apareceu na vida e que demonstrou tamanha bondade para com ela que Muda achou que seria uma traição viver sem lhe contar a verdade dos seus dias, tendo-o feito sem dificuldades. Muda e Homem na Cama fizeram juras de silêncio e, já vimos, entretiveram o curioso Amor com histórias mirabolantes de um homem com remédios para a mudez, que moraria lá longe, numa Fortaleza praticamente inalcançável.

Não contaram que de lá viesse, um dia, alguém. Dos contos inventados, normalmente não costuma haver personagens que se materializam em seres humanos vivos.

Não foi desta vez o caso. Translúcido e débil, é certo, mas Filho passeia-se com Amor pelas ruas de Domínio e mal sabe a mãe Muda o susto que vai apanhar quando ambos lhe chegarem a casa com a revelação que da fábula inventada por si e por Homem na Cama há alguém que saiu dos emaranhados e lhes aparece assim, à frente, menos carne e mais osso.

— Por aqui se organiza o mercado. A minha mãe é Muda. Faz recados, leva sacos para a frente e para trás, porque aqui não temos tempo e as pessoas não se entendem com as horas a que podem lá ir.

— Não há tempo?

— Haver, há, mas as pessoas fazem o que querem com ele. O que mais lhes convém. Havia um relógio, na rua do relógio, parado eternamente nas cinco da tarde. Um dia, ia por lá a passar uma professora primária fugida e derrubou-o na pressa de se escapar daqui. Ficou que tempos o relógio entornado, até que alguém se lembrou de o atirar ao rio...

Amor olha o céu, tapado por lonas, e explica a Filho:

— Fomos nós, os Obreiros, quem pendurou estas lonas nos céus de Domínio, para que não chovesse na terra toda. Assim, no centro não chove e as pessoas podem fazer as vidas delas. Resultou que tivéssemos sempre a mesma luz, noite e dia, que não é muita, encoberto o céu, posta a chuva, e por isso perdeu-se o tino à hora de dormir. Vais perceber melhor quando te enraizares por cá. É aqui que

pretendes ficar?

— Não sei. Preciso de um abrigo.

— Com isso não te preocupes. Mesmo que não fosse minha vontade, encarregou-me Ministro, que é quem manda, de não te perder de vista. Ordenou-me que te levasse para a gota, mas sossega. Não o farei. Não te darias bem um dia por lá. Estaremos sempre juntos e, como tal, tenho de te levar para casa. Moram lá a minha mãe Muda e o Homem na Cama.

— O teu pai?

Hesitou.

— O meu pai. — Ao ver que Filho lhe observava o corpo nu, mudou o tema da conversa. — Aqui, os Obreiros trabalham assim, para que as roupas não lhes atrapalhem os gestos.

Quando percebeu que o filho chegava a casa com outro rapaz pelas mãos, Muda primeiro estremeceu de alegria, breves segundos em que achou que finalmente lhe havia calhado em sorte um genro que tanto pedira. Mas foi parca a felicidade desta mãe. Amor entrou em casa com cuidados acrescentados, pediu permissão para pisar aqui e ali, coisa que não era nada dele. Adiantou Filho empurrando-o ao de leve pelas costas e contou a sua chegada ao porto de Domínio.

Muda franziu as sobrancelhas e tudo nela clamava para que não estivesse certa a intenção que via no rosto de Amor.

— Da Fortaleza, sim. Lá morava desde sempre e quis vir conhecer mundo. Como não havia livros, decidi fazer esta viagem.

Entre Muda e Amor, a conversa fazia-se noutro plano, as palavras que saíam da boca do filho nem chegavam a entrar na sua consciência. Olhavam-se e as suas expressões estavam desencontradas das falas. Os olhos de Amor transpareciam a forma mais violenta de mágoa, o rancor. Os de Muda, a aflição. Percebeu logo a intenção do filho de cruzar a ponte e afluuiu-se com o mal que isso a todos faria. Mas havia algo que a preocupava ainda mais do que essa viagem para a irrazoabilidade da qual poderia convencer Amor. O seu semblante transparecia a excitação de ver ao seu lado alguém em quem poderia descontrar a mágoa que carregava.

E assim foi que os meios-irmãos, que só o eram na crença de um deles, passaram a viver sob o mesmo teto.

Perante a visão de Mulher em prantos, Dono estacou. Não era apenas o choro, era algo mais que o afligia. Choro com desespero. Assim permaneceu uns segundos observando, aproveitando o espaço de interrogação em que ainda não sabia a razão daquele choro em soluços, daí que restasse um espaço de paz. Cedo se alteraria o seu ânimo. E por isso o saborear da sensação de demora, calor em crescendo pela chegada.

Mulher levantou a cabeça e viu Dono aproximar-se. Olhou-o pedindo abrigo. Dono acariciou-lhe o cabelo preso sobre a cabeça e perguntou-lhe o que a tinha em tais preparos.

— Já não tenho porto onde abrigar as minhas redes. Aproxima-se a data... Dezassete anos...

Dono beijou-a na testa, pediu-lhe com um sussurro que se acalmasse. Não era um momento novo, este de grandes ganhos ou perdas para esta Mulher de Dono.

Os comensais da taberna da Praia dos Vidros divagam muito acerca do berço e proveniência de Mulher, que aparece menos do que os eclipses lunares e à qual Dono e os seus rapazes prestam sempre um cuidado que não têm para com os outros. Sabe-se da boca de Dono, e por isso tem-se como verdade, duas ou três parcas informações que nem de perto nem de longe acalmam a sede da criatividade humana e que são, por isso, insuficientes para fazer cessar a curiosidade. É dado conhecido que foi Mulher quem, ainda rapariga, foi buscar Dono às plantações de gota e ali o instalou como taberneiro, desconhecendo-se, contudo, os motivos deste resgate e da apetência pelo modelo de negócios.

Foi também Dono quem explicou que entre eles há tão-só a exclusividade do momento, para bem encontrar um termo que defina esta relação entre ambos. Como se não se quisessem fora dali, mas quando lá estão não se vissem senão um ao outro, tornando o excesso acessório. Não são casados, não estão de coração prometido, nem sequer se afligem com a distância. Mas dentro daquele estabelecimento são um do outro, e por isso, a não ser que seja desinformado ou instado por amigos trocistas a ver se a casa pega fogo, é raro que alguém se aproxime de um ou de outro quando o teto que os abriga é o mesmo. Dono guarda em si a esperança da permanência, mas não ousa confessá-la sequer aos seus curtos passos. É de cristal o equilíbrio destas vindas, é de sopro a certeza das

chegadas de Mulher. Uma só palavra poderia estilhaçar a pátina destes regressos...

Sabe-se que Mulher é rica em dinheiro, o que não é de somenos importância. Que tem à-vontade para andar cá e lá, em desafogo e em trabalho.

Tudo o resto é invenção das pessoas. Atribuem-lhe um marido que a deixou de contas feitas com a vida, que já se sabe que isto de se ser mulher de posses, para o povo, tem de vir de herança ou casamento e nunca de mérito. Falam de grandes investimentos lá para trás dos montes, fazendas imensas cheias de uma hortaliça mais inebriante do que a gota. Os mais criativos dão-na como possuidora de um pequeníssimo diabo capturado e enfiado num frasco de perfume, que lhe vai concedendo, pela vida fora, as mais diversas vontades.

A verdade, porém, tem pouco de divino e muito mais de intuição.

Mulher nasceu menina, obviamente. Nem sempre foi toda ela lábios carmesim-pega-macho e costas prontas a arquear em dança. De quem a gerou no ventre sabemos pouco e admitimos, então, que pouco tem de relevo para que Mulher seja quem é hoje. Do ajudante de concepção, ainda menos. Cremo-los dois camponeses incautos, jogadores da arte do tirar a tempo, que muitas vezes é tiro certo para grandes surpresas. Imaginamo-los deitados às pressas no côncavo de uma ribanceira debruçada sobre um rio revolto, envoltos em lianas ou ervas daninhas, a fazer Mulher à pressa porque um tinha de voltar à apanha e outra tinha de esticar os lençóis recém-lavados. Cremo-los atónitos com a notícia do emprenhamento, ela muito mais do que ele, que deverá ter fugido chapada fora e deixado a geradora sem saber o que fazer às vidas, a sua e à do tubérculo que, por essa altura, já lhe havia de fazer macerar o peito.

Também, mas apenas pelo que conhecemos do lugar de onde veio Mulher, nos atrevemos a imaginar que o calor toldasse decisões e humedecesse os lábios prontos a contar o que fosse. Mas talvez não tenham saído sons da boca da mãe de Mulher e tenha sido desses casos em que a gravidez é escondida até ao parto, feito pela própria em cima de terra que não a dos patrões. A ver pela solução optada na extensa maioria dos casos de que se tem conhecimento, vindos sobretudo da ficção, mas também do boca a boca, é natural que, ainda vermelhas de dar à luz, mãe e filha se tivessem deslocado em seguida para a porta de um templo à noite, onde a progenitora se terá despedido, com beijinhos e tem de seres e que tudo te corra bens e a tua mãe ama-te muitos, de uma pequena criatura que ali terá ficado plantada até às primeiras horas da manhã, provavelmente a chorar, uma vez que Mulher, hoje, é de grandes falas.

Gostamos, e agora é a vertente de contadores de histórias a falar, de imaginar que, ao lado da criança, ficaram duas ou três garrafas de leite materno. É uma imagem que dá alguma poesia, esta da breve mãe a esguichar metodicamente, habituada a fazer o mesmo aos animais de pastoreio, um fluxo do primeiro alimento, conseguindo, com isso, alguma paz de espírito e a certeza de que, quem encontrasse Mulher, por muito pobre que fosse, ali teria sustento para os primeiros dias e com isso se aliviasse um pouco a preocupação da que abandona.

Também aqui somos levados a imaginar que a rapariga não tenha abandonado a filha apenas porque não lhe ocorreu outra coisa para fazer. Vemos uma casa de um casal sem filhos onde esta mãe seria criada, e as lágrimas que escorreriam diariamente dos olhos da dona da casa, que não conseguia conceber. As aflições do marido, que já havia de ter proposto à criada que se enchesse dele para agradar à mulher e lhe dar uma criatura. E as recusas da criada, e a repulsa da esposa, que não queria criar a filha de uma qualquer como sua. Indo mais longe, conseguimos imaginar que, na cabeça da criada grávida, ao saber que estava de esperanças, a patroa havia de lhe fazer a vida num inferno negro, carregada de inveja, e à do seu bebé também. Já muito a teria ouvido passar por grávidas na vila e dizer-lhes, descarada, «Com que então andaste a foder?», o que a fez estremecer por dentro e desejar livrar-se de sentir a fúria que a patroa tinha às grávidas.

Já sem controlo do rumo onde nos leva a imaginação, vemos esta mãe, que nunca o foi de facto, migrar para a Capital passado algum tempo, porque a fúria da patroa não passara, e daí ouvir dizer que numa terra de chuvas havia bom trabalho para quem de lá não fugisse. E daí a pormo-la a servir o governante dessa terra é um instante, homem a quem teria de repelir a pulsão do desejo por si. Mas isto seria unir demasiadas pontas e, como tal, será melhor atermo-nos à informação de que dela, dessa miúda que pariu Mulher, nada sabemos. Porque pode tudo isto ser imaginação e o caso ser mais simples. Por isso, não nos alonguemos nas invenções, que daqui a nada já estaríamos a pensar também nas sovas imaginadas que a criada havia de levar da patroa por esta acreditar que o inchaço da barriga daquela tinha sido obra do marido e que por isso mais valia ir já meter uma cruzeta corpo acima a ver se aquilo se desfazia.

Sabe-se ao certo o nome da terra onde Mulher foi parar. Rio. O porto que fica entre Domínio e a Capital, que tem a Praia dos Vidros pelo meio e onde faz sempre um calor dos diabos, devido à localização e nada mais. Abafada com uma quantidade generosa de montes e colinas às suas costas, todos eles repletos de selva, e um mar pela frente que traz correntes abafadas de outras paragens, que

... não têm por onde escoar, Rio é um caldo onde o vento estagna, o zumbido dos
bichos é constante e onde a vida se faz perenemente em busca de refresco. Tal
clima não puxa ao trabalho, ou faz com que este não exija grandes movimentos. E
por isso, em Rio, quando viu Mulher crescer, o que prosperava era o jogo, as
apostas, as cartadas e o dinheiro fácil.

Desde criança, Mulher aprendeu o emaranho da aposta. Capitã da praia, caçava
caranguejos de noite, sem os magoar, e escondia-os na erva que grassava na praça
central de Rio. De manhã, levava um ou outro pescador lá perto e afirmava que,
se dali saíssem três caranguejos até ao fim do dia, o pescador lhe devia todo o
peixe que pescasse nessa jorna ou ela teria de lhe pagar em dobro o que com esse
peixe ele ganhasse. Levados pelo dinheiro fácil e pela impossibilidade de três
exatos caranguejos saírem do mesmo lugar, sobretudo na torreira da praça,
afastada do mar, foram vários os que caíram na esparrela da criança e assim
tiveram de lhe dar o que nesse dia ganharam. O jogo e as suas dívidas eram o
assunto mais sério em Rio, superando em larga escala a política ou a religião.

Com esses primeiros trocados, da maranha dos caranguejos e outras que tais, a
rapariga foi alargando a carteira de investimentos. Passou a entrar sorrateira
em algumas casas de apostas e a entender a sorte dos jogadores. Ninguém ligava
nada ao facto de uma criança passear por trás de todos, vendo as cartas de uns e de
outros.

Mas Mulher estava atenta. Emprestava-lhes dinheirito de bolso engana-ladrão
quando via que estavam na penúria e não tinham jogo, mas continuavam com o
vício nos olhos. E quase sempre esse dinheiro regressava até ela com juros.
Primeiro, dinheiro pequeno, mas depois começaram-se a aviltar as somas. Muitas
vezes emprestava aos vários participantes da mesma jogatina, tornando-se
impossível não ganhar em todas as rodadas.

Já adolescente, com fama de perigosa e numa terra onde a usura não era
pecado, nem nada o que fosse brincar com dinheiro, Mulher impunha-se como
alguém com olho para encontrar o momento certo, dona de um temido livro de
deves, com o qual recebia as pessoas em casa, servindo-lhe a ela de leque e aos
outros de ameaça constante.

Não era a única neste negócio do dinheiro. Fez concorrentes que depressa se
tornaram inimigos e por isso a sua vida tornou-se um constante balançar de corda
em bicos de pés. A extensa maioria das pessoas de Rio tinha-lhe fidelidade, pois
já as tinha livrado de apuros em muitos momentos. Da sua casa, palacete
imponente na zona mais alta da cidade, onde por vezes até parecia correr uma
suave brisa com som de chuva, Mulher caminhava de salão em salão, livro de
deves em abanico, cabelo apanhado, pés descalços e longos vestidos desse material

que não aquece, mas que não é o linho.

Não tinha mais de vinte anos quando percebeu que Rio não havia de se manter suspenso no negócio do dinheiro durante muito mais tempo. Temia pela própria vida, já que a forma mais fácil de se acabar com uma dívida de jogo é eliminar quem tem a haver. Guardava-se no alto, vigiava-se, contava com a fidelidade de robustos homens e de ainda mais mulheres de sondagem. A astúcia com que tinha enriquecido não a abandonara e, dali, daquela varanda pendurada sobre a cidade, Mulher conseguia enxergar com maior vastidão. Não só o mar e o rendilhado da costa, mas parecia que, dentro de si, algo se expandia ao olhar mais para longe.

Desceu ao porto e ordenou que a levassem pela costa fora, pois escolheria um lugar de refúgio, decidida a deixar Rio. Aportou aqui e ali. Não fosse dever-lhe tanto dinheiro e o barqueiro que a levou ter-lhe-ia dito para ter juízo e deixar-se daquele para-arranca. Quando avistou a Praia dos Vidros, cintilante na sua beleza, e o esconso barraco onde mais tarde iria surgir a taberna de Dono, Mulher sorriu e percebeu que tinha chegado ao lugar que, sem saber, esperava por ela.

De regresso a Rio, reuniu dois dos homens que mais dinheiro lhe deviam. À reunião deveriam comparecer sozinhos e trazer consigo os retratos de todas as mulheres das suas famílias. Tão afastada estava de outras paragens onde se tem o mesmo costume na forma de intimidar, que nem lhe passava pela cabeça que estas existissem.

Começou por dizer que lhes perdoaria as dívidas se fizessem o que lhes iria pedir. Ou melhor, que lhes manteria as dívidas em suspenso pelo tempo em que estes lhe fossem prestáveis. Mas que, à primeira impressão de que o que lhes ia contar se tinha tornado do conhecimento de alguém, a dívida regressaria e com ela o juro e o interesse não pagos ao longo dos anos. Que seria uma quantia avassaladora, capaz de os arruinar, de comprometer as gerações vindouras, e ainda assim não chegaria. Que os faria assinar papéis onde prometeriam a escravidão de seus filhos, netos e sobrinhos.

Notou um breve alívio de um deles, pessoa sem família. Mas brevemente o informou de que havia outros que lhe conheciam as dívidas e que não ousasse matá-la porque de todos os lados estes viriam para o arruinar.

Os dois homens, um deles o nosso conhecido Homem das Imposições, mais novo, é claro, e o outro o proprietário da Fazenda da gota onde Mulher foi buscar Dono, entreolharam-se e suspiraram. O primeiro tinha apostado todas as retenções anuais das gentes de Domínio e feito delas pó e areia, tamanho azar tinha tido. O segundo tinha-se endividado para fabricar a gota até ser Gota, encomendando alta maquinaria à Capital. Porém, como sabemos, a Gota não

pode ser produzida em Domínio e, como tal, todo o imenso investimento do homem tinha resultado apenas num monte de trastes velhos arrumados a um canto da fazenda. O seu teria de ser o trabalho da apanha e tratamento da baga, não se podendo dar a outras ideias.

— Tu — disse Mulher, apontando para Homem das Imposições — vais garantir que ninguém me atormenta com retenções lá para o lugar onde vou e que aquele será sítio tão guardado como um templo. Conversa com quem for de direito, não me interessam as patranhas. Mais. Arranja-me um barqueiro, ou melhor ainda que sejas tu próprio, que me leve gente ao negócio que vou montar na Praia dos Vidros. É negócio honesto, de bebidas e danças, não há aí segredo. Mas mantém-me o fluxo fiel, calado e frequente. E vai haver Gota. Não quero saber de desordens, muito menos que se saiba que vendo Gota fora da Capital. Que os teus passageiros sejam gente que manda, mas também povo.

Depois, olhando para o proprietário da Fazenda da gota:

— Tu, para que te suspenda as dívidas da tua idiotia, vais dar-me o teu melhor homem. Quero-o de idade parecida com a minha, assim tenro. Vais dar-mo sem mais nem para quê. Ele vai ser a cara que aparece, ninguém poderá saber que sou eu por trás daquele lugar. Mais. Na Praia dos Vidros, a Gota pega. E por isso vais conversar com os teus amigos da Capital e fazer questão de que o Barqueiro me abasteça o lugar com a bebida sem que ninguém saiba.

Encaminhou-se para a janela, livro dos deveres em riste.

— É tudo o que quero de vocês. Assinem o que tem de ser assinado e que seja cumprida a minha vontade.

Nesse momento, entrou um homem, cujo porte semelhava uma grande batalha ganha, no salão onde os três se encontravam. Era o famoso Guardião da Paz, assim o chamavam, o chefe dos homens que garantiam a segurança de Mulher, carregado de folhas para assinar e cofres onde as aferrolhar.

Antes de erguer a taberna de Dono, Mulher regressou várias vezes à Praia dos Vidros. No barco que a levava, ia ela, Guardião da Paz e, a cada viagem, duas grandes arcas. Foram doze, no total, e por isso, seis viagens. De cada vez, Mulher e Guardião da Paz cavavam cada vez mais fundo um buraco na terra de vidros e enterravam as arcas. Quando as seis viagens se completaram, Mulher pôs na mão de Guardião da Paz três barras de ouro, um quilo cada, e indicou-lhe o mundo como casa, a partir de então.

— Sou-te grata como a ninguém. Mas agora perde-te no mundo, pois, se de novo te vir, serei capaz de te matar.

O segredo da grande fortuna enterrada ficava-se por ela e por Guardião da Paz, que a Mulher devia silêncio pela vida.

Dono chegou à Praia dos Vidros sem saber que aquele barraco por onde entrava assentava em mais de seiscentos quilos de ouro virgem. Entrou tímido e foi beijado por uma Mulher feliz por ter garantido que a sua riqueza estava longe de Rio.

Não tardou que Rio se incendiasse. Não com chamas, mas com as consequências dos jogos a dinheiro. Antes de a usura ser absolutamente proibida naquela terra, antes de se fecharem casas de apostas com ordem presidencial e de serem saneados políticos, administradores e gestores. Antes de se dar o tiro de partida para a construção de grandes hotéis e casas de lembranças onde antes havia penhoristas, usuários, armazéns de peixe e jogo, e as reluzentes mansões dos agiotas. Antes disso tudo, já Mulher tinha previsto o rumo da cidade e ensaiado o seu próprio desaparecimento.

Foi com lágrimas nos olhos que, do barco onde Guardião da Paz a levava embora, Mulher pensou ver a sua varanda cair em blocos selva abaixo. Não levava nada consigo a não ser um pequeno livro de capa escarlata, o livro dos deves.

Talvez tenha sido das garrafas deixadas pela mãe ao lado da sua alcoba de abandono. Quem sabe não estaria contido nesse leite uma espécie de essência de adivinhação. Mas isto já é um supor e o mais certo é que tivesse sido a intuição de uma mulher que se criou a si própria a dizer-lhe que partisse a tempo.

PARTE 2

Se há algo que passa, é o tempo. Mesmo em Domínio, onde a ordem dos dias se confunde e todos andam desengonçados, alheios ao facto de as horas terem perdido razão de ser, fruto da capa de insignificância com que o tempo as cobre. Nas semanas que se sucederam à chegada de Filho a Domínio, e ao contrário das histórias em que tudo se resolve e as passagens se encurtam para dar emoção à narrativa, aconteceu que os habitantes daquela casa passaram a dar aos dias o convívio da tensão. Muda acelerou a preocupação, ao ver que Amor lhe dava sinais de querer trazer para a frente a fábula que lhe haviam contado sobre o seu pai na Fortaleza. Não falara mais em cruzar a ponte, ciente do egoísmo da sua ação, que o destituiria da função de Obreiro e importaria encargos de imposições insuportáveis para a família, além da fúria que a aventura espoletaria em Ministro. Homem na Cama arranhou mais um par de ouvidos que o atentavam. Filho sentava-se tantas vezes ao pé da cama, a ouvir as suas histórias, que parecia estar a conhecer o mundo pelas palavras daquele pai emprestado.

Entre os rapazes, crescia algo cuja dimensão não estava ao alcance, e por isso à vista, de quase ninguém. Apenas Muda se inquietava de cada vez que os via enlaçados num jogo à chuva, chegarem do porto carregados de novidades da Capital, abraçados enquanto liam um ao outro histórias das terras, enquanto exploravam mapas ensopados, abertos no terraço, deitados, os dedos percorrendo a costa do Território e acabando sempre por se encontrar.

A tudo isto Muda assistia sem se fazer notar. Observava-os à distância, fazia com que Amor não percebesse que estava a ser visto pela mãe, disfarçava a atenção enquanto apanhava fruta, enquanto secava a humidade dos bancos da frente da casa ou consertava os nós das lonas que cobriam o terraço. Muda conhecia o seu Amor com a lucidez das mães. Por isso mesmo, não deixava de perceber que nem todos os sorrisos que o seu filho largava àquele rapaz lhe eram dirigidos em verdade.

Num desses dias, Muda observava-os no terraço de casa. Amor tinha espalhado alguns frutos pelo espaço e a brincadeira consistia em vendar os olhos de Filho e, com pistas faladas, fazer com que este percorresse o espaço às cegas e conseguisse encontrar as laranjas, as bananas e os pêsegos, e os identificasse pela forma, textura e cheiro.

Assim que Amor vendou os olhos de Filho, a sua expressão alterou-se. Desfez o sorriso, afunilou o olhar e fechou os lábios, mantendo-se estático no centro do terraço. Sem saber que estava a ser observado pela mãe, Amor orientou os passos de Filho até chegar a um arbusto onde tinha escondido uma maçã. Filho avançava com passinhos curtos e Amor parecia indicar-lhe o caminho correto. Quando chegou ao arbusto, disse a Filho que se baixasse e estendesse o braço, buscando no meio das folhas, dando assim com o fruto que procurava. Filho sorria, braços escondido no meio das plantas, queixo ligeiramente inclinado para cima. Encontrou a maçã e levou-a ao nariz, cheirando-a.

— Não consigo identificar este odor... — referiu.

Amor olhava-o, calado, acorado a menos de um palmo da sua cara. Não falava.

— Amor? Que é isto?

Filho sorria, falando em direção a Amor, mas sem o saber tão perto. Voltou a cheirar a maçã. Amor inclinou-se e cheirou o fruto ao mesmo tempo. Ficaram assim alguns segundos.

Muda secou as mãos no pano de cozinha e levou a mão à boca, gesto irrefletido porque de lá não poderia sair palavra.

— Não sei... este fruto não tem cheiro. E a forma... a forma pode ser tanta... Agora provo-o.

Antes que Filho conseguisse levar a maçã à boca, Amor tirou-lha da mão, sobressaltando-o.

— Não. É uma maçã, mas não está boa, não vale a pena que a proves.

Filho retirou a venda, percebendo finalmente a real proximidade de Amor.

Este levantou-se, atirou a maçã para longe e caminhou em direção à entrada traseira da sua casa, parecendo desinteressar-se do jogo. Subitamente, parou. Olhou algo num dos cantos do terraço e voltou-se de novo para Filho.

— Volta a pôr a venda. Este, estou certo de que não consegues adivinhar.

Filho obedeceu e passados segundos já andava de novo às apalpadelas pelo espaço aberto, seguindo as indicações de Amor.

Encaminhou-se para o canto onde estava aquilo que Amor observava.

— Aí mesmo. Desce. Ajoelha-te. Está à tua frente.

Filho assim fez, e espantou-se com a facilidade com que encontrava o objeto da sua busca. Com ele já nas mãos, disse:

— Sinto-o leve e pesado ao mesmo tempo... É-me conhecido... mas é um fruto?

— Eu disse que não saberias.

— Cheira-me a terra e a chuva, percebo-lhe uma... polpa macia, tendo a

acreditar que ainda tem folhas agarradas e talvez um caule... dois caules. Uma parte mais volumosa, outra que está como que presa, mais leve... que fruto é este?

— Prova-o.

Amor observou Filho abrir a boca e querer fechá-la sobre a cabeça do pássaro morto que segurava nas mãos. Antes que o fizesse, empurrou-o e o rapaz largou o pássaro, deixando-o caído a seus pés. O momento em que tirou a venda coincidiu com o espaço de tempo em que Amor atirou o cadáver do animal para longe.

— Desculpa, vi que tinha vermes, o fruto, não te podia deixar provar. — Filho agradeceu-lhe, abraçando-lhe as pernas, ainda agachado no terraço. — Paramos, continuamos depois, devo ir ter com outros Obreiros.

Muda deixou o filho passar pela cozinha, viu-o desaparecer no corredor de casa e bater com a porta da rua. Encontrou Filho no terraço, já com um livro pousado nas pernas, sentou-se ao seu lado e pediu-lhe, usando para isso apenas o olhar: «Conta-me o que para lá vai. Quero saber de ti.»

Filho anuiu, pousou o livro e depois a cabeça no colo de Muda. Estava prestes a contar a sua história.

— Nunca entendi por que razão só éramos nós, naquela Fortaleza. Ela existe. Ela, a Fortaleza. Pensando... acho que foi uma das personagens centrais da minha vida até agora. Não é um desses castelos de que se conta existirem algures no Território, não tem essa imponência. Para mim, que a vi sempre de dentro. Do meu quarto, observava muitas vezes as águas revoltas do Mar das Aranhas e espantava-me com a capacidade de a ponte se manter firme naquelas águas.

»Perdia-se a ponte de vista, porque o tempo, para lá, embora não sendo sempre de chuva, é uma antecâmara para a chuva. Feita bruma, de nevoeiro, que bloqueia a vista. Durante toda a minha vida, procurei por um dia claro, em que pudesse vislumbrar mais um pedaço da ponte. Conhecia-lhe apenas uma fração, agora o sei. Agora que a percorri toda. Conhecia apenas aquilo que conseguia ver num dia menos tormentoso, da janela do meu quarto. Uma janela fina, alta, de vidros antigos, que abria com dificuldade.

»Cá em baixo, um pequeno porto, muito mais pequeno do que o de Domínio, claro, a que se acede por uns degraus íngremes que já se confundem com as teias de aranha que cobrem o solo em redor da Fortaleza e a água. Eu via-as, muitas vezes. Não é um sonho, nem uma invenção. São aranhas grandes, assim do tamanho das minhas mãos, com estes mesmos dedos finos e articulados como se fossem as patas. Vivem para construir as suas teias, submergindo-as tantas vezes,

para que nelas se enredem vários pequenos bichos marinhos, que depois envolvem e acabam por sufocar, antes de serem comidos ou armazenados. Há-as às centenas, juro-te, Muda. É ao amanhecer que mais as vemos. Acordam para descobrir o que prenderam durante a noite. A minha mãe contava-me que existiam outras, maiores, mais carnudas, assustadoras, que prendiam quem se atrevesse a passar aquela ponte. Penso que o diria só para me assustar, porque, em verdade, atravesssei a ponte e não dei por elas.

Muda olhava Filho enquanto este lhe contava a sua história. Afagava-lhe o cabelo, mas prestava atenção a qualquer movimento, não fosse Amor chegar e enciumar-se com esta proximidade entre ambos.

— A minha mãe... Que domínio de aranha exercia sobre mim... Mas é o amor que conheço, esse de aprisionar, de manter, feito de proibições e medos. Parecia que me queria naquela Fortaleza, mas que não se importava de não me ver. Eu era seu como eram os quartos abandonados, as cortinas destroçadas que pendiam das janelas, as estátuas de mármore que precediam a porta principal.

»Era um adorno do seu amor por mim. Existia esse amor, essa ideia de amor, carregada de dor, de tensão. Mas não de corpo, de indivíduo. Compreendo que a minha mãe me tenha amado mais do que à própria ideia desse amor, mais do que ao sentimento em si, extrapolando-o numa idealização que nem ela própria compreendia. Cresci a vaguear pelos quartos da Fortaleza, a descobrir memórias. Talvez hoje queira saber o porquê de não a ter questionado mais. Mas o animal que apenas conhece a sua jaula não faz grandes indagações em relação à selva.

Levantou-se e fitou Muda, cuja expressão se afligia.

— Lembro-me de ser criança e de a minha mãe me ensinar o mundo. Mas cansava-se facilmente, enervava-se com o facto de eu não aprender ao ritmo que ela esperava que aprendesse. Fechava-se no quarto e gritava lá de dentro que eu não precisava de saber tudo sobre o mundo. Que aquele era o meu mundo. Que eu era dela. A única pessoa que lá vai é um barqueiro, a quem a minha mãe, acho, paga um imposto para que nos leve sustento.

»Muitas vezes o observei também, àquele homem sisudo, ensimesmado, que lá chegava com o que já sabia que devia levar. Não se detinha mais do que os instantes necessários para descarregar a carga. No início, era sempre a minha mãe quem o recebia. Depois, passei a ser eu, que esperava ansiosamente a sua vinda, com um dia que não tinha obrigatoriamente de ser o mesmo. Notava que me observava com curiosidade, chegou a levar-me livros e, um dia, não há muito tempo, concordou em trazer-me até Domínio, à revelia da vontade da minha mãe. Mas depois ela magoou-se e tive de ficar em terra. Até ser um rapaz, nunca perguntei à minha mãe sobre nós, sobre o que éramos, afinal, sobre o meu pai.

Até os ler, não sabia que tinha de haver um homem entre mim e a minha mãe. Até conseguir encontrar pais em romances que o barqueiro me levava, achava-me fruto da criação da minha mãe. Como se tivesse surgido da sua vontade. E assim vivi, crendo-me dela.

Filho adormeceu-lhe no colo e Muda não mais tirou os olhos do horizonte. Enquanto isso, tornava o seu semblante pesado, como se receasse que aquele céu trouxesse tempestade além de chuva. Não se diria que o tempo de Domínio era tão perene, se víssemos a expressão que Muda deitava àquele horizonte, naquele dia.

Atrás de si, sem ser notado, Amor estava feito estátua, expectante. Era um animal cujo coração batia tanto que arrastava consigo o músculo do peito e se via claramente, não obstante o tempo húmido. Olhava a mãe e o Filho que tinha ao colo, percebia como o discurso do rapaz depressa perdera os meneios arrevesados da fala e se fazia entender, e o seu corpo latejava. Caíam-lhe gotas de suor pela testa. Sem tomar consciência, a ferramenta pela qual tinha regressado a casa cravava-lhe a lâmina no pedaço de pele entre o polegar e o indicador da mão direita. Não era dor o que sentia.

Numa terra sem tempo, este recicla-se sem que seja chamado a depor. Filho continuava à guarda de Amor, vivendo em sua casa. Recentemente, tinha-se habituado a sair com ele de manhã, juntando-se assim aos Obreiros na reparação de uma imensa conduta de águas que havia cedido à chuva algumas semanas antes. No entanto, Filho era tão débil que pouco podia ajudar aqueles robustos homens e mulheres. Ficava a maior parte das vezes a assistir à labuta, debruçado no rio, já habituado ao ressoar da chuva nos ouvidos e um pouco por todo o corpo. Amor olhava-o de vez em quando, na maior parte das vezes quando Filho não podia ver que estava a ser observado.

Se por acaso os olhos de ambos se cruzavam, Amor abria os lábios em sorriso, para rapidamente desviar a cara e se tornar sério. O trabalho não lhe rendia como antes e muitos dos Obreiros já tinham reparado nisso. Brincavam com ele, perguntando-lhe pelo noivo. Sussurravam-lhe ladainhas de casamento, em jeito tosco, sempre que o viam chegar com Filho. «Vais fazer o gosto à Muda e juntares-te a um homem, danado!»

Se a princípio Amor descartava com um estalido de língua essa hipótese, empurrando os colegas por ribanceiras e margens abaixo sempre que insinuavam alguma ligação entre os dois rapazes, houve uma altura em que se deixou disso e passou a não responder. Já não dizia «Ministro dele me encarregou, otário!» nem se importava se se punham todos em sorrisos e falinhas mansas, cheios de palmadas nas costas e parabéns pela união.

Amor não desistira de negar qualquer ligação romântica a Filho e tinha em si que nada disso era o que sentia pelo chegado. Mas a ideia de fazer com que Filho acreditasse numa ideação afetiva entre ambos tornava-se-lhe cada vez mais apelativa. Contrariando-se, dava por si de mão dada com Filho, Domínio fora. De noite, viajava até à cama do hóspede e nela ficava horas a fio, colando-se os corpos sem que de Amor houvesse sequer um breve esgar de paixão.

Não havia, de facto, qualquer intenção em Amor que não fosse a mesma que houvesse, porventura, num experimento científico. Via o que cada um dos seus gestos provocava em Filho, sentia-o desejoso de afeto e entusiasmava-o prolongar a carência desse afeto. Tornar mais longo o tempo que demorava a ir ter à cama de Filho, quando dormiam na mesma altura, e sentir como, a escassos centímetros de si, Filho ansiava por esse momento.

À medida que passavam os dias e as noites, Filho esperava com cada vez mais ansiedade sentir na sua cama o calor de Amor, o seu corpo em abraço, as pernas entretidas as quatro, e a mão pousada sobre o seu peito. E estas eram sensações novas, para quem sempre viveu na Fortaleza. Passou a sair sempre com Amor, cada vez mais apenas sossegava na sua presença, sendo os momentos sem ele alturas em que se dava a uma pressão no peito que não conhecia.

Então, deitava-se de novo na cama, enxugava as pernas e encolhia o corpo, procurando calor no seu próprio colo. Mas não era isso que encontrava. Nos momentos em que Filho não estava perto de Amor, era todo ele só desalento. Parecia ter engolido uma pedra magnética que lhe latejava no ventre sempre que se lembrava de que Amor ali não estava. Com o olhar parado no teto do quarto, Filho não conhecia nada do que estava a sentir. Não sabia nada sobre essa sensação de que alguém lhe apertava a garganta, não entendia por que razão a sua mente refabulava gestos, criava histórias, imaginava cenas de um futuro que tinha mais sabor a passado, porque lhe parecia que já estava terminado antes sequer de o imaginar. Não sabia que os corações podem ter bocas que choram.

Dava voltas no colchão, tudo o que escutava lhe parecia ser Amor chegando a casa e acercando-se de si. Amor ali, na porta do quarto, de braços prontos a acolhê-lo. Amor a pedir-lhe que se levantasse e se vestisse, dizendo-lhe que seria nesse momento que o apresentaria aos colegas como o seu grande amor. Amor insistindo para que se levantasse rapidamente, ou não apanhariam todos os Obreiros na praça do porto, ou não apanhariam Barqueiro a descarregar a mercadoria da semana e não apanhariam toda a população na praça à cata de novidades. Amor a dizer-lhe que aquela era novidade que queria dar a todos de uma vez só, a de que precisava de Filho para si para sempre.

Daí ambos praticamente voariam Domínio fora. Amor e Filho ganhariam asas e voariam até à Fortaleza, onde Mãe lhe perdoaria todas as ausências e convidaria Amor para se sentar à grande mesa do salão principal, cujo mármore teria perdido as fendas de tanto se alegrar com a notícia. Mãe estaria sorridente e feliz, e dos seus cabelos negros despencariam borboletas aquosas que iriam pousar no nariz de Amor e de Filho. E ambos ririam muito disso.

Muda falaria apenas para dizer como estava feliz por este amor do seu filho e Homem na Cama seria um sujeito elegante, medidas de estátua, o que mais piruetas daria num céu onde já não choveria mais e onde o sol brilharia, aquecendo os amantes e criando paisagens que pulsariam à medida que se olhasse para elas. Em Domínio, todos bailariam à chegada da família voadora. Esperá-los-iam para celebrar a união de Amor e Filho. Para agradecer pelo fim das chuvas, pelo início do calor e pelas flores no campo.

Dir-se-ia noutras paragens que Filho tinha cedido à doença da paixão.

Como tal, a desilusão perante a realidade estava a ser-lhe custosa. A chegada de Amor a casa revelava-se sempre menos intensa do que na sua fantasia. Antes de ir para o quarto, Amor comia na cozinha com Muda, passava pelo quarto do pai, ia ao terraço perceber se havia de se afligir com alguma chuva menos modesta e só depois ia apagar o incêndio que diariamente deflagrava mesmo ao lado da sua cama.

Sem ter a mínima noção de que corria a toda a brida para um remoinho onde se morre por excesso de ar, Filho já jogava o drible da doença, rédea solta, ânsia que consola. Perguntava a si mesmo se devia ir ao encontro de Amor mal este chegasse, duvidando da interpretação que o outro daria a essa carência sempre presente. Na extensa maioria das vezes em que Amor chegava a casa, isto nos dias em que Filho não saía com ele, deixava-se ficar na cama, tonto de imaginar, receoso de que os seus passos pela casa para ir ao encontro de Amor o pudessem fazer fechar a porta à fantasia que criara para ambos e que era regada pelo filho de Muda com a malícia devida.

Por isso mesmo, numa dessas chegadas a casa, Homem na Cama pediu a Amor que se demorasse um pouco mais no seu quarto. Que se sentasse com cuidado, para não entornar a tigela de leite, e que o ouvisse.

— Estás a causar-lhe o mal — avisou. — Esse passarito desamparado está a fazer de ti a árvore toda. Sê um homem e mostra que és o filho a quem ensinei a bondade.

Amor levantou-se e fixou Homem na Cama.

— Eu não sou teu filho — disse.

E, então, aquilo parecia ser tudo o que lhe importava.

A dada altura, a obsessão saltara da cama e fazia dos dias de Filho uma massa imensa, pegajosa, que lhe toldava qualquer perceção de outra realidade que não fosse a sua.

Despojado de tudo, Filho rendia-se aos pés de Amor. Era caixa respiratória aberta, olhos mudos, grave pose. Hesitante, observava-lhe os gestos, primeiro as mãos, graves, o jeito de deslizar uma mão pelo braço e a forma como os músculos se moviam do ombro ao punho, linha certa, linha de prazeres, evidência de um delírio. Nos braços de Amor, os pelos começavam pequeninos nos punhos, breves, assim encaminhados. Continuavam torneando-lhe a masculinidade do membro, braço forte, mas delgado, sem que conseguisse tão-pouco explicar onde nele estava a fúria de se ajeitar.

Mas Amor... que indiferente aos olhos de Filho, que o percorriam, que faziam dele estátua, e, já se sabe, às estátuas não se pede movimento que não seja o de estar quieto. Mastigava com gestos pausados, parecia nem sequer entreter a comida na boca ou então tratar de degluti-la de súbito. A tudo Filho assistia, a mais pequena função do corpo de Amor era motivo da sua observação, ali em baixo, mãos suas com pés dele, deitados, em longo a tão breves rios se costuravam ambos.

Amor ignorava o caudal daqueles olhos e eram breves os momentos em que se cruzava com eles. Breves e irrelevantes, que assim tanto olhariam uma pedra como um homem. «Afasta-te», diziam, «já sabes que não há de haver entre nós mais nada do que esta camaradagem. Tenho-te por amigo, Filho, tem-me por isso também.»

E descaía o lábio húmido, sorria estreitando sobrancelhas, olhos rapazes num homem feito. Filho esquecia-se de si, obséquio da obsessão, falta de estima consagrada a não ser mais senão amor, pensava. Sabia-lhe de cor o corpo, àquele, que dos braços os ombros descaíam um pouco, peso ao músculo, adentravam-se em corpo, formavam-se homem e de peito aberto. Amor contemplava sempre qualquer coisa que não era este Filho. Brilho de estátua, nunca o terá sido tão imenso. Filho olhando-o, cada pequeno espacinho de si e daquele rosto, em homem, em amor, em flor da sua maior casa de abrigo. Barba, nariz, lábios, havia muito que decorar no rosto de Amor e uma quase propensão para que Filho o observasse sabendo que assim em si ia criar mal, dor de ser para si pouco amigo.

Desviou a cara por um instante para o seu corpo, viu-se esquelético no chão do terraço, carregado de pequenas gotas ainda por nascer. Viu-se em si, ali caído, magreza esquelética, tanto contraste com Amor, tanta cor que se perdia no breve espaço em que se encaixavam pés e mãos. «Nunca te olharei por dentro», concluiu para si, e parece que Amor o ouviu, pois tornou o pescoço na direção de Filho, como um «não te entendo» que não lhe sai voluntário, mas antes porque tem de ser.

Encaram-se, sabem por que razão ambos se observam. Amor devolve-lhe um gesto de mão no cabelo, acaricia-lhe o cabelo e Filho faz gestos de consolo, sabendo aquela mão, conhecendo-a em paranoia, sabendo os dedos em tear ao seu cabelo, esperando que o gesto se estendesse pela eternidade, já que nada ali havia de fugaz.

Mas não sucede assim. Amor solta-lhe os fios de cabelo sobre a testa, baixa-se, encontrando-se ambos a escassos centímetros um do outro, bocas quase coladas, contornos de testa sentindo-se o calor. Amor não regressa à posição inicial, está já quase deitado, tem Filho sobre a mirada principal.

Ao longe, ouvem-se os animais de Domínio em acordo, os céus aqui rasgam-se mais do que seria suposto, terra de chuva adolescente. Amor baixa o olhar, poussa as mãos no colo de Filho e este observa-o de olhos fechados.

— Nunca te olharei por dentro — sussurra o filho de Muda.

E o sussurro é som bruto de mares a deixarem passar caravanas de grandes nómadas. Primeiro baixa-se, Filho passa-lhe as mãos pelos cabelos e suspira, embalando o seu amor.

— Gostava mais de alguém que me tocasse do que de alguém que se deitasse comigo — confessa-lhe, sem amor.

Filho, todo assim de súbito amor que se expande e se demonstra em dádiva. Passa as mãos pelos cabelos de Amor, sente-lhe a forma da cabeça, observa-lhe a cicatriz pequena ao lado de uma das orelhas e enleia-se em vagas de dedos, em gestos que o fazem levantar a cabeça e fechar os olhos, atento a que Amor não sinta que em si desponta muito mais do que a sombra do desejo.

Filho toca numa pequena mancha rósea próxima à raiz do cabelo, já a sabe tão bem, já a tem tão bem. Mancha mapa de Domínio, seria?, ou Mancha soprada antes por alguém.

— O que é isto? — pergunta-lhe.

— Não sei, já mo disseram tê-lo, antes... Não sei se de nascido ou por obra de alguma obra cumprida a ferros. Mas não te demores por aí, toca-me assim — diz, e preme mais a mão de Filho em direção ao cabelo e aos ombros, movimento mais largo, ancho.

Filho obedecer, tem em mãos o objeto máximo do seu desejo, do seu amor, sem saber que o é. Permanece-lhe o cheiro do seu cabelo, saberia distingui-lo em mil, toca-o e a própria pele enrijece-se, como se fosse privilégio, oferta de vitoriosos guerreiros regressados, Filho poder tocar naquela pele, pensar num espaço do corpo de Amor e pôr nele a mão, desculpa atirada ao descuido dos dedos.

Amor vira-se no colo de Filho e agora estão novamente cara a cara, mas Amor tem a cabeça pousada entre as pernas de Filho e fita-o.

— Nunca me olharás por dentro — diz-lhe, e sorri levantando os lábios, miúdo arisco, rapaz de grandes troças. — Nunca me olharás por dentro — repete.

E dessa certeza Filho não duvida. Entristece-o pensar que nunca tocará o coração daquela estátua. «Consomes o que há em mim», diria, se soubesse.

Amor levanta-se de repente, tão subitamente que deixa descobertas as pernas de Filho.

— Ponhamo-nos a andar — diz.

— Estávamos bem.

— Não podemos continuar, sabes disso.

— Não sei de nada, Amor... Estou aqui e o meu corpo é teu, a minha emoção, eu por todo. Sou em mim a querer-te por inteiro, mas a dar-me em coração, em consciência. A ti dedico o meu acordar, por ti bebo água e por ti procuro repouso, à noite. Tens em mim a maior flor do mundo e aprenderia a olhar-te por dentro sem sangue. Dar-te-ia beijos e em nós as noites seriam todas elas de carícias, e não haveria de faltar-te estrada para andar, de noite, em caminhos que gostas de fazer, menino solto assim por Domínio. Seria a tua companhia, deixa que te acompanhe os passos por estas praias, Amor. Deixa que pouse em ti todos os sonhos do mundo e os guarde em mim, cuidadoso. Estou aqui, inteiro em ti. Quero elevar-te e elogiar-te e sei-te grande, Amor. Aceita-me e entrarei no teu coração para te dar a paz que ele merece.

Tudo isto lhe teria dito Filho, se não tivesse parado na primeira frase. Amor começou a caminhar, Filho seguiu-o. Nunca se olhariam por dentro.

A esta paixão assistiam os pais com dó. Muda já mal comia, ou os alimentos não se digeriam perante a maldade do seu Amor. Todos os dias os via sair de casa, debruçava-se sobre a janela, olhava o cambalear do magro cão que seguia o filho pelas veredas de Domínio. Assim sem saber o que fazer, esta mãe Muda chorava, quando depois se sentava num banco da sua cozinha e sentia os joelhos um de encontro ao outro, esfregando-se quase em súplica, mãe desesperada. Com as

mãos, tentava segurar o tremer das próprias pernas, mas todos os esforços de paz lhe eram inúteis. Sentia-se aflita para terminar a sua história mal contada, arrependida de ter criado Amor em termos de fábulas, que agora lhe faziam crer que ali estava o filho de um pai que maltratara a sua mãe e os abandonara à sorte.

Muda sabia que Amor agia impulsionado por uma vontade de justiça, vingando-se inutilmente em Filho por uma fraqueza de um seu suposto pai. Haviam conversado. Amor tingira-a de medo vermelho ao soltar contra Filho ofensas de honra ferida. Havia-lhe dito:

— Este sabe quem é... Vejo-o, sei que para lá não existe uma mãe que ficou abandonada, nem estes viviam ambos sós. Este que se diz Filho de uma mãe sem pai não é senão alguém filho do homem que te abandonou, Muda. Não me disseram ambos que quem te desonrou era senhor da tal Fortaleza? Não veio ele de lá? Como pode viver em ti tamanha inocência, diz-me!

E Muda via os olhos de Amor raiarem-se de um sangue que nunca tinha visto em ser algum.

— Se não consigo destroçar o homem que te deixou, Muda, destroço-lhe o Filho em sentimentos.

E depois agitou-se mais e empurrou o banco onde agora Muda se sentava, tremendo-lhe as pernas sem jeito. Temia o que Amor seria capaz de executar em nome de uma vingança de filho perante mãe sem justiça. E por isso subiu ao quarto de Homem na Cama, que ouvira o sangue de Amor falar, uns dias antes. Olharam-se ambos de coração nas mãos. Era o coração que Muda segurava e não um pano. Era o coração que Homem na Cama segurava e não uma tigela de leite. Olharam-se chorosos e de si saíram palavras que os dois sabiam não ter reverso. Esclareceriam a história e reporiem a calma.

Foi no dia em que, pela primeira vez em muita porção de tempo, Homem na Cama saiu à rua.

Fizeram sempre tudo muito chorosos, Muda e ele. Havia combinado que seria ele a encontrar-se com Ministro — não havia de ser assim tão mau o homem, a ponto de não compreender que havia que evitar algumas tragédias, e por isso apresentar-se a Amor como seu pai. Perante a ideação vingativa de Amor, a fragilidade daquele Filho à sua mercê e a aura de tragédia que passou a rondar as chuvas de Domínio, a assunção de culpa por uma gravidez de há quase duas décadas não haveria de trazer grande pânico ao pai ausente.

Muda e Homem na Cama tinham conversado ambos de mãos dadas. Já se sabe que conversar é forma de dizer, porque da boca de Muda não sai som, ou senão não era muda. Mas nesse dia Muda ajoelhou-se ao lado da cama do seu homem e apertou-lhe as mãos gordas com força. Lágrimas, imediatamente. Daquelas que se rebordam nas pálpebras e não caem face abaixo. Mentiríamos se disséssemos que ambos previam a chegada deste momento. A história estava, achavam, urdida para que não fosse preciso desnovelá-la perante alguém. Um sacana, há muitos anos, uns perfumes que dão voz, uma morada numa Fortaleza invisível. Nada faria prever que fosse Filho emergir da bruma e causar tamanha paranoia ao Amor de ambos que lhe desse para as vinganças. Logo ele, que folhetins tinha lido tão poucos.

Estavam assim juntinhos, de mãos dadas e olhos chorosos, falando ela por meneios de cabeça e ele com palavras audíveis.

— Oh, minha Mudinha, que preço estamos a pagar pela nossa criatividade. Vamos lá arranjar este desarranjo de vez, que vai ficar tudo bem. Sim, eu sei que não queres ser tu a ir falar com o homem. Ouve-me. Vá, escuta-me, não me interrompas. Fazemos assim. — Muda aproximou-se mais de Homem na Cama, tanto que quase nem era preciso mais do que um sussurro com os planos que iam sendo explanados naquele quarto. — Isso já foi há tantos anos... Porque havia de ser que ele não quisesse agora dar uma deixa de pai? Se o Amor se tornou homem feito, de nada dele precisa. Sim, isso deixarei claro ao homem, que não queremos dinheiro nem um bem que seja. Queremos apenas uma conversa franca de pai para filho. E que já temos Amor prometido que nada vai fazer para se vingar do pai. Sim, mulher, que há de afligir-se, pois claro. Imagina entrarem-te aqui assim

de dizerem que eras mãe de um homem... Eu sei, eu sei que, a seres mãe de mais alguém, havias de o saber à certa...

Havia um momento prévio ao plano de ter Homem na Cama rumo a casa de Ministro que era preciso ser executado. Não era assim do pé para a mão que conseguiriam fazer baixar a terreno térreo tamanho homem. Pensaram ainda, Muda e Homem na Cama, em fazer emagrecer este para que se desse com maior facilidade a deslocação. Mas se não era com comida que aquele homem engordava, não havia no que cortar para que lhe caísse o peso. Homem na Cama ainda olhou já com saudades para as tigelas de leite amontoadas no chão do quarto, mas depressa ambos chegaram à conclusão de que seria uma espera longa, que até lá havia de Amor já ter arranjado forma de desesperar Filho de vez e assim entregar-se a uma tragédia qualquer.

Ainda pensou Muda que talvez um susto fizesse saltar o excesso de peso de Homem na Cama. Mas assustá-lo como, se não sabia berrar? Ponderou uma tristeza tal que o deixasse aflito a ponto de emagrecer, mas também aqui não haveria mato onde se criasse o tema. Tinham ambos perdido os pais há muito, não viria daí tristeza súbita. Muda ainda olhou para os gatitos que Homem na Cama alimentava a leite, mas depois assumiu que nem o seu desaparecimento provocaria nele uma tristeza tal capaz de lhe fazer desaparecer o peso.

Iria assim mesmo, estrada fora. E a este ponto talvez gostássemos de saber por que razão passámos tão ao de leve pela hipótese de ser Muda e não Homem na Cama a ir a casa de Ministro informá-lo de que havia que resolver de vez esta questão da paternidade. Passámos ao de leve e assim bem o fizemos. Pois se Muda não fala e se a Ministro não é conhecida a sua propensão para a subtileza, havia de ser uma conversa de tolos a que ambos teriam. Assim sendo, a tarefa foi polidamente entregue a Homem na Cama.

Muda costurou-lhe um fato imenso, seguindo as indicações de quem o ia usar. Ter os dedos sempre húmidos não ajudava às agulhas, mas o raio do homem tinha vaidade e pedia rebordos aqui e ali, uma rendinha que bem que fica, o lencinho ao bolso a fazer de flor. Quando ficou pronto, faltava enfiar-se nele Homem na Cama. Tudo teria de ser feito num dia em que Filho saísse com Amor e prometessem ambos demorar-se. Muda rezava para que alguma lona das grandes se despencasse lá do alto, ou que se desse alguma barracada parecida com aquela que desmontou o esgoto principal. Isso havia de entreter os rapazes e dar-lhe assim tempo para limpar, vestir, pentear e encaminhar Homem na Cama.

Esse acidente não chegou, mas o momento em que ambos decidiram que tinha de ser não tardou. Muda levou-lhe de manhã um chazinho com valeriana e pôs-lhe gengibre no leite. A primeira tentativa de o tirar da cama foi em vão. Arfava,

afrito no seu peso, tombava para trás e para a frente. Chegaram a pensar que talvez enviassem um moço a chamar Ministro lá a casa, mas daí tiraram rapidamente a ideia. Mais depressa a chuva cessaria do que Ministro se deslocaria a uma casa no outro extremo de Domínio, sem saber ao que ia.

À segunda tentativa de sair da cama, ambos se surpreenderam com a ligeireza. Ficou em pé e, como se sempre tivesse sido essa a sua posição, Homem na Cama espевitou-se, equilibrou-se e começou assim a ser vestido pela mulher, que lhe beijava as mãos em obrigado de cada vez que conseguia enfiar uma manga ou apertar um botão. Estava pronto em menos tempo do que demorara a beber a tigela de leite. Muda não esqueceu os sapatos abrilhantados, guardados desde o tempo pretérito com intenção de um dia voltarem a servir. Abraçou-o muito, Homem na Cama dizia-lhe que sabia o que ia fazer, que ela não se desesperasse, e curiosamente desceu as escadas aos quase saltinhos, talvez mais para despreocupar a mulher e menos porque lhe apetecesse.

Na rua, esperava-os Homem das Imposições, que, como previamente acordado e com as mãos aquecidas por umas quantas moedas, tinha aceitado amparar Homem na Cama até casa de Ministro, onde este, magnanimamente, tinha accedido a uma entrevista, ambos pensando que se tratava de uma proposta de cedência de terras, desconhecendo por completo Homem das Imposições que ali levava aquele que havia de, nessa manhã, dar um filho a Ministro. No passado, assistira à revelação da gravidez de Muda, e era com essa informação que até então chantageara Ministro. Mas não lhe passou pela cabeça que a incumbência de Homem na Cama fosse a de dar revelação ao segredo. Em relação a essa história, acreditava antes que Muda tivesse aproveitado a prestabilidade de Homem na Cama para lhe fingir paternidade de um filho, livrando-se assim daquela história e das ameaças do mandante de Domínio. Também ele acreditava que o homem queria ir a casa de Ministro propor negócio, talvez por falta de condições para sustentar um filho que, coitado, nem saberia que não era dele.

Na descida até onde o homem tinha o barco, o caminho fez-se de facilidades. Quem o visse, diria que sempre tinha sido Voltinhas, que Homem na Cama não passara de uma fantasia dos dias, e até parecia que se ia evaporando o peso à medida que se aproximava da embarcação, como que se fazendo mais airoso, mais saltitante. Homem das Imposições levou o barco até longe, para que não se visse ao passar pelo centro de Domínio e assim chegassem incógnitos a casa de Ministro. Pelo caminho, Voltinhas fechou os olhos. A excitação de se ver do lado de fora da cama quase o fez esquecer-se da missão que ali o levava. Sentia a brisa

percorrer-lhe as bochechas, de si já não restava mágoa por aquilo que aquele povo lhe fez. Tinha o dom de perdoar e era leve de ânimo.

Estando Voltinhas de olhos fechados e Homem das Imposições de costas, orientando a embarcação, não puderam notar que, de facto, o peso voava do homem. Quando passaram o porto, já os braços eram delgados, quando o mercado estava em primeiro plano, não havia mais pernas gordas, quando escutaram o sussurro vindo da praça, a barriga desaparecera. Por baixo da ponte pestana de cabra, Voltinhas deixou a papada e na antiga lagoa, hoje mar, foi a vez de se deitar à água o excesso de corpo das nádegas. O barco passou pela Fazenda da gota e dessa vez Voltinhas ergueu os braços magros e percebeu a sua leveza. Entreabriu os olhos e viu as bochechas a flutuar ao lado do barco. Levou as mãos à cara, trabalho facilitado porque os dedos já não eram gordos. Admirou-se e novamente esqueceu a missão que o conduzia.

Ao voltar-se para trás, Homem das Imposições soltou um palavrão de surpresa: — Com mil caralhos, homem!

Ele, sempre hirto e de expressão cinzenta, arregalava agora os olhos ao ver Voltinhas desaparecer dentro de um fato de quilómetros de pano sem serventia, magérrimo, saltitando para lá e para cá. O emagrecimento sem dieta nem doença daria que falar numa terra mais comum. Mas, em Domínio, onde se desvelavam diariamente as mais extraordinárias situações e onde o senso comum se limitava a pensar em como resolver o que ia aparecendo, o facto não gerou mais de duas ou três exclamações de ambos. Era preciso pensar em como remediar o fato, agora que lá cabiam mais mil homens. Voltinhas lembrou-se de trocar com Homem das Imposições, sujeito esguio, mas não recebeu grande retorno do barqueiro.

Houve súplica:

— Não posso aparecer assim a Ministro!

Seguiu-se uma breve reflexão, em que Homem das Imposições pensou que talvez fosse má ideia permitir que tal fulano se apresentasse assim ao rei da terra. Que este lhe havia de pedir satisfações sobre como permitiu que o homem não se lhe apresentasse em condições. Fazendo-se valer do receio da chatice e não propriamente da bondade, Homem das Imposições lá emprestou a roupa a Voltinhas, aportando de ceroulas no breve cais que dava passagem a casa de Ministro.

— Vá daqui sozinho, que o homem já sabe que está para chegar. Diga o que tem a dizer e aqui o espero.

Voltinhas saiu com um pulinho do barco, saltando os degraus do porto, galgando o pedacito de terra antes do pátio que dava entrada à casa do homem a quem ia falar de assunto sério. Esquecera-se, por momentos, do que o lá levaria,

mercê de estar tão feliz por se sentir de novo leve e por poder provar a todos que tinha razão: não era comida o que o engordava. Entrou sem se anunciar no saguão de Ministro, onde Criadita o recebeu com um «ai!» de susto breve e lhe disse que bênção tinha sido o facto de a encontrar a ela ali e não a Ministro, porque, entrando assim de rompante, mais certo era que o homem o mandasse de volta por onde veio.

Ministro estava à mesa, pois claro. Terminava o jejum estalando um ovo que se esperava escalfado, mas que afinal já lá tinha dentro o feto desfeito do que havia de ter sido pato.

— Não me olhe com esse nojo, homem. Olhe que na Capital isto é manjar. — Voltinhas desviou o olhar daquele sorver de minúsculos ossinhos e penas em potência e começou por se anunciar. — Cum caralho, homem, já está cá dentro, deixe-se dessas merdas. Desembuche!

Não tinha Voltinhas passado da porta da sala, nem tinha Ministro sequer levantado os olhos para o ver, ocupado em desincrustar da casca do ovo os últimos vestígios do feto de pato.

— Senhor Ministro, trago-lhe um pedido a que pode aceder sem ter de nada pagar, nem sequer de se mover de onde está.

— Se é terras, não lhas dou. Você mora já lá para o fundo e para o alto, não é? Não sei quem seja, mas avisou-me o Homem das Imposições que vinha alguém de lá para falar comigo. Já agora, quem é você?

Voltinhas hesitou na forma como se apresentar.

— Não sou ninguém de nota, senhor Ministro, mas é-o a minha mulher. Sou o marido da mulher muda que distribui os sacos do mercado.

Ministro levantou o olhar pela primeira vez nesta conversa. Fitou Voltinhas por cinco segundos, entreabrindo os lábios gordurosos. Por fim, falou:

— Desconheço. Mas diga lá o que me quer um homem sem nome, marido de uma entregadeira muda que mora lá para os arrabaldes do meu domínio.

— Venho falar-lhe de uma tragédia que está no horizonte. Chegou um rapaz da Fortaleza...

— Sei bem. Um gato tresmalhado a quem o povo queria comer os ossos. Encarreguei um dos meus Obreiros de lhe olhar os passos, encomendei-o à Fazenda da gota. Não o levou para lá?

— Esse Obreiro que encarregou de tomar conta do visitante é o filho da minha mulher muda.

Voltinhas explicou com pormenor a situação. Regressou ao passado para lhe contar que sabia da história, que ele e Muda já o tinham perdoado, mas que receavam que Amor pudesse fazer algum disparate contra Filho após o qual se

visse a braços com a lei... Que o magoasse, que a raiva lhe tolhia o juízo, que não poderiam desfazer agora a história sob pena de Amor não acreditar na explicação, achar que era jogo de ambos para que deixasse de procurar vingança no filho de quem acreditava ter magoado tanto a sua mãe.

Ministro ouvia sem ouvir. Ao longo do monólogo de Voltinhas, que durou o tempo do resto da refeição, Ministro comeu mais três patos por nascer, arrotou consolado, limpou as mãos gordurosas ao guardanapo pendurado ao pescoço, ordenou a Criadita que não entrasse. Notava-se o enfado pelo relato, a ausência de qualquer emoção, sequer surpresa. Tirou restos de comida dos dentes, riu-se quando viu sair uma pena amarela da cova de um molar e voltou a engoli-la. Quando Voltinhas terminou, Ministro ficou dois momentos calado, sem se mexer. O orador acabou pedindo-lhe que assumisse o filho sem ter de o assumir. Bastaria que recebesse Amor em casa e lhe dissesse que sim, que tinha engravidado Muda sem dor, num caso isolado, consentido, cujo silêncio fora pedido pela própria Muda, compreensiva da situação e cujo resultado lhe tinha sido escondido, por ter esta cláusula de não paternidade devido ao cargo que ocupava. Que tudo tinha sido de pleno acordo e até que um abraço final tinha sido dado entre ambos. Que nada havia de família dele em quem morava na dita Fortaleza. Evitar-se-iam assim tragédias de maior, sofrimentos sem conta, e acabar-se-ia o martírio dos dias que aqueles pais viviam.

Após o silêncio, Ministro sorveu o espaço entre os dentes do lado direito e informou apenas:

— Muito bem. Traga-me cá o homem quanto antes e a situação fica resolvida. Agora, se não se importa, chame-me cá o Homem das Imposições, que tenho algo a encomendar-lhe. E depois ponham-se ambos na puta que lhes pariu.

Espantado com a facilidade com que convenceu Ministro daquela empreitada, Voltinhas ainda hesitou.

— Mas sei que lhe causa transtorno, que é cláusula para cá estar a de não engrenhar mulher alguma... Garanto-lhe que o meu filho não dirá o que seja...

— Ó homem, deixe-se lá isso, que com quem de direito eu cá me entendo. Já lhe disse que não o perfilho, mas que o informo da paternidade e do suposto entendimento com essa surda. Não quero badernas entre os Obreiros. O seu filho, ou melhor, o meu filho... ou o filho da Muda, é homem de grande serventia. E não me dá jeito que ele se ponha com merdas e me azucrine o desgraçado que cá chegou no outro dia. Não há de vir aí mal nisso. Chame-me o Homem das Imposições e ponha-se no caralho antes que mude de ideias.

Voltinhas preparava-se para sair da sala quando foi impedido por Ministro, que o chamou:

— Olhe lá, e você não era gordo? O Homem das Imposições disse-me que hoje cá vinha um gordo para uma entrevista... Você de gordo não tem nada, homem, é um saquinho de ossos!

— Deixei o peso que tinha no mar, a caminho de sua casa.

— Essa está boa! Olha que manhã esta... Vá lá, homem, deixe-me em paz.

Regressado ao barco, Voltinhas informou Homem das Imposições de que Ministro lhe queria falar. Trocaram os fatos, voltando Voltinhas a mergulhar no imenso pano que agora não lhe agraciava as formas.

— Faça o favor de dizer, Ministro.

Entre ambos reinava uma atmosfera de desconfiança. O poder de forças entre eles estava estabelecido com um equilíbrio frágil. A Ministro não lhe interessava que Homem das Imposições soubesse da conversa que acabara de ter com Voltinhas. Era com este tema, entre outras patranhas nas quais Ministro se tinha metido ao longo dos anos e das quais o Homem das Imposições sabia, que este o chantageava. Homem calculista, convinha a Ministro que Homem das Imposições continuasse a achar que o dominava, precisava de servir-se dele para mais um trabalho e depois desfaria a teia de chantagens, anulando o poder de Homem das Imposições sobre si e ficando com os lucros das retenções para ele próprio. Dessa trama, só lhe faltava antes a Ministro saber o paradeiro certo do seu suposto filho. Tendo-lhe Voltinhas dado a informação de bandeja, o que se seguia era muito simples. Pelo menos para alguém como Ministro.

— Preciso que me chame cá a casa um homem de confiança. Para tratar de uns assuntos de umas terras lá para os lados do fim da terra.

— Que lhe queria o homem, afinal?

— Nada de interesse. Terras, como lhe disse. Vai ficar a pagar-me o dízimo por lhe emprestar uns terrenos de onde diz que há de sair gota.

— Poderei eu próprio encarregar-me do negócio.

— Não, a si quero-o para começar a recolher as imposições mais cedo, este mês. Apresento-lhe depois o negócio das terras deste homem e dividimos o dízimo. Tudo como de costume. Traga-me um homem robusto, daqueles que trabalham na gota. É preciso subir às terras que este homem diz que vão dar gota e preciso que seja alguém que perceba do cultivo.

— Pois que assim seja então, senhor Ministro. Dará renda de jeito?

— Ó homem, dará que chegue para você mandar fazer um fato para si, não ter de andar a pedir fatos aos que cá vêm falar comigo.

— Peço desculpa, senhor Ministro, mas o fato que visto é meu. O homem é que perdeu peso no caminho para cá e não tinha o que vestir...

— Pois, pois, mas vá... agora desapareça-me da frente, traga-me lá um

homem aqui e depois vão os três de volta. Deixe-os aos dois para irem ver o caralho das terras e comece a pedir as retenções lá naquelas paragens. Mexa-se!

Daí a algum tempo, estava presente na sala de Ministro um homem robusto. Vestido em farrapos, olhava Ministro com surpresa e desconforto, por se encontrar naquela casa onde nunca tinha entrado. Começa a falar o chefe de Domínio:

— Você trabalha na gota, não é?

— Sim, senhor.

— E tem força bruta, não tem?

— Tenho sim, senhor.

— Tem família?

— Uma mulher e seis filhos, senhor.

— Chça! E ganha que chegue para isso tudo?

— Não ganho, não senhor. Gastei com eles o ouro que ganhei em Rio e por isso atendo-me à gota, agora.

— Garanto-lhe a si e à sua prole, fêmea incluída, passagem para Rio, um acordo com uns taberneiros para passar a trabalhar por lá e algum ouro para se orientar. Já sabe que em Rio é fácil ficar rico, não obstante ter acabado o jogo.

— Sim, senhor.

— Mas sim senhor o quê, homem? Se ainda nem lhe disse... — Ministro faz um esforço sério para não se enervar. Precisa deste homem. — Bem, tenho um trabalho para si. Acaba de o fazer, vem ter comigo e o Barqueiro leva-o para Rio juntamente com a sua mulher e os seus seis filhos. O Barqueiro da Capital, não o das Imposições.

— Diga, por favor, senhor Ministro.

— Tem de matar um Obreiro. Vai agora de barco com o Homem das Imposições e com o pai do Obreiro que vai matar. Não abre a boca durante a viagem. O próprio pai vai conduzi-lo ao lugar onde está o filho. Não diga nada do propósito da sua ida a nenhum dos dois, ou entorna-se o caldo. Volte imediatamente para cá, que já cá tenho o seu ouro.

— Sim, senhor.

No caminho de regresso, os três homens permaneceram mudos. Homem na Cama ia adquirindo de novo as suas formas redondas, mas tinha em si a calma de saber que tudo se encaminhava para o fim de um sufoco. Homem das Imposições refletia sobre o novo acordo de terras e díizimos com Ministro. Apetecia-lhe perguntar a Homem na Cama que terras eram essas, mas temia estragar assim o

negócio com a sua curiosidade. O outro pensava em Rio, nas mulheres de Rio, em como dizer a Ministro que nem era necessário que a prole e a fêmea fossem consigo. Não tinha grande amor a nenhum dos seis filhos. Tinha-os feito sem querer.

*

Em casa, Ministro subiu ao primeiro andar e entrou no seu quarto, já arrumado por Criadita. Olhou uns papéis pousados na secretária e coçou a cabeça. Deu uma mirada à cama e optou por esta. Refastelou-se entre os cobertores, ergueu os braços e só depois se lembrou de tirar os sapatos. Daí a momentos, estaria a dormir, numa sesta que só terminaria no dia seguinte.

— Diz-me como te posso alegrar.

— Dança-me — pediu Mulher, levantando-se já da mesa, que tombou a seus pés. — Dança-me.

Dono sorriu ao ouvir novamente aquele falar tão típico de Rio, que Mulher aos poucos vinha esquecendo, mas que, de vez em quando, ainda a fazia juntar pronomes a todos os verbos, como se falava na cidade que fora do jogo.

— Vem comigo.

E daí partiram para o centro da sala da taberna de Dono, muito juntos. Dono sentiu-se culpado por achar que a tristeza trazia mais beleza ao corpo de Mulher e à forma como começava a mover-se. Gostava de a ver assim, disfarçando em gestos a sua força, dando a entender uma fragilidade postiça, raiada de oportunidade.

Tomando-a pelos braços, foi Dono quem comandou a dança, daquela vez. Sentia-a a deslizar os pés no chão sem os levantar, fazendo-se cair em gesto de bailarina. Dono segurava-a e com isso enganavam-se um ao outro: ele fingindo que a sabia segurar, ela mostrando um desequilíbrio de intenção. O que acontecera, para que Mulher se entregasse daquela forma? Pela cabeça de Dono passavam todos estes pensamentos, deles se desfazendo à mesma velocidade com que surgiam. Tinha de comandar, tinha de mostrar que comandava, tinha de imaginar comandar.

E naquela dança tudo se dizia. As interrogações de Dono a escorregar na materialização dos passos que era preciso decidir, reflexão e sombra, tudo ao mesmo tempo. O que deveria esperar do movimento seguinte de Mulher? Espraiar-se-iam os seus braços em mil formas? Levantaria a cabeça e seguiria o baile como antes? Mulher não fazia gestos que indicassem que a dança deveria terminar. Ao mesmo tempo que lhe dizia que parte do corpo contornar em cada vez, Dono procurava interpretar-lhe o ritmo, saber se deveria continuar, saber quando parar.

— Ainda danças em cima do teu poder, Mulher?

— Dançamo-nos.

E com isto Dono percebeu que a aflição que a trazia chorosa não se prendia com perdas materiais.

— Conta-me porque choravas.

— Porque não mais terei festa, porque os anos me separam cada vez mais do nosso filho atirado às águas.

Permaneceram em cena durante mais algum tempo, Dono tentando descobrir o sentido daquelas palavras. Quando menos esperava, Mulher parou a dança. Voltou a sentar-se, descalçando-se. Dono acompanhou-a: estava de novo a ordem original estabelecida.

Perante mais um copo de Gota, Mulher ordenou:

— Faz-me a maior festa de sempre. Dançamo-nos em cima de ouro. Fala da festa a todos os que por aqui existem. Manda-me que os rapazes sejam mais dramáticos do que nunca. Quero as danças. Voltarei na noite que sabes e nessa noite dormiremos juntos novamente. Quero repor as perdas.

Dono assentiu, começando a imaginar quanto tempo teria para preparar a festa agora encomendada por Mulher. Sabia de que noite falava, e o tempo era curto. Quando ainda se fitavam, começou o teatro. As luzes apagaram-se, mas ambos continuavam a sentir os olhos pousados um no outro. Abriu-se a fresta da cortina do pequeno palco e apareceu Rapaz, braços abertos, causando ovação.

— A história que vos trazemos hoje conta as voltas de três homens caídos em desgraça por amor a uma enfermeira. Observai, pois, como de um grupo de músicos ilustres e de gabarito promissor, resultou um trio de desgraçados amantes. Tratá-los-emos por números, porque de seus nomes se esqueceu o tempo. A ela, à enfermeira que os embruxou, chamar-lhe-emos Clemência.

Do palco surgiu um rapaz interpretando o papel do primeiro dos cantores, de flauta em beijo, gestos exagerados, logo secundado pelos seus pretensos irmãos, os três expostos. Começam por tocar uma música de amor, extrapolada na dor e no sentimento, o que causou gargalhadas do público, já endiabrado da Gota. Subitamente, cessa a melodia e surge no cimo do palco Rapaz. Nada em si nos diz que se trata dele, no entanto. Os gestos são felinos e a cabeça entorna-se para as costas, deixando o cabelo rondar-lhe o meio do corpo. Apenas sussurra, e do seu vestido caem pedras da Praia dos Vidros. Quem não o tivesse visto antes Rapaz, diria que se tratava de uma mulher. Mas não de uma mulher anónima. Mesmo sem a conhecerem, mesmo sabendo-a tendo existido tão longe no tempo, naquele momento a audiência percebeu que quem descia para o palco era Clemência. Ou a imagem que fariam de Clemência Liberal.

Ao pousar nas tábuas, Rapaz revelou um canto a lembrar as sereias, que inebriou os músicos. Já nada ali havia de risível. Da comédia, o drama tinha descido juntamente com a atuação de Rapaz. O resto da interpretação decorreu em tensão, uma vez que o próprio público, por muito inebriado pela Gota que estivesse, já não queria gargalhadas, antes uma emoção que ninguém naquela sala

saberia definir, mas que se situaria algures entre a voluptuosidade e o temor.

Quando terminaram, foram aplaudidos sem reticências. Por todos, menos por uma pessoa. Mulher encostou os lábios ao ouvido de Dono, que aplaudia com entusiasmo, e apenas segredou:

— Que não me apresentes merdas destas na festa que me há de devolver a vida.

Muda descia a rua do Mercado sem prestar atenção a onde escorregava. Naquele dia, o seu pensamento estava na delicada diligência que tinha encomendado a Homem na Cama. Olhou em volta, à saída, vendo que, do lado direito, as pessoas se espriavam sob as lonas da praça principal, quais gatos vadios cheios de chuva nos ossos. *Esta terra merecia calor*, pensou. E foi esse o único pensamento que a afastou de Amor e dos seus dias gastos a preocupar-se com as malhas do acaso, com o urdir de uma teia que lhe tinha matado a esperança de que a vida seguisse simplesmente o seu mal-amanhado curso.

Pousou os sacos nos socalcos húmidos da rua do Mercado. Nessa tarde, ou fosse o que fosse aquele tempo, deveria subir na direção contrária da praça principal. Percorreria algumas centenas de metros, tendo à sua esquerda a ribanceira que conduzia à parte mais baixa do rio de Domínio, enfiando-se entre ruas estreitas de casas caiadas de branco e humidade. Subiria olhando bem onde pousava cada pé, carregada de sacos, semblante tenso, exclamações que não lhe saíam da boca porque era muda.

Olhou o caminho. Apercebeu-se de que à medida que o tempo passava, mesmo com os trejeitos que tinha em Domínio, a vegetação ia crescendo, mercê da água, do bom alimento. Pensava que aqueles lugares deveriam ser de grande calor e melhor sol. Era isso que pediam, e não a chuva adolescente, coisa revoltada, incessante, miúdo em birra bradando dos céus que não parava até que tudo estivesse dele cheio.

Estacou ao não poder passar por baixo de uma varanda curta, nessa mesma estrada. De lá, uma mulher acabara de dar banho ao filho criança e despejava a água do banho pelas grades da varanda. Muda não podia avisar que ia a passar, carregada de sacos. Bateu palmas, a mulher abeirou-se do parapeito, mas não a viu. Ficou por um momento a observar o rio, lá em baixo, onde passava um barco com três pessoas, duas delas parecendo-lhe familiares. Havia de ser? Não! Homem na Cama parecia ter perdido peso, o fato que costurara estava-lhe largo e era possível percebê-lo, mesmo dali do alto. O outro era certamente Homem das Imposições e o terceiro era-lhe desconhecido.

Deteve-se até ver o barco desaparecer em direção às terras onde tinha a sua casa. Eram eles, e quando passaram a ponte pestana de cabra já lhe pareceu que o seu Voltinhas voltara quase à forma inicial. Eram eles e levavam consigo a

resposta por que ansiava. A resolução daquele problema de Amor ou então o agravar de tudo. Quis dar meia-volta e regressar a casa. Mas não podia. Ainda lhe faltava entregar uns quantos sacos por aquelas bandas. Deveria subir mais ruas, enredadas umas nas outras, chegar até ao cimo de tudo, às ruínas de um antigo local de oração. E a partir daí continuar por onde já não havia lonas até ao topo de Domínio.

Era a sua mais dolorosa entrega de sacos, para esses lados. As ruas estreitavam-se tanto que por vezes os sacos roçavam as paredes, esgarçando o breve tecido de que eram feitos. Custava-lhe cada vez mais subir, passar pelas soleiras das portas das pessoas sem derrubar os cântaros, os vasos, e em constante cuidado para que os seus pés, então encharcados, não escorregassem, que não se abrissem ligeiros cortes de roço no calcanhar e que as mãos não cedessem à tentação de largar os sacos, sair e pousar o corpo.

Naquele dia, em particular, a tarefa estava a ser-lhe penosa. Gostou de ver o barco contornar o rio, mas cedo o perdeu de vista, assim que iniciou a sua rota pelo rendilhado das ruas de Domínio alto. Por lá, as pessoas tinham hábitos ainda mais estranhos. Nunca se percebia quando dormiam ou quando comiam. Cada entrega era uma incógnita. Habitada sobretudo por pessoal responsável pela administração da coisa pública e por uns parques comerciantes, aquelas ruas de Domínio deixavam-lhe sempre um aperto no coração, por não saber se iria acordar alguém ou apanhar uns que já tivessem ceado.

Prosseguiu batendo palmas, fazendo-se anunciar. Parou numa das casas e o homem que a atendeu recebeu-a estremunhado. Pegou no saco que lhe correspondia, depositou umas moedas tortas na mão de Muda e grunhiu com desafeto. Mais à frente, havia numa casa uma família de vários filhos, todos eles acordados e em grandes andanças, com a mãe a tentar empanturrá-los antes de saírem para brincar. Mal deram por si, quando por lá deixou a maior parte dos sacos que carregava. Naquela casa, a paragem era quase anónima. Sacos pousados, moedas no mesmo lugar, porta novamente fechada.

Um dos miúdos, porém, parou ao vê-la e fitou-a por longos segundos. Estava meio enlameado e segurava uma laranja na mão esquerda. Não havia de ter mais do que a idade para começar a aprender as primeiras letras. Estava no cimo de uma escada de madeira estreita que conduzia à parte superior da casa, mas desceu ao encontro de Muda. Olhou-a e ofereceu-lhe um gomo da fruta, que Muda recusou. Perante o facto, o miúdo abraçou-se-lhe às pernas e libertou-a logo após. Correu escadas acima, Muda voltou-se e saiu dali.

Estava quase a entrar na parte de Domínio onde não havia lonas nas ruas, e por isso se cobriu o mais que pôde. Queria mais proteger os sacos restantes do que o próprio corpo. Voltou os punhos para si, apertou a mercadoria contra o peito e iniciou a subida. A chuva permanecia, como sempre, constante, voz sussurro, por vezes quase gutural, se havia vento que lhe mudasse a direção. As pedras da calçada tornavam-se degraus verdes que se elevavam irregulares, sem condições de se apaziguarem uns com os outros. Muda estava encharcada. Só lá ia de quando em quando, mas fazia parte das suas funções de entregadeira dar provisões constantes àquele único homem que lá morava, no alto de tudo.

Quando finalmente avistou o antigo lugar de culto, quadrado, branco outrora, hoje cheio de uma fuligem esverdeada que lhe dava contornos sinistros, Muda parou para descansar um pouco antes de bater na grande porta, antes vermelha. Deteve-se. Pousou os sacos e arranjou o cabelo, apertando-o ao longo da cabeça e escorrendo dele fios de água constante. Um dos sacos tombou e dele rebolaram algumas peças de fruta, pêssegos sobretudo. Correu a apanhá-los e caiu, joelhos nas pedras. Pensou que gostava de, àquela hora, ter consigo o seu Amor, para que a levantasse e a protegesse, cobrindo-a com uma capa, ou então abraçando-a simplesmente. Não sabia esta muda que, no momento em que caiu, na tentativa de impedir que a fruta rebolasse pelas pedras húmidas, já não era mãe de um filho vivo.

Quando finalmente chegou a casa, Homem na Cama apercebeu-se de que estava sozinho. Tinham-lhe regressado as formas em toda a sua proporção, pelo que o caminho até ao quarto foi penoso. Uma bênção, no entanto, que o terceiro homem o tenha querido acompanhar até casa, antes de, disse ele, se dedicar a averiguar novas terras para Ministro. Era um homem enorme, que tinha tudo para ser uma espécie de Guardião da Paz. Enorme não no mesmo sentido que Homem na Cama. Alto, possante, de largos ombros acomodados por uma musculatura praticamente animal. Não seria nenhum jovem, mas dos braços saía-lhe a força de um deles. Foi este Guardião da Paz que, encomendado o trabalho por Ministro, o ajudou a sair do barco, subir a encosta e encontrar a sua casa entre ruas íngremes e de edifícios colados uns aos outros.

— Quem diria que aqui para estes lados ainda havia lonas! — exclamou.

E Homem na Cama percebeu que o outro nunca tinha ido àquelas paragens.

— Há-as porque aqui moram várias famílias de Obreiros — respondeu.

À entrada de casa, mirou as escadas apertadas e íngremes que subiam até ao primeiro andar e que desembocavam na cozinha onde Muda costumava preparar as refeições e lhe aquecia o leite.

— Que escadinhas são estas em casa de um Obreiro! — exclamou Guardião.

Não foi preciso que nada dissesse para que o homem que o acompanhou se oferecesse para o ajudar a subir. Homem na Cama estranhou a prontidão, assim como não achou razoável que o tal Guardião já soubesse que ali vivia um Obreiro.

— Ora essa, pois se me disse que para aqui era lugar de muitos. Calculei-me...

E depois as forças concentraram-se todas em empurrar o pesado Homem na Cama até ao seu quarto, a que se acedia por uma porta de madeira branca que dava para a cozinha. O interior, iluminado por quatro janelinhas de vidro cimeiras à porta e por um janelão que dava para a rua, continha apenas a grande cama deste homem, ladeada de várias taças de leite que Muda não tivera tempo de arrumar antes de sair para as entregas.

Guardião (retiremos-lhe a Paz, pois grandes trocas houve nas suas funções entre o momento em que Mulher lhe pediu que sumisse e aquele outro) olhou em volta e, depois de pousar Homem na Cama e lhe perguntar se estava feito, saiu de novo para a cozinha. A arrumação parecia-lhe nota de registo e, antes mesmo de

se dar ao trabalho de explorar o resto da casa, procurando o Obreiro que tinha de matar, sentou-se na mesa de quatro cadeiras trôpegas e levou aos lábios o resto de um café aguado.

Observava, calado, fingindo-se já fora da casa, alheio aos chamados de Homem na Cama. Quando se levantou, silencioso, subiu quatro ou cinco degraus e encontrou uma porta para um terraço interior, jardim se o quiséssemos assim chamar, pois nele havia árvores, flores e frutos. Aquele mesmo jardim onde Amor e Filho se entregavam aos jogos, onde Muda observava apreensiva as investidas do seu filho na paz do outro. Guardião estacou à porta, levantou o nariz, como que a cheirar. Não sentiu senão o aroma brevíssimo da gota, pequeninas bagas espalhadas um pouco por todo o lado. Naquele espaço de cinquenta ou sessenta passos ao comprido não havia lona, mas também mal havia chuva. As seis árvores de fruto, frondosas, praticamente tapavam o céu com as suas copas, confundindo-se a chuva e o chão com as folhas caídas. Descalçou-se e sentiu o chão praticamente seco. Que estranho era estar em Domínio ao ar livre e não sentir a chuva emaranhada nos pés. Passada a porta, desceu os quatro degraus que conduziam ao jardim propriamente dito e de novo se deixou ficar a observar. Belo, aquele era o local perfeito para matar uma pessoa sem que ninguém se apercebesse.

O espaço ficava protegido dos olhares de outros não apenas pela copa das árvores, mas também pelo facto de que para ali davam apenas paredes de trás das outras casas. Altas, terminando em telhas, deixando-se adivinhar as lonas dos outros, atadas às chaminés brancas. Guardião olhou para o alto e percebeu que ninguém o veria. Caminhou em direção a um pequeno tanque quadrado onde, se lá se deitasse, conseguiria alcançar os lados com as mãos, se as abrisse. Era demasiado pequeno para servir um afogamento, não obstante estar cheio de uma água muito límpida, quem sabe nem fosse água de chuva.

Continuou e passou pelo lado direito do tanque. Os pés afastavam folhas de laranjeira, nespereira, figueira, pessegueiro e oliveira. *Podiam daqui fazer um mercado*, pensou. E todas as plantas o olhavam, sabendo que àquele lugar não pertencia. Avançou até ao fim do quintal por um caminho feito de pedras de lousa e chegou às portas traseiras da casa de Muda, trancadas, reentrância cor de argila numa parede branca de onde sobressaía um fogão a lenha há muito tempo sem função.

Deu meia-volta e regressou pelo mesmo caminho. Ali não havia vivalma. Observava se haveria alguma reentrância, alguma porta que conduzisse a um

quarto minúsculo, alguma despesa por descobrir e onde se pudesse esconder até que chegasse o Obreiro que tinha de matar.

À proposta de Ministro, dissera que sim, mas em si, assim que se apanhasse com o ouro, era outro o destino que escolheria. Sabia que não deveria voltar a Rio, não fosse encontrar Mulher, e a essa tinha um respeito bem fundamentado. Era este Guardiã, também, uma pessoa farta. Farto da mulher, dos seis filhos, da vida da gota, da chuva de Domínio. Assim que se apanhasse com o ouro na mão, recompensa de um serviço que estava habituado a fazer, pôr-se-ia longe de todos. Ouvira dizer que no Sul o tempo era mais ameno e as pessoas mais lógicas. Era, assim, o Sul que tinha em mente como rota de fuga.

Não encontrou espaço que lhe pudesse servir de esconderijo. Enquanto observava uma planta que crescia parede acima carregada de flores de um rosa-profundo, de onde se desprendiam pétalas que não eram mais fortes do que as asas de uma borboleta e que pelo chão faziam um som que parecia estarem a ser constantemente varridas, percebeu que havia um terraço superior na casa, ao qual se acedia através de vários degraus que circundavam a estrutura.

Subiu-os e o que encontrou deixou-o sem palavras. Do alto da casa de Muda, já pela encimada na parte mais elevada de Domínio, o que via era uma miragem inédita. Ali chovia, pois não havia árvores que aparassem a queda da água, mas era ali também que estava a mirada mais longínqua que tinha em vários anos naquela terra. O tempo encobria tudo, as nuvens cinzentas estavam estancadas, como sempre, em cima. Tudo se envolvia na névoa de água habitual, mas, ainda assim, aquela vista era mais folgada do que qualquer outra por lá. Avistava-se o bairro dos Obreiros, logo ali. Casas brancas tapadas com lonas escuras de onde escorria água. O resto parecia um tapete de água elevado sobre as casas e sobre as ruas. Por aqui e por ali, viam-se as frinchas que deixavam as caleiras perpendiculares às lonas escorrer a chuva. Eram pequenos poços escuros que criavam um contraste entre o céu e a terra.

— Que lugar este — exclamou Guardiã. Avistava apenas a distância de um ou dois quilómetros, pois o resto estava todo tapado pelas manchas de nuvens e chuva. Mas o que via colocava-lhe a vida em perspetiva e fazia-o desejar sair dali o mais rapidamente que conseguisse. Terra sem horizonte, lugar *enchuvado*, escondido, encarquilhado em si. Guardiã preparava-se para voltar a descer os degraus que conduziam ao pátio escondido da chuva quando ouviu alguém perguntar-lhe o que ali fazia e quem era.

Amor não ouvira Homem na Cama chegar, pois estava naquele antigo lugar de secar frutos, do tempo em que em Domínio não chovia, e onde gostava de se isolar, aproveitando a vista, que lhe mostrava algumas das construções dos Obreiros, das quais se sentia orgulhoso. Naquele dia, regressara mais cedo, pois tinha havido mais uma das frequentes inundações que lhe impediam tantas vezes o trabalho de continuar. Estranhou não ver a mãe em casa, não saber de Filho, mas o que o fez ficar mais apreensivo foi o facto de Homem na Cama não estar em casa. Não se lembrava de ver o pai fora em muito tempo, talvez tanto tempo quanto soubesse escutar.

Procurara-o pela casa, entrando apenas nos lugares onde sabia que Homem na Cama cabia, saiu a perguntar aos vizinhos se o tinham visto e descansou um pouco apenas quando outro Obreiro, que ali andava, lhe confirmou que o pai saíra amparado em direção a um barco e que a mãe saíra pouco depois para o trabalho. Era extraordinária a atividade do pai, mas perante a normalidade das opções de Muda para esse dia, confiou-se à calma. Se algo se passasse digno de preocupação, a sua mãe não sairia para o trabalho como se nada fosse. O amigo Obreiro garantira-lhe que estavam ambos tranquilos, que Homem na Cama até ia muito bem vestido e que Muda, embora com o seu semblante sempre preocupado, não mostrava aflições que dissessem de um acidente ou de algo a temer.

Amor voltou assim a casa e subiu ao terraço, aninhando-se a um canto, após observar o que de ali se via, talvez com a levíssima esperança de ver algum dos dois, ou até Filho, subir a rua e entrar em casa. Vencido pelo sono e embalado pelo som da chuva, adormeceu ali e só acordou quando percebeu que não estava sozinho e que não conhecia quem tinha por companhia.

— Dá-me cá um abraço, rapaz, que sou família!

Amor assustou-se perante estas palavras do desconhecido. Parou e observou-o. Um homem grande, braços abertos em direção a si, sorriso estampado no rosto. Naqueles tempos, após a chegada de Filho, Amor esperava a toda a hora que chegasse alguém a procurá-lo. Que alguém se preocuparia com o sumiço do rapaz e iria até Domínio tentar encontrá-lo. Imaginara que essa pessoa poderia ser o seu pai, que na sua imaginação morava na Fortaleza de onde Filho viera, e foi isso mesmo que pensou quando viu aquele grande homem vir em direção a si, para um abraço. Foi por isso que, sem mais, perguntou:

— És o meu pai?

Guardião era bom a resolver o que fazer em segundos, retemperado por uma intuição tal que já o salvara de muitas confusões. Por isso, hesitando durante menos tempo do que leva um cair de ombros, esticou o sorriso e confirmou a pergunta de Amor. Era ele, sim, fosse ele quem fosse. Se isso o levaria a ser reconhecido naquela casa, não precisaria de mais explicações e isso facilitar-lhe-ia a tarefa.

— És o Obreiro desta casa?

Amor sentia o sangue subir-lhe à cabeça, não tinha mais como parar aquele fluxo. O coração quase lhe saltava do peito, impedindo-o de pensar e de agir nos segundos que se seguiram. Acenou à questão, confirmando-a. Quando percebeu, já Guardião o abraçava com jeito de pai. Envolveu-o num abraço muito apertado, doloroso até. Amor sentiu esse abraço com sofrimento, antes de conseguir reagir. O seu pretenso pai não o largava, tornava-se mais prisão do que abraço.

— Solta-me — pediu. — Vieste atrás de outro Filho, que não sou eu.

Conseguia falar, mas com muita dificuldade, os sons mal lhe saíam e quando saíam estavam apertados, não conseguia perceber se os dizia e se o outro ouvia, ou se se perdiam entre o sair da boca e o encontrar dos ombros sólidos de Guardião, que já nem ligava ao que o homem que tinha perfeitamente preso dentro dos seus braços dizia.

Continuou a apertá-lo, encontrando pouca resistência. Amor era um homem forte, mas não tanto como Guardião. À diferença da escala de forças juntava-se a estupefação de Amor, que não sabia se havia de resistir ao abraço do pai ou como se afastar. De uma forma retorcida, agradava-lhe aquela força de gancho, de máquina de escavar obra, de pai. Sentia-se chegado a casa, com alguém à espera. Todas as suas questões, todos os seus problemas e reflexões desapareciam à medida que aquele abraço de pai o apertava, confirmando-lhe as esperanças. Estavam ali, supostamente pai e filho, e para Amor a força daquele abraço era apenas o início do sossego que ambicionara a vida toda.

Quase não percebeu quando os braços de Guardião, colocados à volta do seu pescoço, se transformaram em dedos que apertavam ainda mais. Não se olharam cara a cara. Amor começou finalmente a resistir com maior convicção. Aquilo já não era a ansiedade de abraço de um pai que nunca viu o filho. Olhou para cima, já as cores do céu de Domínio lhe entravam nos olhos em diversos tons de rosa e púrpura.

Já não ouviu o grito de Filho, então ali chegado, que suplicava que aquele

homem parasse. Fraco, punha-se atrás dele e pontapeava-o em vão, quase como uma brisa que quisesse deitar abaixo uma árvore possante. Tudo se resolveu rapidamente. Amor caía, o corpo nu sem gestos. Não se sabe se ainda viu Filho bater com os punhos fechados nas costas de Guardiã, se o sentiu agarrar-se ao seu corpo num choro arrancado, cujas lágrimas, rios, se confundiram no peito de Amor com as gotas da chuva de Domínio que, ainda teve tempo de constatar, lhe pareceu cair então com mais força.

Na sua mente passou, por fim, a ideia de que tinha sido morto pelo abraço de um pai pelo qual aguardara a vida toda. Pensou-o quando não tinha já controlo sobre o seu corpo, a sua respiração, os seus sentidos. Já só era o cadáver de um menino aninhado à chuva quando, sem voz para falar, este filho de uma mãe muda deixou Domínio com uma dor maior, uma dor impossível.

Nesse dia, Filho acordara de uma só vez. A aflição de saber se Amor estava em casa ou se teria partido sem ele para algum lugar roubava-lhe os pequenos pedaços de cama ao acordar. Levantou-se de um salto e quando percebeu que Amor já lá não estava, e que rondava uma azáfama no quarto de Homem na Cama, nem deu por se vestir. Desceu do quarto superior da casa, que era também o de Amor, e que dava para um pequeno pátio que outrora fora inundado de sol, talvez. Esse quarto tinha, numa das paredes, uma janela de vitral do teto ao chão, que amparava a cama e deixava, no seu amarelo, vermelho e azul, entrar uma fraca luz de cor que não o cinzento-chuvoso de Domínio. Falava-se que, há muito tempo, teria servido de quarto de oração a povos com dever de culto e que por isso o alindaram assim mais um pouco. Da orientação, dir-se-ia boa, certa, não fosse esta interessar tão pouco num território que vive entre o ainda chove e o chove com certeza.

Já fora de casa, Filho olhou à sua volta, procurando decidir que caminho tomar. Vivia, naquele tempo, a flor da sua obsessão. Tratava o seu vício em Amor como uma companhia que era preciso cuidar, alimentar, ninar. Já não disfarçava em si nenhum estado intermédio: era a presença de Amor que procurava a cada momento acordado, era a sua voz que lhe mudava o temperamento, que lhe orientava a vida. A obsessão preenchia-o de tal forma que nada importava a não ser a sensação de apaziguamento que lhe dava encontrar o seu objeto amado.

Nesse dia, não o encontrou. Subiu às ruínas de uma antiga fortificação, cimeira, sombra do que foi, desses lugares que mantêm o nome de outrora, mas que dele pouco guardam. O passo rápido não lhe dizia a inclinação da rua, mas a ânsia de encontrar Amor. Na obra grande que lá se realizava, já o conheciam. «Oração de Amor», chamavam-no os Obreiros, rindo do desespero do miúdo quando não o encontrava. «Fareja-o, Filho, que não deve andar longe aquilo que tu queres que te chegue abaixo do nariz.» Essas vozes ouvia-as em espiral, arredondadas, tudo gargalhada e eco, sem forma, esponjas escorrendo um líquido indefinível.

Desceu até à beira-rio, parou perto da ponte pestana de cabra e viu passar um barco com duas pessoas. Uma delas pareceu-lhe Homem na Cama, mas bastante mais magro. Estranhou a semelhança entre um e outro, mas não se fixou na coincidência quando percebeu que quem comandava o barco era o barqueiro que

ia à Fortaleza onde deixara a sua mãe aranha. Voltou a cara, crente de que a sua mente lhe pregava partidas, pois eram mundos sem toque possível.

Na praça principal de Domínio e na rua do relógio informaram-no novamente de que nesse dia Amor não estava naquela obra, que fosse ver mais para longe, para onde os esgotos tinham desarmado os tabiques. A obra a que se referiam era longe, já fora do centro, dificilmente chegaria lá a tempo de encontrar Amor. Deixou-se, por isso, ficar pelo cais, chuva caindo em si, pequeno rapaz cuja espera batia em cheio no coração. Foi quando sentiu que atrás de si passavam vários Obreiros que entendeu que ali ficara o tempo de uma jorna, talvez. Mirou-os com atenção e em nenhum daqueles rapazes e raparigas encontrou Amor. Desconsolava-o não ter dado com o seu Amor. Daí a decisão de voltar a casa, quem sabe não tivesse voltado então, que já tanto havia passado.

Mal chegou, apercebeu-se de que Homem na Cama estava deitado no quarto, adormecido. Afastou da ideia aquela impressão que teve de que o tinha visto, cedo, passar de barco com o barqueiro e ainda por cima mais magro. Até sorriu perante o disparate. Enrolou uma maçã na mão, ao passar pela cozinha. Muda estaria ainda no serviço.

Foi quando subiu os primeiros degraus em direção ao pátio superior da casa que percebeu que havia mais alguém. Duas pessoas, ambas silenciosas. Viu-lhes as sombras e apercebeu-se do abraço. Foram brevíssimos os instantes em que duvidou do que se passava: aquele homem imenso, cuja cabeça sem cabelo explodia em veias, apertava o seu Amor contra si, tornando-lhe impossível a resistência. Não pensou, então, quando a ele se atirou em gritos, *esbracejos* e ferradelas. Quando Amor caiu desamparado, à chuva, no chão, encharcado, Filho aninhou-se junto a ele e esqueceu-se da presença do outro homem. Foi só quando este o agarrou pelos cabelos e o arrastou escada abaixo que se lembrou de que esse estava ali.

A dor não a sentia, mas o desespero, sim. Desceram as escadas, passaram pela cozinha, ouviram o roncar de Homem na Cama. Guardião empurrou-o pelas escadas, em direção à porta. Filho tremia e chorava, magoado. Guardião pô-lo às costas como a uma trouxa e, fazendo-se à rua, desceu a calçada com Filho a arremesso.

— Lá vai o cão de Amor. Há de ter vindo o pai buscá-lo. Já não há farejo para ninguém. Tão amigos que eles eram...

Com isto, as pessoas permitiram que Guardião descesse até ao cais daquela zona, encontrasse Homem das Imposições impaciente, já a rodar o barco, ameaçando com as mãos desancorá-lo e iniciar viagem.

— Não sabe que levo aqui muito dinheiro? — reclamou com Guardião. —

Esta demora vai-lhe sair muito cara, a si que tem tantos filhos! Ia desculpar-lhe a imposição da idade de rapariga àquela que lá chegou outro dia, mas agora vai-ma pagar com interesses!

Guardião saltou para o barco, atirando o corpo de Filho, que em vão tentou sair dali de novo para o cais.

— E traz-me este? Oh, faça-me um favor! — Homem das Imposições reconheceu Filho e exclamou: — Olhe que a esse não o levo outra vez para de onde veio! Já é mais de meio dia mal contado que levo sem que ninguém se preocupe com o meu tempo!

— Mas que tempo, mas qual quê, homem! Mexa-se lá com o barco, antes que me enerve a sério. Tenho de me chegar ao pé do Ministro!

— Mas e esse?

— E este o quê?

— Esse, Filho?

— Este é para levar, é um presente para o Ministro.

— Mas não vinha cá só ver as terras do gordo? E a portagem do rapaz?

— A portagem sou eu que lha dou nos cornos, homem! Mexa-se! Estou a dizer-lhe que se não se põe a andar o atiro borda fora e levo-me eu o barco!

Assim, Homem das Imposições desamarrou o barco e iniciou a rota para o pequeno cais da casa de Ministro, sem entender nada do que ali se passava. Foi uma viagem em que todos reclamavam: o barqueiro, de não estar a dar conta da situação, logo ele, que tão pouco gostava de ir ao engano; Guardião, que havia de aquele miúdo estranho ter assistido a tudo e agora não sabia se o havia de despachar também; e Filho, dentro do qual morava um desespero redondo, em rotação, que de tão forte se anulava em si mesmo, transformando-se num descrente de meter dó.

Quando Guardião chegou a casa de Ministro com Filho pelos cabelos, fê-lo estremecer de angústia. Ministro encontrava-se a banhos, numa tina vertical, no meio da sala, com água até ao pescoço, fumegante, que era substituída com precisão por uma das criaditas. Assim como uma pipa, digamos. Ministro em pé, o tonel à volta, cheio de água, apenas a cabeça por cima, dando ordens de despacho e fumando charutos. Em baixo, uma torneirinha que ia escorrendo a água velha e por cima uma jarra sempre pronta a despejar mais. Ministro não se lavava amiúde, e por isso aquele cenário era bastante inédito, decerto inusitado para quem a ele chegava.

Ao ver chegar Guardião com uma visita inesperada, parou de falar, sentindo-se incomodado.

— Quem é esse caralho?

— Não sei, senhor Ministro, mas viu-me a despachar-me o outro. Não me sabia se lhe havia de dar igual destino e por isso ei-lo.

— Parece-me que já o vi... ó rapaz, olha-me para cá. — Filho levantou um pouco o olhar. Ainda tinha todas as ideias trôpegas. Achara que o levariam de volta à Fortaleza, espantou-se por se ver numa casa que não conhecia, perante alguém que vira apenas uma vez na vida, precisamente o homem que o encomendou a Amor.

*

Em si habitava apenas o vazio. Pensa-se que a visualização brutal da morte do ser amado possa desencadear unicamente as reações mais tempestuosas. Mas a verdade é que não foi isso o que sucedeu. Perante a ausência súbita, o corpo levou tempo a habituar-se ao facto. Não houvera um processo instantâneo e consciente em Filho; não houvera, provavelmente, processos biológicos com pertinência suficiente, ainda àquela altura, para que o seu cérebro tomasse consciência do que lhe acontecia. Amor caído, estaria morto? Um desconhecido que o empurrou para o barco, o barqueiro de Mãe e finalmente aquele homem dentro de uma pipa de gota menina, com duas criadas a organizar-lhe o banho.

Num lugar sem tempo, o que se faz com ele é da conta de cada um. E Filho, não obstante todos os seus sentidos estarem alerta, ação conjunta do corpo para a

sobrevivência e a atenção, levaria o que fosse preciso para conjugar todos aqueles quadros em lógica. Apercebia-se do som da água distinto do da chuva, escorrendo de e para jarras de louça. Ouvia também o som da voz dos dois e, de vez em quando, o reclamar fino de uma mulher. Sentia nos joelhos o chão da casa, pedra fria e lisa, e nas costas o peso da mão daquele Guardião que havia agredido Amor. Uma mão dura, mas que não lhe era estranha. Sentia o cheiro dos produtos do banho, azeite ou óleos, mas que não se conseguia sobrepor ao fedor da sala, móveis entranhados de comida pútrida e humidade, bolor pelas paredes, vinho derramado a um canto, solas de botas que despejam imundície da rua. Antes de levantar o olhar para encarar Ministro, olhou em volta e procurou possíveis pontos de fuga. Tudo estava tão blindado como a Fortaleza onde crescera.

— Já sei quem és, com mil caralhos! És aquele saco de ossos que diz que chegou da Fortaleza... e a quem mandei que o agora finado tomasse conta... Não te mandaram para a Fazenda?

Ministro mexia só a cabeça, olhitos de um lado para o outro, porque a posição tolhia-lhe os movimentos.

— Fizeste bem de mo trazer vivo, homem. Ainda não percebi bem quem é esse desgraçado e se mo matas ainda arranjo problemas com quem não quero. Sei lá se a criatura não me vem a mando de alguém para me espiar... nestas coisas... — De repente a sua atenção voltou-se para Guardião — Mas e o outro, vai a enterrar?

— Nesta terra, senhor Ministro... com a chuva sempre a dar e o fogo sempre a apagar... já sabe que tem de se ver bem onde se põe os mortos... Lembra-se daquele festival que foi quando derrocou o cemitério antigo, não lembra?

Ministro fechou os olhos e aquilo que parecia que iria ser um momento de lembrança ou até meditação transformou-se numa gargalhada pequenina, primeiro apenas uma espécie de convulsão de peito e ombros. Depois a boca abriu-se e deixou sair som de riso. À primeira gargalhada realmente sonora, Ministro sacudiu a pipa onde estava dentro, fazendo as criadas afastarem-se um pouco. Desata depois num riso incontrollável, esganado, gordo e fino ao mesmo tempo. As gargalhadas começavam abaixo dos pulmões, enchiam-se de ar quando por lá passavam e explodiam na boca, permitindo que dela saíssem baba e restos de comida.

— Oh, se lembro... oh, do que me foste lembrar... ohhh.

E continuava com mais um ataque de riso. Na sua cabeça, o episódio do desmoronar do cemitério antigo acorria em partes. Primeiro, o som de derrocada,

tudo a fugir pelas ruas de Domínio. Ministro, nessa altura, estava pelo porto da terra, à espera de verificar mercadoria da Capital. Depois o som tornou-se mais intenso e Ministro viu as primeiras pessoas a precipitarem-se umas contra as outras em tombos. A praça em frente ao porto ficou cheia de homens e mulheres caídos, cães a ladrar, histéricos, uma gataria de espantar, ratazanas aos saltos entre todos. Na altura, Domínio habituava-se ainda à falta de tempo e à chuva, não havia praticamente obra feita pelos Obreiros, tudo era lodo e resto.

Quando a terra começou a descer as ruas, furiosa, veio direita à praça. As pessoas, as que estavam no chão e as que mal se conseguiam segurar em pé, perceberam que era a terra do cemitério quando viram que trazia agarrada a si os caixões dos enterrados: os recentes, os antigos e os que ainda não tinham tido tempo de aquecer o túmulo, mas já faziam dele casa. Os cadáveres cedo saltaram da madeira podre e encontraram cada um o seu lugar onde encalhar. Uns pararam na taberna, derramando mesas. Outros prosseguiram até à fonte do anjinho, que ainda tinha cabeça, e lá ficaram pendurados como que a pedir-lhe socorro. Os que eram já só ossos misturaram-se entre si numa baralhada confusão de restos mortais. Do que Ministro mais se lembrava, e que tanto o fazia rir naquele momento, era do cadáver do antigo padre de Domínio, falecido recente, jovem esbelto, enterrado de batina preta, que era então apenas traparia, que lhe saíra a certa altura.

O corpo do jovem padre descia embalado pela velocidade da chuva e foi parar, de cara toda, ao meio das pernas da mulher de um taberneiro, mulher discretíssima, que, derrapada no lodo e caída ao chão, desatou a gritar «Ó senhor padre! Ó senhor padre!», sem conseguir levantar-se. As mãos esfregava-as no chão, procurando erguer-se sem incomodar o santo homem morto, mas a textura engordurada da terra, lama e água, prendia-lhe os movimentos, mantendo-se naquela figura por um tempo mais do que o adequado.

Ministro a tudo assistira desfazendo-se em gargalhadas maldosas, pendurado no palanque onde se metiam as pessoas que queriam saber se o barco vinha lá, protegido de toda a baderna criada pela derrocada. Era desse espetáculo que se lembrava agora e era esse mesmo que o fazia rir de forma desbragada. Foi tanto o esforço para controlar as gargalhadas que, de uma golfada só, saiu-lhe o jantar para fora, emporcalhando a água da tina. Ao ver o que acontecia, a piada passou-lhe e veio a bravura.

— Mas que merda... Ora chame a outra criada e limpem-me, que tão cedo não torno cá!

Guardião olhava-o estupefacto, e Filho, sem que se apercebessem, havia finalmente perdido os sentidos. Curiosa forma tem o corpo de se proteger.

— Vá-se lá embora, que o seu trabalho está feito!

— E este?

— Olhe, leve-o de oferta para o fazendeiro da gota, que acho que lhe devo uns trocos. Diga-lhe que lhe corte a língua ou o caralho. Mas que não o deixe solto. Ordens minhas. Assim não se mata e se alguém o vier cá reclamar já se sabe onde está. E de onde está não sai.

— E o meu ouro?

— Você para deitar a mão ao ouro está cheio de pressa! Já lhe disse que não lhe falho! Veio no barco com Homem das Imposições, não foi?

— Sim, senhor Ministro.

— Antes de si, entrou ele aqui, não foi?

— Sim, senhor Ministro.

— E sabe o que ele andou a fazer enquanto você despachava o Obreiro?

— A recolher retenções, senhor Ministro.

— Muito bem. E sabe quanto lhe rendeu a jorna?

— Não faço ideia...

— Pois não faz, não. Mas pegue lá nos sacos que ele deixou cá em casa e espereite. Vai lá encontrar o que ele recolheu daqueles lados. A ordem era de pagar em ouro as rendas e essas coisas que pagam os comuns. O fruto é seu. E ou muito me engano ou passa em larga légua do que combinámos.

— Obrigado, senhor Ministro.

— Está a ver, homem? Enquanto você matava, estávamos nós a trabalhar para si, a recolher aos outros o seu pagamento...

Homem das Imposições surgiu de trás de uma porta, de braços cruzados, e perguntou a Guardião:

— Então, homem, acha bem andarmos eu e o senhor Ministro a trabalhar para lhe pagar o serviço?

Guardião encarou-os aos dois e começou a entender o que ambos se preparavam para fazer. Olhava para um e para outro, começando lentamente a tentar caminhar em direção aos sacos. Baixou-se para lhes pegar, mas Homem das Imposições blindou-lhe o caminho.

— Destes sacos não sai nada para si, homem — esclareceu Ministro.

— Mas a paga pelo que me fiz tem de vir...

À medida que falava, Guardião afastava-se dos dois, deixando Filho caído, num exato ponto central entre os três. Homem das Imposições caminhou em direção a Guardião com os sacos na mão. Entregou-os e deixou-o espereitar para cada um. Colares, pulseiras, moedas, brincos e anéis em ouro, que o povo tinha de pagar periodicamente ao desgoverno de Domínio.

Enquanto o homem se maravilhava com o tesouro que via dentro dos sacos, e com um golpe só, rápido, malandro, Homem das Imposições abriu-lhe a garganta com um punhal afiado, deixando-o atônito, sem se aperceber do que acontecera. Reconhecera-o Guardião da Paz de outros tempos. E que bem se lhe encaixou livrar-se dele assim a mando de outro. Era menos um a saber do seu passado em Rio.

Depois permaneceram os três em pé durante um tempo. O primeiro a ceder foi o Guardião, cambaleando em direção a Ministro, à medida que o sangue que lhe escorria do pescoço se ia adensando. Tropeçou no corpo inanimado de Filho e já nem chegou perto da tina do banho.

— Vê se me limpas esta porcalheira e deitas o corpo ao rio — ordenou.

Homem das Imposições assentiu, naquele acordo tácito de ambos, onde não se sabia quem mais mandava.

— Podia ter-me dito que mandava o homem matar o Obreiro. Sei quem era o rapaz...

— Se to dissesse, meu caralho, havias de o levar para outro lado. Assim matou-me o filho e acabam-se as tuas chantagens. Já vêes que contra mim nada tens. Mas descansa, mantemos os tratos.

Homem das Imposições encarava-o, humilhado mas sabendo reconhecer uma jogada de mestre. Havia outras, contudo, na manga do barqueiro, que a Ministro nem passavam pela cabeça, e que o fariam estar longe de ser um homem à mercê de quem quer que fosse.

— E este?

— A esse faz o que tinha dito ao outro para fazer. Tem ares de fraqueza, muito me espanto se não vier alguém importante cá reclamá-lo em breve. Não o despaches... esse não é uma merda de um Obreiro, filho de uma gaja muda que me assanhou há que tempos. E que jeito me deu que se lembrasse agora de me contar quem era.

Homem das Imposições saiu da casa de Ministro com Filho desacordado, ancorado em seus braços. Quem o visse julgaria que eram pai e filho, e que se tratava aquela de uma cena em que o mais velho mima o mais novo, levando-o, não obstante a idade adolescente do segundo, no seu colo até casa. Mas cremos que não é de uma cena extremosa entre pai e filho que se trata. Homem das Imposições saiu da casa de Ministro encarregado de se livrar de Filho com o fazendeiro da gota. De lhe recomendar muito o menino, mas de lhe dizer que era ordem expressa de Ministro que o não deixasse à solta, talvez prendendo-o a um trabalho de cave, separando bagas ou areando os imensos balseiros dentro dos quais a gota era despachada já em líquido para ganhar corpo fora de Domínio.

Pô-lo por isso no seu barco. Mas havia algo em conflito na cabeça de Homem das Imposições. Não diríamos que se tratasse de um conflito de consciência. Nada de lhe aflorarem valores maiores ou de se sentir culpado por tanto pacto com a vilania, terreno no qual era ele próprio personagem principal.

Pôs-se a pensar, barco atracado ainda, chuva miudinha a marulhar a lona da embarcação. Filho ali a um canto, ânimo desaparecido em combate. Acordava lentamente, tão lentamente que não se percebia quando da falta de sentidos passara à vigília. Já aí estava, Filho, mas manteve-se imóvel no barco, reconhecendo-o como o que ia levar sustento à Fortaleza. O barqueiro fitava-o, pensativo. Pelas suas ideias passavam todos os desencontros de Domínio. Homem sabedor dos fuxicos, das coscuvilhices e bisbilhotices que pela terra havia, e pelo mar também. Era o que entrava nas casas exigindo pagamento e por isso de todos ouvia as queixas, os agora-não-posso, os fico-lhe-a-dever, os ai-que-nem-sabe-o-que-me-aconteceu e os já-cá-está-outra-vez, estes últimos interrogados e os outros exclamados. Conhecia praticamente todas as famílias de Domínio, sabia quem era quem, e ao longo do tempo foi aprendendo a saber quem lhe mentia das contas, quem lhe pagava menos do que tinha, quem se tentava livrar do pagamento das imposições.

Sabia também de casas desmontadas num lado e montadas noutro. Que isto de haver chuva sempre não era motivo para que eles e elas não se dessem aos amantes e às amantes. E por tudo havia que pagar imposição e retenção, para tudo havia um custo, um deve que nem em papel Homem das Imposições assentava. Era na sua cabeça, esta que agora dividia ideias de um lado para o outro, que toda a

informação ficava, todas as caras eram dadas a um nome e todos os segredos, até aqueles que mais ninguém sabia, como o dos habitantes, agora apenas habitante, da Fortaleza. Há muito tempo que Homem das Imposições conhecia a história daquela Mãe aranha, o propósito de lá se encontrar isolada com um Filho e de lá não querer que ele saísse. Não foi à toa que não o levou nunca para Domínio, ele, barqueiro, desde miúdo.

— Não me leve para a Fortaleza. Custou-me muito sair de lá... — sussurrou Filho.

— Não foi isso que me incumbiram de fazer contigo. Foste-me encomendado a que te levasse para trabalhar às escuras na Fazenda da gota. O Ministro não te deixa andar à solta depois do que viste, mas também não quer que te mate, por não saber quem és e ser um cagão, sempre à espera que lhe venha alguém da Capital pedir satisfações por tudo e por nada.

Filho ergueu o tronco e encostou-se a uma tábua de madeira que servia de banco no barco, afastando cordas, sacos e outros objetos que Homem das Imposições sempre carregava. As mãos tinha-as no peito, que acordava.

— Eu não conto a ninguém, mas de nada vale dizê-lo...

— Aí é algo em que todos concordamos: eu, tu, o Ministro e até os dois mortos, o Guardião e o Obreiro... que não adianta nada dizer que não contas a ninguém que a morte foi encomendada por Ministro é assunto em que temos todos acordo!

— Por que razão mataram o Amor?

— Quando o Ministro veio para Domínio, veio cheio de importância e riqueza, vida boa, vida paga... a única condição, sabe-se lá bem porquê, era de que não emprenhasse nenhuma mulher. Foi a primeira coisa que o desgraçado fez. Atirou-se à Muda, a dos sacos, e fez-lhe um filho. Esse filho era o Obreiro que o Guardião matou. O maluco do Homem na Cama veio contar ao Ministro, passado este tempo todo, que era pai do filho dele. Raio de ideia daquele homem, a de pensar que no Ministro existia réstia de pena e humanidade... Que belo fica dizer que a maldade não é matéria perene, que não há monstros que o sejam sempre, que não há homem que acorde todos os dias com vontade de ser mau... Belas balelas... Agora, por que raios veio o homem contar-lhe a verdade permanece um mistério...

— Veio por minha causa. — Filho estava agora completamente direito no barco e o desmaio era apenas uma lembrança. — A Muda e o Homem na Cama contaram a Amor uma fábula qualquer, de que o pai dele vivia na Fortaleza... e o Amor viu-me chegar de lá, achou que lhe teria vivido com o pai, queria vingar a Muda...

— E tu sabias dessa patranha, rapaz?

— Escutei o Homem na Cama conversar com o Amor... mas não fui capaz de fazer nem dizer nada. Fazê-lo significava que deixaria de ter a atenção do Amor. E não podia viver sem a atenção de quem amava. Nem que fosse na ideia de uma vingança velada, precisava de o sentir perto, de outra forma seria apenas um louco que o perseguia e a quem ele enxotaria como a um pedaço de lama dos pés.

Homem das Imposições fumava vagarosamente o charuto que Ministro lhe dera, procurando puxar os fios soltos e encaixá-los a cada um na história.

— Que história essa, rapaz... és mesmo filho de quem és... Vejo-te desde que eras assim nascido, com aquela louca às voltas no cais da Fortaleza... Não te imaginava com essas manhas. Provocaste-lhe a morte, sabes disso?

— Sei.

A conversa ficou suspensa por instantes. Homem das Imposições pensava em que porto deixaria Filho. Quanto ao enlutado, a história era outra.

Existe na paixão — esse momento patológico que algures na vida se vive, alguns mais até do que muitas vezes — um estado de consciência tão resvês a angústia, seja esse sentimento extremo correspondido ou não, que o ser que se sente atraído, mesmo que assim não entenda, o que deseja é livrar-se dessa prisão para voltar a poder apreciar a vida sem que haja esse sufoco que lhe comprime os dias.

Filho não sabia, mas acalmava-lhe a turbulência da paixão saber que Amor estava morto. Por isso, a calma no seu semblante, as palavras pensadas, o desmaio que foi de alívio e não de pânico. O êxtase livre de corpo descansava-o. A tristeza desencadeada pela morte era mais calma do que a fúria do tormento da sua obsessão. Estes processos eram todos, naturalmente, muito pouco à tona. Filho pensou no porquê de não se enraivecer, no porquê de não chorar convulsivamente nem se atirar daquele barco borda fora. Pensou-o por momentos, seria algo em que pensaria muito no futuro. Mas o alívio, esse que não verbalizou nem pensou, sobrepunha-se à dor pelo desaparecimento de Amor. Descansava por fim o seu corpo, sabendo que já não estava ao seu alcance procurar a atenção de Amor. Cessaram funções os pensamentos de dependência, o poço fundo que sentia abaixo do peito e que o girava num tormento.

— Então e é isso que vai fazer de mim? Vou trabalhar escondido numa fazenda de gota?

Foi nesse momento que ao largo passava outro barco, carregado com algumas pipas de gota, vindo da Fazenda. Homem das Imposições reconheceu-lhe a matrícula obrigatória por causa das retenções, levantou-se, acenando ao companheiro de marinha, e tentou pôr o barco em marcha o mais depressa possível.

Quando alcançou a outra embarcação, era Rapaz quem lá estava dentro. Olhou-o com desconfiança, abrandou a marcha e fitou-o, a ele e ao miúdo de olhar baixo que levava no barco.

— Já lhe pagámos tudo desta vez. Não lhe devemos nada, barqueiro.

— E eu não sei disso? Sois de contas boas e ademais há a questão das portagens que recebo por levar fregueses lá à vossa choça...

— Então porque me paraste? Sigo com pressa para a Praia dos Vidros, como sempre.

— Há festa? Devo preparar-me para a rota mais frequente?

— Não, hoje não há festa, mas vai haver uma em grande. Devo fazer-me veloz, que os preparos até obrigaram ao fecho da taberna por uns dias.

— E a que se deve a comemoração? Ela vai lá? Julguei que o outro dia lhe tinha servido de folgado.

— No outro dia, não houve tempo para festas, vinha desanimada. Mas pediu a Dona que fizesse uma festa da qual nunca ninguém se iria esquecer, que fosse a melhor, maior e mais vistosa de todas as festas que aquela taberna já viu. Quer alegria... faz dezassete anos que perdeu o filho...

Homem das Imposições coçou a cabeça. O respeito por Mulher era grande, fora ela quem lhe perdoara as dívidas e que o incumbira daquele trabalho de barqueiro. Era ela também quem permitia que explorasse a rota entre Domínio e a Praia dos Vidros e daí, como vimos, tirasse bom sustento. Àquela Mulher era bom que não se ouvisse reclamar... o livro dos deves ainda o tinha escondido em algum lugar e havia muita gente aqui e ali que sabia o quanto ele lhe devia. E as dívidas pedem respeito eterno.

— Rapaz, essa festa deve precisar de gente...

O comentário foi tão rápido que se adivinhava que Homem das Imposições já o vinha preparando há muito.

— Falta sempre quem se queira meter na vida da taberna...

— Pois, imagino. Toma lá este que aqui trago. É rapaz, esguio de mais, mas vai lá com uma boa engorda. Nunca me dei a apreciar homens, mas parece-me que vos servia um a mais para o que fazeis por lá.

Rapaz debruçou-se, procurando perceber quem era Filho.

— Mas tu queres vir comigo?

— Então não há de querer? É um gato tresmalhado que o Ministro apanhou na rua, mas não lhe teve serventia. Falta-lhe pai e mãe, não tem irmãos. É uma pena solta na estrada e a vocês fazia-vos jeito dois braços a mais e um cu.

Rapaz parecia não ouvir o que dizia Homem das Imposições.

— Queres vir connosco? Sabes o que fazemos? Vida de taberna, de teatro, de Gota, de amores...

— Levem-me.

E este imperativo foi uma súplica.

Homem das Imposições olhou Filho e ainda lhe disse, aproveitando que Rapaz arranjava as coisas no barco para acomodar mais um passageiro:

— Ficas bem. Visitarei amiúde as pessoas que te acolheram, o gordo e a muda. Fica descansado.

— Fique você descansado, escusa de me ameaçar com fazer mal às pessoas que

me acolheram.

Rapaz estendeu a mão a Filho e ajudou-o a passar de um barco para o outro. Filho sentou-se à proa e encolheu o corpo, pois naquele barco a chuva entrava com mais força.

— Não é um trabalho fácil e Dono tem um feitio... mas verás que na Praia dos Vidros não chove, faz sol... o brilho dos vidros reflete na água... e por lá passa muita gente. A beleza compensa o esforço.

Afastando-se, Homem das Imposições sorria, reacendendo o charuto. Olhava em frente, animal de longo focinho que descobre o caminho para a comida dos outros. *Tenho-vos a todos na mão*, pensou. *Acabaram-se de vez a serventia e as dívidas*. O barco inverteu a marcha, encaminhando-se então para o Mar das Aranhas.

— Passou por cá um homem de tamanho assim arrastando-lhe o hóspede, Dona Muda. Arrancou-o de casa, deitou-lhe andança calhe abaixo e deixámos de lhe pregar vista quando se abeirou do porto. Abalou com o barqueiro das Imposições... Ora entre e veja se lhe levou algum pertence também. Havia de ser-me o pai do cachopo, ou alguém a quem devesse. O seu hóspede, Dona Muda, o cachopo estranho que anda sempre a passo com o seu Amor. Entre e veja. E diga-me, que aqui há senões e preocupações, que somos vizinhos e família de Obreiros, somos gente do trabalho e que gosta de informação.

Muda ouvia o que lhe dizia a vizinha, mãe de um Obreiro dali da rua. A jorna havia-a passado de casa em casa a levar sacos e trazia consigo três molhos sobranes para a janta, sua e de Amor, que Filho mal comia e Homem na Cama era só leite. Vinha subindo a calçada e pensando como lhos cozer. Fá-los-ia a seu gosto, os legumes. Ao gosto de Amor. Salteá-los-ia de feijão, com gordura de palma e coentros. Uma banana dourada lá no meio também ficava bem. Amor era muito de alecrim, mas Muda não o conseguira arranjar fresco, por isso a hortelã havia de fazer as vezes. Arremessá-los-ia em lume brando, panela grande, dose considerável de espinafres e tomates, brócolos e couve branca. Cenouras e alho francês, curgete e nabo. Batata, claro, mas ao lado, cozida inteira com casca, depois assada com sal e alho. Duas copadas de vinho para apimentar e um cheirinho de gota. A baga, não a bebida. Não que a gota soubesse particularmente ao que fosse, quando assim crua, mas venenosa não era. E os de Domínio gostavam de ver saltar as pequenas bolinhas de aroma acobreado em qualquer prato. Dava-lhes uma sensação de casa e de saciedade. Era a gota que alimentava Domínio, à conta de se fazer tão viciosa quando transformada em bebida inspiradora. Vê-la a surgir do fundo de um caldo, do meio de uns legumes, debaixo de um creme, era como que dizer a quem comia que tudo estava em paz. Por anos, a gota em Gota garantiria provisões aos de Domínio, malgrado o facto de, naquela terra, não ter outro sabor ou efeito que não o consolo acolhedor aos olhos.

Foi já apreensiva que Muda subiu os doze degraus após abrir a porta de casa, madeira que era preciso empurrar com o ombro para que o trinco encaixasse e a chave rodasse, devido ao inchaço que a chuva fazia nas madeiras da terra. Ao

entrar na cozinha, deitou o olho ao quarto de Homem na Cama e viu o seu imenso vulto descansado. Era já sinal de que não haveria motivo para grandes preocupações. Talvez tivesse mesmo aparecido algum familiar de Filho, talvez fossem tretas, aquelas histórias de fortalezas e abandonos, e ele fosse tão-só um miúdo fugido aos pais. Terá aberto a porta da cozinha com mais força do que o previsto, porque caíram de trás as vassouras que lá tinha penduradas. Apanhá-las depois. Queria primeiro garantir que tudo estava tranquilo na sua casa e confirmar com o marido o sucesso da sua operação na casa de Ministro.

Pousou os sacos ao lado do forno e entrou pela outra porta no quarto onde Homem na Cama se espreguiçava em sono. Não teve misericórdia quando o abanou. As notícias que lhe devia eram mais importantes do que o seu sono. Homem na Cama acordou logo, mas estremunhado. Balançou até encontrar uma posição confortável e beijou a mão de Muda, que lhe fez sinal com a cara de querer saber como tinham as coisas corrido.

— Para nossa sorte, o Ministro aceitou falar com Amor. Ele já está em casa? Adormeci assim que me vi na cama, houve um homem que me ajudou a subir as escadas... Apaguei ele ainda não tinha saído, mas adivinho que não há de ter feito estrago, era gente do bem, aproveitou a boleia do barqueiro para vir cá ver terras.

Muda fez pequenos círculos com as mãos empurradas pelos braços, como que a pedir que lhe contasse tudo.

— Foi isso. Cheguei e até me sentia mais leve por ir desfazer esta história de tantos anos. Até tive de trocar de fato com o barqueiro, vê tu bem... para que me apresentasse em condições àquele maldito. Recebeu-me a comer, a refastelar-se de comida. Gato gordo numa sala de luxo! Depois disse ao que fui, contei-lhe o que se passava. O homem hesitou um bocado, mas depois lá arrancou na conversa. Que sim senhor, falaria com o nosso rapaz. Que o que lá ia, lá ia, e até me pareceu ouvir que já nem era matéria de interesse, isso de não poder ser pai por aqui...

Muda levantou-se, desconfiada. No entanto, a expressão de Homem na Cama descansava-a de tal forma que ignorou a dúvida e fez um sinal com os ombros que anunciava que estava tudo tratado. Que seria só, então, pedir a Amor que fosse a casa de Ministro devido a uma besteira qualquer e que assim se desfaria a história antiga, acabando tudo em verdade.

Já ia a caminho da cozinha quando se lembrou de tentar obter uma resposta quanto ao paradeiro do seu filho e de Filho. Encarou de novo o marido e este percebeu a questão.

— Olha, não sei. Como te disse, quando cheguei cáí redondo na cama. — Sorriu com a expressão «caí redondo». — Nem reparei em quem estava em casa.

A missão foi uma estafa.

Muda não tinha como lhe explicar que alguém lhe dissera que houve um homem que arrastou Filho rua abaixo, mas concluiu que não seria assunto sério ou que perguntaria a Amor assim que o visse. Amor entendia-lhe a expressão melhor e a ele seria fácil dar a entender que a apoquentava o facto de lhe terem dito que andou por lá um homem a arrastar pessoas de sua casa pelos cabelos.

Da cozinha, espreitou para o quarto de Amor e não o viu. Tudo como ele havia deixado de manhã. Nem sinal de Filho também. Saiu para o quintal para alcançar algumas bagas de gota para juntar aos legumes e catou-as mesmo por ali ao pé da porta. Talvez a chuva se tivesse acelerado ou o vento soprasse com maior teimosia... Entrou de novo em casa e começou a arranjar a lenha para o fogo. Voltou a sair para encher uma panela com água do poço, que ficava ao lado do tanque que servia mais para brincadeiras do que para lavar as roupas. Tarefa esta que, aliás, era um trabalho danado em Domínio. Não que faltasse água, mas porque fazer secar a roupa era coisa que demorava.

As brasas estavam boas para receber a panela cheia de água, mas o fumo entrava de forma inusual para dentro de casa. Muda pensou que se Amor já estivesse em casa a ajudaria a desprender ramagens e pedaços de lona da chaminé, retângulo caiado de branco a um canto daquele pequeno pátio que havia sido solário noutros tempos. Bem sabia que em casa de ferreiro, espeto de pau, e por isso não estranhava que Amor não tivesse ainda consertado a chaminé, fechando-lhe o buraco com rede, dando-lhe a forma e a estrutura devidas, correspondentes ao nome, assim caminho de tijolos a afunilar em direcção ao céu e com um telhadinho pequenino a tapar por cima. Era habitual caírem-lhe folhas e passarada desavisada pela chaminé abaixo. Quase todos Muda conseguia salvar de irem parar à panela, por se mostrar atenta, mas lá havia alguns, folhinhas sobretudo, que faziam o caminho até às brasas.

Era pensando numa dessas que Muda estava quando esticou o pescoço e resolveu espreitar para ver o que lhe tapava o buraco da chaminé, fazendo a casa cada vez mais ficar inundada de fumo. Não eram folhas, nem pássaros desatentos a entupir a chaminé. Não era nenhum pedaço de lona em viagem sabe-se lá para onde. Muda habituou os olhos à escuridão e encontrou os do seu filho, lá no alto, desarmados de vida. Rodou a cara para um dos lados, momentos milionésimos em que não se percebe o que acontece. Voltou à posição anterior, a de cozinheira de colher de pau mexendo água vazia. Depois caiu para trás, abriu a boca e gritou. Gritou de forma desabrida, tempestuosa. Gritou tanto que de si não saiu nenhum som.

A chegada à Praia dos Vidros era um espetáculo avassalador para quem lá ia pela primeira vez. O barco onde seguiam Rapaz e Filho aportou no cais, deixando para trás as nuvens de Domínio.

— Olha que aqui há tempo, e é de dia. Tens sorte de ver assim o sol aparecer nas areias. É quando mais brilham, parecem mesmo joias preciosas, tronos, todas ali esparramadas à espera de as pisares.

Filho procurava compreender tudo o que lhe acontecera num só dia, ou numa só noite. Mas tudo lhe parecia demasiado aleatório. Sentia-se muito cansado, doíam-lhe partes do corpo a que a imaginação não chegava. Não era suficiente, no entanto, para o alhear do assombro que era chegar àquela praia. Moveu-se devagar, espreitou pela amurada e contemplou. Os olhos deviam habituar-se aos feixes brilhantes que saíam de toda a parte. Miúdo preso sempre entre morrinha, vida toda pouca luz e bruma, chegava agora a um lugar de reflexo em cor. Rapaz aportou e atirou a âncora, saltou da embarcação e ficou com os pés submersos, enquanto puxava a corda que prenderia o barco ao cais.

— Salta, não tenhas medo. As pedras não cortam, estão amaciadas de tanto se darem umas com as outras!

Filho hesitou em pisar aquele chão de cascalho precioso, mas assim que pôs os pés no mar tépido, caminhou em direção à praia.

— Vem daí já a acartar com estas caixas. Assim já chegas a Dono com alguma serventia.

E com isto Rapaz depositou-lhe nas mãos uma caixa de madeira carregada de fruta.

Entraram ambos na taberna de Dono, que escondia grande parte da luz lá de fora. Filho observava tudo com minúcia. Abeiraram-se do recém-chegado os outros, como gatos curiosos. Dono saiu de trás do balcão para perceber o que se passava. Rapaz contou por alto a história de Filho e de Homem das Imposições, e, à medida que a história se desenvolvia, os outros iam dispersando, desinteressados.

Dono escutava com cuidado, passando no fim o braço ao redor dos ombros de Filho, com afeto, olhando-o de perto.

— Aqui é um porto de abrigo para tresmalhados. Um porto por onde já muitos como tu passaram. Uns ficam, como esse que te trouxe. Outros

agradecem-me e vão à vida. Aqui, estás protegido, ninguém te fará o que não queres que te façam. Também eu já fui um rapaz a marinhar em barcos alheios, perdido por estes mares de tantos nomes até que encontrasse um porto que me abrigasse. Falaste-lhe dela?

— Reservei a conversa para ti, Dono. Falar-lhe dela sem te ter por perto parecer-me-ia apropriar-me de uma história que não era minha.

— Ah, bem. Então pousa essa caixa e vamos lá para fora. Sentemo-nos nas areias desta Praia dos Vidros. Como te tratam? Filho? De quem? Filho, aqui estamos porque existe uma Mulher que nos aporta. Falo-te dela, vem comigo, fica tranquilo.

Sentados ao lado um do outro, olhando o mar de uma praia que reflete o brilho das cores das pedras polidas de tantos tons, Dono conta a Filho que há uma Mulher que vem e que quer festa. Que não se lhe pergunte de onde nem quando. Mas que é dela que provém a razão de existir daquele lugar. Fala-lhe dos clientes, da Gota que funciona. Filho não conhece nada, não sabe do que lhe fala Dono. Este faz uma pausa no que lhe conta e comenta para consigo mesmo que aquela é das mais abandonadas criaturas que o mar lhe trouxe àquele abrigo.

Diz-lhe que existe uma taberna, sim, que existe teatro, muito teatro. Que há música, bebida, dança, mãos no ar. Que há gargalhadas, que ali as pessoas escapam de si próprias ao som do que se toca. Que encontrará pobres e ricos, mulheres e homens, velhos e novos. Que a sua função é entretê-los, dar-lhes evasão, fasciná-los. Mas que todas as importâncias se esvaem quando se espera a chegada de Mulher.

— Temos de estar sempre preparados para lhe dar festa. Vais ouvir os outros rapazes comentarem que entre mim e ela há amor. Não é algo com que te devas preocupar.

Antes de se levantar, indicando-lhe que há trabalho a fazer, Dono prepara-o:

— Ela vem aí e quer festa como nunca se viu. Quer teatro que a entretenha, capricho que a faça voar. Estamos em grandes preparações durante estes dias. És recente, trazes novidade. Deixa no cais desta praia as preocupações que te afogam e contribui-nos para que ela seja feliz na festa que aí vem. Adianta-te, Filho, há muito trabalho para que festejemos.

Filho deixou-se ficar por momentos pousado sobre as pedras. Viu-o àquele mar donzela, ondas leque a abrir em movimento suave. Comparou-o com o marulhar ferroso do Mar das Aranhas. Um e outro. Ao levantar-se, pensou que porventura tivesse chegado a casa.

Homem na Cama tentou em vão levantar-se, a fim de atender aos gritos guturais da sua mulher Muda. Tentou deslocar-se para um lado e para o outro, espantou os lençóis e procurou erguer-se, mas tudo o que conseguiu foi curvar a cabeça em diante, resvalando-lhe as mãos na beira da cama, os pés no ar sem que os seus flancos fizessem intenção de se erguer.

— Muda! — gritou, sem se lembrar da última vez que a tinha chamado assim. Na cozinha, porém, a mulher ganhava espaço aos gritos secos e conseguira erguer-se para se encaminhar para o pátio onde jazia Amor. Alcançou o filho, pés um para cada lado. Recebeu-o no seu colo, afagou-lhe os cabelos e de novo chorou, como no dia em que o teve. Ao redor, o som da chuva batia contra as lonas de Domínio, escorregava por entre as ruas, num manto de suplício que cobria também Muda e o seu filho. Pegava-lhe nas lágrimas e arrastava-as consigo, misturando-se choro e chuva na terra, ausência de piedade, enquanto ao colo o Obreiro fixava o céu com os olhos semicerrados.

Debruçou-se depois Muda no beiral, mãos vincadas na aresta, olhando as pessoas que passavam rua abaixo. Obreiros, a maior parte, ou se não familiares de Obreiros, famílias que trabalhavam há décadas na construção e reconstrução daquele Domínio. Muda olhava-os com terror nos olhos, expressão transfigurada. Queria debater-se com gritos, mas via-se assim impedida, ao não conseguir falar. Olhava o vaivém costumeiro de cada um na sua parte do tempo, fixando-se na marcha dos Obreiros a caminho do trabalho, esse sim de tempo fixo, memorável.

Antes que o sangue lhe arrefecesse e se desse à complacência do luto para sempre, Muda sabia que era tempo de agir. Não podia esperar que descesse a si a resignação, o fininho chiar de dor da saudade, a tristeza que contempla a ordem, habituando-se à ausência, como são os anos futuros daqueles que, enlutados, se vão acolchoando à perda, incluindo-a na sua vida, marco, lembrança. Naquele momento, não havia razão alguma para que Muda não fizesse dessa parcela de tempo, curto, sabia-o, algo grandioso, de que se fossem lembrar as gerações de graças vindouras.

Aninhou o filho à chuva, ali já não estava o seu Amor. Muda era de poucas práticas: nem mantos nem flores. Ali, Amor esperaria sem ir a lado nenhum. Muda, pelo contrário, desceu as escadas em estrondo, para, por primeira surpresa,

ir encontrar o seu marido em pé, pelado, magro, esquelético, no meio da cozinha. Mandou que fosse lá acima e velasse o corpo de Amor até que ela voltasse, tudo isto em gestos, Muda molhada a dar ordens. Voltinhas girou os calcanhares e nem se lembrou de tapar o corpo, pois todo ele era de novo elástico e maleável.

Impedimo-nos de relatar a reação de Voltinhas à visão de Amor morto, pois interessa-nos, muito mais, perseguir Muda pelas ruas, esbracejando, juntando Obreiros e família, narrando em gestos o que lhe acontecera ao filho. Amor morto, perceberam, e soltaram-se as exclamações em «ué», crescendo, à medida que chegavam mais e mais pessoas e a rua da casa de Muda se tornava pequena para receber a multidão.

Desceram os Obreiros da rua de cima, quatro matulões da mesma mãe, juntaram-se-lhe as raparigas Obreiras fortes, de braços ao alto, curiosas. Vieram os pais destes todos, e os irmãos, e os cães começaram a ladrar. Chegados da jorna junto ao porto, os carregadores inteiraram-se do sucedido umas ruas mais abaixo, porque lá para cima, como se sabe, era tudo Obreiros e suas famílias. Muda continuou o seu discurso e surpreendeu-a ver chegarem-se a ela os Manatas, uma família de muitas pessoas, bons no trabalho miúdo, por lhes serem pequenas as mãos, com quem Muda e Homem na Cama se tinham desaguado no passado à conta de folhas de árvores caídas do lado errado da estrada.

Os Manatas deram legitimidade à escuta do que Muda tinha para dizer. E por isso, vendo-os, saíram das suas casas mais e mais pessoas, umas ensonadas, outras cansadas, algumas de talher na mão e a maior parte de rompante. As ruas mais largas, sem lonas, tornavam-se demasiado estreitas para a multidão. Ruas onde as lonas não tinham sido colocadas, ordem mesquinha de alguém que receava a população e as suas aglomerações, crente de que aqueles moradores seriam gente dada a desacatos e reivindicações caso o atenuar das condições adversas da terra lhes facultasse encontro.

Não contavam, porém, que fosse o discurso de uma muda, alheio ao cair da chuva, a fazer precisamente aquilo que tanto temiam.

Como num jogo, a mãe tentava explicar. «Amor», sim. «No pátio»... «Vou lá!» «Não!» «Não quer que lá vá, Dona Muda?» E o que a princípio parecia apenas o adivinhar de uma charada foi-se tornando denso. Todos entendiam o desespero de Muda, mas aquilo era mais do que raiva. O estado de Muda encontrava-se nas pontas, volta redonda. A aflição de não falar não se sobrepunha à ânsia de tomar medidas. Sabia que tinha de ser naquele momento, e para isso não poupou esforços.

«Amor morto» parecia já ser do entendimento de todos. As pessoas iam passando a informação umas às outras, umas segredando, outras gritando. A

indignação passou a marcar o ritmo daquela tarde, em que em tempo se encontraram todos os que ali estavam e que eram já perto da centena, quando àquela curiosidade se haviam agregado alguns guardas. «Mas quem o matou?» E foi quando a pergunta veio à tona, feita com tanta voz, que Muda soube que a turba seria encaminhada.

Nisto, aproximou-se de Muda o mesmo garoto que lhe tinha oferecido fruta, numa das casas onde entregara sacos nesse dia. Puxou-lhe a saia e segredou-lhe: «O barqueiro manda dizer que foi a mando de Ministro.»

À mãe de Amor bastou-lhe fazer o gesto que os Obreiros usavam para se referir ao Ministro quando este não estava. Um abanar de mão em frente ao nariz, menear alusivo ao cheiro do homem.

De repente, todas aquelas ruas eram feitas de gente a abanar a mão em frente ao nariz, como se por ali tivesse rebentado um esgoto e o cheiro fétido da porcaria, invisível, se infiltrasse nas pedras das ruas. Ao gesto somavam-se os arroubos de espanto, as inspirações assustadas, imediatamente seguidas de expressões que diziam que dessa vez Ministro tinha ido longe de mais.

Mal se aninhou num dos cantos da taberna, Filho foi posto em cena. A festa seria dada daí a uns dias e por isso não havia tempo a perder. Parecia viver num estado difuso que pouco lhe deixava ver do que se passava em volta. O tempo ganhara uma importância essencial e a noção da sua distensão causava espanto aos olhos de Filho.

Os rapazes passavam carregados de caixas, roupas e adereços. Distava pouco da sua chegada e alguns não lhe falavam ainda, não sabendo tratar-se de um colega. Havia um movimento estelar na taberna, sensação pré-sísmica de acontecimento importante. Testavam-se maneiras de agradar a Mulher, essa mulher que Filho desconhecia, vida presa entre as paredes de uma Fortaleza.

Ouvia falar do seu temperamento, mas nisto vinha um rapaz e esbarrava nele. Depois, escutava ao longe uma conversa sobre o que não estava bem, porém, mesmo acima de onde estava surgia uma voz a avisá-lo de que saísse daquele lugar. Em nenhuma posição parecia reunir o consenso dos outros, pois ora estava mal aqui e ali.

Deu por si a girar, à medida que passavam por ele. Para apenas se aperceber de que dançava quando já o tinham circundado, batendo palmas, encorajando-o a continuar, que desse de pés, que lhe subissem as mãos, que, se não aprendesse o ritmo, o seu lugar na festa estaria destinado a um bastidor bafiento.

Ao fundo da sala, Dono observava-o com atenção, semblante carregado, dir-se-ia disposto a conjecturar a utilidade da presença daquele Filho. Mas não o faria. Antes lhe estudava as expressões, os gestos, enquanto os outros rapazes tentavam fazer com que dançasse seguindo ordens específicas traduzidas em bater de palmas, de tacões, mãos reviradas, dedos estalados. Filho regressava a si quando estava a ser embalado por todos, pois de entre todos lhe vinha aquele ritmo em crescendo, que o entontecia, menino tonto em braços de estranhos após ver morto o seu Amor.

Em casa, Ministro dormia profundamente, atestando-o o ressonar barulhento que se ouvia por todos os cômodos. Criadita, incumbida, havia trancado todas as janelas do andar superior, levando consigo as chaves, presas numa grande argola dourada. Mais ninguém tinha os objetos que permitiam destrancar os grandes janelões dos quartos da casa de Ministro. Desceu as escadas, caladinha, até ao andar térreo, onde encontrou as outras de malas feitas e as mandou esperar lá fora, fazendo-lhes silêncio com o dedo em riste, obrigando-as a andar em fila, passinhos curtos e calados.

Na sala de jantar, já os Obreiros haviam emparedado as saídas para o jardim e para a rua com tábuas grossas do chão até ao teto. Trabalho feito em seco, pois em torno da casa de Ministro as lonas eram fortes e protegiam bem do aguaceiro. O medo de que Ministro acordasse com o pregar das tábuas era real, mas Criadita garantia-lhes que, com a refeição pesada que lhe dera, regada a três garrafas de bebida alcoólica e sobremesas pastosas, o homem dormiria sem tempo de acordar.

Todas as saídas da casa para o exterior ficaram assim tapadas, menos uma, um postigo de tamanho considerável que dava para uma arrecadação onde as criadas arrumavam o material com que limpavam a casa. A última ação desta Criadita pela casa foi a de abrir todas as portas interiores, saindo depois ao encontro dos Obreiros, que trabalhavam em silêncio para garantir que Ministro não tinha por onde escapar. Uma vez cá fora, procurou na multidão silenciosa o rosto de um dos filhos Manatas, a quem foi dar a mão e aconchegar-se no regaço.

— Ele nunca me deixaria partir para ficar contigo.

Foi o que lhe disse.

Ministro acordou como se nada fosse, como de costume, longo tempo após as tarefas dos Obreiros terem terminado por ali. Começou por levantar os lençóis, procurando o que lá havia por baixo. Não se tinha cagado, ao menos isso. Já a almofada ao lado encontrava-se empapada de vômito, uma pasta seca e avermelhada. Ministro fê-la voar de encontro à parede em frente da cama, fazendo também com que se espalhassem os restos decompostos da sua regurgitação.

— Criadita! — chamou. Ao ver que ninguém acorria ao quarto, levantou-se indignado, pousando com dificuldade os pés no soalho, praguejando contra a dor de cabeça, a ausência de serviçais, a escuridão e sobretudo o cheiro da casa, que até para ele se fazia fétido.

— Cum caralho. — Viu que se tinha deitado vestido, coçou as partes e não resistiu a dar uma gargalhada quando viu o que lhe vinha colado às unhas. — Foi uma de vocês, porquitas de merda!

Sem se convencer da solidão daquele ato, costumava acusar as criadas de o irem importunar à cama, viciosas, sendo que os olhares de horror que lhe faziam quando lhes insinuava tal coisa só o fazia ainda mais acreditar no que dizia.

Tentou, em vão, abrir a janela do quarto, praguejando uma vez mais. O acordar não lhe estava a correr de feição. Não conseguia enxergar grande coisa, a não ser breves feixes de uma luz *enchuvada* a destrancar a escuridão. Caminhou aos tombos até à porta, revirando o nariz à conta do mau cheiro.

— Porcas do caralho. Ó Criadita! Chame-me os Obreiros, que isto houve merda de certeza. E abram-me as putas das janelas, que esta porra parece que morreu aqui um batalhão de piças!

Perante o silêncio, Ministro jurou que se haviam de arrepender aquelas mulheres.

Já acordado, invadia-lhe o despeito. Deixá-lo a ele, Ministro de Domínio, às escuras na própria casa, sem serviço. Pensou numa invasão dos Postiços, num fim do mundo. Mas depois lembrou-se de que nem o Diabo queria o que quer que fosse com aquelas terras. A situação era nova e inusitada.

Apoiou-se no corrimão para começar a descer as escadas que o conduziriam ao piso térreo, apercebendo-se pela primeira vez de que a casa mergulhara numa escuridão propositada. Admirou-se com as portas entaipadas, vacilou no fim dos degraus antes de se aventurar a descobrir o que se passava. O grande átrio de entrada estava entrecortado por breves lâminas de luz frouxa que atravessavam as tábuas que selavam a porta para o jardim. Ministro foi contra elas, em vão. Agastou-se rapidamente ao tentar empurrá-las, o coração batia-lhe fortemente e as têmporas começaram a esquentar. Nem deu que pelo chão se formava uma camada já com mais de um palmo de dejetos fétidos, que tingiam de castanho e negro o mármore com que se era recebido naquela casa.

— Malditas! Guardas! — gritou alto.

Corria pelos cómodos à procura de uma fuga possível, mas em todo o lado encontrava o cuidadoso trabalho dos Obreiros. Fechamentos impecáveis, herméticos, como se tinham habituado a construir. Tinham-se até dado ao trabalho de fazer paralelismos, de ajeitar medições, de tornar tudo tão próprio que lhes seriam merecidos parabéns, caso aquela se tratasse de encomenda.

Ao perceber-se fechado, Ministro tentou, em vão, forçar a porta de entrada principal. O corpo do homem sacudia-se em arranques que já eram de ordem tresloucada. Ao ver impossível uma saída por aí, voltou-se e viu uma porta

aberta. Notou que nunca se tinha dado conta de ali existir uma divisão e, como tal, adentrou-se com certo espanto na arrecadação das criaditas.

Não compreendeu de uma só vez o que via. Havia-se fixado na ideia de uma escapatória e a mente demorava a aperceber-se de que não só não era um lugar por onde pudesse fugir, como seria ali a porta da sua desgraça. O postigo encontrava-se perfeitamente selado por um tubo de boca quadrada, de dimensões algo consideráveis, mas não tanto que fosse do tamanho de uma janela convencional. Dele jorrava tudo o que os de Domínio não queriam. Das adivinhadas fezes aos restos de comida, às águas emporcalhadas, a lama lodosa das beiras do rio, os restos de obra, corpos de animais e plantas meladas, apanhadas pela chuva. Pedacos de lona velha e uma amálgama de guarda-chuvas destruídos, que chamaram a Ministro o seu primeiro pensamento, depois de se aperceber de que a boca principal do esgoto de Domínio tinha sido conduzida para ali e jorrava agora, como sempre intratada, para dentro da sua casa.

De raciocínio lento, Ministro também não compreendeu imediatamente que aquela seria a sua morte: soterrado em podridão, desperdício, abafado, afogado em tudo aquilo que os outros repelem. Dirigiu-se à sala, inconsciente ainda de como iria o seu povo vingar-se de si. Sentou-se na grande mesa, cadeiras de encosto alto, desenhado, pormenores de madeira que vieram da Capital. Atrás de si, o retrato que o pai carregou quando fugiu da terra onde nasceu. Retrato de uma imponência desajustada com o que estava prestes a acontecer.

*

Não houve gritos de «Acudam!» à medida que a casa se ia enchendo daquela pasta volumosa de detritos que a boca do esgoto vomitava através do postigo da arrecadação das criadas. Houve um grito, esse sim audível pela vigília de Obreiros, por Muda e pelo povo que se juntara naquela empreitada. Cortando o silêncio da multidão, quebrando a vigília a Amor que acontecia do outro lado de Domínio, ouviu-se Ministro gritar:

— Eu sou só uma personagem.

Filho acordou em sobressalto, com a mão de Rapaz a afagar-lhe o cabelo. O bulício da taberna terminara havia pouco, apenas dois rapazes permaneciam em ensaios, calados perante a apropriação de deixas, assinalando marcações em cena. Cá fora, Filho adormecera, mas dos sonhos fizera martírio, por isso acordou aflito.

— Dista muito, aqui? — perguntou a Rapaz.

— De quê?

— De onde vim...

— De onde vieste?

— Dali.

Apontou com o dedo no sentido da costa.

— De Domínio?

— Hoje, sim.

— E antes?

— Da Fortaleza...

— Nunca a vi...

— Nem mais, nem menos... Uma Fortaleza desconhecida, da qual todos perderam a memória. É lá que pertengo.

Rapaz respondia pacientemente às perguntas desengonçadas, ou ensonadas, de Filho, ambos partilhando uma rede, presa a duas figueiras. O peso de ambos fazia-a baloiçar, quase tocando as pequenas pedras de vidro macerado e colorido de que era feita aquela praia. Os dois embalados por uma noite calma, amena.

— Está sempre assim, aqui?

— Assim como?

— Quente.

— Parece-te quente? Havias de ir a Rio... Nunca mudamos esta sensação, aqui... Quem nos visita diz sempre que havia de estar sempre assim, nas suas terras, o ano inteiro. A brisa morna, o restolhar das pedrinhas na água, tudo pausado, esperando festa...

— Estás cá há muito tempo?

— Tanto quanto preciso de me lembrar. Creio que não tenho passado... Que afortunado sou, hã? Um rapaz sem passado! Quantos dariam fortunas para não ter passado? — Rapaz levantou-se um pouco e ficou olhos nos olhos com Filho. Fitou-o por segundos, depois fez uma expressão cómica e riu. — É por pensar o

passado que agrilhoamos o presente.

— Hoje, o meu Amor morreu.

— Mas que triste... — Rapaz tornou-se mais sério. — Vi-te carregado pelo barqueiro. Para onde te levava?

— Para a Fazenda da gota, ao que ouvi dizer.

— Não resistirias. O que para lá vai dava para outra história com outras tantas páginas. Dono encarregou-me de trazer de lá gota, para que a treine aqui. Já quase faço a Gota, sabias? Mas sempre que por lá me demoro, temo não ser capaz de fechar os olhos à barbaridade do que por lá vejo...

— Mas era para lá que me levava esse barqueiro.

— Porquê? Por que razão haviam de querer um galeto assim naquela choça?

— Vi matarem um Obreiro, sei quem o mandou matar e onde está esse mandante. Não encontro outra razão que esta para me darem tamanha importância. Ignoro por que razão me poupavam e por que motivo o barqueiro não me levou de volta para a minha mãe, na Fortaleza.

— De facto... Se assim é... esse homem... porque não te mandou matar também?

— Por me desconhecer a origem. Teve sensações. Achou que pudesse vir de algum lado alguém que lhe cobrasse notícias do meu paradeiro.

— Falas daquele barqueiro? Nunca percebi que sentisse o que fosse além de amor ao dinheiro.

— Falo de outro, do mandante. Quanto a este, que me trouxe, não entendo porque me poupou da sorte que me foi encomendada, já que dinheiro não tenho. Tive joias, soube que eram valiosas quando fugi de casa e cheguei a Domínio.

— Que joias? Assim, brilhantes, como estas pedras?

Rapaz apanhou um punhado de areia de brilhos e despejou-o no peito nu de Filho.

— Os dedos cheios de anéis, calças vermelhas. Não sei quais destes mais valiosos, porque me tiraram tudo.

— Os anéis e as calças, e não sabes qual valia mais?

— Não.

— Que inocente. Claro que te queriam os anéis, para que servem mais umas calças?

— Não sei...

— Mas conta-me, fala-me dessa Fortaleza. Imagino-te com um pai pescador, daqueles que saem para o mar em grandes vagas, nas marés vivas, homem de expressão sempre tensa... e uma mãe prostrada, cosendo as redes... Que viagem...

— Antes quero falar-te de Amor, devem estar agora em vigília por ele. Não poder despedir-me do meu Amor...

— Não seria cena que te agradasse. As despedidas dos mortos em Domínio são brutais. Enchem o corpo de...

— Não contes, peço-te.

— Então fala-me de onde vens e deixa esse Amor para trás. Morreu... Promete-me pouco passado, Filho. Ninguém aqui se quer lembrar do que ficou para trás. Conta-me a tua história, mas apenas para que te conheça melhor os gestos, as expressões...

— À conta de ter fugido... ou melhor, à conta de ter chegado, parece-me já ter explicado esta minha história mais vezes do que as necessárias. Mas conto-ta, Rapaz, como se fosse a primeira vez que vou atrás buscar palavras que me atirem para a frente. Há uma Fortaleza, estou certo de que o sabem aqui, nas águas revoltas do Mar das Aranhas, imagino que seja mar que se desfaça ao encontrar este daqui... Todas estas idas e vindas de barco deixaram-me uma maior compreensão da orla de Domínio e seus satélites.

»Não sei se já aportaste em Domínio, na pracinha do anjo sem cabeça, ou no porto maior, mas quem por lá aporta e pisa terra, voltando-se de novo para o mar, que ali é misto de mar e rio, há de perceber a existência de um portão que conduz a uma ponte fininha, ponte pestana de cabra, do qual o fim não se vê. Conhece-la?

Rapaz deu de ombros:

— Fala-me do que *tu* conheces.

— Essa ponte esgueira-se fininha baía dentro, há de lá estar há muitos séculos, deve ter sido obra de grande empreitada, talvez quando não fosse tão revolto o caudal da água que passa por baixo, decerto não choveria... Havia, quem sabe, até de ser terra seca. Uma ponte longa, delgada, sobre terra firme... Teremos de imaginar, portanto... Mas no fim dessa ponte, passos largos um meio dia, chega-se ao lugar onde cresci, a tal Fortaleza no Mar das Aranhas.

»Não imagines grandes pináculos ao céu da noite, bandeiras ondulando quais cabeças mareadas, ameias, vitrais de glória... A casa onde cresci tem de Fortaleza apenas o nome e a idade.

— Ias e vinhas pela ponte tantas vezes?

— A ponte está fechada a todos, não há sentido para lá ou para cá. O homem que me trazia no barco, quando me viste, é quem a aferrolha, não permitindo passagem a ninguém que saia de Domínio com intenção de a atravessar rumo à Fortaleza. Não sei por que razão, no dia em que fugi, as grades do portão foram tão fáceis de abrir... Quem sabe, talvez a tenha deixado desaferrolhada para que eu fugisse. Aquele homem... Terá planeado isto tudo?

— Dás-lhe importância que o maldito não tem. Aqui, quase nem a voz lhe conhecemos. Traz-nos os clientes, pede-nos a imposição e, claro, traz-nos Mulher...

— Tanta obrigação de clausura tem essa ponte, que a Fortaleza foi-se tornando cada vez mais uma ideia para as pessoas da terra. Com a chuva, explicaram-me, deixou de se ver a sua opaca silhueta, como outrora, e com o avançar da idade esqueceram-se dela ali. Do que me contaram, do tempo que vivi em Domínio, a Fortaleza não passa disso mesmo: uma ideia. Uma ideia que não se acha na cabeça de ninguém, descartada num ermo oposto, num mar revolto, num fim a que não se chega.

— Mas conta-me tu... Como é esse lugar?

— Das minhas primeiras memórias, lembro-me de um nevoeiro de malha de ferro a rondar. De nenhuma janela se avistava o que fosse, à vista desafogada. Via-se o pequeno ancoradouro por onde entravam os mantimentos, ouvia-se o constante roncar das ondas a erguerem-se e depois a desfazerem-se sem estrépito, pois o que encontravam era um imenso novelo de teias de aranha. Cresci a encavalitar-me às janelas e postigos, tentando enxergar algo mais, fixava muito o olhar no nevoeiro e procurava discernir os tons todos daquele cinza-terroso, do branco-sujo e do constante ir e vir de aranhas na praia. Além da casa onde vivia, as minhas únicas referências eram a entrada da ponte, o ancoradouro e o barco daquele homem... E mesmo a casa, a Fortaleza, nunca a consegui ver de fora, nunca tive uma ideia clara de si, ou de mim.

— Isso soa-me medonho e encantador ao mesmo tempo. Como te criaste sozinho?

— Eu não me criei sozinho. Eu sou a cria da minha mãe.

Rapaz ergueu o tronco e fixou Filho. O luar fazia tremeluzir o brilho das pedras da praia. A rede balouçava e a noite azulava-lhes os rostos.

— Cria?

— Sim. Fui posse dela até há muito pouco. Não existia mais ninguém naquela Fortaleza. Ou melhor. Existiam mais algumas presenças, que eram as figuras da impossibilidade, da proibição, da exclusividade e do temor. E da culpa. Não sei se lá nasci, mas as minhas primeiras memórias são delas, da minha mãe e da Fortaleza. Cresci imerso num poço de medos provocados que tinham sempre como intuito que eu não me afastasse. Ou então... que nem houvesse em mim qualquer desejo de abrir asas e voar dali.

»Ora eram as aranhas que me iriam desfazer mal caísse nas suas teias, ou o barqueiro, que me levaria para uma morte certa se me aproximasse. Do povo, dos outros, assustava-me com tramas de que me desfariam à rapidez do primeiro

olhar, que me comeriam, que se serviriam de mim. De novo soube o que era a morte, pois demonstrou-mo ela obrigando-me a pesar as aves mortas que encontrávamos. Devia dizer-lhe com exatidão qual o peso de cada ave morta. Sem nenhum motivo, sem nenhum registo sequer. Ela própria mas trazia e me ordenava que as pesasse numa balança e que depois as atirasse às aranhas. O peso da morte era um dos meus trabalhos quando criança. Outros havia...

»À medida que crescia, essas tarefas deixaram de ter relevância. Da consciência da morte, passou a ensinar-me a tristeza. Reprimia todos os meus momentos de felicidade em função de uma melancolia obrigatória. Se me ria, se gracejava, prostrava-se diante de mim em prantos, ofendendo-se com a minha alegria, dizendo-se infeliz, que para ela a vida não era o divertimento que aparentava ser para mim. O quanto sofrera para que eu estivesse vivo. Repudiava-me durante dias, sem me falar. Muitas vezes escondendo-se de mim pela casa, de mim que a perseguia a chorar, pose que lhe parecia agradar com uma indiferença cruel. Quando finalmente me encontrava, caído numa ala pouco usada da Fortaleza, tremendo, olhava-me sem se baixar e ensinava-me que toda a alegria acaba forçosamente numa tristeza cada vez maior.

»Que a minha felicidade era uma afronta, a ela que não a podia ter. Dizia que um dia ainda me havia de dar a conhecer a dor do parto, se isso fosse possível a um homem. Perguntava-me, gritando, se eu era um homem.

»Entregava-se ela própria a uma melancolia imperturbável, mas da qual me fazia crer responsável. Que erguesse o queixo, que me fizesse corajoso, que fosse agradecido e tivesse a iniciativa de a procurar, de a cuidar, já que de mim dependia, pelo meu bem se tinha isolado naquele ermo. A culpa esteve desde sempre presente na minha vida, mas foi particularmente cultivada por ela a partir do momento em que não me conseguiu vencer usando as estratégias mais elementares. Os castigos, as provações, os trabalhos acabaram por ser uma rotina, e as rotinas têm sempre o conforto do que é expectável. A culpa não. Dobrava-me, mantinha-me. A culpa, aliada à tristeza e ao medo, fazia de mim a sua criação. Não. A sua criatura.

Sentado no pequeno ancoradouro da Praia dos Vidros, Dono escutava anónimo a conversa dos dois rapazes. Franziu as sobrancelhas, procurou imaginar alguma Fortaleza na noite, mas a escuridão não lhe devolveu sombra alguma do que quer que fosse.

Ao mesmo tempo que a casa de Ministro era inundada de despojos, o corpo de Amor era velado pelo único pai que conheceu. Voltinhas subira finalmente ao terraço da casa e, ajudado pelas poucas pessoas que não tinham ido com Muda, trouxera Amor até à sua cama, onde repousava agora, olhos guardados.

Em certos momentos, como estes, é difícil perceber que não exista um arroubo de incandescência. Como se fosse necessário uma determinada atmosfera, obedecer a dados padrões, exigir uma atitude consternada perante o desaparecimento, perante, escrevamo-lo com todas as letras, a morte. Mas na maior parte das vezes a morte não desencadeia uma noção clara de fim, mas antes um início de algo. Naquele caso, enquanto cruzava os braços, surpreendido por quase tocar com as mãos uma na outra atrás das costas, Voltinhas tomava consciência de que, a partir de então, a sua vida se passaria a organizar sem o seu filho adotivo.

Mais do que o «foi assim», apressava-se a chegar-lhe o «e agora». E que daí ninguém entendesse falta de afeto ou consternação perante as circunstâncias hediondas em que se dera o assassinato daquele que tanto amava. A percepção da morte, porém, é uma construção, orientada por certos e errados, a expectativa dos outros perante uma atitude consensual, que é a do desânimo, a da condensação de todos os pensamentos no que acaba de acontecer, e menos no que acaba de começar.

*

Voltinhas detinha o olhar no de Amor. Mas tudo o que fazia era aguardar a chegada dos outros, queria que lhe contassem que aquela morte fora vingada e que daí partissem, então, para a cerimónia fúnebre do Obreiro. Não tardaram a chegar as primeiras pessoas, vindas dos lados da casa de Ministro, expressões consternadas, reveladoras do que haviam acabado de presenciar. Pouco depois, entrou Muda na casa. Aninhou-se ao lado do filho, na cama, marcando-se quase com a mesma invisibilidade dos seus sons, mãe pequenina em torno ao seu filho.

Vieram mais, alguns escorregando nos degraus por que se subia até ao quarto. Trouxeram terra, gota, água da chuva. Depositavam as suas homenagens em volta do corpo do Obreiro, tocando-lhe a testa com as mãos molhadas, método preciso

das despedidas aos mortos em Domínio desde que chovia sem cessar. Cobriram-lhe o corpo com lençóis brancos, ainda todos se abraçaram uns aos outros, lágrimas contidas por já haver água que bastasse naquele cenário.

Acompanhado de pai e mãe, quando Amor foi levado para fora da sua casa já todos os que haviam partido para a casa de Ministro se tinham reunido nas ruas onde há pouco tempo tinham recebido a notícia de Muda e decidido vingar o seu filho. As ruas encontravam-se novamente repletas de Obreiros e suas famílias, dessa vez sem sussurros, atenções e semblantes voltados para o local onde estaria a porta de casa. Mesmo nas ruas de onde essa porta não se conseguia ver, as pessoas estavam voltadas nessa direção, como instinto, fazendo-se todas elas olhos postos no lugar.

A complacência era sobretudo respeitosa. O Manata mais velho, mão dada a Criadita, destacava-se dos restantes, pelo porte e pela beleza. Lembrava, à luz daquele lusco-fusco chuvoso, um tipo de guerreiro cuja honra tivesse sido restabelecida. Olhar acobreado, sobrancelhas tensas, cabelo cortado rente, barba cerrada, deixando antever os primeiros pelos brancos nas mandíbulas pronunciadas. A chuva caía-lhe no peito nu, escorria-lhe pela barriga e descia-lhe pelas pernas. O vento levantara-se mais do que o habitual naquele lado de Domínio, e por isso uma brisa enrugava a poça de água que se lhe ia formando em torno dos pés. Respirava com longas inspirações, que pareciam reter-se um pouco antes de permitir que o ar lhe saísse do corpo como que a embaciar espelhos. O respeito fazia-se também no silêncio da respiração. Não desviava nunca o olhar do lugar por onde apareceria Amor daí a instantes, não se alterava a sua pose estática, preparada, combativa. Dir-se-ia que o desaparecimento de Ministro abria espaço para alguém assim assumir o controlo da terra. Mas tudo isso era futuro. Aquela hora era a de prestar homenagem.

Amor foi sendo conduzido, elevado, amparado pelos braços e mãos de todos, à medida que o passavam de uns para os outros, sem o deixar cair, até à parte mais baixa, rasteira ao rio, que ali passava revoltado. Muda acompanhava o filho enquanto este era levado até à margem. Seguia-lhe o caminho, entre as mãos de todos, olhava-o de baixo, a ela estava destinado o espaço central na margem do rio e o papel mais importante.

Às ofertas a Amor juntaram-se pedras da rua por onde o corpo passava e assim o corpo tornava-se cada vez mais pesado. Quem não o tocava, ou mesmo os que o faziam, depositava em Amor pedaços de rua, sinais de Domínio. Quando o corpo

chegou à margem, já só os Obreiros o conseguiam carregar, tamanho peso tinha ganhado. Apresentaram-no à mãe, que assentiu, autorizando o que se seguia. Da multidão, o Manata mais velho aproximou-se do corpo e colocou sobre ele uma última pedra. Muda sorriu. Foi ele quem deu a primeira volta da corda, enrolando-a ao lençol que cobria Amor. Seguiram-se outros, muitas voltas de corda abraçaram o corpo, as ofertas e as pedras.

As cerimónias fúnebres, geralmente, terminavam com alguma celeridade em Domínio. Aquela, porém, durava. Todos queriam dar mais uma volta à corda, gesto em homenagem, ternura constante. Até que Muda ergueu a mão e assim souberam que havia chegado o momento. Aproximou-se do filho, corda e lençol que cobria aquele corpo nu, pedra e terra, pousado na margem do rio. Do seu regaço saiu um pêssego, embrulhara-o num dos seus sacos. Todos perceberam que seria o último objeto a ser depositado no corpo de Amor e que a cerimónia tinha chegado ao seu fim.

Foi então que os Obreiros se aproximaram e lançaram Amor da margem, algo profunda ali. O baque do corpo ao encontrar a água encerrou o tempo.

Ao afastarem-se do local, uma sensação percorria os presentes. A intensidade do momento havia criado uma noção de tempo entre todos. A hora era precisa. O decorrer das ações, definível. Todos, pela primeira vez de há muito, estavam juntos, à mesma hora, e a fazer o mesmo. A partir dessa hora, pareceu querer começar um tempo diferente.

— Aqui encontraste um porto de abrigo, Filho.

Dono levantara-se e fora ao encontro dos rapazes, na rede, revelando que ouvira a conversa entre os dois. Manteve-o nos seus braços, encostando o seu peito ao do débil rapaz, apertando-o num compasso atento à sua respiração e na medida certa para que a força que exercia se traduzisse em segurança e não em prisão.

Perante aquela história, o olhar de Rapaz transparecia como o brilho da lua na lâmina de uma navalha. Filho fechara os olhos, a tempo de ouvir:

— Façamos desta tua história horrenda um momento de festa.

E foi assim que ficou decidido que a mágoa de Filho honraria a festa que todos preparavam para a ida de Mulher à taberna. Dono fitou ambos os rapazes, perscrutando-os com o olhar. Respirou fundo, inspirações suaves, compassadas, expirações conscientes. Fitava-os e parecia que se lembrava de algo. Levantou-se e aproximou-se ainda mais de Filho, que estranhou.

— Há uma mulher que precisa de um filho. E em ti sinto a pressa de ser cuidado. Façamos a festa em ti, para que ela te veja e de ti se acerque, Filho. Tenho em mim que lhe emprestarás o teu desamparo. Parecem-me a volta de uma mesma letra.

E, assim, quem sabe, ela fique, pensou.

Ao largo, no silêncio escuro do seu barco, Homem das Imposições assistira à destruição de Ministro pela lama. Quietos, opacos, com a respiração em suspenso, via como a multidão preparara a casa, animal observando presas que não lhe agradam ao paladar, ciente da sua orquestra. Manteve-se escondido no seu barco, adivinhando as intenções de todos, mas sem nada fazer. Interessava-lhe, a ele, o apagar do dono de direito das políticas em Domínio, agora que já não tinha objeto de chantagem, mais do que a ânsia de impedir aquele assalto. Com a clara consciência do seu cálculo, Homem das Imposições traçara estratégias por onde o destino pudesse escoar.

Não se mexeu quando viu que os primeiros Obreiros se iam embora, comandados por Muda. Não houve movimento, também, quando dali saíram quase todas as mulheres, mesmo as Obreiras, e restaram apenas homens de vigia ao lado, assegurando-se de que daquela casa não saía nem entrava ninguém. Poderia ter agido. A viagem até à Fazenda da gota poderia ser feita num vaivém em que ainda haveria tempo para que os homens que de lá viessem destruíssem todas as intenções dos Obreiros. Porém, manteve-se quieto, observando. A Fazenda da gota tinha a sua própria gestão, esses são tomos para outra ordem, pensou ele. Não se queria meter no meio do que estava acordado entre um poderoso e outro.

A cena causava-lhe uma excitação desmedida, erótica. À medida que se apercebia do que se passava, a sensação passou mesmo a ser física, decifrável. A destruição de um poderoso, o poder alterar o rumo dos acontecimentos, o total anonimato do observador discreto, enfiado por entre as lonas do seu barco carregado de tralha, sem presença, atónito na sua condição, figura atuante pela sua inação. O regresso do desejo ao corpo do homem podre. Homem das Imposições ouviu a frase final de Ministro, que lhe despertou algum interesse estrutural. Mas não o suficiente para o fazer voltar atrás e o acudir, ou para que lhe passasse aquela vontade que lhe ia crescendo no entrepernas, empedernindo-lhe o membro, assistente de uma desgraça alheia. Enquanto os últimos Obreiros saíam finalmente das imediações da casa de Ministro, Homem das Imposições levou as mãos ao seu membro, há tanto adormecido, e entregou-se a um prazer imediato, do qual teve desfecho e não estranheza. Quando enfim estava tudo terminado, meteu na cabeça que havia de se mover até à Capital. Aquilo tudo

tinha-lhe dado intenções de maiores vitórias, de um reinado possível.

Partiu nessa mesma noite em direção à cidade maior, numa viagem que lhe durou mais dias do que o previsto, embora em nenhum momento tivesse aportado. Continuara a masturbar-se ao passar de barco pelas ruas onde velavam Amor, nessa mesma noite. Fez o mesmo na Praia dos Vidros, absorto em si, alheio ao que para lá se passava, atitude descontrolada de um homem sempre consciente. O seu membro doía-lhe bastante ao navegar as águas perto de Rio, mas a urgência frenética por constantes desfechos prazerosos não permitia parar. Tinha passado demasiados anos sem desejo. Era a ânsia da mudança que o excitava, a possibilidade da conquista, do assumir de um papel de relevo naquela terra. Anos na sombra dos poderosos que, finalmente, poderiam abrir um desenlace triunfal. A vitória serôdia do calculista, do observador.

Tinha tudo bem planeado: seria diretamente recebido por Presidente, contar-lhe-ia o que sucedera, seria o primeiro a fazê-lo, e este, como previa, atribuir-lhe-ia imediatamente a regência daquele ministério, aflito para se ver livre do empecilho, da terra onde chovia sempre e da qual provavelmente já não ouvia falar há muito tempo. Exigiria muito menos do que Ministro. O barco servir-lhe-ia perfeitamente de casa, e não queria saber de criaditas para nada, os dedos bastavam-lhe nesse domínio. Não iria atafulhar ninguém de exigências, nem voltaria sequer à Capital. Não se daria a pedidos, como o seu antecessor, que, de tanto pedinchar mais isto e aquilo, há anos que já nem era recebido por Presidente e, por isso, desistira de saber novas da Capital.

Queria apenas o comando explícito da cobrança de retenções e o total alheamento dos Obreiros da regência geral. Bastar-lhe-ia isso e isso servir-lhe-ia para governar. Ele, o homem dos mil esquemas, que até arranjaría uma solução duradoura para o caso das dívidas a Mulher. Essa, toda endinheirada sem motivo, essa, que o mantinha vida fora preso a uma dívida eterna. Até essa, agora, se vergaria a si.

Aportou com pressa na Capital, já mal se lembrava das ruas e quelhos que conduziã ao palácio de onde Presidente mandava. Depressa se inteirou de que muito mudara em relação à última vez que lá tinha estado. O rio alargara, era verdade, alargara tanto que mal se via uma margem da outra, confundindo o que era mar e o que se mantinha doce. As ruas mostravam-se mais limpas, havia menos crianças lazarentas e os animais não se coçavam à porta de negócios pútridos. Estes mostravam-se regrados e essa mesma ordem permanecia nas ruas,

outrora um bulício de gente em desatino, bêbedos espalhados pelas calçadas, carroças puxadas por dois ou três que à toa atropelavam quem em frente a eles se atravessasse. Estranhou a fala das mulheres, cadenciada, e quase, num exagero, lhe pareceu ver cair sobre os muros das casas plantas de jasmim em flor, entrelaçadas em fortes troncos de laranjeiras carregadas de fruto.

Homem das Imposições era olhado com estranheza, nesta nova Capital, arrumada e limpa, que lhe provocava desconforto.

Finalmente, em frente a si, o Palácio. Uma construção cúbica, qual caixa-forte ou depósito, que guardava as tais salas interiores por onde Ministro, décadas antes, havia caminhado embriagado em busca de uma solução para as suas ânsias órfãs e tinha saído de lá regente de um território. Dessa vez, porém, seria ele, Homem das Imposições, a fazer-se dono de um lugar. À porta, duas mulheres abriram passagem assim que se apresentou, e essa deferência fê-lo confiante. Não seria, contudo, de grande dura.

Foi difícil fazer-se ouvir. Só após terem entendido, na grande mesa de entrada onde apenas uma funcionária atendia um séquito pleno de assuntos urgentíssimos a ver tratados com os altos funcionários do Território, que havia uma terra que tinha perdido o seu comandante e que era importante que essa comunicação fosse feita antes que o assunto e a novidade alastrassem, é que deram continuação à sua apresentação.

Não era tanto a questão de se inquietar com a espera para ser atendido: Homem das Imposições era um animal preparado para longas esperas. Apoquentava-o a urgência de prazer. À medida que o tempo passava, antes de ser atendido, crescia-lhe a ansiedade pela masturbação. E quando se tornava incontrolável, Homem das Imposições tinha de se deslocar dali para algum sítio ermo. Com isso, perdia o lugar na fila. Tinha depois de voltar a ser o último na prioridade de atendimento da minuciosa funcionária que tratava das admissões.

Quando finalmente chegou a sua vez de falar, tudo se processou de forma relativamente orgânica. A funcionária não sabia onde ficava Domínio situada e não conhecia também nenhum cargo como o de Ministro.

— Veja que funcionamos com capitânias desde que faleceu o Presidente — informou.

Mas, com que então, Presidente havia falecido? Homem das Imposições atazanou-se um pouco, por não saber então a quem se dirigir, e questionou a Funcionária sobre a ideia de que se calhar haveria de estar o Território sem governante.

— Mas que ideia tão disparatada, homem. É claro que não. Ao Presidente sucedeu a Filha do Presidente. Estas novas não chegam a essa terra?

Como se a informação tão lógica tratasse de explicar a alguém a necessidade da expiração após a inspiração.

Filha do Presidente recebê-lo-ia nesse mesmo dia, confirmou a Funcionária. De todas as pessoas que lá tinham estado presentes, aquela história parecia ser a única que merecia ser comunicada à governante.

— Ela gosta de narrativas contundentes.

E com isto solicitou a Homem das Imposições que entrasse em diversas salas, umas a seguir às outras, até à antecâmara de uma sala principal, onde aguardou sentado em sofás de tecido verde-escuro, ansioso, olhando para a direita e para a esquerda, no frenesi de se masturbar de novo.

*

Finalmente, as portas da sala principal abriram-se e um «Entre!» ecoou pelos corredores. Homem das Imposições pediu licença, guardava a sua manha, iria comportar-se de forma direitinha, contaria a sua versão da história de forma reduzida, curta, pragmática. Poria a questão em termos claros: havia um lugar vago na governação de Domínio que era preciso ocupar. Ele estava lá, disponível, pronto a iniciar funções, fosse apenas o tempo de para lá voltar.

Filha do Presidente recebeu-o sozinha, sem assistentes, assessores, secretários ou funcionários. Estava sentada atrás da grande mesa antes ocupada pelo pai, em frente do mapa do Território, para onde se virou antes mesmo de cumprimentar Homem das Imposições.

— Sente-se. Explique-me melhor como é a sua terra, Domínio. Quero ouvi-lo pelas suas palavras.

— Havia um Ministro corrupto que o povo assassinou.

— Percebo. Mas não me responde ao que lhe perguntei. Antes de irmos a conversas de vida e morte, fale-me de Domínio.

Mais do que a curiosidade da mulher, afligia-o que ela parecesse nada saber sobre Domínio, impressionava-o como, dentro do seu Território, Filha do Presidente podia desconhecer todas as suas posses. Mas seria assim? Havia uma muralha entre si e aquela mulher ali sentada, magra, de roupas escuras e cabelo curto, olhar afilado, que não lhe permitia chegar junto das suas reais pretensões.

Homem das Imposições, ao contrário do que tinha pensado, demorou-se nas narrações, estendeu-se por horas, foram servidas refeições frugais e copos de água, estranhou a ausência de Gota, mas já lhe tinha feito confusão a não presença de empregados, a simplicidade da decoração e o clima de despojo com que Filha do

Presidente se apresentou. À medida que aumentava o tempo da sua narração, pela primeira vez não aumentava o desejo *onânico* com que vinha a brindar-se desde que assistiu à destruição de Ministro pela lama. Estaria o desejo de novo a escapar-lhe?

No fim da narração, Filha do Presidente levantou-se do sofá para onde se deslocara, acariciou um dos três cães que por ali faziam a sua vida e iniciou o seu monólogo, olhos postos novamente no mapa do Território.

A taberna agigantava-se para a festa. Nessa noite, Mulher aportaria na Praia dos Vidros, chegada da Capital. Dono conhecia bem a noite precisa em que Mulher voltaria.

Olhava os rapazes em agitação, observava-lhes os ensaios. Ninguém encarava as pretensões de Mulher como um capricho, antes como uma ocasião para que se unissem em torno de um objetivo que não passasse apenas pelas habituais noites de folia na taberna. Para Dono, no entanto, aquela noite afigurava-se de uma importância superior à da festa. Mulher havia de se impressionar com Filho, de querer ficar, de permanecer para dar amparo.

Num canto, ensaiava-se a dança. Rapaz estava no centro de um semicírculo constituído por outros quatro. O primeiro tinha em mãos um instrumento parecido com uma harpa, mas mais pequeno, que afinava sob os vitrais do tablado, ao fundo. Ao seu lado, outro preparava-se para tocar flauta, observando os restantes com atenção. O terceiro rapaz estava sentado num cubo de madeira, com as penas abertas, e entre elas as suas mãos, procurando um ritmo adequado. No outro extremo do semicírculo estava Dono, que acompanhava a cadência de todos com palmas, enquanto, assim parecia, de olhos fechados, observava a música que dali surgia.

Rapaz, ao centro, esticava-se na dança, misturando dois ritmos distintos. Um, já o tínhamos visto ensaiar. Era aquele que conversava melhor com os instrumentos e as batidas dos outros. Mas havia um novo, que parecia apenas falar com a flauta, e nele se ondulava desde a ponta dos dedos aos ombros, ao ventre e à cintura, fazendo-o contrastar com a outra dança, menos lânguida.

Dono parecia gostar do que via e ouvia. Abria os olhos de quando em vez para acompanhar os movimentos de Rapaz, sem os abrir demasiado, sem perder nada daquele estado semiacordado em que se encontrava. As palmas saíam-lhe acompanhando-os a todos. Este círculo ficaria assim. Tinha a certeza de que Mulher o apreciaria e com eles assobiaria, aplaudiria e se levantaria da mesa, provavelmente, quem sabe, gritando algumas sílabas de incentivo ao grupo.

O suspiro de Dono, no fim desse ensaio, foi revelador do seu entusiasmo. Mas faltava tensão naqueles atos. E era isso mesmo que a história de Filho iria dar à festa.

— Às vezes, sabe, as coisas mudam para melhor. A maior parte das vezes, diria até. O meu pai morreu e com ele levou a sua forma de governar. O nosso Território é imenso, estende-se desde as selvas mais impenetráveis ao oceano gélido. O meu pai desconhecia-o mais do que eu. Esperei que me falasse de Domínio e agora falo-lhe eu da sua terra.

Homem das Imposições inclinou a cabeça, curioso, e atrás dele um dos cães de Filha do Presidente fez exatamente o mesmo.

— Conheço todas as personagens de quem me fala. Muda, Amor, Mãe... Mulher. Sei quem são. Tal como sei o que são Obreiros e não me custa a crer que possa sempre chover e que não faça nunca bom tempo. Não espere maravilhar-se com a minha ignorância, arrancando de mim uma decisão por antecipação ou cansaço. Conhecia também esse Ministro e o que me diz dele. Estava para breve a sua deposição. Se o povo assim o resolveu, e na impossibilidade de apurar culpados, foi um favor que me fez.

Homem das Imposições faz tenção de se levantar, mas depois recua. Pergunta-lhe se Ministro iria ser deposto por se descobrir a cláusula que o seu pai impusera, de que não havia de constituir família o regente de Domínio. Filha do Presidente solta uma gargalhada.

— Mas que disparate. Aí está algo que desconhecia: a ignóbil norma ditada pelo meu pai, de que o homem não poderia ter mulher ou filhos onde se encontrava. Parece-me, confesso, algo que a crueldade do antigo Presidente inventaria facilmente, mas de que se esqueceria no minuto a seguir. Há de ter sido para ter o que dizer, mais me parece. Mas diz-me que foi levada a sério e que pessoas foram mortas por isso. Que desgraça...

Pela primeira vez, o silêncio instalou-se de forma pouco confortável e Homem das Imposições mostrou-se cabisbaixo. Pensou na aflição de Muda, na viagem de Homem na Cama, em Guardião a assassinar Amor por uma regra vã, da qual já ninguém se lembrava e que não teria tido a mais breve importância.

Alheia a estas reflexões, Filha do Presidente continuou.

— Essa regra seria algo, desde que assumi a governação do Território, totalmente improvável e inaceitável. Esse homem poderia, por mim, ter as mulheres e os filhos que quisesse. O valor de uma pessoa e a forma como organiza

o seu tempo em nada são prejudicados pelo facto de criar uma família. Pelo contrário, digo-lhe, é a atenção a cuidar que, na maior parte dos casos, se estende da família de alguém ao seu trabalho, tornando-o mais competente.

— Então, Amor morreu por nada...

— Não pense que é por ser filha do meu pai que estou neste cargo.

— Mas e quanto à governação de Domínio? Assumo-a?

— Não assume nada por mim. Volte para o seu lar, homem. Regresse no seu barco e aguarde a minha visita. Eu própria viajarei até si e encontrarei forma de conhecer essa terra que me intriga e os seus habitantes. Há de perguntar a si mesmo por que razão lhe dedico tempo, com tanto de terra que governo. Por que razão me dei ao trabalho de assumir Domínio como tarefa. Não se creia especial, nem pense ser a sua terra região que me ocupe mais do que as outras. Herdei um Território vasto, mas que não me é impossível conhecer. Tenho tempo, saúde, meios e vontade de organizar serenamente aquilo que rejo. Em Domínio, dá-se a gota. E a gota em Gota enebria-me o Território, entorpece-o, machuca-o. Não devo privar o meu povo da sua bebida mas para que tenha mão na Gota, tenho de entender a terra que dá o fruto.

Homem das Imposições mostrou-se desapontado com a informação, passando a descrever uma série de preocupações que haveriam de a afligir. Atónito, tentava a todo o custo fazer com que as suas intenções não fossem goradas. Queria sair dali com a capitania daquela terra, usara de toda a sua manha. Mas não contara com a legitimidade de uma governante honesta.

— A única preocupação que levarei comigo a Domínio será a de perturbar o menos possível a ordem da terra. Sou uma cuidadora falha. Mas a única com o poder para fazer com que isso se altere. Tal como em qualquer outra zona deste vasto Território, os que lá vivem hão de ver-me como irmã, não como pai.

Já meio corpo estava fora da porta quando Homem das Imposições se voltou e timidamente perguntou a Filha do Presidente como conhecia tanto de Domínio, das suas gentes e do que por lá se fazia.

— Olhe em frente — respondeu. E, à sua frente, Homem das Imposições encontrou Barqueiro, que então lhe estendia gentilmente a mão para o acompanhar até à saída do Palácio.

— Tenha sempre olho nos sisudos, homem. Ainda mais nos barqueiros sisudos. São tramados no leva e traz.

Quando Mulher chegou à taberna, estranharam que viesse sozinha. Ou seja, que não houvesse em vista nenhuma embarcação. Parecia ter chegado do fundo do mar. Mas viria por terra? Um mistério para o qual não arranjaríamos explicação, não vá esta parecer demasiada convicção em juntar pontas.

Dono viu-se desprevenido quando lhe entrou pela porta dentro e este estava ainda a comandar os rapazes, Filho incluído, para que tudo estivesse conforme ensaiado e planeado. Viu-a de relance, obscuridade de uma penumbra ainda sem luzes acesas, refletida num dos espelhos colocados no pequeno palco. Antes de se voltar, e antes mesmo que quem quer que fosse desse pela sua presença, ordenou aos rapazes que voltassem para trás, interrompendo as ordens dadas.

— Mas ainda é cedo! — disse um.

— Façam o que vos mando. Entreguem-se ao pensamento, nestes momentos finais.

Indicou, depois, dois rapazes que queria que o ajudassem na taberna antes das atuações. Ainda antes de se voltar para Mulher, que permanecia na porta, alumiou as velas por trás dos vitrais, sem com isso deixar que se notasse pressa ou imprevisto. Finalmente, voltou-se para a porta e fitou-a. Abriu os braços. O «entra» foi apenas dito com os olhos, e Mulher ouviu-o.

— Gosto da casa que me apresentas. Vazia. Gosto do som que ouço, o de ninguém.

— Não quis outros, nesta noite.

— Contas os anos?

— Não, mas sei bem que noite é a de hoje.

— Ajuda-me na métrica... São mesmo dezassete?

Mulher sentou-se na única mesa, disposta de frente para o tablado, preparada já com dois copos e uma jarra de Gota, da qual se serviu.

— Não os conto.

— Não te critico. Quem vive de contar anos a passar são as pontes, aflitas quando é altura de se preocuparem com o seu próprio desmoronamento.

Com um estalar de dedos, os rapazes designados para ajudar Dono neste início de noite entraram na sala, permitindo àquele que se sentasse ao lado de Mulher. Saberiam fazer o que estava planeado.

— Mas compreenderia se os contasses. Que noite, aquela...

Mulher acendeu um cigarro e soprou o fumo em direção aos vitrais, feitos de pedrinhas daquela praia, que, com a luz das velas acesas por Dono, iam dando à taberna diferentes cores. Conforme a sua dança, o rosto de Dono tinha uma tonalidade púrpura, dourada ou acobreada. Mulher notou-o e tocou-lhe com a mão livre na cara.

— Meu Dono... que noite aquela em que atiraram o nosso filho para as águas. Lembras-te das canções que me cantaram?

Dono enrolou na sua mão algumas mechas do cabelo de Mulher. Servira-se já de Gota e erguia o copo em sua direção.

— Brindemos a ele, Mulher. E deixemos a festa começar.

Mulher voltou-se para o tablado e apagou o cigarro com o tacho. Há dezassete anos — lembrou-nos ela — tinha estado naquele mesmo lugar a pedir festa que acordasse o menino dentro da sua barriga. Chegara ali desesperada, depois de o não sentir dentro de si, e achara que com música e dança o filho despertaria e voltaria a sentir-lhe o coração pulsar dentro de si. A festa não o acordara e o mar levou-o consigo. Mas a festa, naquela taberna, continuava a lembrar-lhe o seu menino em si, filho sem dançar, criança adormecida.

Distraíram-na os primeiros rapazes, numa paródia do trabalho na taberna. Entornavam jarros de falsa Gota, faziam-se de bêbedos, saltavam por cima de hipotéticos clientes e caricaturavam os mais conhecidos. A dama casada que ali ia matar os vícios, o digníssimo responsável pela herança do mestre dos guarda-chuvas e, claro, Ministro, que àquela altura era apenas papa de lama, mas cuja notícia do desaparecimento ainda não tinha chegado àquelas bandas.

Dono levantou-se, beijando-lhe a mão, juntando-se aos rapazes para uma segunda atuação, a que criava um círculo de som e ritmo em torno da dança de Rapaz. Já muita Gota tinha sido servida, Mulher já se levantara e ondulava o corpo, procurando imitá-lo. Sentia-se ela própria no centro de um círculo de energia capaz de a transportar a memórias de si mais jovem, senhora das dívidas de Rio, dona de todos, possante. Pediu que continuassem, de tanto que gostara. Havia ainda muita Gota e não lhe agradavam os finais de nada. Juntou-se ao círculo, levantava os braços, acompanhada pelos músicos e por Rapaz, batendo com os tachos no tablado da taberna à medida que seguia as palmas de Dono, procurando impor-se no seu próprio ritmo, trazendo a si o centro da festa.

Parava pouco para recuperar. Aliás, as paragens serviam-lhe apenas para dar alguns goles de Gota, reacender o cigarro ou combinar por breves momentos os passos seguintes com Rapaz, criando formas de mexer o corpo que os outros

tinham de reinventar para saber acompanhar.

Quando, por fim, se voltou a sentar e a atuação acabou, já ria alto, eufórica. Dono amparava-lhe a descida do palco em direção à mesa, a respiração levantava-lhe o peito, esticava-lhe os lábios, arredondava-lhe os olhos, e as mãos não queriam parar por um segundo de se menear.

— Por esta não contava... Quanto tempo lá passámos, Dono?

— O tempo suficiente para que tivesses a festa que mereces.

Dono sabia que a atuação seguinte deixaria Mulher no estado de espírito precisamente oposto. Ele próprio encenara as marcações de Filho, indicara as falas aos outros rapazes. Quis prepará-la para o momento, mas esperava que a surpresa despertasse nela as emoções extremas, precisamente o que pedira tempos antes, quando reivindicara festa. Quis dizer-lhe que a mãe que ali ia ser retratada não mereceria nunca sê-lo, criar-lhe revolta, procurar nos seus olhos a dor de um filho maltratado. E, quem sabe, qual cachorro que se leva, não fizesse Mulher daquele Filho o seu, universo fazendo encontrar-se dois poços de perda que culminariam num final feliz para ambos, desses que se aproximam.

Encaminhou-se para os vitrais, apagando as velas. Lá fora, a noite caíra sem luar. Dentro da taberna, a dança das cores deu lugar a um ambiente de cava escuridão. No centro do palco, uma luz trémula. É a expressão desamparada de Filho que surge iluminada. Mulher procura perceber de quem se trata, ao não reconhecer aquele rapaz entre os da taberna. Por momentos, olha para Dono, expressão que exige satisfação. Dono segura-lhe a mão e diz-lhe com o olhar que está tudo bem. Volta-se para a cena, num gesto que Mulher acompanha. Do palco, ouvem-se vozes às quais Filho reage apenas com expressões, aninhado ao centro, susto em diversas tonalidades, culpa espelhada em si, olhar preso no breu sem conseguir distinguir nenhum rosto no público daquela taberna.

Sussurros.

— Sente o peso da morte, Filho.

— A mãe quer-te bem, Filho.

Risos.

— Não fujas, olha que os outros te apanham!

— E fazem de ti ensopado!

Gritos.

— Fica em mim, Filho, não me deixes!

— Enfia os dedos no meu cabelo!

Choro.

— A mãe não te vai deixar, Filho.

— Mas não deixes a mãe!

Os quatro rapazes aparecem, cada um segurando uma vela, e começam a contornar Filho, que leva as mãos aos ouvidos e se encolhe ainda mais.

— Produto de mãe podre! — acusa um.

— Fez-te sozinha com as aranhas!

— Não lhe deixaste um último olhar! — diz-lhe o terceiro, com desdém. —

Não é amor, nunca foi.

O movimento em torno de Filho continua por mais duas voltas, em que os rapazes vão exclamando frases cruéis, restos pútridos dos seus anos na Fortaleza. Fora Filho, ele próprio, quem os ditara. Quando, por fim, se encaminham para o desenlace, todas as velas são apagadas com sopros mais vigorosos do que o necessário. A escuridão adensa-se por um momento, até se ouvir, em uníssono, a última frase:

— Livrai-o do Mal.

Dono consegue sentir, nos momentos seguintes, a respiração ofegante de Mulher, toldada pela intensidade do momento, pelo efeito da Gota no seu corpo. No palco, os rapazes acendem as velas, imitando Dono, que o fazia também nos vitrais. A sala volta a encher-se da dança da luz, ténue mas persistente. Mulher está parada no seu lugar, como se jogasse um jogo em que, se mexesse um único músculo, perderia. Dono fixa-a e, pela primeira vez naquela noite, duvida sobre se aquilo lhe agradou, guardando, no entanto, a esperança de que a todo o momento Mulher se levante e irrompa em palmas.

No palco, os rapazes acenam-lhe. Filho está aninhado sobre si, embrião, casulo de gente, menino de olhos postos na expressão desesperada daquela que é Mãe, ali sentada, a desafiá-lo.

À partida da Capital, Homem das Imposições levava a vida do avesso. Calhara-lhe uma mandante honesta na calha das suas pretensões. Indignado com o que a vida lhe reservara, ia subindo e baixando os ombros em arranques rápidos e ritmados, acompanhados por sopros curtos vindos do nariz. Quem o visse a descer as ruas em direção ao porto da Capital, havia de dizer que o homem enfrentava um qualquer despautério.

Pensava no que havia de haver de vida daí em diante e de onde poderia ele tirar proveito. Tinham-se ido as esperanças de suceder a Ministro, sequer de ser uma espécie de regente de Domínio. Filha do Presidente prometia uma visita em breve e com ela destapar-se-iam todas as patranhas feitas com as imposições ao longo dos anos. Já a via, acompanhada de Barqueiro, a pedir que alguém prestasse contas, a nomear cabos de execução e a valorizar os Obreiros. Quem sabe os incentivasse até a uma insurreição contra ela própria, tal era o afã de justiça que lhe tinha visto nos olhos.

Contrafeito, meteu-se no seu barco carregado de quinquilharia, preparando-se para as reflexões necessárias na viagem de três ou quatro dias entre a Capital e Domínio. A ida tinha sido mais longa que o esperado, o seu não era um barco preparado para viagem tal. Sentou-se num canto, enrolado na própria trouxa, e pôs-se a conjecturar um plano, isso sabia fazê-lo muito bem. Haveria um pinga de corrupção em Filha do Presidente a que ele pudesse apelar? Seduzi-la com promessas de cobranças de imposições que lhe iriam parar diretamente aos curtos caracóis do cabelo? Homem das Imposições sabia que aos humanos normalmente está sempre designado um preço, mais alto ou mais baixo. Foi-se consolando nesses pequenos vislumbres de corrupção e assim se fez mais quieto.

Mas algo lhe dizia que os tempos mudavam. Que uma mulher que já nasceu com tudo a nada daria valor. Sabia-o por observação, a honestidade quando sincera não se deixa derrubar facilmente. Passara-lhe de vez o desejo de se masturbar. Agora sentia que o estômago lhe estava a ser puxado cá para fora por um íman. As ânsias de não saber como lhe iria correr a vida davam-lhe pouco para tonturas, mas muito para olhar os peixes com inveja e as aves com admiração por parecerem saber perfeitamente por onde iam. Desse por onde desse, se não quisesse ir parar a uma prisão, teria de abalar de Domínio. A Homem das Imposições, a prisão amedrontava-o mais do que tudo, até do que a própria

morte. Uma fobia desmedida a espaços onde não se pudesse esconder dos outros. Foi ao segundo dia que se lembrou da louca da Fortaleza. A Mulher, Mãe... cujo filho se tinha escapado pela ponte e ele sabia onde estava, pois fora ele quem o plantara na Praia dos Vidros, poupando-lhe a estada na Fazenda da gota. Não se percebia, contudo, que esse era um ato de piedade, já que daquele homem não vinha nada digno de admiração. Não levava Filho para a Fazenda por saber que aí morava o outro homem que Mulher tinha na mão, mercê das dívidas. Não queria dar Filho de mão beijada a outro que se pudesse aproveitar de saber o paradeiro do rapaz — que ela havia de ir lá perguntar — e assim tirar-lhe a ele esse exclusivo. Dir-se-ia que o matreiro não dava ponto sem nó.

A mulher que ainda tinha o livro do deveres de Rio e que o obrigara por anos e anos a levar-lhe sustento àquela Fortaleza danada, que fizera dele servo fiel, abanando-lhe o livro, falando-lhe de outras cópias em lugar seguro, garantindo-lhe que à mínima traição lhe seriam cobrados os montantes, acrescidos de imposições, arruinando-o, acoassando-o em praça pública, pondo-lhe capangas e mestres de faca à sua procura até o encontrar. A louca que havia de ter uma fortuna na Fortaleza, para se governar todos estes anos sem rendimento que fosse, fortuna feita à conta da manha do jogo de Rio.

Era verdade que a mulher andava doida a perguntar-lhe pelo filho desde que este se escapara. Descrevia-lhe recompensas, prometia rasgar o livro e suas cópias e se o levasse até ela. Homem das Imposições, farto de saber onde todos se encontravam, aguardava o momento em que lhe fosse mais proveitoso dar a essa informação dia claro. E ainda bem que o fizera. Agora, não só lhe exigiria o livro dos deveres, como lhe demandaria ouro que lhe permitisse a fuga para sempre, para um lugar onde as suas patranhas não fossem descobertas.

Primeiro pensou em levar Mãe à taberna e proporcionar-lhe ele próprio o desejado reencontro com Filho, na expectativa de gratidão... Diria ter sido ele a poupar a vida ao seu filho. Sabia que lhe perguntaria «mas por que raio não mo levou logo à Fortaleza e por que raio me desvenda assim aos olhos de todos», e até para isso tinha resposta. «Se não queria contrariar o menino, já de si ansioso e feito em trapos... Se o tivesse levado de jeito à Fortaleza, havia de se desfazer de doente. Achei-lhe porto que o tratasse e estimasse, e onde a vejo aportar com frequência.» Não lhe diria, é claro, que o fez apenas para ganhar tempo de urdir o seu plano completo.

Perante o bem que fez a seu filho, exigiria daquela mulher paz perene quanto ao livro dos deveres e suas cópias. Tudo seria tratado neste plano das emoções.

Plano esse onde já sabemos que Homem das Imposições não se move e, como tal, disfarçada de boas intenções, estava a urgência de mostrar àquela mãe que dispusera de cordas para comandar tudo e todos, que se aviesse com ele. Quando a esta teia se juntou a morte de Ministro por afogamento em lamas, Homem das Imposições sentiu-se no comando não de um barquito carregado de cacaréu, mas antes dos desígnios de Domínio, senhor da terra.

Mas este plano deu-lhe paz ao pensamento por pouco tempo. Não o levaria a bom porto, era por demais estilhaçável, já não serviria posto tempo novo. Neste regresso, quando já sabia das intenções de Filha do Presidente em relação à justiça, estava obcecado com a ideia de ter para si uma soma suficiente para conseguir sumir-se de Domínio antes que aquela ali chegasse e instalasse a honradez em todos os cantos. Retorcia-se agora no barco a pensar em solução que não lhe falhasse aos intentos. Pela primeira vez, este Homem das Imposições não tinha um plano.

Tudo no que urdira lhe parecia frágil. Demasiadamente colocado no território das emoções, do «se calhar», do «ai, se falha». Havia de haver uma fatalidade, algo que lhe garantisse as pretensões e que não fosse do emotivo. Organizou as ideias. Recostou-se. Passava Rio e foi então que decidiu que estratagema lhe garantiria por fim uma solução satisfatória.

Iria primeiro à Fortaleza, pois nas suas contas, que agora sabemos incorretas, ainda faltava algum tempo para a noite da festa na Praia dos Vidros. Diria conhecer o paradeiro do rapaz e que o traria mediante as suas condições. Nesse mesmo dia, zarpava para a Praia dos Vidros, com os bolsos recheados de ouro, e de lá sairia com o rapaz no barco. Empurrá-lo-ia a meio do Mar das Aranhas e quando de tudo se apercebessem já estaria dali longe.

Recostou-se na parede da embarcação, satisfeito com a simplicidade do ardil. Algo, no entanto, começou a incomodá-lo nas suas conjecturas. O tempo. Acreditava não haver forma de a mulher sair da Fortaleza sem que ele a levasse, ele era o seu barqueiro. Não era possível que, à altura em que refletia sobre o seu plano de vida, já ele estivesse gorado e já Mãe soubesse do paradeiro de Filho porque tinha ido dar à taberna de outra forma que não no seu barco. Ter-se-ia de tal forma desabituaado ao tempo que lhe falhara as contas para o dia da festa?

Seria demasiada má sorte para que lhe acontecesse. E esse sossego, que se fiava numa dose máxima de azar para cada um a cada momento, deu-lhe alguma paz durante o resto da viagem. Mas havia o tempo das coisas e com esse não teria contado. Não sabia que a noite de festa tinha de ser aquela, lembrança de uma memória com dezassete anos, e, nem que fosse arrastada pelas teias das aranhas, aquela Mãe e Mulher chegaria inevitavelmente à Praia dos Vidros.

Dir-se-ia que alguém fotografara aquela cena e aquilo a que assistíamos era a uma projeção daquela imagem, imóvel. Filho e Mãe fitavam-se, os rapazes mantinham as posições e a Dona a verdade vinha-lhe como um rolo de neveiro que se adensa.

Foi o primeiro a pedir interpretação, mas quando esta já não era necessária. Pareceu que de repente o movimento foi permitido, como se houvesse um encenador que, num momento, queria todos os seus atores imóveis e, com um estalar de dedos, lhes permitia agir conforme quisessem. Os rapazes afastaram-se de Filho e Mulher levantou-se, empurrando a mesa com os copos e a cadeira. Dona levantou-se também, mas virou-se de costas para todos. No palco, Filho levantou os olhos, mas logo baixou a cabeça, impelido pelo jorro de bebida e restos de comida digerida que lhe saiu pela boca em direção ao chão. Mulher gritou e encaminhou-se para o centro da cena, parando antes de conseguir alcançar o seu filho. Virou-se para trás. Fê-lo porque ouviu a voz de Dona.

— Mãe deste rapaz? E é verdade o que ele nos conta? Que raio de criatura és?

Mulher virou-se e encarou Dona.

— Verdade? Queres verdade? Vives aqui de mim, por mim. Olha-te bem a vida. Que seria dela sem mim? Dona? És meu. — Voltou-se de novo para o filho e olhou também para os rapazes. — Meus, são meus. Não sei que raio esta absurda criatura te contou, mas não temo a verdade.

Aos olhos assomaram-lhe algumas lágrimas, que eram de raiva, jamais de remorso:

— Criei-me a mim própria e criei-vos em mim. Personagens de mim, sou a única real. Venham, toquem-me. Todos. Sou a única em que no corpo corre verdade. Por isso não me peçam a verdade. Fiz-vos a todos, criaturas. Criei-vos, limei-vos, dei-vos vida. Uma mulher dá vida e dela cuida, não abandona. Não vos abandonei nunca. Estão dentro de mim. Personagens. Crias.

O horror esbatia-se-lhe nuns olhos cada vez menos sóbrios. Os rapazes começaram a sibilar alguns sons pouco compreensíveis. Serpentes, sussurros que soçobravam entre todos os atores em cena. Afastavam-se e aproximavam-se de Mãe, Dona e Filho. Depois olhavam-nos, como se os olhos estivessem sobre eles em coro.

— É o nosso filho? — perguntou Dona, quase como se fosse um pensamento.

Gargalhadas que faziam eco, mas acabavam em silvos guturais, como transmissões de rádio interrompidas.

— O nosso filho, Dono, levou-o o mar, arranhou-se nos vidros, comeram-no as aranhas. Tu viste. Carregaram o meu bebé morto sem mo dar a provar. — E aqui a voz esmoreceu. — Há dezassete anos. Este fi-lo sozinha.

— Não é possível. Quem és tu?

— Este fi-lo sozinha e por isso vingou. Não tinha o teu sangue podre.

Disse-o tão baixo e de forma tão suave que dir-se-ia que havia uma criança pequena que dormia na sala.

Filho levantou-se e aproximou-se. Pôs a mão no ombro de Mãe e baixou os olhos.

— Aqui me tens, Mãe — disse.

À chegada de Filha do Presidente a Domínio, todos acorreram à praça principal, onde antes se dançava. Era uma Postiça, mas trazia consigo novos ares. Iniciara viagem logo após a saída de Homem das Imposições, tendo-lhe acompanhado pelas costas a viagem, Barqueiro rondando-o pelo mar sem aquele saber. A Filha do Presidente não faltava intuição, e por isso sabia ser necessário atrasar a viagem àquele que não tinha boas intenções. Permaneceram assim, barco à frente um do outro, os três dias que tardou o regresso da Capital a Domínio. Barqueiro ia abrindo ondas que faziam a pequena embarcação de Homem das Imposições baloiçar, provocando-lhe paragens por sensatez, tornando mais longo o percurso aflito do desgraçado.

Foi com alguma admiração que o viram aportar na Praia dos Vidros. Filha do Presidente considerou curiosa a necessidade daquele porto e por isso ordenou que Barqueiro por lá ficasse a vigiá-lo. Não queria perder de vista o homem, tão mal lhe cheiravam as suas pretensões.

Continuou viagem sozinha, orientando o barco em direção ao porto de Domínio, onde chegou pouco depois. Desembarcou, ergueu-se no palanque de onde se assistia à chegada dos barcos. Os que por lá andavam estranharam o barco de Barqueiro ter então uma mulher à proa. Logo se começou a juntar um grupo de pessoas, algumas ensonadas, outras em pleno vigor da azáfama das coisas.

Muda e Voltinhas voltaram o olhar na direção de Filha do Presidente, já que por lá andavam a entregar sacos. O Manata mais velho e Criadita tinham acabado de se casar por ali mesmo. Que é como quem diz dar de mãos dadas a volta à fonte do anjinho sem cabeça, que o matrimónio em Domínio não tinha outra formalidade que não essa. Filha do Presidente descera até à praça e já uma considerável parte do povo da terra se tinha deixado levar até lá pela novidade. Permaneceu impávida até que se formassem questões no ar, vendo-as na morrinha que despencava. Chegou-se à frente o Manata, retirando o chapéu encharcado e levando-a à fala:

— De quem se trata?

— Sou quem manda. Mataram Ministro, e que bem o fizeram. Venho assim, sozinha, da Capital, sem assessores ou guardas. Sou filha do nosso antigo Presidente, também morto, mas de morte convencional. Doença do fígado gordo.

— Como sabemos que diz a verdade?

— Impossível sabê-lo, mas há que confiá-lo.

O povo olhou-se receoso do que lá viria. Moveram-se as cabeças todas em várias direções, expressões tentando entender a que se dariam, se à desconfiança, se à anuência.

— Ouçam, bem conheço as tramas da dúvida. Vi a suspeita nos olhos do meu pai e do meu povo ao longo da vida.

— Há de haver documento que comprova o que nos diz.

— De que falam os papéis que não falem mais as ações? — E com isto aproximou-se do Manata. — Diz-me, Obreiro, já se organizaram desde que mataram Ministro?

— A vida segue...

— Seguirá melhor com um guia, que não serei eu. Permanecerei na Capital, disponível, mas não quero interferências. Falaremos sobre uma nomeação, se a ti te encantar a ideia e se com isso o povo estiver de acordo.

A voz da multidão estalou em unísono.

— Votemos, mas não de braço no ar. Enchamos de pedras a fonte do anjinho para a nomeação deste Obreiro em comando. Contai quantos sois, agachai-vos e pegai numa pedra, encaminhai-vos para a fonte, vez a vez. Permaneceremos de costas. Depositai a pedra na fonte se for do vosso agrado a ideia ou mantende-a convosco se vos ofender a proposição que aqui trago. E que se aclare: este Obreiro nomeará uma junta de pessoas que trabalham. Tende mor no tempo, que é preciso que os cargos não se prolonguem. Voltarei a Domínio de quando em vez, para garantir que fazeis a rotação de quem manda. Acabaram-se os tiranos. Trago comigo a aurora da democracia.

Rapidamente, um a um foram depositando pedras na fonte do anjinho, que se viu atolada de cascalho. Contou-se e viu-se que o número de pedras postas coincidia com o número dos presentes. A felicidade recaiu sobre a praça principal de Domínio.

— Celebremos, amigos. Façamo-lo com uma primeira obra que marque o novo tempo.

Uma conversa rápida e o Manata chegou-se à frente:

— Destruamos aquela ponte pestana de cabra. Que nada de lá vem que nos faça alegres.

Filha do Presidente anuiu e acrescentou:

— E ao contrário dos governantes que pedem o seu nome a estátuas e palácios, dai a esta ausência o meu nome.

Não só os Obreiros, mas toda a população de Domínio se empenhou na tarefa de desfazer primeiro o portão, depois o arco, depois as primeiras pedras, as bases

que sustinham a frágil ponte. Espantaram-se com o estrondo com que quase toda a extensão visível da ponte ruiu. Estavam todos juntos, pela primeira vez em muito tempo. Os que se desfasavam às vezes a dormir e outras vezes acordados juntaram-se então numa tarefa comum, síncrona, uníssona.

Filha do Presidente ergueu o rosto para a chuva. Parecia-lhe mais fraca do que quando chegara, mas podia ser apenas impressão sua.

Dono estendeu o braço a Filho e informou-o de que não tinha de ir. Rapaz abraçou-o e pediu-lhe que ficasse.

— Não me há aqui onde o guardarem.

Mãe deixou-se escorregar para o chão e envolveu os braços nas pernas de Filho. Este olhou para Rapaz e assentiu.

Entre ambos, passou um breve esgar de compreensão. Baixaram os olhos, remeteram-se à intuição. Longos segundos alargaram o tempo entre um último olhar entre Filho e Rapaz, e esta sua fala:

— Esta é a tua história, Mãe, e dela somos apenas personagens. Que fiz eu em todos estes capítulos? Crença sem sabor, miúdo à toa, espectro de nada. Reconheço em mim todos os outros, mas que de mim deixo no ar? Talvez de tanto me fazeres sombra me tenha mesmo dado a sê-lo, Mãe. Sempre me fiz em ti. Fomos sós, durante tantos anos, naquela Fortaleza, mãe e filho em tanto abandono. Não éramos cúmplices, nunca fomos sequer companheiros de uma cela. Foste um animal imenso que me prendeu na sua teia e que diariamente ameaçou vir a tragar-me se a ele fosse insurreto. Obedeci-te pelo medo, Mãe, e pela ausência. Olhava-te pelos corredores, descias as escadas, esperando que te lançasses a mim, de alguma vez, e de um sopro me fizesses desaparecer, invenção tua, criatura tua. Fugi-te, e que fácil foi fugir-te. Com que grades de pó de aranha fechavas a tua prisão, Mãe. Vamos, façamo-nos ao mar, que nos espera a nossa casa.

— Peço-te que fiques connosco. — Dono tentou interpor-se entre Filho e Mãe: — Nesta casa não há nada que te prenda. Tens o mundo.

— Se eu do mundo só vi o Mal, Dono. Assim que cheguei, quiseram desfazer-me em mãos, roubaram-me, e um homem corrupto encomendou-me a uma família, dando ordens expressas de que não me deixasse fugir. Tive sorte com o coração das pessoas que me acolheram, mas apaixonei-me, ou acho que foi desse caso o sentimento que tive, e mataram-me o Amor, Dono. Vi-o morrer por nada. Vi a ruindade do para lá da ponte, disso ela tinha razão. Os olhos ensanguentados dos homens que pedem fúria, que ordenam ao desbarato que lhes seja alimentada a ganância. Nada do que presenciei me fez querer ficar, nada me deu mundo. Olhei a terra dos homens, vi que só se faz de traição e mágoa. Senti o ar e não lhe reconheci encanto nem vontade de me abraçar. Fugia com os olhos desertos de

liberdade e cada vez que a procurava só encontrava muros mais altos do que os da nossa Fortaleza. Hoje, volto contigo, Mãe.

Há um compasso de angústia na forma como Dono olha Mulher. Sussurra «quem és tu» em cadência estranha, dir-se-ia que lhe saem os sons da ponta dos dedos, que são pontos de exclamação que parecem aproximar-se de algo indigno. Não chega a tocar-lhe. Nota que a tocou tão pouco.

— Quero apenas voltar com o meu filho para casa. Fique a cabana onde armas circo, entornem-se os jarros de Gota... Viverás em cima de um tesouro sem dono. Não pretendo voltar a ti.

— Aqui?

— A ti.

— Nunca estiveste em mim.

*

Ouviam-se os passos pela areia de vidro. Homem das Imposições havia chegado a tempo de presenciar a cena. Toda a sua manha se tinha visto entornada perante aquela chegada imprevista de Mãe à Praia dos Vidros. Como o teria conseguido? Como, sem o seu barco? Aguardava-os, ofegante de excitação. Sentia-se a roupa vibrar-lhe com a pele mesmo ali, gato velho que consegue escapar levando o sustento de quem o abrigou. Exasperava no seu desconsolo pelo plano gorado, havia de pensar rapidamente, agir em instinto. Decidiu que os levaria de volta a Fortaleza, sem perguntas, mas que era ponto assente que nessa mesma noite o livro dos deveres e sobretudo alguma fortuna haviam de desaparecer com ele. Já nada era raciocínio lógico, agia por uma pulsão que lhe dizia que esquecesse que outros livros houvesse, que os deixasse, que apenas se interessasse em roubar e fugir. Aquela louca naquela Fortaleza havia de lá ter grandes dinheiros.

Apenas Mulher e Dono sabiam que por baixo do solo por onde se desenrolava esta cena jazia a sua fortuna, ouro empilhado que de nada lhe servia na tarefa de apressar o seu regresso à Fortaleza.

Os rapazes já tinham regressado ao interior da taberna quando Mãe e Filho procuravam onde se sentar na embarcação de Homem das Imposições. Os olhos da mulher pediam silêncio, já esquecidos de Dono, que permanecia imóvel, peito aberto de encontro ao mar. Pesava uma dada modorra entre o rebentar das pequenas ondas e o cais dos vidros, empurrando o reflexo do brilho das pedras

para o ar, criando leves feixes de poeira que evitavam grandes despedidas.

O barco de Homem das Imposições estava carregado de uma quantidade algo inóspita de objetos cuja utilidade carecia de definição. Aqui e ali, notava-se que era a casa do homem e não apenas um meio de transporte. Lonas ferrugentas abriam pouco caminho a espaço, formando montículos de tralha espalhada pela esconsa embarcação, tornando difícil o seu equilíbrio e carente o lugar de manobra.

Mãe e Filho sentaram-se à proa, abraçados.

— Sei o caminho — informou Homem das Imposições, não obtendo resposta. Por isso a viagem fez-se de silêncios. O Mar dos Vidros ficou para trás, e com isso entrava-se no das Aranhas, cor branca. No encontro dos mares, bolhas de água que pareciam leite remexido, lugar onde os feixes dos vidros se perdiam de vez no baço. Daí à Fortaleza pouco faltaria, altura apenas para Mãe e Filho se encostarem mais um ao outro, Filho mais preocupado com onde punha os pés do que com o regresso à sua penitência.

— Porque não me contavas que saías da Fortaleza para te dares à liberdade na taberna dos Vidros?

— Na pergunta, tens a resposta. — Mãe encolheu os ombros. — Mas agora nada disso importa, pois estamos juntos novamente.

— Resposta cuja vileza não me agrada, Mãe. Escondias-me as saídas para que não as visse possíveis, criavas uma imagem de ti com a qual não condizia a mulher festeira que ali vi. Angustiavas-te em esconder-me do desconhecido que me pudesse magoar? Apartavas-me do prazer para que não te deixasse? Acalento, guarda ou domínio?

— Perdes-te em interrogações com as quais ninguém se importa. Hás de ter tempo de sobra para te pões em grandes reflexões sobre mim.

— Tempo não me faltará, Mãe.

Pouco depois, lá estava o cais que Filho reconhecia de sempre. Apearam-se os três, Homem das Imposições deixando-se ficar em terra, aproveitando as boas graças em que aquela mulher o tinha, ao ter-lhe dado transporte, aparecendo de forma tão imprevista. A intenção era a de procurar e encontrar o lugar onde a mulher guardava o sustento, e acreditava que uma pernoita seria suficiente para achar paradeiro ao dinheiro e ao menos roubar algum. O desespero fazia-o crer numa empreitada que nunca considerara. Com algum na mão, com a louca repleta de êxtase pelo regresso do filho, seria então o momento de se pôr a navegar dali para fora.

Tal era a sua obsessão pela descoberta que nem imaginava que do paradeiro do livro dos deveres aquela mulher se esquecera há muito, transida de loucura. Que

com o cultivo da sua flor de mania se foi esquecendo de quem era aquele homem e muito mais de que lhe devia algo. De que vida seria isso, se lho lembrassem?

Deixou que Mãe e Filho entrassem na Fortaleza, que a noite caísse. Esperava aninhado num rochedo, afastando as aranhas com um bastão cuja ponta molhava amiúde em tabaco e vinagre, e ao qual todas reagiam com um sibilo prolongado. Dava por si abrindo muito os olhos para o breu e procurando escutar algo para lá do rebentar das ondas. Atentava na luz ténue de uma das janelas, aguardava que se apagasse para que procurasse forma de entrar na Fortaleza. Havia de haver uma janela aberta, uma porta desgarrada das juntas.

Tal era a sua desatenção que não deu por ficar preso para sempre à porta de uma casa morta.

Ambos contavam levar a cabo a fuga mal atracassem no cais da Fortaleza, mas aliviou-lhes os planos o Homem das Imposições ter-se deixado por lá ficar, não ter ânsia de partir no mesmo instante. Não iria ser necessário fingir o homem e poupar-se-iam à mais que provável cena patética da mulher. O tempo ajudá-los-ia a triunfar.

Já entrada a noite, debaixo de bátegas de chuva e uivos do vento, Filho saiu pela porta principal da Fortaleza, dirigindo-se ao barco que ali estava ainda aportado e que dançava sobre as águas repletas de teias de aranha. Olhou Homem das Imposições adormecido em torno a dois rochedos e ergueu depois a fronte em direção à casa da sua mãe. De um jorro, uma infância presa numa jaula e a culpa. Lembrou-se de cada vez que se sentira devedor por qualquer cuidado, criança onde o afeto vai parar em reverso. Contemplava, absorto na sua ideia de si, toda a monumentalidade daquele destroço. As impossíveis fendas nas paredes da Fortaleza, os picos dos vidros partidos em algumas janelas, indicadores de divisões abandonadas, todas elas berrando «não vás».

— Vem por aqui. — E um choque de sobriedade caiu-lhe no rosto. Rapaz livrava-se de redes de pesca e tralha acumulada no convés da embarcação de Homem das Imposições. — Mais tempo aqui enfiado e havia eu de começar a cheirar a jornal velho! Valeu-me o Barqueiro estar a assistir àquela cena e ajudar-me a refundir-me aqui em baixo. Em boa hora se lembrou de mim, das vezes que desembarquei caixas de Gota do seu barco.

— Entendi assim que o vi inclinar a cabeça na tua direção. Apenas não sabia onde te tinhas escondido e daí ter feito a travessia cheio de medo de te pisar, Rapaz... Mas se o vosso papel nesta decisão está terminado, o meu ainda agora começa...

— Ora... despacha-te, Filho... Ah, e havemos de te encontrar nome, que, a partir de agora filho de ninguém, Ninguém vais ser! Logo nos havia de calhar noite em que não saiu a Lua para este resgate.

— E para que a queríamos, se os teus olhos nos hão de alumiar a viagem?

Antes mesmo de se entregar ao abraço de Rapaz e de subir para o barco, Filho já estava de costas voltadas para a Fortaleza. Sorriu ao pensar no abandono, na trama urdida por quem só poderia ser filho daquela mãe. Talvez daí a pouco

tempo Mãe abrisse a grande porta quando acordasse e visse que não tinha companhia. Talvez a escancarasse em gritos de «onde estás», e era bem capaz de esgadanhar os cabelos enquanto procurasse. Talvez descesse os degraus da entrada e viesse a encontrar Homem das Imposições ali aninhado, «Então e o livro?», «Mas que livro, porra, o meu Filho!», e vissem ambos que o barco havia zarpado. Talvez Homem das Imposições não desse logo pela falta do barco, ougado de dinheiro, e só aos primeiros raios por entre as nuvens se apercebesse da sua prisão. Talvez ambos se acotovelassem pela entrada da ponte pestana de cabra, certos de que um de ambos havia de ter a chave do portão, e talvez após umas passadas desajeitadas e histéricas vissem que tinha sido destruída a mando do Obreiro empossado pelo povo e por Filha do Presidente. Talvez ambos voltassem para trás e se abraçassem em desespero por ali estarem resignados a viver para sempre, por não haver em Domínio memória de uma Fortaleza ou por ninguém dela se querer lembrar.

Porque estavam os de lá na ideia de um tempo futuro e da paz dos beijos e da chuva «que fraquinha», que parecia esmorecer à medida que o canto dos homens se erguia. Canto que, sem o saberem, embalava o regresso de Filho à taberna e este se fazia Ninguém, porque ninguém mesmo quis ser, a partir de então.

«É chegado o tempo», talvez dissessem todos, num tom tão forte que estilhaçasse brumas. E o tempo fosse de encantos e belas letras, do regresso da música à praça do porto, dos passinhos de dança misturados com licor de flores de laranjeira e palmas, muitas. E quisessem que esse fosse o tempo de pensar em abraços, e se fundissem todos em Domínio num abraço só e se dessem uns aos outros em todas as ruas, em todos os pátios, destroçando as lonas, rindo, abrindo frestas de vários palmos nos chãos das ruas por onde passassem em cantorias, em festas, em desejos.

Porque de Ninguém se fez um tempo novo e esse tempo era todo ele esperança de um outro.

NOTA DO AUTOR

Talvez os leitores ainda estejam em Domínio, e que bem que por lá ficam mais algum tempo, agora que chegou o tempo e a chuva parece começar a dar tréguas. Deixem-me, enquanto aí estão, que vos transmita algumas impressões sobre o que me levou a criar esta história e as suas inusitadas personagens.

Dizem que todos os livros são de alguma forma autobiográficos e este não pode ser exceção. Encontro muito de mim nos trejeitos de todas as personagens, em algumas opções que tomam no decorrer do enredo e, claro, na ânsia por tranquilidade que, acredito, o final traduz.

Mas foi sobretudo por antagonismo comigo, com o meu percurso de vida e com as pessoas que me rodeiam, que escrevi. Não gosto de chuva, nem de terras confinadas, que não permitam viagens. Sou do sol, das altas temperaturas e do vento seco. Por isso, para mim, foi um desafio tornar caloroso este Domínio agreste.

Nunca vivi, também, em opressão instituída, seja por um progenitor ou por um governante. A minha mãe, poço de doçura, sempre incentivou a minha juventude nómada, celebrando as minhas asas e partilhando cada momento de alegria. Por outro lado, tenho a sorte de sempre ter vivido em democracia, num país que estimo e onde há a sensação de possibilidade e liberdade.

Gosto de uma escrita que seja feita de procura e desafio. Espero ter conseguido transmitir esta vontade de transgressão no livro que agora terminam. Mas que, no final, reste a ideia de que esta é uma história, sem pretensões que seja outra coisa qualquer.

AGRADECIMENTOS

Era uma vez dois rapazes, fundadores recentes de um perfil no Instagram dedicado aos livros, sentados numa pizaria a ver um jogo da Seleção, que receberam uma mensagem de uma editora a elogiar os seus textos e a perguntar se por acaso não teriam algo escrito que quisessem partilhar. A mensagem veio da Marta Miranda e foi recebida por mim e pelo Ludgero com uma explosão de festa tão grande que, nas outras mesas, acharam que Portugal tinha marcado golo.

Eu tinha, de facto, dado início aos primeiros parágrafos deste livro e a Marta Miranda parecia ter adivinhado. Desde que trabalhamos juntos, esta sintonia tem aumentado, às vezes até ao ponto de parecer telepatia. O que mais me fascina na Marta é pôr tanto de si no que acredita, levando-nos a criar, a perceber que temos algo a dizer e que devemos sonhar alto... porque o impossível às vezes acontece. Desde então, deu-me uma força incrível para continuar. É, sem dúvida, graças a essa força que este livro está cá fora.

A ela se junta a Cátia Simões, leitora atenta, sempre com a observação pertinente e o comentário que, às vezes, apenas por uma mudança de uma letra, melhora toda uma frase. Com a sua discrição, conseguiu que eu me apercebesse do que deveria ser alterado para que esta fosse uma história contada de forma mais limpa e atrativa.

O Joaquim E. Oliveira e o Ruben Crasto foram revisores exímios, que elevaram a minha escrita a outro nível e que respeitaram os meus devaneios de neologismos, espanholices e brasileiradas. Se estamos num Território inventado, então podemos também ter elementos de uma língua inventada, e os revisores perceberam isso.

À Dora Alexandre, à Ana Mateus e a toda a equipa da Manuscrito e da Presença, que tanto fazem pela valorização da literatura.

Ao Juan Cavia, porque aceitar ilustrar a capa deste livro foi quase sobrenatural, para mim, pois, de repente, vi-me a trabalhar com um ídolo. Para terem uma ideia, é como, para quem gosta, por exemplo, de escrever música, terem o vosso artista preferido a interpretar uma canção que escreveram. É de loucos!

Já que estamos a falar disso, deixem-me falar-vos da importância da capa de um livro. Quando há um bom entendimento entre editora, escritor e ilustrador, a capa (prefiro a palavra espanhola, a *portada*) é uma visão gráfica, plástica, sobre um dado texto, uma forma de arte que dá entrada a uma história. Uma conversa

interartes que enriquece a experiência de leitura.

Ao Afonso Cruz, por me ter proporcionado o ponto de partida para este livro. Seguir as suas sugestões de escrita de um romance foi, de facto, como desbloquear aquele apito inicial do jogo. Além de um dos meus escritores preferidos, o Afonso é das pessoas mais ricas em histórias que conheço, alguém que faz esse tal diálogo entre as artes (escritas, cénicas, musicais) de forma inspiradora.

Ao José Luís Peixoto, pois estou certo de que se eu não tivesse lido tanto aquilo que ele escreve, este livro não teria uma única palavra. O José Luís Peixoto criou uma dimensão, nos seus livros, que tornou possível histórias como a minha florescerem. Muito deste livro foi escrito no seu Alentejo e quem sabe Domínio não seja um pedaço de terra de lá mesmo.

À Rita da Nova, pelo que traz de contemporâneo, atual, viçoso à literatura portuguesa e que me mostra diariamente que não há territórios estanques entre livros, Internet, qualidade de escrita e imaginação.

Ao Ludgero, por me dar todas as condições para que este livro visse a luz do dia. O conforto de um amor tranquilo e belo, o incentivo, as palavras diárias que me fizeram acreditar que era capaz. Incrível como um ser humano consegue ser todo ele amor e beleza.

À Raquel de Jesus, a minha primeira leitora, estrepitosa e sagaz. A minha melhor (e sei que vais pensar «e única») amiga. Ter-te na minha vida é uma certeza de felicidade.

Ao Diogo Rocha, que virá logo a seguir à Raquel dizer que também é o meu melhor amigo. Contar sempre contigo é um precioso conforto. Ao Vasco Santos, cuja dedicação e talento estético, que não me canso de sublinhar, fazem toda a diferença na apresentação desta história ao público. Obrigado, amigo.

À minha irmã, Mariana, por quem sinto uma admiração profunda (ninguém tem irmãos, neste livro, porque ainda não aprendi a descrever uma relação tão bela como a nossa), e à minha mãe, porque, no fundo, é ela o início e o fim de tudo o que faço na vida. Ao meu pai, que tem tantas histórias para contar, que mereciam ser elas próprias escritas.

Aos meus sobrinhos João e Maria (agora lembrei-me de uma música) que são, eles sim, a aurora de novos tempos. À minha prima Paula, que sempre foi mais do que uma irmã, e ao meu primo Antônio Augusto. A família transatlântica que está sempre a um passo de distância, na qual destaco a doce Michelle, que conheci da forma mais inusitada, pois soubemos através dos livros que éramos família.

Sintam-se abraçados por mim: Lara Pacheco, Florinda Capitão, Carlos Donas, Diana Cardoso, Rosa Cardoso, Adélio Cardoso, Alexandra Palma, Miguel Peres,

Ruben Castro, Nadine Trigo, Stéphanie Silva, Elizabete Agostinho, Mariana Palavra, Paula Jesus, Maria José Bastos, Gabriela Moita, Dima Vityuk, Catherine Harding. E aos meus amigos e colegas do *bookmedia*, aos que em diferentes plataformas enaltecem a experiência de leitura, promovem o livro e são incansáveis na valorização da literatura.

Os maiores de todos, porque têm de viajar para mais longe, à minha avó Magdalena e à minha estrelinha cuja memória me embala antes de adormecer.